

ALBERTO TORRES E SUA OBRA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERIE V

BRASILIANA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

Volumes publicados:

- I — **Baptista Pereira**: FIGURAS DO IMPERIO e OUTROS ENSAIOS (2.^a edição).
- II — **Pandá Calogeras**: O MARQUEZ DE BARBACENA (com prefacio a 2.^a edição).
- III — **Alcides Gentil**: AS IDEAS DE ALBERTO TORRES (synthese com indice remissivo).
- IV — **Oliveira Vianna**: RAÇA E ASSIMILAÇÃO (3.^a edição augmentada).
- V — **Augusto de Saint-Hilaire**: SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MINAS GERAES E A S. PAULO (1822) — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
- VI — **Baptista Pereira**: VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.
- VII — **Baptista Pereira**: DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segundo textos escolhidos).
- VIII — **Oliveira Vianna**: POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL (3.^a edição).
- IX — **Nina Rodrigues**: OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homer Pires). — Profusamente illustrado.
- X — **Oliveira Vianna**: EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.^a edição illustrada).
- XI — **Luis da Camara Cascudo**: O CONDE D'EU (vol. illustrado).
- XII — **Wanderley Pinho**: CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (vol. illustrado).
- XIII — **Vicente Licínio Cardoso**: A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.
- XIV — **Pedro Calmon**: HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — **Pandá Calogeras**: DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.^o volume da serie Relações Exteriores do Brasil).
- XVI — **Alberto Torres**: O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.
- XVII — **Alberto Torres**: A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.
- XVIII — **Visconde de Taunay**: PEDRO II.
- XIX — **Affonso de E. Taunay**: VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Seculo XVI-XVIII).
- XX — **Alberto de Faria**: MAUA' (com tres illustrações fóra do texto).
- XXI — **Baptista Pereira**: PELO BRASIL MAIOR.
- XXII — **E. Roquette Pinto**: ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILIANA.
- XXIII — **Evaristo de Moraes**: A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.
- XXIV — **Pandá Calogeras**: PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.
- XXV — **Mario Marroquim**: A LINGUA DO NORDESTE.
- XXVI — **Alberto Rangel**: RUMOS E PERSPECTIVAS.
- XXVII — **Alfredo Ellis Junior**: POPULAÇÕES PAULISTAS.
- XXVIII — **General Couto Magalhães**: VIAGEM AO ARAGUAYA (3.^a edição).
- XXIX — **Josué de Castro**: O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- XXX — **Cap. Frederico A. Rondon**: PELO BRASIL CENTRAL.
- XXXI — **Azevedo Amaral**: O BRASIL NA CRISE ACTUAL.
- XXXII — **C. Mello Leitão**: VISITANTES DO PRIMEIRO IMPERIO (Edição illustrada com 19 figuras).
- XXXIII — **J. de Sampaio Ferraz**: METEOROLOGIA BRASILEIRA.
- XXXIV — **Angyone Costa**: INTRODUCÇÃO A' ARCHEOLOGIA BRASILEIRA (Edição illustrada).
- XXXV — **A. J. de Sampaio**: PHYTOGEOGRAPHIA DO BRASIL (Edição illustrada).
- XXXVI — **Alfredo Ellis Jr.**: O BANDEIRISMO PAULISTA E O RECUEO DO MERICIANO (2.^a edição).
- XXXVII — **J. F. de Almeida Prado**: PRIMEIROS POVOADORES DO BRASIL (edição illustrada).
- XXXVIII — **Ruy Barbosa**: MOCIDADE E EXILIO (Cartas ineditas) Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe (Edição illustrada).
- XXXIX — **E. Roquette Pinto**: RONDONIA (3.^a edição augmentada e illustrada).
- XL — **Pedro Calmon**: ESPIRITO DA SOCIEDADE COLONIAL (Edição illustrada com 13 figuras).
- XLI — **José Maria Bello**: A INTELIGENCIA DO BRASIL.
- XLII — **Pandá Calogeras**: FORMAÇÃO HISTORICA DO BRASIL (2.^a edição illustrada com 3 mappas fóra do texto).

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
Serie V BRASILIANA *Vol. XLIII*

A. SABOIA LIMA

Alberto Torres e sua Obra



1 9 3 5

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES, 24-A, 26, 28, 30
SÃO PAULO

Obra que completa a presente:

AS IDÉAS DE ALBERTO TORRES

por Alcides Gentil

Vol. III — da Serie V — Brasiliana da
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Edição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo

INDICE

<i>Prefacio</i>	7
<i>Capitulo I</i> — Biographia	13
1.º — Infancia	13
2.º — Academico de Direito	14
3.º — Abolicionista e republicano	15
4.º — Deputado Federal	17
5.º — Ministro da Justiça	17
6.º — Presidente do Estado do Rio	18
7.º — Ministro do Supremo Tribunal	32
8.º — A ultima phase da vida de Alberto Torres	35
<i>Capitulo II</i> — Politico e sociologo	47
<i>Capitulo III</i> — “Vers la Paix”	65
<i>Capitulo IV</i> — “Le Problème Mondial”	81
1.º — A guerra phenomeno social	82
2.º — O problema humano	88
3.º — A idéa da paz e sua evolução	94
4.º — A idéa da paz	97
5.º — A lucta e a vida	99
6.º — A paz, o conhecimento e o pensamento humano ..	102
7.º — A guerra, phenomeno antes social que nacional. A paz consequencia da evolução	102
8.º — Como resolver esses problemas?	103
9.º — O patriotismo. As crises sociaes e economicas. O calculo pessoal e o pensamento altruistico	104
10.º — O papel internacional da America e a doutrina de Monroe	105
11.º — A organização da paz	123
<i>Capitulo V</i> — Alberto Torres poeta	133
<i>Capitulo VI</i> — Maximas e pensamentos	139
<i>Capitulo VII</i> — Discursos no Instituto Historico	145
<i>Capitulo VIII</i> — Projecto de uma Universidade Brasileira ..	149
<i>Capitulo IX</i> — O Problema Nacional Brasileiro	157
1.º — A situação do Brasil	164
2.º — Nosso problema capital	166

3.º — O problema das nossas raças	179
4.º — O problema economico	190
5.º — O nacionalismo	191
<i>Capitulo X</i> — A Organização Nacional	197
1.º — As nossas condições sociaes	201
2.º — A politica	202
3.º — A politica no Brasil	203
4.º — Nossas difficuldades historicas e geographicas ...	207
5.º — Nossos costumes politicos	211
6.º — O vulto da competencia	212
7.º — Nosso regimen de trabalho e as nossas condições sociaes	215
8.º — O homem e a terra	219
9.º — As illusões da politica a respeito da economia nacional	224
10.º — A funcção do Estado	229
11.º — Alcance e extensão dos poderes de governo	230
12.º — Resumo do programma nacionalista	232
13.º — Politica Economica	239
14.º — Necessidade da revisão constitucional	240
<i>Capitulo XI</i> — Projecto Alberto Torres	243
1 — A orientação a seguir	245
2 — A concepção federal de Alberto Torres	247
3 — O systema federativo e o parlamentarismo	248
4 — O nosso presidencialismo	251
5 — O Poder Legislativo	253
6 — O syndicalismo	254
7 — A representação de classes	256
8 — O Poder Coordenador	259
9 — Intervenção nos Estados	261
10 — A questão social e a democracia	264
11 — Poder Judiciario	272
12 — Interpretação das leis	273
13 — Solução dos nossos problemas	275
14 — O projecto de constituição é obra conservadora e liberal	279
<i>Capitulo XII</i> — As fontes de vida no Brasil	285
<i>Capitulo XIII</i> — A defesa nacional e o serviço militar obri- gatorio	299
1.º — Objecções ao serviço militar obrigatorio	300
2.º — A organização militar que nos convêm	301
3.º — As bases da organização nacional	305
<i>Capitulo XIV</i> — Alberto Torres e o momento brasileiro ...	307

PREFACIO

O livro do Snr. Saboia Lima — *Alberto Torres e sua obra* — que hoje se apresenta nessa nova edição tem, além das virtudes que o enobrecem e o calor da simpatia que o envolve, o merito de haver sido o primeiro trabalho de tomo que se propoz, numa clara exposição, a divulgar o pensamento do mestre.

A intelligencia das ideias e a lucidez do julgamento são as qualidades organicas desse estudo, em que o autor, ainda nos albores da sua mocidade, mas já tocado de um senso austero de compreensão, examina a obra do pensador patricio, ferindo-lhe o alcance politico e presentindo-lhe a destinação gloriosa.

Era uma voz moça que vinha, na incerteza das coisas presentes, como que trazendo um acento do futuro. Era o representante de uma geração que despertava aos ensinamentos de um predestinado — solitario entre os contemporaneos — pela singularidade da sua grandeza.

Quem, como o Snr. Saboia Lima, gozou do convívio pessoal do mestre, bem pode ter a medida daquele espirito, a que um conjunto de dons preclaros deveria aumentar a força de isolamento, em face da vulgaridade do seu tempo.

No contacto constante do mestre, sob a fascinação directa do seu genio, generosamente solicitado pelos pensa-

mentos mais altos, o autor desse livro soube bem apurar os dotes de intelligencia, exercitando-os no trato desinteressado das ideias, com a probidade de quem procura com alma a direção da verdade, sem o apetite dos renomes fugazes.

Nessas paginas tão calidas de um entusiasmo honesto, o autor traça a carreira publica do grande pensador, assinalando-lhe os pontos mais expressivos, todos eles obedecendo á linha daquela dignidade coerente, e largamente examina a obra do construtor politico. Tudo isto feito com a delicadeza de nobre modestia, em que se sente a preocupação do escritor em se substituir pelo proprio assunto, deixando que ele viva por si mesmo e por si mesmo se desenvolva.

A sua ambição consistia em poder concorrer para que as ideias do mestre tivessem curso mais amplo e mais rapido. E tão elevado proposito foi coroado, pois o seu livro interessando vivamente aos estudiosos é hoje uma fonte que se não dispensa, em se versando a obra do autor da *Organização Nacional*.

*

* *

Alberto Torres foi uma dessas raras vocações civicas. Tendo florescido infelizmente num meio em que a expressão do patriotismo se revelava, ou pela forma primaria e vesanica do jacobinismo, ou pela ostentação oratoria de banalidades literarias, os seus estudos orientados por um patriotismo racional e superior, por um patriotismo que chamaríamos de cartesiano, pela lucidez da indagação e pela consciencia metodica com que debatia os problemas do Brasil, não poderiam encontrar facil receptividade.

Para a massa mediocre dos politicos, a que a fatalidade de uma democracia mal nascida e cada vez mais perturbada no seu curso entregara o dominio, ou melhor a exploração

do país tais estudos se afiguravam meras construções abstratas de engenhosa ideologia, surtos de imaginação arbitraria, sem praticabilidade e sem correspondencia com as realidades nacionais.

As realidades para os politicos daquela geração não iam além do horizonte visual dos redutos de um patriciado parasitario e feliz, que as confundia egoisticamente com os interesses das clientelas, que davam a expressão unica e illusoria da sua força.

Muito mais do que ser incompreendido, afligia a Alberto Torres a duvida de ser mal compreendido. Ele que possuia a dignidade das ideias atormentava-se em supor que elas pudessem um dia ser aproveitadas viciadamente, em parte, desarticulada do seu todo, deformada na cunhagem de ideias mediocres, de facil comercio, lançadas em curso forçado para uso das pequenas inteligencias — essas pequenas inteligencias que têm sido sempre um ativo fator de desorientação.

No Brasil um homem de pensamento é um personagem tragico. Ante os seus anseios — o espetaculo de uma mentalidade despolicuada, sem disciplina, confusa e hesitante, sem sinceridade nas direções e probidade nas preferencias — a desordem finalmente na vida do espirito — a confusão na vida do sentimento.

Pensar num meio assim, sabendo-lhe a desconformidade angustiante, relapso o senso de julgamento, arbitraria e caprichosa a aferição dos valores; pensar num meio assim desorientado, em que se estimulam facilmente as formas mais hediondas do arrivismo, as improvisações mais audazes e as intrugices mais cinicas, em que á expressão da cultura se contrapõe o farisaismo da pedanteria oportunista e ao saber desinteressado as simulações perigosas, em que tudo se nivela e se anula, em que os pensadores de verdade e os rabulas das ideias, os charlatães de Estado e os construtores de nacionalidade, todos, lado a lado, se confundem no mesmo plano simplificador da historia, deveria ter sido

para um espirito como o de Alberto Torres uma dessas provações terriveis, se aquelle alto sentido de humanismo, que era a forma militante da intelligencia, não lhe houvesse criado o clima especial da sensibilidade, dando-lhe pela sabedoria o dom da indulgencia e da comprehensão.

Um meio assim que predispõe ao cepticismo não lhe atenuou a flama do entusiasmo com que animava universalmente os seres e as coisas, aumentou-lhe, ao contrario, a intensidade e a beleza.

Alberto Torres não foi um construtor de sistema, preso á fixidez de ideias hirtas, desses que guardam a illusão de querer reger os phenomenos da vida pela tabua de principios supersticiosamente conservados. A sua alma não era dessas almas secas e didaticas dos predicadores que criam, pela hipnose das formulas fanaticas, os proselitismos aggressivos.

Nenhuma mistica sombria forrava-lhe o fundo da natureza, lucidamente liberal, votada ao exame mais largo, desonerada de compromissos historicos ou dogmaticos.

Como o oceano, o seu pensamento tinha a grandeza e as ondulações.

Se escolhera para campo de estudo e de experiencia — a Politica — na expressão de cuja mobilidade se encontra a razão da propria vida, as maravilhas daquelle espirito não se esterilizariam no acetismo mental de preconceitos irreductiveis.

Com que vivacidade repelia a denominação de *otimista*, de *ideologo*, de *sonhador*, de *idealista* com que lhe brindavam, na melhor das intenções, os criticos simplistas. Preferia que o chamassem de *melhorista*, e ele mesmo, quantas vezes, no fulgor das palestras hebdomadarias, a que o Snr. Saboia Lima e nós assistiamos, na intimidade do seu gabinete de trabalho, se classificava de *ideo-realista*.

Para ele tudo era exame. A historia não se lhe afigurava uma disciplina de limitação que oferece na superficie neutra

dos fatos a comodidade dos ensinamentos sumarios, e sim um todo vivo e presente para inquerito e retificação.

Não ambicionava Alberto Torres ser um chefe de escola, preparar discipulos para lhe repetirem os principios no automatismo liturgico das obediencias e admirações deformadoras. Não. Ele, um mestre de sabedoria, um filosofo, procurava companheiros amaveis de entendimento e de estudo, com os quais podesse discutir com alma e probidade as questões, levando o espirito de analyse aos limites da maxima compreensão.

Tinha a paixão socratica do debate e, como o pai do pensamento grego, cultivava aquela *ironia* que, no sentido dos antigos, não era outra coisa que inquerito e exame.

Como Socrates que inqueria com a mesma tranquila confiança o verdureiro na A'gora ou o letrado nas ruas de Atenas, Alberto Torres sofria tambem de igual curiosidade que nele, como no filosofo, traia a sofreguidão da verdade.

Inimigo das inteligencias livrescas que gravitam para as ideias feitas, tuteladas sempre pelo pensamento alheio, formou a sua obra, vivendo as suas ideias e libertando o seu pensamento.

A sua obra assim trazia germes mais ricos e poderosos, que se fecundaram sob uma temperatura mais alta, ao fogo da imaginação criadora — da imaginação que antecipa as realidades.

A sua imaginação aproximava-se daquela categoria da *imaginação realista*, que Trotski lobrigou no maior transformador politico dos tempos modernos.

Se em vida não conheceu Alberto Torres a gloria que Valery com risonho desdem classificou de *gloria estatistica*, gloria que se representa naturalmente pela abundancia bibliografica, pela copiosidade das edições e volume das citações, a sua obra hoje lhe assegura em definitivo uma glori real, pela ressonancia profunda das ideias e germinação dos estudos.

Os ensaios que ultimamente vão surgindo em torno do seu pensamento e os que tentando explicar os fenomenos nacionais a ele se reportam, demonstram já acentuada influencia na mentalidade que se procura processar na direção da consciencia do Brasil.

E entre esses nobres esforços, reponta agora, remoçado em nova edição, o livro do Snr. Saboia Lima, a quem as audacias devinatorias do precursor foram surpreender ainda nos bancos academicos, e já se interessando seriamente pelos destinos da patria, a que tem sabido honrar grandemente, com o brilho da sua dupla atividade de publicista e de magistrado.

CARLOS PONTES.

CAPITULO I

BIOGRAPHIA

1.º — INFANCIA

Alberto de Seixas Martins Torres nasceu na fazenda da Conceição, em Porto das Caixas, na então provincia do Rio de Janeiro, aos 26 de Novembro de 1865. Foram seus paes o magistrado, e depois senador da Republica, Dr. Manoel Martins Torres e D. Carlota de Seixas Torres.

Criou-se no ambiente da roça brasileira daquelles tempos, entre gente pura e escravos bons, dos quaes guardou, durante toda a vida, uma grande saudade.

Iniciou os seus estudos de Humanidades no Internato Estrella Conductora, dirigido por D. Maria Constança Corrêa de Sá e Benevides, irmã do fallecido Bispo de Marianna e do Dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides, mais tarde seu lente na Faculdade de Direito de São Paulo, e terminou-os no Collegio Menezes Vieira.

Foi o que se pôde chamar um menino velho. Desde pequeno tratava de todos os assumptos com uma seriedade fóra do commum. O seu amor aos estudos ficou bem attestado pelo depoimento do Barão Ramiz Galvão:

“Quantos conheceram e trataram de perto aquelle notavel educador, que foi o Dr. Me-
nezes Vieira, em cujo collegio o jovem Alberto
Torres fez os seus primeiros estudos, hão de
recordar-se do enthusiasmo e do amor com que
o inclito mestre falava do seu alumno. Alberto
Torres, disse-me elle por vezes, constitue uma
das maiores glorias da minha missão de pro-
fessor. Era que o altaneiro condor mostrára
desde cedo o vigor das azas com que havia de
alçar-se aos pincares da cordilheira” (1).

Aos 14 annos matriculou-se na Escola de Medicina, com
licença especial, obtida mediante decreto do governo do
Imperio, curso que abandonou no terceiro anno. Aos 16
annos seguiu para S. Paulo, onde se matriculou na Fa-
culdade de Direito.

2.º — ACADEMICO DE DIREITO

Tomando assento nos bancos da Academia, manifestou
o seu espirito liberal e já preocupado pelos nossos gran-
des problemas sociaes e politicos.

Alberto Torres não tinha ainda vinte annos e já era um
guia espiritual, um “*leader*” para a mocidade de então
que se lhe grupava em torno, bebendo inspirações para
as campanhas politicas e sociaes agitadas nos ultimos an-
nos do imperio. Na quadra da vida em que, geralmente,
o homem é levado pelo enthusiasmo e pelas paixões, já
Alberto Torres tinha diante dos problemas sociaes e philo-
sophicos a austera attitude de um pensador. A sua activi-
dade em prol da abolição e da republica, os dous grandes
ideaes da mocidade de então, manifestou-se logo no seio

(1) Alberto Torres Filho — Aspectos da vida e da obra
de Alberto Torres — no J. do Commercio de 25-12-932.

Nota — A 1.ª edição deste livro foi publicada em 1918.

dos clubs academicos e pelas columnas dos jornaes liberaes da época. Com Luiz Murat, Gaspar da Silva e Xavier da Silveira fundou o Centro Abolicionista de S. Paulo. Fundou igualmente o *Ça Ira*, folha republicana e abolicionista, da mais vibrante audacia e, com Figueiredo Coimbra, *A Tarde*, tambem republicana, que foi o primeiro vespertino surgido na capital paulista. Quando cursava o terceiro anno transferiu-se, bem como toda a turma, para o Recife, em virtude do conflicto com o lente Leite de Moraes, de quem Alberto Torres fizera uma critica no *Diario Popular*. Nessa turma, que foi brillantissima, figuravam entre outros, Raul Pompeia e Xavier da Silveira. Foi na Faculdade dessa cidade que, aos 21 annos de idade, em 1886, Alberto Torres completou o seu curso.

Voltando para esta capital, abriu banca de advogado em companhia de Ubaldino do Amaral e Thomaz Alves.

3.º — ABOLICIONISTA E REPUBLICANO

No Rio alistou-se nas hostes que, pela imprensa e pela tribuna defendiam as causas da abolição e da republica. Collaborou na "Revista Moderna", dirigida por Luiz Murat, na qual escrevia, as "Notas Politicas", na "Semana", na "Gazeta da Tarde" quando Ferreira de Menezes e Patrocinio emprestavam a essa folha o maximo esplendor; no "Correio do Povo", com Lopes Trovão e Sampaio Ferraz, na columna republicana da "Gazeta de Noticias". Fundou, em 1889, o Club Republicano de Nitheroy, saindo em propaganda da Republica, realizando conferencias e organizando o partido pelo interior da provincia. Nomeado promotor publico pelo conselheiro Carlos Affonso, que então governava a provincia, não acceitou o cargo, embora seu pai fosse o chefe do partido liberal. Lançou então "O Povo" que se tornou o órgão do partido republicano da provincia. Foi, por essa época, apresentado candidato a

deputado geral pelo 4.º districto, obtendo grande votação, principalmente em Itaboraahy, seu municipio natal.

Apesar de moço, era um dos chefes mais acatados do partido e quando se reuniu no Rio o ultimo congresso revolucionario, no qual se decidiu a conducta do Partido Republicano ante a imminencia do advento do terceiro reinado, o joven Alberto Torres figurava dignamente ao lado dos grandes chefes já encanecidos, como Saldanha Maranhão, Glycerio, Quintino, Campos Salles, Aristides Lobo e outros

Era o secretario do partido no Estado do Rio, mas de facto dirigia todo o movimento, já que o chefe effectivo, Silva Jardim, estava sempre ausente, em excursões pelas diversas provincias. Em 1888 fez parte do 1.º Congresso Republicano Fluminense, como membro da commissão permanente, que era formada por Alberto Torres, Silva Jardim, Furquim Werneck, Portella, Theophilo de Almeida e Virgilio Pessôa. Proclamada a Republica, o governo provisório nomeou-o ministro em Bruxellas, cargo que não occupou.

Occorrendo a scisão no Estado do Rio, ficou ao lado dos historicos contra o Presidente Portella, não permitindo que este incluísse seu nome entre os candidatos á constituinte republicana, como pretendia fazer. Sendo solidario com os republicanos historicos, entrou na chapa de Silva Jardim, juntamente com os legitimos chefes republicanos do Estado do Rio, como Silva Jardim, Purciuncula, Santos Werneck e outros. Após o golpe de Estado de 23 de Novembro, seguiu para Parahyba do Sul. N'aquella cidade fluminense collocou-se ao lado do povo com Barros Franco e Teixeira Leite, no momento em que o governo Portella era deposto.

Eleito para a constituinte estadual foi "*leader*" da maioria, tendo sido notavel o seu trabalho na commissão de Constituição, cujo projecto foi por elle elaborado.

4.º — DEPUTADO FEDERAL

Na primeira legislatura constitucional republicana, foi eleito deputado federal. Como escreveu o *Jornal do Commercio* “a sua passagem pela Camara foi das mais brilhantes e fecundas. Os minimos detalhes que se relacionavam com a formação politica, economica e social do Brasil mereceram do seu elevado espirito o mais acurado estudo. Esboçavam-se na sua mentalidade os primeiros contornos do ideal nacionalista que mais tarde veio levantar com tão notavel vigor e tão admiravel erudição”. Fez parte da commissão de orçamento, sendo relator do orçamento do exterior. Nos seus discursos pronunciados na Camara, revelou-se um orador notavel e primoroso, abandonando a rethorica, as bellas phrases feitas, os tropos sonoros, tão do nosso gosto, para ser um orador conciso e preciso, com imagens simples e claras, de uma eloquencia sobria e persuasiva, feita de idéas nitidas e positivas, em que se patenteava o sociologo e o estadista.

5.º — MINISTRO DA JUSTIÇA

Em 1896, aos 29 annos de idade, por Prudente de Moraes, foi Alberto Torres convidado para gerir a pasta da Justiça, na qual, mais uma vez, demonstrou a sua extrema preocupação pela organização dos serviços basicos do systema republicano e o seu desejo de objectivar em moldes estaveis e definitivos a nossa incipiente organização politico-social. Alberto Torres exonerou-se quando o Vice-Presidente da Republica, Dr. Manoel Victorino, que se achava interinamente como Chefe do Executivo, ordenou, á sua revelia, a intervenção federal na cidade de Campos, embora Manoel Victorino já tivesse retirado as forças como satisfação ao seu ministro. Era de tal destaque a sua posição na politica fluminense que este seu acto em

defeza da autonomia do Estado, fez com que fosse seu nome indicado pelo partido dominante para ocupar o mais alto posto na hierarchia politica do Estado, o que se deu, substituindo elle o Dr. Mauricio de Abreu.

6.º — PRESIDENTE DO ESTADO DO RIO

Alberto Torres exerceu o cargo de Presidente do Estado no periodo de 1 de Janeiro de 1897 a 31 de Dezembro de 1900.

Mantendo-se sempre fiel aos verdadeiros principios republicanos, oppondo-se “á supremacia do partidarismo sobre a autoridade governamental”, teve um governo trabalhoso e accidentado, soffrendo grande opposição, que aliás, só serviu para patentear illibada integridade, pureza de intuitos, severo culto ao dever e uma energia rara em nosso meio, a par de grande capacidade. Como escreveu o *Jornal do Commercio*, a sua passagem deixou traços indeleveis. Dous problemas, sobretudo, o preoccuparam: a instrucção publica e a agricultura. Quanto ao primeiro introduziu na instrucção do Estado do Rio, reformas capitães, dando, dess’arte o mais louvavel incremento á diffusão da instrucção primaria, normal e secundaria, tendo fundado o Gymnasio Fluminense, em Petropolis. Quanto á agricultura procurou desenvolver a cultura intensiva e racional pelos modernos processos scientificos. Procurou dar instrucção economica e agronomica aos lavradores, divulgar culturas novas, distribuindo sementes e plantas, acompanhadas de instrucções. Tratou do saneamento da baixada. Tentou estabelecer o grande cooperativismo entre os productores, para a defeza de seus interesses, e entrepostos para o café, no intuito de impedir as especulações dos intermediarios.

Seu espirito, diz Alberto Torres, em uma das suas mensagens, “era dominado pelo pensamento de fazer a poli-

tica das soluções administrativas e economica ás necessidades do Estado. Sua actividade, dizia o nobre Presidente, fôra absolvida pela ambição de promover a transformação da vida economica do Estado, solver a sua crise financeira e impulsionar seu progresso intellectual, deixando em segundo plano preocupações de ordem politica e affrontando, em beneficio da prosperidade da terra natal, a impopularidade de reformas antipathicas aos preconceitos e interesses de muitos”.

Um dos pontos que mereceram especial cuidado da sua administração foi a utilização e protecção ao colono nacional, tendo, entre outros actos, criado uma colonia puramente nacional, na antiga fazenda da Bôa Vista na Parahyba do Sul, abandonando assim a tradição da nossa inepta politica economica que, aconselhando todos os sacrificios para a importação do braço estrangeiro, despreza o nosso trabalhador, mais valioso como utilidade productora, deixando que, aos milhares e milhares, pereçam, pelo Brasil inteiro, e especialmente na Amazonia, sem a assistencia rudimentar que outros paizes não têm recusado aos habitantes das suas mais afastadas colonias.

Com razão escreve Alberto Torres, na “Organização Nacional” que — “Assume proporções de escandalo o ardor com que os nossos governos se têm empenhado por estabelecer e installar colonos estrangeiros, dando-lhes propriedades e instrumentos de trabalho, ao passo que abandonam á ociosidade não poucos milhões de nossos compatriotas. O pedaço de terra cultivavel, a casa, os principaes instrumentos de trabalhos, alguns animaes de criação, a escola, lições praticas de agricultura, podem e devem constituir um direito do cidadão brasileiro: a arca dos bens da personalidade, para a viagem da vida”.

O Dr. José Bernardino Paranhos da Silva, que foi Director Geral da Instrucção Publica do Estado do Rio na presidencia Alberto Torres, dá testemunho, no trecho abai-

xo, do que foi a acção de Alberto Torres em prol do ensino.

“Procurou primeiro aparelhar o ensino com pessoal apto e idoneo, operoso e independente, cercando-o de todo o conforto pedagogico e hygienico, dando-lhe absoluta liberdade no desempenho de suas delicadas funcções didacticas, collocando-o inteiramente fóra da orbita da politica-lha, assegurando-lhe condigna remuneração, base essencial para a productividade de qualquer trabalho. Ao mesmo tempo, porém, tornou efficiente o serviço de fiscalização, sem demasias, mas sem tibiezas.

Considerando que “muitas das idéas em voga nos povos adiantados expressam um estado de sentimento e de aspirações estranhas senão hostis”, moldou a contextura de sua legislação nas inspirações da experiencia e da observação, sem olvidar os mais modernos preceitos estabelecidos pela sã pedagogia.

Estimulando certamente a lida do professor primario, porque é na sua escola que se firma verdadeiramente o fundamento capital da nacionalidade, instituiu para o magisterio verdadeira carreira, cujo inicio, na classe rural, dava ao mestre acesso não só em todos os grãos do professorado, como nos postos da administração educacional.

Novo surto de trabalho e de progresso, ungido de puro patriotismo e de sincero entusiasmo, pelo ensino, fez com que o Estado do Rio pudesse exhibir-se como fervilhante colméa de extraordinaria operosidade, na qual todos porfiavam pela disseminação perfeita da instrucção até ás camadas populares.

Não se recorreu á importação de theorias estrangeiras, mas ao perfeito conhecimento do meio em que a lei havia de ser applicada.

Não se limitou ao ensino primario o seu influxo benefico, extensivo tambem ao normal e ao secundario, não sendo descurada mesmo a educação dos adultos, nem es-

quecido o auxilio ás crianças pobres que, concluindo os estudos iniciaes, aspiravam ao ingresso no curso normal ou no secundario.

Foi o ensino moldado em gradação racional e pedagogica sem sobrecarga para o discente e sem trabalho exaustivo para o docente, por meio de programmas adequados, na realidade cumpridos com vantagens para quantos procuravam nos institutos de instrucção publica os elementos necessarios á sua cultura.

Concretizando o conceito sensato de Laveleye, quando declara que, em qualquer outro assumpto, a intervenção do Estado mata ou amortece a iniciativa individual, e, na educação, ella a deve estimular e fazer nascer, porque, como bem accentuou o insigne polygrapho Sylvio Romero, em materia de ensino, o ideal é que o Estado não se envolvesse nelle, não leccionasse, deixando essa funcção exclusivamente aos particulares, Alberto Torres estimulou o ensino livre, dentro das normas da boa fiscalização, como se faz mistér em nosso paiz.

Comprehendendo a necessidade de dotar os professores do Estado da cultura necessaria para orientar com acerto nas escolas ruraes os que se destinariam á vida dos campos, instituiu nos estabelecimentos de ensino normal a cadeira de "Economia rural, noções de agronomia e zootechnia", demonstrando, desde logo, a necessidade de preparar uma politica de trabalho rural que nos isentasse da importação de braços estrangeiros e que evitasse o congestionamento dos grandes centros urbanos, porquanto, como bem frizou em um dos seus trabalhos, "attrahir immigrants é um expediente suggerido pelo descuido intellectual dos politicos, não para solver o problema da organização do trabalho, mas para acudir á sua crise permanente, cada dia mais grave por effeito da propria panacéa adoptada".

Da sua operosidade na organização escolar, com a qual

reformou fundamentalmente, o ensino na terra fluminense, decorrem ensinamentos os mais uteis e proveitosos.

Primeiro — a necessidade de considerar a instrução primaria como elemento basico para a formação exacta da nacionalidade.

Segundo — a conveniencia de organizar o aparelhamento escolar sem a copia ridicula da legislação estrangeira, quasi sempre inadaptable ao nosso meio e de resultados inefficazes, produzindo a confusão e a balburdia, por não serem attendidos os verdadeiros interesses nacionaes.

Terceiro — o imperioso dever de dotar as zonas ruraes com instrução adequada, para formarmos o trabalhador brasileiro, dispensando-nos da immigração, que não vem solucionar os problemas da nossa economia, mas, apenas, resolver a situação pessoal do proprio immigrante.

Quarto — o franco estímulo á iniciativa individual em materia de ensino, quando bem orientada, pois o Estado ainda não emprega para a solução do problema cultural da formação da nacionalidade os grandes elementos imprescindiveis á sua consecução." (1)

Em artigo publicado, em Setembro de 1910, n"O Imparcial", Alberto Torres aprecia a sua presidencia no Estado do Rio, e diz que — "elevado, pela unica força dos seus serviços e de seus actos absolutamente abnegados, á presidencia do Estado do Rio, num periodo em que, em lucta com uma das mais apaixonadas e virulentas opposições levantadas neste paiz contra um governo, e com uma tremenda crise financeira, resultante de enorme baixa na producção e no preço do café, de cujo valor vinha a quasi totalidade da receita do Estado, já onerada com responsabilidades consideraveis pelas administrações anteriores, desenvolveu e executou um programma de po-

(1) J. Commercio, de 25-12-932.

litica e administração financeira, social, economica e de educação, para o qual *desafia* o confronto com tudo quanto, em politica e administração, se tem feito no Brasil, nos seus dois regimens politicos, confronto que se estenderá desde o rigor e exacção na applicação dos tostões do erario publico até á presidencia quanto aos altos interesses contemporaneos e futuros, materiaes e espirituaes, da população fluminense”.

Falando na inauguração do nucleo de Campos da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, disse o seguinte:

Alberto Torres, que entre gentes menos presumidamente cultas teria sido um elemento de construcção effectiva e continua, foi entre nós singularmente desdenhado; e o “ciume” e a “inveja”, resultantes da competição natural, espontanea, que o seu valor offerecia aos rotineiros, atrasados e mediocres foi verdadeiramente calamitoso para os destinos de sua terra. Em defesa da autonomia de seu Estado, foi que Alberto Torres teve o bello gesto de renuncia a pasta de ministro da Justiça, o que lhe valeu a sua unanime consagração para o cargo de presidente do Estado.

Quem conheceu a alma nobilissima de Alberto Torres, o seu leal fervor democratico, o seu amor desinteressado pelas instituições republicanas, sabe as amarguras do seu espirito e as luctas do seu coração para dirimir, dentro da orbita constitucional, a situação politica criada pela duplicata de municipalidades deste progressista e rico municipio. Campos sempre reconheceu o valor do seu grande presidente, que recebeu o conforto da solidariedade deste grande povo. Como ha dias declarou o dr. Pereira Nunes, o grande sociologo denominou então Campos — a capital da democracia fluminense — e é assim de oportunidade que torne conhecida uma pagina de Alberto Torres, escripta pouco tempo antes do seu fallecimento na qual dizia como administrara o Estado do Rio:

E' de elementar justiça que, vencendo o pudor que me tem impedido de falar de mim e de meus actos contra o esquecimento e a injustiça da politica e da imprensa, eu reclame a prioridade que me cabe na iniciativa dessas medidas, parte aliás, de um vasto e complexo programma politico, administrativo, social, economico, e financeiro — que interessava todos os ramos da vida e da actividade publica, desde a educação até a organização administrativa, no Estado do Rio de Janeiro, no periodo promovido de 1898 a 1900, sob a minha presidencia. Esse programma foi elaborado e desenvolvido pessoalmente por mim.

MODIFICAÇÃO TRIBUTARIA

O imposto de exportação sobre o café, unico realmente oneroso dos então vigentes no Estado, reduzido immediatamente de 11 para 10%, e o territorial, cobrado em taxas minimas e segundo os processos mais tolerantes e mais liberaes, deviam ir, em meu systema, obedecendo a um systema de compensação descendente quanto ao primeiro e ascendente quanto ao segundo, de forma a deslocar a base fiscal do Estado de uma pesada contribuição *ad valorem* sobre a producção para a tributação mais racional e economica da propriedade territorial. Essa reforma economica e fiscal, assim como todo o programma daquela administração, *foram destruidos pelos governos que me succederam.*

PREVISÕES DESPREZADAS

Assumindo o governo do Estado na occasião em que a baixa do preço do café, devido á superproducção das plantações paulistas — baixa por mim prevista e advertida num pequeno artigo da *A Noticia*, em 1894, como tantas outras crises e tantos outros problemas nacionaes, abandonados, não observados, ou em começo de manifestação,

tambem por mim apontados no Congresso e na Imprensa, por entre os sorrisos ironicos dos grandes homens que, em nosso paiz, se julgam sempre dôtados da sabedoria das cousas pela posse da força e dos meios de impor o seu pensamento, — juntando-se á diminuição da producção desse genero no Estado fluminense, acarretou para as suas finanças uma tremenda crise, em que todas as arrecadações desceram muito abaixo dos compromissos do Thesouro, por despezas orçamentarias, creditos extraordinarios, abertos nas administrações anteriores, e supplementares resultantes da má avaliação das verbas — consegui eu, entretanto, ultimar o meu periodo de governo (apesar de lutar contra uma Assembléa em maioria adversa) e á custa de grande reduçção na despeza, graças a toda especie, não de *córtes*, mas de economias, como, por exemplo, não preenchendo cargos vagos, realizar desde o segundo anno de administração — muito provavelmente pela primeira vez neste paiz — pela extincção de todos os creditos extraordinarios e supplementares, um orçamento integral, sob a fiscalização do Tribunal de Contas (que, no Estado do Rio, constituido, como foi, por homens de austero caracter e de alta competencia, exerceu sempre realmente, em toda a extensão da palavra e com o mais estricto rigor, a função fiscalizadora), reorganizar, *pondo em effectiva execução e com reduçção da despeza*, serviços de alto vulto, como a instrucção publica, reduzir o imposto de transmissão de propriedade de 6% para 1%, regular e preparar uma multidão de medidas e instituições de estímulo e apoio á producção, cuja iniciativa tem sido tambem attribuida a outros politicos e administradores, deixando os cofres do Estado em situação de se lhes poder corrigir, legislativamente, a penuria, pela reduçção de despezas estereis e parasitas e com a criação de pequenos tributos perfeitamente supportaveis por classe e interesse ainda não tributados ou ligeiramente tributados, — graças a muito re-

duzidas operações de credito interno, *havendo durante todo o meu periodo presidencial, repellido intransigentemente o offerecimento de uma operação de credito externo.*

PERSISTENCIA NO ERRO

Essa futura obra legislativa de reconstrucção financeira do Estado nunca foi effectuada. Se é certo que o facto material e imperativo da diminuição da renda impôz aos poderes publicos, nos periodos que se seguiram, grandes córtes na despeza, entre os quaes se destaca um ou outro digno de applauso, como a reducção do numero de deputados estaduaes, por exemplo, é tambem verdade que se fizeram, para realizar planos de méra ostentação, proprios a attrahir popularidade para seus autores, e para abusos de luxo, despezas consideraveis que taes córtes alcançaram largamente, verdadeiras obras vivas da politica e da administração, como a fiscalização orçamentaria, que foi extincta, como a instrucção publica, enormemente sacrificada — ao ponto de se ter verificado que, durante muitos annos, depois do meu governo, não se fez acquisição, no Estado do Rio, de livros escolares, — tornando o magisterio e o ensino ao regimen da desmoralização e da politicagem, pela extincção das garantias da carreira e de fiscalização. O programma economico foi, longo tempo, posto a margem, ao passo que não pequeno numero de sinecuras e de gastos de favor recomeçaram a apparecer no orçamento e nos livros do Thesouro, transformadas as leis annuaes, pelos artificios e sophismas da sua confecção, em actos de autorisação de toda especie de abusos.

RETIRADA DA ACTIVIDADE POLITICA

Deixando o poder em 31 de Dezembro de 1900, depois de um periodo tormentoso de governo, em que luctei com as mais criticas difficuldades financeiras, que as condi-

ções economicas da producção do café me oppuzeram, como todos os embaraços oppostos por interesses particulares á execução do meu programma, com todos os obices e todos os artificios de politicagem de uma opposição violenta e virulenta, mas havendo podido, entretanto, graças a uma energia inquebrantavel, realizar obras e beneficios cuja efficacia e cujo valor se medem pelos que já foram referidos, e de que se póde ainda citar o acto da extincção das guias de café, base de uma especulação que roubara á lavoura fluminense e á da parte de Minas e do Espirito Santo que exportam por esta praça, lucros calculados por competentes em cerca de oito mil contos annuaes, pude encerrar essa phase da minha longa carreira de dedicação a meu paiz e á Republica, iniciada aos dezeseis annos com a propaganda da Republica e da abolição da escravidão, certo de, por estimulo proprio e sob inspiração exclusiva do meu devotamento á Patria e á causa publica, haver gerido os destinos da minha terra com o maximo de *previdencia*, de exacção e de ordem que se podem esperar de governantes dignos da responsabilidade do poder, sollicitos, não tão somente em solver as crises da occasião e em curar os males do passado, senão em prevenir as causas de novos males.

DECEPÇÕES

Na politica, se todas as luctas que se me defrontaram no esforço por manter o prestigio e honra da autoridade publica a salvo da desmoralização, se todos os desgostos pessoaes que soffri pela decepção do rompimento com amigos politicos logo em começo do meu governo — rompimento que nunca desejei — se toda a energia empregada por continuar a fazer do Estado fluminense um verdadeiro cooperador da força, da prosperidade, do prestigio interno e externo da Nação, e das suas instituições, se toda a minha lealdade, aos deveres superiores e aos principios moraes

e praticos do regimen, ligados á essencia e á razão muito fizeram por me trazer amarguras e decepções, consola-me, entretanto, o conforto de consciencia de poder recordar toda a linha de minha conducta, vendo nella reflectir-se continua a inspiração do mesmo impulso que me levou a protestar solennemente, por occasião do alludido rompimento, que, *encerrado o meu periodo presidencial, estaria tambem encerrada a minha carreira politica*, realizando assim, a obra sã de moralidade publica.

A NOBILITANTE RENUNCIA

Os factos posteriores, o depoimento objectivo das cousas durante os meus dezeseite ultimos annos do regimen, toda a recente historia institucional da Republica, em summa, gravitando inteira, em torno das manobras da astucia e da força pela conquista e pela conservação do poder, e pela obtenção de empregos, de vantagens e de proveitos pessoases, ou pelo menos, em casos, aliás, muitos raros, pela satisfacção de paixões, de caprichos e de vaidades, darão ás almas justas e aos corações altruistas que ainda existem neste paiz a idéa e a medida do valor desta obra politica, partindo de um moço cheio de ambições legitimadas por uma longa carreira politica, e que assim renunciava, em sacrificio a deveres de moral publica, o direito de continuar a servir o seu paiz na orbita da actividade em que sempre trabalhara.

A SUPREMA CONCLUSÃO

Toda esta carreira se manifestou *na modestia que me impunha a minha subordinação, como politico ainda moço, á direcção e á orientação de outros* — e que só agora rompi nesta phase avançada da minha vida publica para assumir individualmente e á custa de sacrificios de toda

a especie, na saude e nos interesses, meus e de minha familia, a responsabilidade de dizer á minha Patria, *sem nenhum acto de força exterior*, impossivel na debilidade das minhas forças, e *sem o menor artificio ou laivo de suggestão*, incompativel com a espontaneidade ingenita de meus moveis (sem opprimir e sem falar á emotividade, á paixão, ao sentimentalismo e impulsividade de meus patricios, enunciando pelo contrario, a linguagem simples, nua, calma e serena do sentimento, da observação e do raciocinio), que toda a vida, a sorte e os destinos da nossa nacionalidade estão irremediavelmente comprometidos por vicios e defeitos de regimen e instituições alheios á sua natureza, e em estado completo de dissolução neste momento, perante os riscos e ameaças que cercam o paiz, — toda essa carreira, vinha dizendo, foi assignalada na imprensa e nas posições que exerci na União e no Estado, por actos e palavras de advertencia de toda a especie de descabros, e de ruinas em que se encontra o Brasil, desde a ignorancia de seu povo e da fraqueza da sua saude, até a destruição das bases da economia nacional, da delapidação das suas rendas á sua completa indefensabilidade material.

A VISÃO FALSA DOS NOSSOS PROBLEMAS

A faina açodada por acudir com remendos e concertos de fachada a que se estão entregando os que, a todo o transe, querem impôr ao paiz a supremacia de suas pessoas — coautores, todos, na perpetuação e no desenvolvimento dos crimes politicos que nos trouxeram a esta anarchia, a esta ruina, a esta miseria, á debilidade mental de uma vida superior de opinião irreflectida e sem consciencia dos factos, dominada toda por formulas e phrases de um eruditismo de *idiots savants* e por sentimentos de exhibição e de parada, ao analphabetismo, nas classes in-

feriores, — faina já corrompida em todos os seus actos pela infecção dos vícios que caracterizam as instituições vigentes e as machinas em que ellas se caracterizarem, é um verdadeiro sarcasmo á profundeza e extensão da molestia do paiz e o mais injusto e infame ludibrio ás suas justas aspirações... Havendo cumprido, *em tempo* o meu dever, não sacrifiquei em minha carreira politica, os interesses da minha terra, á ambição pessoal de conquistar socios, na exploração da causa publica, ou advogados para a sustentação de meus actos. *Ninguém conhece hoje a verdade sobre a historia politica e administrativa do Brasil, sem critica e sem julgamento*, na imprensa e nos órgãos do poder publico, onde imperam exclusivamente o sophisma, a mentira e a declamação, — não existindo mais em nosso meio nem confrades, em campanha por idéas, nem publicistas em missão moral de justiça, *que estudem e discutam a vida publica*, senão unicamente consocios na exploração do Thesouro e da riqueza nacional e advogados interessados na lucta pelo ganho e pela conservação de posições e de favores, a fazer o estardalhaço e a confusão da publicidade...

ISOLAMENTO — CASTIGO DOS QUE FALAM VERDADE

Sou um homem isolado na vida publica. Eis o que explica a necessidade em que me vejo de reivindicar, pessoalmente, justiça para meus actos, nesta rapida resenha, onde mal encontra espaço o debucho de uma carreira que atravessou — modestamente, mas sem um minuto de distracção e sem a mais ligeira transacção com os interesses occasionaes e com as crises eventuaes que alimentam toda a actividade publica entre nós — os ultimos annos da Monarchia e a vida inteira da Republica...

Se não me trahir a saúde e não me faltarem de todo os

meios de publicidade, cada vez mais escassos nesta terra de faustosas liberdades theoricas para toda palavra livre e desinteressada, o meu depoimento de testemunha e de parte activa na historia deste periodo virá completo a publico nas paginas de um livro que entra no meu programma de trabalhos e que terá por titulo *Uma vida publica*".

APPELLO

Emquanto o não publico e enquanto o appello que lancei ultimamente aos dirigentes da nossa politica, para a discussão plena e minuciosa, não das theses juridicas, economicas e administrativas que por ahi se debatem nestas eternas polemicas de estudantes em que se dispersam as correntes da nossa intelligencia, sem maturidade mental e sem criterio de applicação, mas dos problemas da nossa terra e das soluções politicas que elles pedem, e enquanto o *desafio* que não ha ainda muito tempo lancei tambem por provocar o confronto das minhas palavras e dos meus actos, de politico e de administrador com os de qualquer outro, na Monarchia e na Republica, não encontrar o paladino leal que os attenda, tenho, no momento, a pedir aos donos do poder e do fastigio neste momento, que me dêem treguas por enquanto, em attenção ao estado muito precario da minha saude, poupando-me a sensação de nausea e desgosto por essa especie de *esgrima italiana* em uso nos habitos de *reclame* dos politicos activos, que consiste em fazer proclamar e annunciar seus meritos e talentos, apodegando-se de idéas alheias, ao passo que dão aos outros, por inferencia necessaria da allegação de seus gloriosos ainda que tardios feitos, a posição de culpados pelos males que elles justamente procuraram prevenir".

Esta pagina, talvez a ultima escripta por Alberto Torres, é datada de 30 de dezembro de 1916 e vale um retrato moral.

Entrando quasi adolescente para o tumulo corruptor e invilicedor da politica, nos primeiros tempos do regimen novo, quando o pregão dos visionarios da democracia ainda não extinguiu as suas ultimas vibrações, bem cedo elle lhe fugiu, comprehendendo que jámais a sua voz de patriota seria ouvida, — respeitada, praticada. Voluntariamente exilado da administração publica, cuja culminancia no seu Estado natal conhecem aos 30 annos, elle se isolou do turbilhão não querendo confundir-se com a mediocridade dominadora. Na sua solidão, ia tornar-se o delineador profundo de uma nova geographia politica do paiz, um educador no sentido mais largo e mais formoso do vocabulo.

E nessa pagina, Alberto Torres, a beira do tumulo, com a mão na consciencia, diz ao Brasil, sem paixão, sem attitude, sem circumloquios a verdade tremenda a uma nação que timbra na surdez.

Foram as ultimas palavras de uma nobre consciencia (1).

7.º — MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL

O Presidente Campos Salles, reconhecendo os meritos e os serviços prestados por Alberto Torres, nomeou-o Ministro do Supremo Tribunal, em Junho de 1900, quando tinha apenas 35 annos de idade, que é o minimo exigido pela Constituição.

Como magistrado foi o mesmo espirito superior e brilhante. Como disse o Ministro Guimarães Natal, — “muito lustre deu aos debates deste Tribunal e tanto os elevou com o seu brilhante talento, notavel erudição e austera integridade”.

A sua acção no Supremo Tribunal causou surpresa a muita gente: muitos o julgaram um tanto alheio ás ques-

(1) Correio da Manhã, de 22-2-1933.

tões jurídicas e ás praticas judicarias. Foi alli que os que nelle viam apenas o politico e administrador descobriram e reconheceram o jurista, o homem de lei, o homem de pensamento. Distinguiu-se logo pela clareza dos seus julgados e pela grande erudição juridica. A sua palavra, escripta e falada, alli deixou imperecedouros traços de uma cultura e de uma consciencia juridica que lograram, para logo, admiravel notoriedade.

Ha sentenças e pareceres seus que honram sobremodo a capacidade intellectual de nossa raça. Aposentou-se em 1909.

Alberto Torres via na lei uma expressão da vida social, e, por isso, não lhe entendia os preceitos, exclusivamente, através das applicações feitas em outros paizes; mas, sem desprezar a experiencia dos outros povos, achava indispensavel consultar a situação particular do povo, a que são destinadas as normas leaes, as suas necessidades, a marcha da sua evolução social, os problemas especiaes da sua politica, o conjunto das suas idéas moraes, a sua situação economica, as peculiaridades criadas pela sua historia, pelo meio physico, e pelos varios factores da individualização dos povos. "O interprete insufla á lei o espirito do seu tempo".

No seu projecto de revisão, um capitulo é dedicado á interpretação das leis. Estabelece os seguintes principios: "A Constituição é uma lei politica, de fins praticos, fundada em objectos sociaes ooncretos, e destinada principalmente a manter ligados, harmonica e organicamente, os interesses geraes e permanentes do paiz.

A base de sua interpretação é o fim pratico e social que seu conjunto e seus principios se destinam a realizar. Nem o sentido litteral do texto, nem a fonte, origem, escola ou tradição doutrinaria, a que estiver ligado, servirá de argumento a qualquer interpretação contraria a seu destino pratico e seu fim social. Sendo o objecto da con-

stituição e das leis promover os fins da sociedade e da vida individual, seus principios devem ser entendidos no sentido mais favoravel a taes fins: ao desenvolvimento e progresso da sociedade e ao interesse e prosperidade dos individuos. O elemento pratico da interpretação deve ser entendido com relação ao bem estar geral e permanente da sociedade e do individuo, ao desenvolvimento e successão progressiva dos factos e phenomenos sociaes e juridicos, e jamais aos accidentes, factos isolados e interesses parciaes e momentaneos. Por elemento historico deve entender-se, não sómente os debates, pareceres e discursos legislativos, e mais actos preparatorios, mas, sobretudo, a razão de legislar, e os interesses, relações e factos, inspiradores dos principios legislativos, e seus fins permanentes e geraes”.

Commentando estas disposições, diz Clovis Bevilacqua que “considerando as regras legislativas compendiadas pelo Dr. Alberto Torres, pelo seu valor intrinseco, de direcções aconselhadas aos interpretes da lei, acho que ferem muito bem uma das questões juridicas, das quaes depende o progresso das nossas instituições”.

O Barão do Rio Branco, que muito admirava Alberto Torres, nomeou-o em 1906, juntamente com o Sr. Amaro Cavalcanti, para representante do Brasil no terceiro Congresso Pan-Americano, reunido no Rio. Alberto Torres chegou a tomar parte nas primeiras reuniões, mas o Supremo Tribunal julgou que nenhum dos seus membros podia aceitar commissões do poder executivo e, por esta razão, os dois illustres brasileiros deixaram de fazer parte do congresso.

Em 1908, quando Rio Branco procurou organizar a embaixada de Haya e nomeou o Sr. Ruy Barbosa embaixador, lembrou-se de Alberto Torres e de Joaquim Nabuco para completarem a embaixada como ministros.

8.º — A ÚLTIMA PHASE DA VIDA
DE ALBERTO TORRES

Alberto Torres Filho divide em tres phases a vida de seu digno pae:

A primeira: de 1865, anno em que nasceu, a 1881, quando iniciou os seus estudos de direito;

A segunda: de 1881 a 1909, quando se aposentou; e

A terceira: de 1909 a 1917, quando falleceu.

Aposentando-se em 1909 por motivo de saude — um systema nervoso profundamente abalado, — pôde escrever os seus livros.

Ouçamos o brilhante espirito de Mendonça Pinto, o grande discipulo de Torres:

“Foi, certamente, levado pelos impulsos affectivos que Alberto Torres, aristocrata da intelligencia, aposentado nas funcções publicas, retomando no recolhimento do lar a linha dos ideaes da juventude e, constituindo-se contra innumeradas conclusões da sciencia e dos factos da vida contemporanea empregar a felicidade universal, prégou, como Rousseau, Comte, Kropotkine, Tolstoi e tantos outros evangelizadores sociaes a harmonia humana, idéa mater, de que derivam todas as outras que se encachoeiravam na sua formosa cabeça de philosopho.

Livre da politica, pobrissimo, viu-se Alberto Torres na contingencia de acceitar a mais alta investidura judiciaria e, fazendo-se juiz quanto não soffreu o seu magnanimo coração de apostolo pelos Crainquebiles sobre cujas cabeças era forçado a deixar cair a fria majestade da justiça humana!

Mas a molestia inexoravel, factor do genio de um Baudelaire e de um Chopin, e que tem sido através dos seculos a exaltadora de tantas intelligencias, forçando em 1909 o autor do “Vers la Paix” a trocar a beca de ma-

gistrado pela clamyde de philosopho, proporcionou-lhe talvez, os momentos mais felizes da sua existencia, aquelles em que elle, no retiro de seu gabinete, como Blaise Pascal nas solidões de Port-Royal, conheceu o maior dos prazeres, a infinita e sublime alegria de pensar.

Seu parente e amigo devotado, frequentador assiduo do seu lar, onde sempre ardeu, alimentada pela esposa, typo de matrona romana conversa ao christianismo auroral, a chamma das mais santas virtudes, assisti, numa primavera radiosa, o desabrochar das suas mais bellas idéas e comprehendí então, que, estreitando a patria, se pôde no mesmo amplexo abraçar a humanidade inteira, mórmente quando se é, como o foi o autor do "Le Problème Mondial", norteado pelo ideal futurista.

Guiado pela preocupação de substituir o patriotismo de outrora, que lançava raizes no passado, o patriotismo dos paes, gerador do chauvinismo e da paixão guerreira pelo patriotismo da prole, Alberto Torres conservando-se nacional, caminhou para o mais alto humanismo: o humanismo de um Dante, sempre florentino nas suas criações divinas e humanas; o olympico humanismo de um Gæthe que, mais completa expressão germanica, pôde no encontro de Erfurt apertar com sombranceira e serena admiração a mão dessa synthese humana — deshumana, tenaz, humilhadora da pobre Allemanha de então, merecendo do Grande Corso o mais honroso dos qualificativos; o humanismo de um Comte, essencialmente francez nas tentativas de transformar a sua amada Paris na cidade santa do futuro.

Mas se differenciando do proprio fundador do Positivismo que, sob o influxo do seu temperamento mystico, fez da humanidade uma entidade vaga e indeterminada, o Grande Ser, diante do qual se prostam com a uncção e o respeito de verdadeiros crentes os seus fieis continuadores, o auctor da "Organização Nacional" bussolado pelo senso

organico — dymnamico-progressivo dos problemas do homem da terra, concebeu o grande Todo como uma realidade objectiva.

Dahi o seu empenho em conceder á Civilização o direito e o poder de defender *as riquezas da terra da destruição do homem que tem sido através da vida historica da humanidade o seu mais implacavel inimigo, com os processos de devastação e exgotamento do sólo, de incendios de thesouros e de florestas, de saques de minéreos ao seio da terra, de esterilização de sua superficie e tambem o direito de conservar as riquezas inexploradas da terra, destinadas ás gerações futuras e defender as que estão em producção, contra a exploração imprevidente, assim como o de proteger todas as raças e nacionalidades contra as fórmãs de concorrencias que possam importar ameaça a seus interesses vitaes, bem como á segurança, propriedade e prosperidade de suas descendencias.*

Si Alberto Torres amou a humanidade, como Pasteur, reservou para a patria a sua predilecção, destacando-se um pouco da linha humanista para trilhar a estrada verdadeiramente nacional quando sentiu que a nossa desorganização podia um dia levar o povo brasileiro a ficar, como o hebreu, perdido nos areaes do deserto, a chorar pela Chanaan de tantos sonhos.

Dahi a sua ansia em coordenar os membros dispersos deste Gigante que agora se acórda.

Confrontando então o Brasil com os demais paizes, comprehendeu que entre nós, povo formado por colonização, o problema nacional se impõe, o que não acontece com as nações de origem remota e lenta evolução, onde esse problema pode ficar desconhecido.

E elle que analysou os problemas sociaes e humanos com o senso organico, — dymamico — progressivo, ao inquerir as causas perturbadoras da nossa evolução que, a seu ver, provêm: *do improvisado da criação pelo descobri-*

mento, da fraqueza fortuita dos descobridores, da diferença do clima e da terra, das vicissitudes da colonização; da interrupção e desvio do processo historico da independencia e da formação nacional, com a chegada da casa de Bragança, pôde, como nenhum outro, adquirir o senso e a consciencia nacional e do problema nacional brasileiro.

Mas o seu nacionalismo se manteve sempre, nos momentos de mais exaltação, humano, com tons azulados sem os laivos vermelhos do de Maurice Barrés que, extremado pelo Dreyfuisismo, chegou a dizer que Zola sendo de origem italiana não sentia como francez.

O organizador, guiado pelo sentimento da harmonia, condemnado a vida intensa, participou do ascetismo peculiar a sabios e pensadores que, das suas thebaidas ditam leis para uma sociedade em cujo meio não mais vivem.

Não é, porém, affirmativa ousada a asseveração de que a organização da sociedade nacional se operará dentro das linhas mais geraes do seu pensamento.

A sua confiança no valor intrinseco do povo brasileiro e no da geração actual que *assiste a gestação da nossa nacionalidade* ficou inabalavel até as suas ultimas tardes, que foram de uma luminosa lucidez: tardes vividas a pensar na tranquillidade e no repouso que ainda podia fruir numa casa de campo dessa Baixada Fluminense, autora da sua grandeza espiritual e igualmente berço das mais rutilantes intelligencias do nosso Estado: tardes vividas na esperança que o despertar nacional preparasse ambiente para o Washington indigena, com a sabedoria do mais sensato dos grandes homens, iniciar a empreza da organização brasileira; ultimas tardes da sua existencia terrena, vividas, humanista por excellencia que o era, a architectar por entre as angustias da dôr physica, o *Orbs Humanus*, obra que não escreveu, mas que vivia acabada no seu cerebro e que elle talvez conclua na região de elyseas som-

bras para onde se evolou o seu soberbo espirito na manhã de 29 de Março ultimo”.

Alberto Torres manteve uma collaboração regular em “O Paiz”, sob o titulo *Topicos do dia*, onde tratava de assumptos nacionaes e economicos e de politica internacional.

Na ultima phase da sua vida, principalmente em 1915 e 1916, publicou diversos ensaios no “Estado de S. Paulo”, no “Jornal do Commercio”, no “O Imparcial”, na “A Noite”, na “A Tribuna”. Ficou incompleto o seu programma de “Organização Nacional”, pois só publicou a primeira parte: *A Constituição*.

A segunda parte seria dedicada á instrucção e educação, sob o titulo: *O Espirito Nacional*.

A terceira parte seria dedicada ao estudo da economia nacional.

Deixou concluido um trabalho sobre *impostos interestadaes*, ainda inedito.

“Tinha, tambem, já bem architectadas duas outras obras: “Uma vida publica”, a que se referem os seus escriptos, e “Orbs Humanus” a que alludia frequentemente até bem poucos dias antes de morrer, já temendo que a morte não lhe deixasse dar fórma definitiva a esse trabalho que, segundo declarava, iria registrar grande desenvolvimento sobre tudo o que até então havia escripto.

O preparo de cada um de seus livros pôde ser dividido em tres episodios: primeiro, durante o qual se encerrava no seu gabinete, fazendo longas leituras, entrecortadas de longas meditações: o segundo, o trabalho material de escrever o livro que lhe corria todo, fluente da penna: e o terceiro, um estado de grande prostração que só se podia attribuir ao cansaço physico, aggravado pela ansia de realizar os seus ideaes” (1).

(1) Alberto Torres Filho, Conf. cit.

Aos 51 annos, na manhã de 29 de Março de 1917 victimado por um *cancer*, falleceu Alberto Torres.

Os que conheceram Alberto Torres de perto, na intimidade, ficaram para sempre solidarizados no affecto a uma memoria sagrada, no culto de um grande espirito e purissimo coração; que possuia aquelle "leite da bondade humana". Na intimidade, conversando, é que se podia avaliar o talento, a cultura, a finura do espirito, a delicadeza moral, a capacidade para admirar, a vibração do patriota. Nas suas reuniões semanaes, o reduzido grupo de amigos dos seus ultimos tempos ficavam horas e horas palestrando encantados. Nenhum dos problemas do Brasil, nenhum dos grandes factos da cultura humana, lhe eram desconhecidos. A sua maravilhosa dicção verbal, uma das mais nitidas e claras de quantas tenho ouvido num conversador, dava um sabor particular ao que elle dizia.

A sua experiencia dos nossos homens e dos nossos costumes politicos, a perfeita claridade da sua intelligencia, a sua memoria minuciosa dos incidentes da nossa historia politica, social e economica, a altura solitaria do seu character, emprestavam á personalidade desse enfermo heroico, nos seus ultimos dias, por cuja bocca nunca passou uma palavra de lamentação ou de tristeza, nas horas de maior soffrimento — um attractivo a que não podia furtar-se a curiosidade do observador intellectual, avido de saber, de conhecimento e de motivos de estudo, e para o christão a admiração pela bondade e generosidade daquelle grande coração.

Oliveira Vianna, prefaciando o livro de Alcides Gentil (1), que o sociologo eminente considera muito justamente como o "mais seguro conhecedor e a maior autoridade" para falar de Alberto Torres, pois dos seus discipulos "é o que mais de perto conviveu com o mestre, na

(1) As idéas de Alberto Torres.

sua intimidade de philosopho e de evangelista" — traça a seguinte pagina:

"Esse grupo, que cercou Torres, era pouco numeroso. Nos serões semanaes da sua casa de Copacabana, e, depois, das Laranjeiras, os discipulos que sentavam em torno do Mestre não chegavam, penso eu, á metade dos que seguiam Jesus pelas estradas da Galliléa: Gentil, Sa-boia Lima, Porfirio Netto, Antonio Torres, Carlos Pontes, Mendonça Pinto e eu, o menos frequente e o mais esquivo de todos, e talvez o que tivesse maiores pontos de dissidencia com o pensamento de Torres. Nesses serões, ás segundas-feiras, era Torres, em regra, quem falava; nós ouviamos, limitando-nos, uma vez ou outra, a aproveitar a oportunidade, aliás rara, que se abria, para interferir com um aparte. Torres tinha uma palavra facil, colorida, vibrante, fluentissima, de uma fluencia quasi incontida e incoercivel. Falava alto, em tom oratorio, como se estivesse em estado permanente de exaltação. Uma das cousas que mais me impressionava em Torres, nestas palestras feitas ao modo de discurso, era a facilidade, mais do que isto, a segurança absoluta com que elle, depois de pontilhar a sua exposição com uma serie de interrupções, digressões e devaneios incidentes, voltava ao topico inicial, retomando o fio do raciocinio inconcluido, para continuar o seu pensamento, expondo-o com lucidez perfeita, e ardente, exaltadamente, como sempre.

Do seu convivio eu não recebi apenas a impressão de uma das mais poderosas e surprehendentes organizações intellectuaes da nossa raça; mas, principalmente, a impressão de uma das mais nobres consciencias civicas que tenho até agora conhecido. Ninguem poderá imaginar, a não sermos nós, que viviamos dentro da sua afeição e recebiamos as suas confidencias, ninguem poderá imaginar o que havia de sinceridade, de devoção, de abnegação,

de patriotismo exaltado e puro nesse typo perfeito de cidadão, que era Torres.

Este homem, dotado de uma sensibilidade quasi mystica, *fez-se uma especie de caixa de resonancia de todas as ago-nias e tristezas da sua patria*. A cada golpe vibrado contra as leis, o direito, os interesses nacionaes pelos politicos desalmados que governavam (ou desgovernavam) o paiz, eu o via soffrer, não apenas moralmente, mas mesmo physicamente, agitar-se, exaltar-se, indignar-se, ou cair em estado de desanimo irritado, que lhe ia abalando, aos poucos, a saude e acabou arrebatando-lhe a vida. Ah! como os politicos fizeram soffrer a Torres! Que testemunho posso eu dar de como elles, esses tremendos egoistas, o fizeram consumir-se lentamente. Dia a dia se queimava, entre dôres cruciantes, nas chammas do seu proprio civismo indignado, todas as vezes que esses "donos do Brasil" desferiam os seus costumados golpes de força contra o paiz, elles que sempre viram com lucidez os interesses do seu grupo, ou do seu partido, mas nunca souberam vêr como elle, Torres, e muito menos sentir, com o mesmo alcance, os interesses superiores da sua nacionalidade e da sua patria".

Lendo esta pagina admiravel de Oliveira Vianna, recordo-me da impressão de deslumbramento e de grandeza que tive ao aproximar-me do mestre. Admirei-o, desde então, com o fervor natural de moço, porém, mais do que isso pela força incoercível que sua obra, sem par no nosso meio, tem de conquistar toda alma verdadeiramente brasileira e de convencer definitivamente.

No presente ensaio, cuja 1.^a edição é de 1918, procurei dizer toda minha affeição pelo seu bello espirito, toda minha admiração pelo energico e alto character talhado na ossatura dos heroes, a que faltou scenario para desdobrar as qualidades immensas do seu temperamento; pela intelligencia aguda e vasta; por esse patriotismo ardente que mal escondia ás vezes a tristeza de que tanto amor pela

patria não se pudesse converter em serviços maiores a ella que, desattenta ao seu destino, não os exigia na incapacidade de os exigir e não ouvia os seus conselhos.

Incompleto ficaria este estudo sem a transcrição do perfil de Alberto Torres traçado pela penna de Flexa Ribeiro:

“Quem penetrar nos *logares santos* de Augusto Comte, terá instantanea evocação da vida do fundador da Religião da Humanidade. Ao ler a noticia do fallecimento de Alberto Torres, esses conceitos ephemeros me acudiram á memoria. E, por natural associação de continuidade, eu relembrei o nosso primeiro encontro, a impressão do deslumbramento que me produziu. Em cada idéa elle inspira um alvoroço faiscante. E na torrente do pensamento, as paysagens mentaes se abriam na frescura inedita de achados felizes, faiscantes de improviso, que nos feriam a memoria visual do entendimento, como revelações do Desconhecido.

Logo de começo, o typo alto e esbelto, impressionava. A cabeça dextra é soerguida, talhada em marmore da época romana, e povoada de cabellos brancos, emprestava á sua acção vocal não sei que de soberano e dominador. Na fluencia elegante e inesperada dos gestos, mal se escondia a impaciencia de não poder transmittir o tumulto que lhe cachoeirava no cerebro. Nada, porém, seduzia tanto como a mascara da expressão: linhas largas e claras; resaltante o nariz espiritual e ávido; da bocca uma ansia quasi angustiosa de exprimir, de modelar as idéas, fluctuava entre diluculos verbaes; e dos olhos fluíam as luzes interiores, essas estranhas claridades que illuminaram a face dos prophetas, dos videntes, dos que entram em correspondencia com as fórmãs invisiveis da Natureza. Na fronte larga, abobadada, de uma solidez perenne, parecia errar uma aurora de inspiração.

Quando no ardor da elocução todos esses traços expressivos se animavam em demasia, todos que o ouviam

sentiam a grandeza dessa alma, a visão universal desse espirito. Insensivelmente pensava-se nas grandes épocas da Grecia: nos jardins, nas ágoras, nos lyceus, nas academias. Antes, na phase de transicção da philosophia hellenica, a quando os sophistas (no alto sentido que teve esse termo) vieram nella introduzir com Protagoras e Prodicos, a duvida fecunda.

Dessa alta atmospheria intellectual, Alberto Torres se desgarrára para outra, talvez mais geral, e entrava no dominio da Poesia em que sua sensibilidade se aclarava em segredos reveladores, em intuições de um tão fino sabor! E era de vêr como sua penetração das coisas mysteriosas, que só a Arte revela, evidenciava logo as bellezas occultas, as delicadezas diluidas por pudor nas meias-tintas, nos tons mortos, nas tonalidades convalescentes... Todos esses crepusculos da emoção poetica sua agudeza sensitiva trazia á luz; e os poemas que elle lia ou commentava pareciam illuminados pelas forças de uma alma poderosa, que os resuscitava, animando-os da propria chamma com que foram concebidos. Alberto Torres foi principalmente um animador. Seu entusiasmo sentimental era uma potencia reveladora. Dilatava o poder das imagens; ampliava a actividade contagiosa das idéas. Esse perenne sopro de idealidade era o traço mais vigoroso de sua organização psychica. Atormentado pela experiencia de sociologo, seu espirito, no inquerito percuciente e concreto dos factos, jámais deixou de jogal-os na focagem espiritual das relações abstractas. Era essa a sua originalidade. Para o autor do *Problema Mundial*, a abstracção e a generalização eram apenas novas fórmulas da *atenção*, desenvolvimentos concentricos desta faculdade, modos, emfim, de submeter o caso particular á quintessencia da analyse, escardeal-o num campo mais livre, sem a angustia das minucias, como numa especie de estratificação definitiva. Os problemas vitaes do

Brasil, aquelles que formam suas fontes de vida, foram sempre o enlevo quasi desesperado de sua intelligencia.

E penso que a amargura que ensombrou seus ultimos dias de pensador nascia delle suppôr, por um engano de optica social, que o paiz continuava desacordado ante os perigos que o ameaçam ferozmente, e de conseguinte que seu toque de clarim de conhecedor dessas proximas calamidades não era jámais ouvido. — Parecia-lhe, talvez, que suas doutrinas não tinham repercussão no ambiente nacional.

As idéas originaes têm uma formidavel força de propagação; mas esse contagio é lento, incerto e, de começo, quasi imperceptivel. Os espiritos estão sem receptibilidade, ainda immunizados pelos contactos anteriores.

Toda idéa nova encontra a resistencia inerte dos preconceitos anteriores, que por sua vez, só se fixaram através de uma lucta semelhante.

Todo paradoxo tende a ser verdade banal!

Por facto curioso, que é frequente como ironia do tempo, a morte deploravel do sociologo virá apressar, e como fecundar com a seiva de sua immaterialidade — a propagação desses principios que lhe foram tão queridos ao coração, e tão ambicionados pelo espirito.

E com o passar dos annos, seu nome se elevará, como do pensador que, primeiro, procurou encontrar, para as correntes geraes das idéas do seculo, a verificação experimental nos factos brasileiros. Todos os valores philosophicos eram por elle medidos na observação da vida positiva da joven nacionalidade. Era mais do que uma transplantação, que elle tentava: havia a criação original de novos dados do conhecimento, que reponstavam de condições particulares de nossa formação.

Na accepção aristotelica, Alberto Torres foi o nosso maior politico. Seu espirito visionou as noasas grandes ne-

cessidades e procurou na experiencia consuetudinaria o remedio para umas e o elemento fertilizante para outras.

Como os acontecimentos nacionaes o impressionavam fundamentalmente! — e elle via na organização da nacionalidade, nas tendencias politicas do povo, nas forças remotas do atavismo, a materia rica de plasticidade que se offercia á modelagem e á pintura das mãos inhabeis, timidias ou inexpressivas dos governantes.

No dominio absorvente das idéas, o escriptor foi victima da desorganização por que passa o paiz, da sua falta de orientação. Factos naturaes e quasi logicos, em povo na adolescencia. Mas nem por isso deixam de estender sobre sua obra a grande e terrivel sombra da inutilidade do esforço individual, como o de quem fizesse uma oração sobre a paz em campo de batalha.

Todos os homens de pensamento e de seu sentimento soffrem as consequencias moraes e economicas desse estado de transformação. Havemos de morrer, sacrificados por essa torrente, para fecundar e sanear a terra, as gerações futuras.

Entre nós tudo ainda é de improviso e provisorio; até a moral. Que, ao menos, nesse estagio de desenvolvimento, o Brasil possa, na fuga de suas aspirações, forjar novos valores de consciencia e demonstrar, aos velhos povos, que ha meio de attingir a uma realidade maior, mais viva, mais intensa, mais verdadeiramente humana.

Alberto Torres terá sido, então, o propheta desse estado moral do brasileiro; a fonte espiritual dessa grandeza”.

CAPITULO II

POLITICO E SOCIOLOGO

Aposentando-se do cargo de Ministro do Supremo Tribunal, a sua "irrefreavel actividade mental, sempre inclinada pelo interesse do seu semelhante — unica bussola á empreza de solução ás crises sociaes e politicas da nossa especie" — não descansou, apesar do estado precario da sua saude, e revelou-se um dos mais profundos e originaes philosophos, sociologos e pensadores de todos os tempos. Dedicou-se ao estudo dos grandes problemas sociaes e mundiaes, aos grandes ideaes de paz e nacionalismo. Como confessa Alberto Torres, os seus "estudos eram o reatamento de uma vida intellectual e moral, nascida com as primeiras inspirações da mocidade, que os azares da existencia e, principalmente, os da politica, haviam perturbado.

A vida dos homens que atravessam crises revolucionarias é toda feita, egualmente, de revoluções pessoaes. Só quem haja acompanhado, dos primeiros movimentos a seus ultimos reflexos, os torvelinhos de uma época critica, poderá conhecer e avaliar os abalos que a desordem geral vem produzindo em nossos destinos.

Dos homens que fazem as revoluções, conseguem dominar a onda os que são colhidos pelas primeiras vagas, já definitivamente consagrados, conquistando uma victoria

peçoal, cuja efficacia, a bem das idéas, fica dependendo da maturidade da reforma que promoverem e do seu preparo para consumal-as.

Os que as revoluções produzem, nem são, em regra, exponents das idéas que ellas representam, nem instrumentos de suas obras. Rebeldes á tradição e estranhos ás aspirações, sem linhagem politica no passado, e sem solidariedade com as tendencias da época, prolongam para o futuro o impulso e o espirito da desordem. Bonaparte foi, em sua obra politica, o producto mais legitimo da Revolução Franceza.

Quem atravessa uma crise revolucionaria, sem temperamento revolucionario, é victima de todos os seus embates. Tal foi a minha sorte, durante os vinte e quatro annos em que a Republica tem procurado applicar ao Brasil a fórma adoptiva com que foi concebida. Duas aspirações viviam em combate em meu espirito, durante todo este tempo: servir ao meu paiz e ao regimen republicano, e completar a minha formação mental, que o advento da Republica interrompera.

Dos meus serviços, prestados com desprendimento que resgata seus erros provaveis, nem todos aproveitaram porque a Republica foi sempre voluvel, e não fundou glorias e reputações senão sobre as ruinas de suas obras.

Não foi sem certo contentamento que acceitei, assim, com a inactividade, na ultima das minhas funcções, a liberdade de trabalhar, para repôr minha carreira no ponto em que a deixára, quando entrei em actividade politica...

“Minha vida é, disse Alberto Torres no Instituto Historico, como a de toda a geração que vae chegando á maturidade, um episodio da crise das ultimas décadas de nossa historia; mas, se as forças revoltas do periodo que tiveram mais poder sobre seus destinos, do que a minha direcção, se o imprevisto dispôz quasi sempre das situa-

ções em que me achei, raro me senti, diante dellas, como em face de um premio ou de um prazer de victoria, sempre sob o imperativo de um dever.

Sem ambições politicas, servi ao regimen de que fui propagandista á força de responsabilidade, por crenças a que havia dedicado as energias de moço; e me fui vendo ascender, de posição em posição, com a frieza, quasi com a insensibilidade pessoal com que se acceitam encargos que não são eleitos pelas nossas preferencias, por nossos estudos e gostos intellectuaes. Privilegiado como poucos pela fortuna politica, jámais senti o prazer de amor proprio e as satisfações de gloria que a carreira costuma conferir. E' que eu não segui a minha carreira, não tive mesmo uma carreira; fui tudo quanto não merecia ser, mas tambem tudô que não ambicionei...

“Se a republica e a abolição da escravatura foram ideaes gravados em meu espirito com as primeiras pulsações da consciencia, o senso de um problema nacional e a ambição de dedicar a vida á obra da constituição nacional, encontram marcos — nas recordações mais remotas do meu coração e do meu cerebro. Cooperar pela força e pelo prestigio da patria brasileira, por sua organização sob regimen republicano, e pela liberdade dos negros, foram aspirações de toda a minha vida. No espirito da criança, como no espirito do moço, e, depois, no do homem publico, a Republica, a abolição e a nacionalidade, nada tinham de commum, entretanto, com aspirações romanticas e demagogicas. Meu olhar viu sempre muito nitidas as fronteiras entre o espiritual e o secular, e entre o ideal e a ficção”.

Insistindo sobre a sua vida publica e os seus trabalhos, no “O Imparcial” de 15 de Abril de 1916, escreveu Alberto Torres notavel artigo, de que transcrevemos o trecho seguinte: — “Ha casos em que falar da propria pessoa é tomar uma attitude impessoal. Accresce a isto que a ne-

cessidade que se me impõe de falar de mim mesmo não se explica justamente senão pela direcção e inspiração inteiramente impessoal de toda a minha vida...

Não fosse isto, e eu teria, no mundo da nossa imprensa e da nossa politica, muito onde escolher patronos...

Impõe-me a consciencia trazer a publico estas linhas, em que, renovando uma declaração já ha tempos feita pelas columnas do "O Imparcial", accrescento outras explicações sobre os "meus" trabalhos.

Desde que tomou vulto em meu espirito, por volta de 1910, a convicção, já anteriormente firmada e manifestada, de que o nosso paiz carecia passar por uma reorganização geral, que enfeixasse as normas, os preceitos e os instrumentos de acção que demandam os "processos" absolutamente "novos, originaes", da sua natureza e da sua formação social, e tendo por eixo (pois que lhe faltam de todo instituições, sociaes ou politicas, que dêem estrutura permanente á nacionalidade) — uma constituição de character pratico, não poupei esforços para chamar a attenção e provocar o estudo dos que o governam e dos que lhe dirigem a opinião para essa necessidade inadiavel.

Contemplando a anarchia do nosso direito, da nossa politica, da nossa administração, da nossa economia e das nossas finanças — de todo o conjunto, emfim, da nossa vida social, e antevendo a temerosa crise que se desenhava no horizonte da politica mundial, convenci-me de que a nossa patria, moralmente escusada da responsabilidade de suas desordens pelas causas historicas-sociaes que as produziram, e prestigiada perante as outras nações, por antecedentes de dignidade e de bom senso, que a distinguem com honra na sociedade mundial, precisava, entretanto, concentrar todos os seus esforços numa obra de organização, que lhe desse ao poder publico a força e os órgãos precisos para assimilar num todo e para dirigir numa acção sinergica os agrupamentos e actividades da sua sociedade,

disseminados e desagregados, aos azares da colonização e da exploração material, sobre vastissimo territorio.

Os esforços que empreguei, “por cartas dirigidas a personalidades eminentes”, pelos meus muitos artigos publicados, pelos livros em que reuni os trabalhos que os accidentes da crise em progresso me iam suggerindo, as repetidas solicitações de attenção, dirigidas á imprensa e aos homens publicos, representam já uma somma valiosa de “actos” — os unicos actos ao meu alcance, na posição em que me encontro na sociedade brasileira.

De um grande obstaculo ao exito das minhas idéas, tive plena consciencia, desde os meus primeiros passos nessa campanha: o de ter de enfrentar, em resistencia inerte contra os dados e as conclusões da politica que propunha, os preconceitos e suggestões superficiaes que os aspectos apparentes das nossas coisas e a acceitação de idéas trazidas por livros, chronicas e jornaes estrangeiros, põem em circulação e fazem prevalecer entre os nossos dirigentes; a enormidade do nosso territorio e os exemplos de outros paizes, suggerindo a convicção da necessidade da colonização; os symptomas e crises da desordem da nossa producção e do nosso trabalho desorganizados, estimulando o ardor da “exploração” e inspirando o appello aos expedientes empyricos de pedidos de dinheiro — sem attenção aos problemas de “valor”, de “circulação” e de “credito”, que se entrelaçam com a questão do capital, adopção das muitas medidas de inflação e de artificio, habitualmente usadas pelos nossos governos; todos os preconceitos theoricos, todos os interesses materiaes e todos os habitos, tendencias e paixões accumulados em torno das formulas e dos aparelhos do nosso regimen politico. Basta recordar que, quando iniciei este movimento, era coisa assentada na opinião letrada do paiz, propagada pelos seus professores e directores mentaes, a idéa da inferioridade das nossas raças, hoje felizmente abandonada — sem nenhuma de-

monstração de apreço, aliás, ao brasileiro, que tomou a si prestar esse “pequenino” serviço á consciencia moral de sua Patria...

Não me desanimou a perspectiva de taes difficuldades. Disposto a lutar pela discussão — unico processo de acção publica que admitto — não renunciei, jámais, á esperança de criar os órgãos de publicidade que me eram necessarios, para, em propaganda das minhas idéas, fazer nos espiritos a convicção e a persuasão, e para activar, afinal, o movimento politico, — a ser iniciado, logo ás primeiras manifestações do apoio publico, pela organização de um centro de direcção. Não tendo conseguido, apesar de muitas tentativas, realizar o meu projeto de fundação de imprensa — ponto de partida e base de qualquer acção publica — e havendo verificado, desde o começo de meus esforços, a inutilidade de artigos avulsos — para cuja publicação nem sempre encontrei, aliás, boa vontade, da parte dos jornaes desta capital — resolvi contemporizar-me com esses e outros embaraços e proseguir em meus estudos e no preparo dos trabalhos que formam o meu programma de acção politica pessoal, ao passo que iria trazendo ao publico as advertencias e resalvas que os acontecimentos me fossem impondo... Foi o que fiz até hoje, e é o que continuo a fazer... Trabalhando, completamente só, com sacrificios que importam, para os meus recursos nunca desembaraçados de onus accumulados durante longa vida publica, um tributo não pouco pesado, sem o apoio de correligionarios de qualquer ordem de *egreja* (...), de partido, de nenhuma dessas solidariedades que se formam em agrupamentos, *arregimentações* e associações eventuaes da vida, de associações de interesse, de amparo mutuo, ou de troca de favores; havendo interrompido minha carreira politica, sem dever nada aos amigos — que ficaram de posse das posições que legitimamente podiam esperar de mim para sancionar com a renuncia

às posições da carreira a que me havia dedicado, como um apostolado, desde os 16 annos, a reacção que oppuz, no governo do Estado do Rio, á supremacia do partidario sobre a autoridade governamental e á consolidação das oligarchias estadoaes — tenho a consciencia de não haver faltado numa só vez ao dever que espontaneamente me impuz, dever que cumpri durante toda a existencia — no exercicio de cargos publicos ou fóra delle, por voto de consciencia e por profissão de patriotismo...

A' minha patria, como ao regimen politico a cujo serviço me dediquei desde moço, prestei, durante trinta e tres annos, todos os serviços que o dever me foi apontando, na linha de acção que a minha consciencia me indicava. Dessa linha, que não passou nunca da fileira dos soldados, quando fóra das posições officiaes — posições que jámais ambicionei, jámais pleiteei e jámais conservei em detrimento do meu dever, que repelli e a que renunciei quando incompativeis com a consciencia das minhas responsabilidades — nunca fui elevado ás commissões politicas que exerci, senão por escolha absolutamente espontanea dos meus chefes e dos meus correligionarios.

Do meu tirocinio politico resultou, graças a uma experiencia maduramente reflectida, a verificacão da imprestabilidade do regimen vigente para o nosso paiz. Aos que clamam hoje porque se dê cumprimento á Constituição em vigor, como remedio aos nossos males — espiritos theoricos quasi todos, *dilettanti* litterarios, na maior parte, de coisas politicas — posso replicar que cumpri e vi cumprir a Constituição de 24 de Fevereiro, deparando a cada passo com a demonstracão do conflicto entre o seu espirito e seus preceitos, e as coisas e a vida de nossa terra.

Está em pratica nesse momento, em therapeutica aos nossos males, inculpar ao povo, a estas ou áquellas classes, as causas das desordens, dos abusos, dos escandalos, da nossa vida publica, official ou social. E' o remedio

facil, o pendor impulsivo e espontaneo, a que correm todos o que se têm visto, no correr dos tempos, investidos de uma parcella qualquer de autoridade ou de força, sobre os que se acham abaixo da sua posição.

Os superiores entendem dever fazer-se sempre educadores e disciplinadores dos que têm sob seu poder. Não é de outra origem, nem de outra natureza, a causa das maiores luctas, dos mais tremendos transes, da Historia humana.

Os trabalhos e as responsabilidades da solução e da organização, que são a solicitação angustiosa da nossa época — caracterizada, sobretudo, pela contradicção entre as theses e os principios abstractos que sempre se pretendem pôr em pratica, e á realidade dos factos — esses ninguem os procura, ninguem os pensa reclamar...

E' pelo que toca a este ponto que me manda a consciencia registrar a affirmação final deste artigo. Sou homem publico, desde os dezeseis annos de idade. Republicano e abolicionista, posso dizer que a actividade politica foi, na realidade, a carreira a que me dediquei. Homem publico, em toda a extensão do termo — se é facto que, com relação ás idéas politicas, incorri muitas vezes, como todos os que se dedicam a esta carreira, no erro de acceitar, sem critica, principios e fórmias puramente doutrinarias — é tambem facto que, desde os primeiros ensaios da minha acção publica se manifestou em meu espirito a tendencia por buscar na realidade os dados e fundamentos da minha orientação. Encontro disso frequentes documentos nos mais antigos dos meus escriptos, onde são muitas vezes caracterizados traços capitaes da marcha do paiz, antecipados os seus factos mais notaveis, os cyclos mais salientes, as crises mais agudas, da nossa evolução.

Posso, por isso, com inteira e segura consciencia, dar testemunho de um facto e fazer uma affirmação de con-

sciencia. Durante o regimen republicano — eis o facto — não foi de falta de moralidade, nem do povo, nem, em geral, dos servidores da coisa publica, que vieram os males da nossa vida. A causa dos nossos males vem da des-organização geral do paiz e da incompetencia dos seus governantes e dirigentes para o estudo e solução de seus problemas.

A moralidade que tem faltado á nossa existencia não é tanto essa que se poderia chamar *moralidade privada* na coisa publica, e que consiste em ter, ou parecer ter, no exercicio das funcções de governo, as virtudes individuaes communs, e em cujo terreno, com fundamento em certo numero de casos, mais numerosos de tempos para cá — se alimentam o vicio da critica ociosa e o prazer da dif-famação, que são as expressões usuaes da energia e da reacção patriotica, dados pelos nossos dirigentes, ao gosto da opinião brasileira: *está na falta de alta moralidade e do alto criterio*, que devem ser postos em pratica na vida publica — a moralidade e o criterio que inspiram o zelo pelo estudo, pela reflexão, pela coragem e pela prudencia, a lealdade e a rectidão, no culto das idéas, a fidelidade ao dever e aos ideaes, a probidade relativa á aspiração e exercicios das posições, a applicação consciante e reflectida do espirito e da vontade a soluções e programmas maduramente concebidos, a acceitação plena e franca das responsabilidades, a justiça aos actos e aos homens, pelo exame sincero e cuidadoso, e não por sympathias de escola ou de inclinação social de qualquer especie: — está na falta desta moralidade a origem dos nossos males...

Desta moralidade e deste criterio, que não são communs na Historia dos outros povos, nós carecemos como nenhum outro — cada dia, com maior urgencia. Este paiz ha muito que não devêra estar parado, como se acha — aos embates das suas crises internas, causa principal, remota e profunda, da sua anarchia, e *dos accidentes de po-*

litica, que os interesses e as paixões impulsivas transformam em problemas.

De que se lhe faltam os proprios elementos germinaes da nacionalidade — coisa que venho dizendo desde 1888 — se ha alguma que o duvide ainda, olhando para os factos da nossa vida quotidiana, de um flagrante, nestes ultimos tempos, capaz de dar vista ás pedras — e lendo as folhas diarias, é que então, não ha remedio possivel, para a cegueira de dirigentes... que não vêm a trave no olho da nação. Que a formação dessa unidade e dessa homogeneidade embryonaria é imprescindivel, e pode e deve ser feita por acção politica — como foi realizada sempre, em todo o decurso da Historia, e está sendo realizada, hoje, por todas as nações cultas — é conclusão que parece mais que tempo para se ter fixado no espirito dos que governam, com a simples contemplação das coisas e dos factos, que, como factos e coisas que são, pedem, exigem, impõem, o remedio de outros factos e de outras coisas, e não de palavras e gestos de declamação ou de suggestão, de conselhos de accessos de excitação nevrotica, ou de delirio passional...

Para os proprios *theoricos* da colonização, que pregam ainda hoje, ignorando as leis do desenvolvimento das populações, e fazendo *tabula rasa* da demonstração do desazodesse meio de progredimento nacional, dada pela decadencia physica e mental da maioria da nossa população, nas gerações dos descendentes dos colonos, e pela esterilização e quasi abandono de vastissimas regiões do paiz, exploradas por espaço, talvez, de menos de dois seculos, mostrando, assim, com a falsidade da doutrina de que o simples convivio e vizinhança com os colonos recémvindos tem influencia educativa sobre os nacionaes, que a colonização, simples “processo” de penetração e de exploração, destruindo as condições biologicas da vida natural, não constrói a da vida social, — ha duas idéas que não podem

deixar de ser recebidas, mesmo pondo de parte a necessidade, o dever e o ideal, de constituir a nacionalidade com o embryão dos elementos das nossas raças, — sem quebra do mais elementar dos impulsos patrioticos: o dever de dar ás grandes populações nacionaes, em estado selvagem ou barbaro por toda extensão do territorio — desde que se sae, em geral, do perimetro das cidades — as condições de vida que se dão aos immigrants installados em colonias, bem como elementos e possibilidades de acção eguaes aos de que estes dispõem, pela educação e pela experiencia adquirida no paiz natal, e frequentes vezes, por outras causas, decorrentes das suas relações, no estrangeiro ou com os compatricios; e a necessidade de legislar sobre a conservação das riquezas territoriaes, dos elementos e das condições naturaes de vida, que a colonização tem desbaratado, com uma inconsciencia só comparavel á acção destruidora de animaes roedores, organizando o poder publico, em geral, de modo a poder executar as medidas de conservação dessas riquezas e de regulação da sua *producção*.

E' com relação ao vicio primordial da nossa actividade nacional que se me impõe fazer a declaração de consciencia a que alludi. Sou um homem publico; occupei, em meu paiz — por escolha espontanea dos meus concidadãos e dos meus chefes, e com surpresa minha, quasi sempre — as mais altas posições; entendi, em todas essas posições, dever expôr á publicidade a mais ampla, os criterios e normas da minha conducta politica. Tanto basta para pôr a salvo da pécha de pretensão, de audacia, ou de imperitencia, a attitude que assumo, já muito para além da idade, da experiencia e da tarefa, em que outros pleitêam e alcançam — sem palavra de programma, ou de orientação — posições de chefia. Buscando a publicidade, solicitando a discussão, não usando, pelas minhas idéas, hoje, como aliás, em toda a minha carreira, do menor elemento

de força, nem do mais ligeiro ardil de astucia ou de suggestão — posso dizer que tomo posição, na sociedade brasileira, na ultima linha dos simples cidadãos e usando o mais commum dos seus direitos. Aqui vae, pois, a minha affirmação de consciencia.

Durante todo o longo decurso da minha carreira politica — affirmo-o sem receio da mais completa analyse e da mais ampla discussão — estou certo de que não se encontram nos meus actos, nas minhas palavras e nas minhas abstenções, nenhuma responsabilidade pelas causas da ruina das finanças publicas, da desordem, dos erros e da anarchia da politica e da administração, do nosso miseravel estado de pobreza economica — só disfarçada, nos centros onde se fazem negocios, pelos abusos da “exploração”, que se tomam por progresso e enriquecimento nacional — como, pelo contrario, posso apontar em meu passado, com relação a cada um dos artigos de accusação contra o regimen e contra os seus homens, palavras e actos de advertencia, de protesto e de reacção, innumeradas iniciativas de providencia, de esclarecimento e de correcção, contra lacunas, desvios, abandonos e descuidos, relativos a objectos vitaes da nossa constituição e do nosso desenvolvimento.

Esta affirmação tem duas utilidades praticas, de alto interesse. Será a primeira, a de servir de protesto contra a campanha de descredito e de diffamação, que, envolvendo a nossa raça e a nossa nacionalidade, se dirige mais particularmente, numa acção a que não é difficil descobrir as fontes e perceber os fins, contra a Republica e contra as instituições democraticas. Ha na vida da Republica muita coisa a salvar da enxurrada de desmoralização, que se está avolumando, entre nós, a titulo de moralizar.

Servirá a segunda para destacar um traço, não pouco curioso, da psychologia desta época. A nossa sociedade está dividida em varios grupos de moralizadores e regenera-

dores. Ha um grupo — o mais numeroso e mais activo — para o qual tudo, no Brasil, está perdido: não se salva, deste paiz, senão o passado; e, conforme o aspecto com que, no momento, se apresentam as coisas á apreciação, sobrevivem, immunes da fallencia moral e intellectual, conforme as preferencias e sympathias domesticas ou de escola, taes ou quaes nomes de politicos da Monarchia, ou apenas o de D. Pedro II — factor de toda a moralidade, de todo o criterio, e de toda a ordem de que gozamos. Os outros grupos são absolutamente dominados por preocupações de escola, de doutrina, de solidariedades ou de sympathias pessoasas. Não ha justiça, não ha acerto, não ha salvação, fóra de seus lemmas e de seus homens. O unico ponto real de convergencia, entre os espiritos — “dissimulado nesse vago assentimento a principio geraes, emquanto se contêm em estado especulativo”, tão bem caracterizado por Augusto Comte, é a posição de aggressão, de critica, de apoio, de invectiva, de censura, acre e virulenta, contra tudo e contra todos, — contra as massas, contra as classes, contra os individuos, e, afinal, de ordinario, contra o povo...

Posto em contraste com o objectivo de moralização e de regeneração, este pendor por atacar — salvo, bem entendido, os que estão no poder, e os que para elle vae levando a fortuna — destaca, em toda a nudez de sua desoladora melancolia — o grande mal, o maior mal da nossa época: a ausencia completa, nos que dirigem pela palavra e pela acção, dessa moral e desse criterio a que acima alludi — moral e criterio que conduzem os que cultivam a fazer aos outros a critica da Justiça, em logar da critica da férula, — e a não esperar do povo, dos dirigidos, dos incapazes, virtudes e talentos, que não exhibem os que a sociedade cumula de privilegios.

Regenerar, pela punição dos defeitos, com esquecimento

dos meritos, importa, da parte dos pedagogos espontaneos, a mais singular comprehensão da Justiça...

O maior mal da nossa época, escrevi eu, ha mezes, a um notavel homem de letras, não está nas miserias da immoralidade commum: está na baixeza da moral dominante. Todo o nosso mal é um mal de direcção.

Estão dadas aos meus patricios de hoje, ou aos do futuro, as explicações que entendi opportuno trazer a publico. Em minha casa, os que se interessarem pelos meus trabalhos, encontrar-me-ão sempre ás suas ordens”.

*
* *
*

Sobre a orientação politica de Alberto Torres, transcrevemos o que a respeito escreveu Clovis Bevilacqua: — “O Dr. Alberto Torres tomou a si, a tarefa ardua e nobre de lançar os fundamentos de uma vasta organização politica, abrangendo a nossa patria e o mundo culto. Tendo-se informado de todas as correntes modernas do pensamento, por nenhuma se deixou subordinar. Apenas colheu o seu bem, onde o encontrou, assimilando idéas, que satisfizessem ás tendencias do seu espirito. Com esses elementos, e com o estudo, quer da historia geral, quer dos factos sociaes, que se desdobravam diante dos olhos, adquiriu vistas proprias, indica soluções novas para os problemas politicos, e, revelando uma elasticidade mental, onde se sentem, ainda, reservas consideraveis, affirma a distincta originalidade da sua intelligencia. Afastados, a um tempo, da systematização da politica positiva, segundo Comte, e das estreitezas da politica experimental de *Leon Donnat*, cabe, aos seus estudos e propostas o nome de politica racional, porque a razão apoiada na observação historica e individual, nos depoimentos da sciencia e da tradição, é o instrumento das suas investigações e a expressão dos resul-

tados obtidos. Não se restringem esses estudos aos puros domínios da philosophia politica. Demoram-se, de preferencia, nos campos de applicação. Não é menos certo, porém, que a razão lhe serve de alavanca e pedra de toque. Collocando-se em outro ponto de vista, o autor preferiu denominar o conjunto de seus estudos — *politica organica*. Teve em vista o objectivo de seus esforços. Ao processo, porém, para attingir a esse alvo cabe o epitheto de racional. Na introducção ao *Problema Nacional Brasileiro*, o autor nos previne sobre quaes sejam a attitude do seu espirito e o alvo dos seus esforços. “Estudos desordenados me tinham feito entrevêr a tremenda confusão das idéas em nossa época. Insubmisso ao despotismo mental da autoridade, formar consciencia propria sobre os problemas que me interessavam como homem e como brasileiro, foi a ardente aspiração que me dominou; e, abandonando systemas, categorias e divisões de conhecimentos; despreocupado de ser philosopho, sociologo, economista, ou cultor de qualquer outra sciencia, abri caminho ás minhas pesquisas politicas e sociaes, tomando por guias os primeiros ideaes da minha vida e a ambição de cooperar praticamente por sua realização através de sciencias e de systemas, mas, principalmente, através das realidades e dos factos, á proporção que as interrogações se iam formulando em meu espirito. Esclarecendo a intelligencia, e resolvendo as duvidas, eu ia chegando, assim, a formar juizo meu e a educar o criterio, para solver com os dados correntes da vida os problemas da pratica... Formar consciencia não significava, para mim, encher a memoria com alguns milhares de milhões de conceitos e verdades, em circulação nas sciencias, nas letras e na politica; não significava, tambem, atar o discernimento ao poste de um systema; mas, ao em vez de atopetar o espirito com formulas e normas, dilatal-o e abril-o, largamente, á franca illuminação da percepção da analyse e da synthese”.

Estas palavras caracterizam bem o methodo adoptado no exame das questões, que o autor enfrentou, nos livros, que provocam esta noticia. Mais ainda do que sobre operações logicas, ellas nos instruem sobre a organização mental do autor”.

As idéas de todos os trabalhos de Alberto Torres convergem para uma conclusão final, que deve representar, como conquista do progresso contemporaneo, um principio juridico da Humanidade culta; é a sua doutrina geral:

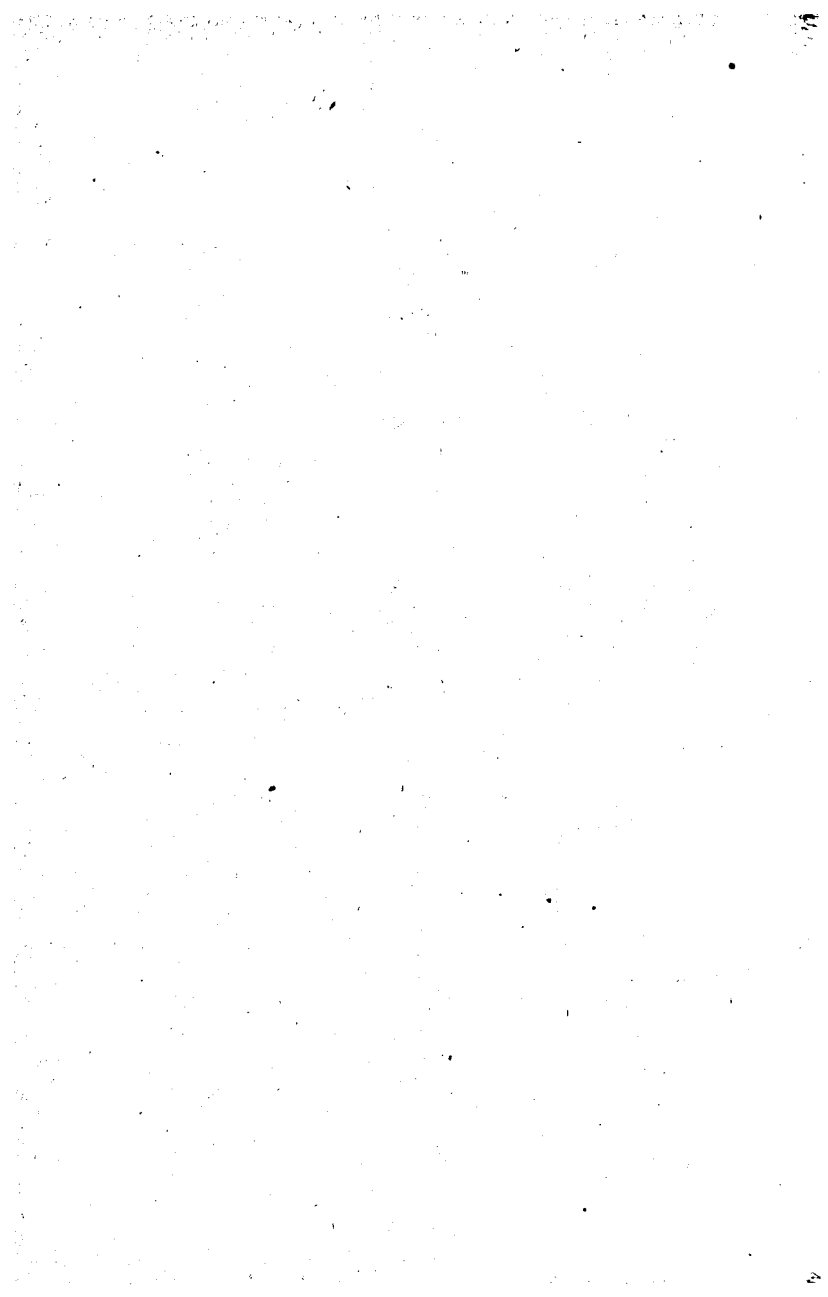
“A civilização tem o dever de conservar as riquezas inexploradas da Terra, reservas destinadas ás gerações futuras, e de defender as que estão em producção, contra a exploração imprevidente, assim como o de proteger todas as raças e nacionalidades contra as fórmulas de concorrência que possam importar ameaça a seus interesses vitaes, bem como á segurança, propriedade e prosperidade de suas descendências”.

Significativo é o juizo do Snr. Agrippino Grieco (1).

“Muito tempo acreditei eu que Alberto Torres fosse apenas o cartographo do Paiz da Utopia, esse Reino dos Céos dos democratas atheus. Mas, lendo-lhe melhor alguns volumes e percorrendo as valiosas syntheses de seus discipulos Alcides Gentil, Saboia Lima e Carlos Pontes, encontrei nelle o gosto do Brasil, um patriotismo nunca inintelligente, a lucida comprehensão dos nossos dramas collectivos, a vontade de resolver honestamente todas as equações sociaes e politicas em que se interpolam as qualidades essenciaes da raça. Nunca elle attraçou o seu bello e nobre idealismo e um pouco de ironia, de paradoxo mais vivo o torna ainda, como nos serões de Copacabana ou Laranjeiras em que Torres fazia a delicia dos seus intimos, encantando-os com aquella palestra lucidamente vertiginosa que Farias Brito comparou a um “banho de es-

(1) Evolução da Prosa Brasileira, pg. 313.

trellas". Sente-se-lhe o dom de ver tudo sob um aspecto de universalidade. Bem poderia ser elle um estadista constructor se os homens da sua estirpe não fossem logo rotulados de ideologos. Esse partidario do attricto das idéas, fustigado e animado pela contradicta, e, mais que um analysta, um imaginativo, um homem apaixonado, não tinha soffreguidão de persuadir e era avesso ás mordanças e ás compressões de qualquer genero. Mas, possuindo a autoridade da cultura, foi uma especie de legislador secreto do seu tempo, do numero daquelles que só são obedecidos posthumamente. Sem se disfarçar com a maquilhagem de Herder, Guyau ou qualquer outro, o brasileiro singularissimo, que tantos moços corriam a ouvir como a um mestre socratico, disse coisas perfeitamente actuaes, e mais actuaes ainda hoje que na sua época. Sabendo que conhecer as criaturas vivas vale mais que folhear todos os textos mortos, fez-se elle o clinico de muitas molestias sociaes que nos affligem e, na auscultação da nossa miseria, nada lhe escapou dos pormenores politicos ou economicos, nacionaes ou internacionaes. Bom psychologo moral e racial, Alberto Torres reinará ainda longo tempo em intelligencias não vulgares".



CAPITULO III

“VERS LA PAIX”

A publicação, em 1909, do “*Vers la Paix*”, attraheu para o seu autor a atenção do mundo culto. Mereceu applausos de grandes internacionalistas, como De Martius e Basset Moore, e o Sr. Oliveira Lima, declarou, numa conferencia publicada na Revista do Brasil, que ouviu um professor da Universidade de Harvard declarar que considerava Alberto Torres “como um dos maiores espiritos de que tinha conhecimento”.

No “*Vers la Paix*” trata do estabelecimento da paz geral e da organização da ordem internacional. “Fruto de um velho sonho, nascido na nossa alma pelo amor da liberdade e da civilização, guia supremo da nossa vida publica, este pequeno livro exprime um voto de esperança para o termo do ideal que domina os espiritos na éra do progresso onde nós transpomos o portal”.

São de palpitante oportunidade os trabalhos pacifistas de Alberto Torres, que deviam ter grande divulgação.

Como foi possível a guerra mundial? Deve haver divergencias sobre algumas das suas causas profundas, como a connexão da guerra com a estrutura do actual systema social, a parte desempenhada pelos conflictos de nacionalidade, as causas immediatas da presente guerra. Mas não

póde haver duvidas sobre algumas das suas causas geraes. A falta de respeito pela liberdade e pela egualdade de direitos de nacionalidade, alimentou a tendencia para a aggressão e levantou as paixões populares. A provocação de uma imprensa sensacional e sem consciencia, mantida pelos que tinham interesses nos armamentos, envenenou as relações dos povos do mundo, a despeito do geral desejo de paz. A politica de expansão, associada a tendencias imperialistas, a feroz concorrência para conquistar mercados e colonias criou perigosos antagonismos. A despeito dos progressos do Direito Internacional, temos vivido em uma anarchia internacional. O progressivo augmento de armamentos, longe de garantir a paz, engendrou uma atmospheria de desconfiança e hostilidade, e criou o desejo de usar estes armamentos para o fim de esmagar e destruir a prosperidade dos rivaes commerciaes. A crença na inevitabilidade da guerra impediu uma obra constructiva para a paz. O systema politico da Europa, dominado pela idéa da Balança de Poderes, longe de ser uma segurança para a paz, intensificou antagonismos e tornou cada conflicto local em um perigo para a paz do mundo. Debaixo do véo da diplomacia e dos tratados secretos, a tensão foi augmentando até tornar-se intoleravel.

Como diz Alberto Torres, “todo ensaio sério da paz deve ser precedido pela solução radical e completa dos conflictos, desavenças e causas de divergencias existentes entre as potencias”.

E’ preciso tambem criar o “espirito internacional”, de que nos fala o prof. Butler, da Universidade de Columbia, para conceber o interesse do seu paiz em função do bem universal, “uma concepção internacional das coisas, que absolutamente não exclue um patriotismo ardente e sincero. E’ necessario que se desenvolva este espirito internacional entre os individuos, orientados no sentido da concordia entre povos. O que é preciso não é sómente codificar

o direito internacional, mas preparar os espiritos no sentido da justiça internacional. Porque, como disse Ibsen, — não ha revolução efficaz senão a revolução que se opera nas almas. E' preciso varrer dos espiritos muitos preconceitos sobre a guerra, como a absurda divisa do — *si vis pacem para bellum*. E' um facto physiologico de que todo o orgão que precisa exercer-se, tem como lei o exercer-se, e que sómente a existencia de uma poderosa organização militar é uma ameaça de guerra. Os factos actuaes vêm mais uma vez justificar este conceito, comprovado por toda a historia, de que todos os grandes preparativos de guerra levam sempre á guerra. "A paz armada, diz Alberto Torres, resulta do preconceito da fatalidade da guerra e do temor da sua possibilidade". Para Alberto Torres, as duas conferencias de Haya falliram justamente pelo erro de quererem estabelecer a paz e organizar seu systema permanente antes de proceder á liquidação do estado de paz armada, de criar um novo direito sem desembaraçar o passado dos conflictos, desavenças e outras causas de rivalidade que estorvam o caminho; de querer construir sobre ruinas que embaraçam não sómente a construcção, mas tambem o desenho e a preparação da obra nova. As nações separadas por causas politicas, não se harmonizam em homenagem aos conflictos. Depois de profundo estudo sobre as causas das guerras e sobre o estabelecimento da paz, conclue a primeira parte do *Vers la Paix*, com um projecto de reunião internacional, que por ser de immenso valor e actualidade, e por estar exgotada a edição do *Vers la Paix*, transcrevo na integra.

PROJECTS

Article 1. Dans le but d'établir la paix générale, de connaître des conflicts soulevés entre les puissances et leurs legitimes aspirations, fondées sur les justes intérêts

de la civilisation; d'organiser le régime de jugement des litiges entre les nations, en décrétant le désarmement et en créant la justice internationale, sera réunie une conférence de représentants de tous les pays civilisés.

Article 2. La conférence aura les attributions suivantes :

I. Juger les questions soulevées entre les nations, du point de vue du droit, de l'équité, des raisonnables intérêts de chaque pays et de l'intérêt de la civilisation.

II. Prendre connaissance des aspirations des puissances, fondées sur l'intérêt de la civilisation et du progrès humain.

III. Etablir la paix générale, par le désarmement de toutes les puissances, en réservant à chaque pays la force militaire suffisante pour maintenir l'ordre intérieur et dans ses colonies.

IV. Organiser la justice internationale et en régler la procédure. La Cour Internationale de Justice jugera les litiges d'après les principes du Droit des Gents, jusqu'à ce que la jurisprudence ait fixé un corps de règles assez précises pour être consolidées en un code.

V. Créer, par des contributions de toutes les puissances, proportionnées à leurs revenus, un fonds destiné à faire les frais des compensations, indemnités et concessions décrétées dans le jugement des litiges et des réclamations.

Ce fonds peut être augmenté par des contributions privées.

VI. Organiser, à la même place où siègera la Cour Internationale de Justice, les forces militaires de terre et de mer destinées à garantir l'ordre international, la stabilité de la paix et les intérêts supérieures de l'humanité et de la civilisation, ainsi que le bureau d'administration de ces forces.

L'armée et la marine internationales seront composées de façon à éviter la prépondérance des nationaux de chaque pays partout où leur influence pourrait mettre en danger les intérêts de l'ordre international.

VII. Prendre des mesures pour la colonisation des régions inhabitées ou mal peuplées et pour y établir le surplus de population des pays excessivement peuplés.

VIII. Adopter des mesures pour améliorer le sort des classes prolétaires, par le développement de leur sûreté et de leur bien-être, en mettant d'accord les lois de protection afin d'éviter les désavantages économiques résultant de la différence des législations.

Article 3. Les délégués à la Conférence seront acredités en qualité d'ambassadeurs et auront pleins pouvoirs pour souscrire un compromis dans lequel ils s'engageront, au nom des puissances représentées, à participer aux travaux de la conférence jusqu'à la signature du traité final, à en accepter les délibérations et à en assurer l'exécution.

§ 1. La rupture de l'engagement sera tenue pour *casus belli* par toutes les autres puissances.

§ 2. L'assentiment des puissances sera préalablement obtenu au moyen de négociations diplomatiques sur les bases des décrets et des décisions de la Conférence.

Article 4. Les questions soumises à la Conférence seront décidées en une seule instance par des commissions constituées d'après le projet d'organisation des jugements de la Cour Internationale de Justice.

Article 6. Les questions territoriales seront décidées sur les bases suivantes :

I. Plébiscite des habitants du territoire en litige, par le vote de tous les individus majeurs du sexe masculin, sachant lire et écrire.

II. Examen des titres et documents des puissances plaidantes.

III. E'tude de la convenance du jugement du point de vue de la situation topographique e des rapports d'ordre politique, social et commercial entre le territoire contesté et les pays plaidants.

IV. Examen de la convenance de la decision du point de vue des intérêts de la civilisation, de l'humanité et de la meilleure exploitation du territoire en litige.

§ 1. Le pouvoir des commissions sera illimité, sauf le respect du aux engagements tenus en des négociations diplomatiques. Donc, ni le droit le plus clair et le plus sûr ne les privera de juger contre la partie que en sera titulaire, lorsque d'autres conditions que celles énumérées dans cet article recommanderont une outré solution, ni les jugements assis sur les raisons les plus droites n'excluront la concession d'indemnités à la partie déchuée, quand cette concession sera basées sur des raisonnables convenances et recommandée par l'intérêt de l'ordre international, de la paix ou de la civilisation.

§ 2. Il n'y aura pas lieu à l'indemnité lorsque la solution sera fondée sur l'ensemble des conditions des trois premiers numéros de cet article.

§ 3. Il est encore du ressort des juges de prendre connaissance de l'état des habitantes du territoire contesté, après le jugement des conflits, et de decreter, aux dépens de la nation favorisée ou par le fonds international, des indemnités pour la transférence de domicile de ceux qui voudront abandonner le territoire, ainsi que pour l'expropriation de leurs biens et réparation des pertes et dommages résultant du déménagement.

En tout cas, le droit de garder la nationalité d'origine est garanti aux habitants du territoire.

§ 4. Les compensations territoriales pourront être faites aux dépens d'une tierce puissance, moyennant son consentement, celui des habitants du territoire cédé et des indemnités à la puissance qui en fera cession et à ceux-ci.

Article 7. Tant que fonctionnera la Conférence, les difficultés émergeantes entre les puissances seront soumises à sa décision.

Article 8. Le traité final de paix imposera aux puissances le devoir de respecter les droits acquis par les officiers de leurs armées et marines et par les fonctionnaires des administrations militaires, en leur assurant, pour la vie, tant qu'ils ne seront pas employés en d'autres services, les honneurs et les profits dont ils jouissaient au cours de leurs carrières.

A idéa de Alberto Torres, da organização da ordem internacional, não é nova. Foi mesmo assumpto de uma proposta feita ás potencias por Napoleão III. O que dá originalidade ao trabalho do pensador brasileiro é o caracter pratico das soluções propostas, a ligação do problema da paz a outros que impedem a solução e o conjunto das medidas preparatorias e complementares do regimen da ordem internacional. O methodo do trabalho de Alberto Torres, já foi empregado para solução parcial dos conflictos internacionaes. A conferencia de Algeiras, como anteriormente a paz de Westphalia, o tratado de Utrecht e o congresso de Berlim, collocaram o problema da ordem internacional sobre o terreno das transacções diplomaticas.

A segunda parte do *Vers la Paix*, é um projecto da organização da Côte Internacional de Justiça, precedido de longa justificação, que tem por fim suggerir um esboço do futuro tribunal para substituir os projectos submettidos á segunda conferencia de Haya e responder ás objecções que lhe foram oppostas.

O debate travado na segunda Conferencia collocou em face um do outro, o principio da egualdade juridica dos Estados, reclamado pelas pequenas potencias, e a pretensão de supremacia na composição do Tribunal, pleiteada pelas grandes potencias, e consagrada no projecto das delegações da Allemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Esse projecto classificava as potencias em diversas categorias, segundo o gráo de sua força militar, e a representação no Tribunal era desigual. As pequenas potencias, pela voz de

Ruy Barbosa, reclamavam a egualdade juridica dos Estados, base do direito das gentes.

“As duas idéas eram, diz Alberto Torres, egualmente inaceitaveis: expressão franca da supremacia da força, a primeira era a violação do principio fundamental do Direito Internacional, de sua essencia, de sua alma; rigorosamente juridica, indiscutivel na apparencia, a outra continha uma offensa aos interesses da justiça, da ordem e da paz, por causa da preponderancia, em numero, das pequenas potencias sobre uma minoria que representava, não sómente a força material, mas tambem uma civilização e uma cultura mais elevadas. Nem uma, nem outra das duas combinações era de natureza a garantir a imparcialidade que deve caracterizar a instituição sobre a qual repousa a esperança da paz e da fraternidade humana”. O problema a resolver era de conciliar os dous principios em litigio, isto é, de organizar a cõrte obedecendo ao principio da egualdade juridica dos Estados, sem preponderancia seja de força militar, seja do numero.

A representação de todas as potencias em egualdade de direito se impõe como base de todo o systema; mas, como não é possivel fazer participar todos os delegados nos julgamentos, a solução deve ser procurada n'uma combinação de *comités* de juizes, que, fazendo intervir, em identidade de posição, todos os membros da cõrte, evitaria toda sorte de supremacia. Alberto Torres formulou o seguinte projecto, em que procurou conciliar as duas doutrinas.

PROJECTS

Article I. Les puissances adhérentes à la convention pour l'établissement de la Cour Internationale de Justice seront classés en trois catégories d'après les respectifs pouvoirs militaires.

§ 1. Chaque puissance nommera un délégué à la Cour et son suppléant.

§ 2. La Cour Internationale de Justice sera administrée par un bureau, composé d'un président, quatre secrétaires et un procureur de la justice internationale, choisis parmi les délégués des puissances qui, par leur situation politique, seront moins exposées à des conflits internationaux.

Art. 2. Les jugements seront rendus de la manière suivante :

I. Lorsque les puissances plaidantes appartiendront à la même catégorie, le litige sera décidé par les délégués de cette catégorie, avec exclusion des représentants des puissances en cause.

II. Si le litige est entre deux puissances de catégories diverses, la commission chargée du jugement sera composée d'un membre de la troisième.

III. Les causes entre trois ou plus de trois puissances, appartenant aux trois catégories, seront jugées par une commission de juges pris en nombre égal dans les trois catégories, lorsque les droits réclames par les parties plaidantes seront distincts.

IV. Dans les cas où deux, ou plus de deux puissances, d'une même catégorie réclameront le même droit, contre une autre puissance ou plus d'une puissance avec des prétentions différents, la commission de jugement sera composée d'un seul groupe de délégués de la catégorie des premiers et d'un groupe de la catégorie de la partie adverse, si elle consiste en une seule puissance, ou de deux groupes des deux autres catégories différentes en opposition.

V. Lorsque les puissances qui plaident le même droit appartiendront à des catégories différentes, il y aura, pour chacune de celles qui réclameront des droits différents un groupe de juges de sa catégorie, jusqu'au nombre de trois

et l'on composera le groupe correspondant aux puissances d'intérêts identiques d'un nombre de juges égal à celui des autres, pris, en nombre égal, dans leurs catégories.

Paragraphe unique. Du groupe ou des groupes correspondants à des puissances d'intérêts divers seront diminuées autant de membres que ceux de leurs catégories rentrant dans la composition du groupe des puissances d'intérêts identiques.

*

* *

Pelos debates travados em Haya, resultou que as condições primordiais d'uma solução conciliadora seriam: a redução do numero de juizes, para evitar de dar á côrte o aspecto de assembléa; o equilibrio dos interesses das diferentes categorias; a conservação do principios da egualdade dos estados; o caracter de permanencia do tribunal. Todas estas condições são realizadas no projecto de Alberto Torres. A attenção dada á força militar das potencias provém do estado de coisas do presente, não tem nenhuma significação, não sendo sua classificação segundo o seu poder militar que o meio de chegar ao equilibrio das potencias.

A solução apresentada por Alberto Torres é hoje antevista pelos estadistas como de proxima realização. Assim, em Maio de 1916 a Camara dos Representantes dos Estados Unidos autorizava o presidente Wilson a convidar as nações do mundo a estabelecer, uma vez terminada a guerra, um congresso internacional com poderes supremos para resolver pacificamente todos os conflictos que se derem entre dois ou mais paizes. Foi fundada nos Estados Unidos uma Liga para estabelecer e manter a paz depois da guerra (*The league to enforce peace*), cujo programma que muito se aproxima do de Alberto Torres, é o seguinte: —

We believe it to be desirable for the United States to join a league of nations binding the signatories to the following.

First: All justiciable questions arising between the signatory Powers, not settled by negotiation, shall, subject to the limitations of treaties, be submitted to a judicial tribunal for hearing and judgment, both upon the merits and upon any issue as to its jurisdiction of the question.

Second: All other questions arising between the signatories, and not settled by negotiation shall be submitted to a council of conciliation for hearing, consideration and recommendation.

Third: The Powers shall jointly use forthwith both their economic and military forces against any one of their number that goes to war, or commits acts of hostility, against another of the signatories before any question arising shall be submitted as provided in the foregoing.

Fourth: Conferences between the signatory Powers shall be held from time to time to formulate and codify rules of international law, which, unless some signatory shall signify its dissent within a stated period, shall the reafter govern in the decisions of the Judicial Tribunal mentioned in article one.

Esta liga conta nos Estados Unidos com o apoio das personalidades mais eminentes, como Woodrow Wilson, Hughes, Root, Talf e foi acolhida com entusiasmo pelos dirigentes das potencias em luca. E Alberto Torres, pouco tempo antes de seu passamento, recebeu um convite da directoria da Liga, para ser o seu representante no Brasil.

Como bem disse, em notavel discurso, o deputado Josino de Araujo: — “E agora, neste momento triste, nesta quadra que atravessa o mundo, purpureado pelo sangue da guerra, o nome de Alberto Torres principalmente, deve avultar pelo brilho dos seus estudos, pela soluçao fulgente

por elle dada no seu livro "Vers la Paix", onde cogitou justamente do problema da paz geral e da ordem internacional dos povos, apresentando uma solução que os estadistas de hoje já antevem como possível de realização proxima.

De facto, si o excesso do mal é o remedio do proprio mal, si a lei physica e ao mesmo tempo social e politica de que a acção está em relação á reacção, é uma verdade, podemos antever, que, após estes dias tenebrosos, em que o desvario sanguinario empolga os maiores espiritos do seculo, ha de surgir talvez um rosicler de aurora e de esperança, mostrando a paz e a ordem como garantias, no futuro, do progresso da humanidade.

Nesse dia, a solução de Alberto Torres ha de se impôr, criando a organização internacional que delineou para tolher os excessos dos fortes e garantir a liberdade dos fracos.

Nesse dia, o Brasil ha de ter a gloria de relembrar que foi um de seus filhos que teve essa inspiração sublime, realidade talvez, quem sabe, de amanhã. Nessa alvorada reconfortante que como que já lobrigamos, o nosso orgulho ha de apontar Alberto Torres, conforme disse o nobre orador que me precedeu, como o guieiro dos nossos destinos e dos destinos da humanidade".

Que a solução apresentada por Alberto Torres merece ampla divulgação, vemos pelos debates sobre a paz. Em Janeiro de 1917, dizia Wilson, no Senado, que "nenhuma paz poderá nem deverá durar que não reconheça e acceite, o principio de que os governos derivam todos os seus justos poderes, do consentimento dos governados, e que não existe em parte nenhuma o direito de passar nações de uma soberania para outra como se constituissem propriedade.

"Eu proponho que as nações, por assim dizer, adoptem a doutrina do Presidente Monroe como a doutrina do

mundo; que nenhuma nação procure estender a sua politica sobre outra nação ou povo, mas que todos os povos fiquem livres para determinarem a sua propria politica, a sua propria maneira de evoluir sem peias, sem ameaças, sem temores, os pequenos juntamente com os grandes e poderosos.

Proponho que todas as nações daqui em diante evitem allianças emmaranhadas capazes de arrastar para rivalidades de poder, apanhal-as em uma rêde de intriga e competencia egoista, e perturbar os seus proprios negocios com influencias intrusas. Não ha alliança em um concerto de poder. Quasi todas se combinam para agir no mesmo sentido e com o mesmo proposito todas agem no interesse commum e são livres para viverem as suas proprias vidas sob a protecção commum.

Proponho um governo pelo concenso dos governados; essa liberdade dos mares que em conferencia após conferencia internacional, representantes dos Estados Unidos tem advogado com a eloquencia dos que são os discipulos convencidos da liberdade; e aquella moderação dos armamentos que faz dos exercitos e esquadras um poder destinado unicamente a manter a ordem e não um instrumento de aggressão ou violencia egoista. E os caminhos do mar têm de ser livres tanto de direito como de facto. A liberdade dos mares é a condição *sine qua non* da paz, da igualdade e da cooperação. E' um problema intimamente ligado ao da limitação das esquadras e da cooperação das forças navaes do mundo em manter os mares ao mesmo tempo livres e seguros. E a questão de limitar os armamentos navaes abre a questão mais lata e quiçá mais difficil da limitação dos exercitos e de todos os programas de preparo militar.

Não pôde haver sentimento de segurança e igualdade entre as nações si continuar aqui ou acolá a construcção e manutenção de grandes e preponderantes esquadras”.

Méros accordos não são sufficientes para garantir a paz. Será absolutamente necessaria a criação de uma força garantidora da permanencia do ajuste que tanto exceda a força de qualquer nação empenhada no conflicto ou qualquer alliança até aqui formada ou projectada que nenhuma nação, nenhuma combinação possivel de nações a poderá encarar ou resistir. Si a paz que se vae fazer deve perdurar, deve ser uma paz garantida pela maioria da força organizada da humanidade”.

Aliás, não pode haver duas impressões sobre a realização da paz entre os belligerantes que, no mundo inteiro, ora se degladiam. Ella parece estar proxima e será seguida por uma organização internacional que tornará virtualmente impossivel a repetição de semelhante catastrophe. Esta ancia geral pela paz permanente foi expressa por Wilson, quando declarou, em discurso feito em 14 de Fevereiro de 1918, que “crêmos que o desejo que temos, de uma nova ordem internacional, presidida pela razão, pela justiça, pelos interesses communs da Humanidade, é o desejo que está no coração dos homens esclárecidos de todos os logares do mundo. Sem que essa nova ordem fosse estabelecida, o mundo estaria sem paz e faltariam ao homem condições toleraveis para a sua existencia e seu desenvolvimento. Uma vez que lançamos mãos a obra para a consummação dessa ordem internacional, não voltaremos atrás do nosso intento”.

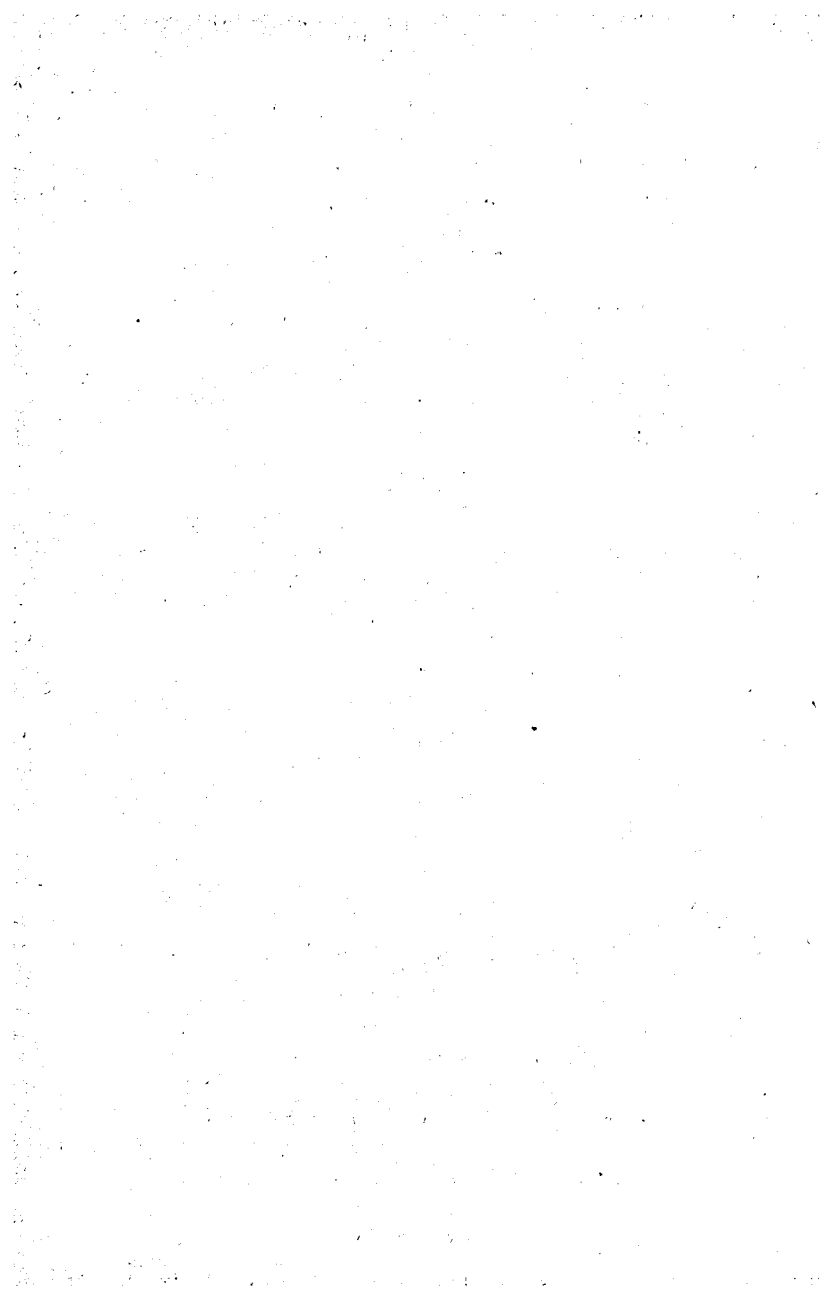
E as condições necessarias para a paz foram ditadas por Wilson: “O programma da paz no mundo é o nosso proprio programma, e é o seguinte:

1.º — Francos e claros tratados de paz, francamente negociados, após os quaes não haverá entendimentos internacionaes privados de nenhuma especie, agindo d’ahi por diante, sempre, a diplomacia ás claras e aos olhos de todos.

2.º — Absoluta liberdade de navegação dos mares, fóra das aguas territoriaes, tanto em tempo de paz como em tempo de guerra, salvo quando os mares forem fechados inteira ou parcialmente, por acto internacional, em obediencia a tratados internacionaes.

3.º — Remoção, até onde seja possível, de todas as barreiras economicas e estabelecimento de uma egualdade de condições commerciaes entre todas as nações que consintam na paz e se associem para a sua manutenção.

4.º — Garantias adequadas, dadas e recebidas, de que os armamentos de defeza nacional serão reduzidos ao minimo compativel com a segurança interna”.



CAPITULO IV

LE PROBLÈME MONDIAL

Em 1913 Alberto Torres publica — *Le Problème Mondial*, em que mostra toda a profundidade e amplitude do seu espirito, em que desenvolve as suas idéas, coordena factos e apresenta soluções tendentes a fazer a felicidade humana. Este livro era ainda um ensaio; era intenção do autor publicar trabalho mais forte, *Orbis Humanus*, em que estudaria todos os grandes problemas da politica internacional e daria amplidão completa ás suas concepções ácerca do homem e da sociedade. *Le Problème Mondial* é um livro de immensa erudição, original de idéas e illações, é um livro de estudos desinteressado e nobre; é a mais seria e a mais notavel obra sobre a paz. Escripita em francez, o seu estylo é sobrio, elegante, artistico e bello e aborda com profundidade de vistas todos os assumptos que se relacionam á sua these. Consta de capitulos que se vão encadeando para demonstrar os principios pacifistas: o problema humano, a lucta e a vida, a idéa da guerra, o habito banal do nosso espirito, o homem não tem instincto bellicoso; a paz, phenomeno mais social que nacional; a paz, consequencia da evolução; como resolver esses problemas; o patriotismo; as crises sociaes e economicas; os calculos pessoas e o pensamento altruistico; o papel in-

ternacional da America e a doutrina de Monroe; a organização da paz. Em *Le Problème Mondial* baseado em razões historicas e scientificas, em fundamentos sociologicos, livres de influencias sentimentaes demonstra que "a guerra não é um facto de instincto, senão o producto de uma intelligencia social, de uma primeira camada de sentimento e de vontade, irritada e arrastada até á paixão e ao delirio pela incapacidade de resolver".

I. — A GUERRA PHENOMENO SOCIAL

Alberto Torres comprehendeu que a mais forte objecção contra a extincção da guerra é o instincto da lucta e da guerra inherente á natureza humana. Para combater este preconceito empregou o seu principal esforço e após cerrada argumentação, baseado nos dados da sciencia e da philosophia, demonstra que a guerra é um phenomeno social e politico e não biologico; um facto historico, como a escravidão e outros que, após haverem existido por seculos, acabaram por desaparecer.

"A lucta entre os homens é um facto social, não um facto natural... O grande facto tragico da natureza não foi a combatividade: o homem bruto, originario, ainda enolto nas faixas dos habitos ancestraes, foi algo de menos nobre e de menos digno que o selvagem caçador e guerreiro dos povos primitivos: foi um animal voraz e covarde, prompto a lançar mão de toda a vida inerme ao seu alcance, com a mesma indifferença com que nós sacrificamos ao nosso appetite as ostras, a caça e os animaes domesticos; porem medroso, espantado e tremulo perante toda a força superior, toda lucta perigosa, todo o desconhecido e todo o mysterio. Começando a combater gradualmente, primeiro na defensiva, depois por odio, animado pelos primeiros successos, criou na sua estructura moral uma nova função e um fim anormal, sem raiz na sua propria personalidade.

O producto desta nova relação com os outros seres que poderíamos ligar talvez á evolução intermedia do quadrumano frugivoro, habitante dos ramos, ao bipede marchador, comedor de hervas e animalejos. A vida não impõe uma necessidade de lucta, tem apenas uma necessidade de crescimento”.

O principal problema da nossa civilização, diz Alberto Torres, é o de saber se os povos não attingiram ainda o gráo de desenvolvimento em que a lucta physica entre as nações — processo evidentemente anormal da nossa actividade, residuo de velhas paixões e de antigos prejuizos — deve desaparecer para sempre, cedendo o passo ás verdadeiras expansões da natureza humana, destinada a immortalizar-se nas obras fecundas do progresso e da paz. A lucta dos homens entre si não é uma necessidade do instincto, nem do interesse. Do instincto, porque o instincto é instrumento da conservação da vida e da reproducção; da necessidade, porque a Terra contem ainda vastas regiões incultas, que offerecem immenso campo á producção, dispondo de meios de transporte que permitem distribuir as mercadorias por todos os centros da Terra e instrumento da sciencia e da industria, elevados ao mais alto gráo, para que o homem contemporaneo não tenha necessidade de bater-se, para nutrir-se e para conquistar o bem estar.

Como se explica, então, a guerra? Como phenomeno social e, sobretudo, politico: é um resultado da ambição e não da necessidade. A guerra continúa porque a politica é uma fórmula imperfeita da actividade humana, atrasada de muitos seculos da nossa civilização; porque a moral, a Justiça, as noções de consciencia e de bom senso, não são, nas relações de povo a povo e dos governantes com os governados, senão principios indefinidos e falsas convenções, que dissimulam, sob as apparencias do bem

publico, interesses de classes. E, porisso, á idéa da guerra — consequencia dos nossos costumes artificiaes, resultado da *concepção theatral da vida*, da imagem passional dos factos sociaes, de aberrações, em summa, do nosso espirito — contrapõe o autor a idéa da paz — não da paz dos utopistas, concepção metaphysica, abstractamente ideada — porém, da paz, como realidade constante, a mais verdadeira, a mais justa, a mais bella de todas as realidades.

A guerra, diz Alberto Torres, nasceu dos conflictos e das perplexidades da ignorancia humana, perante os mysterios e as crises da natureza. Teve origem, em causas phisicas. Foi um facto inevitavel, emquanto cada sociedade vivia encerrada, por assim dizer, num horizonte solar limitado ás suas fronteiras geographicas: o ignorado, que se estendia para além, era, fatalmente, a ameaça, o perigo, o terror. Até ahi, actuavam as suas origens, que se poderiam chamar legitimas; predominavam as suas causas naturaes. Não havia povo que se pudesse libertar das catastrophes de um inverno mais longo, de uma erupção vulcanica, da esterilidade do seu deserto, que lhe impunham precipitar-se para a região afortunada do vizinho — uma Chanaan de clima sempre igual, sem abalos sismicos, rica d'aguas, fertil em grãos e em fructos. Essa guerra foi necessaria, entre egypcios e os seus vizinhos do deserto, como entre francos e normandos.

De cada "œcumene" humana, para as zonas vizinhas, a fatalidade das guerras perpetuou-se, até completar-se a posse e o conhecimento integral do Globo. Dentro, porém, de cada "œcumene", e, em nossos dias, depois que a civilização ligou definitivamente, umas ás outras, com os multiplos instrumentos de suas relações, todas as partes do planeta, — a ignorancia e a paixão, as ambições e as cobiças, fermentaram e convulsionaram o mundo, em luctas quasi continuas. A guerra passou a ser um factor social,

uma instituição moral, *religiosa e politica*. Facto moral, ella baseou-se sobre as formações residuarias das mais violentas das nossas paixões, synthetizadas nessa noção marcial da honra, que outra coisa não é senão o reflexo das fórmas mais grosseiras e animaes do amor proprio, do instincto malevolo, do orgulho despotico e violento, do nosso egoismo; o impulso de ira, de colera, de despeito e de vingança, que foi razão dos duellos, das ordalias, pessoaes ou publicas, das guerras privadas, das represalias da *vendetta*; factio religioso, ella nasceu sempre da estreiteza moral e da aggressão social de todos os credos, que lhes impõem a *supremacia de suas crenças, dos seus dogmas e das suas autoridades, sobre os impulsos da solidariedade humana, de paz e de concordia entre os viventes com base nos sentimentos e affectos "reaes", na bondade e no altruismo espontaneos das nossas almas*; factio politico, social e economico, ella traduz as *explosões* das ambições e dos interesses, não tanto pela fatalidade impetuosa e ingovernavel dos impulsos, mas por falta de uma organização das relações humanas, em prol da solução reciproca das necessidades, resultado da debilidade moral e intellectual dos dirigentes da nossa época, para enfrentar os seus problemas. A guerra propria de nossos dias, a guerra automaticamente determinada pelos choques desencontrados dos desejos e dos actos, a guerra logica deste tempo — fatal, necessaria e *mecanica*, como um cataclisma — seria a grande guerra entre as classes, para extincção dos privilegios sociaes, e a guerra de hierarchia, entre as raças e as nações, para nivelacção das forças e dos meios de acção. Esta seria a "guerra justa", no sentido rigoroso das reacções naturaes da Historia. Não seria mais destruidora do que a que presenciamos, que outra coisa não é senão a destruição de raças "civilizadas", que se exterminam, em face das raças tidas por inferiores, que, por emquanto, permanecem.

A este impulso material de factores desgovernados, fazia-se mister oppôr uma reacção consciente: a revolta mascula da coragem moral e da responsabilidade dos dirigentes, contra a acceitação passiva do impeto brutal de factos humanos, apenas animados, contra a subordinação das intelligencias ás correntes banaes do espirito, canalizadas nas ruas e nas praças publicas: — impunha-se a revolução do saber, do talento e da razão, contra o emprego subalterno que, em todo o curso da Historia, limitou-lhes as iniciativas e os encargos á funcção dos escribas, prepostos, litteratos e advogados, a serviço dos caprichos da força, do dinheiro e da suggestão, a salario de todas as potencias materiaes da sociedade — reis ou argentarios, hierarchias ecclesiasticas, ou massas demagogicas...

Alberto Torres parte do principio de que, de accordo com as revelações da anthropologia e da sociologia, a posse da Terra pelo espirito humano é um phenomeno dos nossos dias, que assignala o principio de uma éra para a evolução consciente da nossa especie e por isso o momento é de acção decisiva para a humanidade, uma vez que o conjunto das forças em jogo na sociedade e aquellas principalmente que transpõem os limites nacionaes, bem como os problemas politicos e sociaes já perscrutados pelos sociologos de todos os tempos, apresentam actualmente caracterizados symptomas e dão logar á interrogações que é preciso prevenir e resolver. A situação das idéas, dos factos e dos interesses colloca os destinos do mundo numa posição egual ao do encontro da civilização romana com o mundo barbaro, no seculo V, e do conflicto das instituições e dos costumes politicos do seculo XVIII com o espirito de liberdade, victorioso no mundo dos pensadores e da burguezia. Mas a crise actual é mais temerosa, mais vasta e mais profunda e os elementos em acção mais complexos e poderosos. Ate-morizado Alberto Torres pergunta, se o surto desses impul-

sos e dessas agitações virá a ficar entregue á sua propria direcção desordenada, ou á acção caprichosa dos moveis particularistas e estreitos de uma politica mesquinha e sem descortinio, a que servem sempre de entrave os preconceitos nacionaes e as insaciaveis e ineptas ambições dos individuos, dos agrupamentos e dos partidos. Este temor é tanto mais desanimador porque parece que ao lado das conquistas materiaes da civilização, o espirito humano não attingiu a um estado egual de desenvolvimento que lhe permite aproveitar a consciencia dessas realidades sociaes e politicas para canalizar todas as correntes no sentido evolutivo, progressista e pacifico.

A realização ou o fracasso de um tal *desideratum*, na hora actual, depende exclusivamente dos homens de Estado ou de governo, aos quaes incumbe a tarefa generosa e humanitaria de refrear os appetites, as ambições e os interesses das massas, evitando assim o flagello da grande crise que se annuncia. Isto escrevia Alberto Torres dous annos antes da guerra.

Era a certeza não só da existencia positiva e actual de uma sociedade humana, reunindo em seu conjunto geographico, e intimamente ligados entre si, todas as regiões da terra e os homens de todas as raças, como tambem o perigo sempre latente nessas multidões apenas misturadas, de forças e de impulsos que ameaçam convergir para um estado de retrogradação e de anarchia, por falta de uma direcção racional, intelligente e efficaz, que animava Alberto Torres a estudar a questão da paz mundial.

Muitas das idéas do philosopho *Bergson* coincidem com as suas, como a da orientação futurista da politica e a idéa da previsão dos phenomenos sociaes. Procurarei resumir o espirito e os instintos da monumental contribuição de um talento eminentemente constructor.

2.º — O PROBLEMA HUMANO

O primeiro capitulo se refere ao *Problema Humano*, em que trata Alberto Torres da sua interpretação profunda e original sobre as causas provaveis da origem das guerras, que já fizemos menção, e, corrigindo a interpretação demasiado anthropocentrica que lhes dá por unicos moveis a procura da nutrição e o impulso do instincto sexual, busca fundal-as em razões de ordem anthropologica, historica e psychologica, para concluir com o apoio de um novo criterio geographico e racional, que, desde a organização das primeiras sociedades, assumiram todos os conflictos armados um character essencialmente politico, excluindo o preconceito, ainda hoje inveterado, da existencia de um instincto combativo ou de uma tendencia aggressiva, peculiar ao fundo da natureza humana. Si realmente, houvessem existido os germens dessa pretendida tendencia, que se diz innata, certo é que já desde muito estariam destruidos pelas forças vivas da educação e da hereditariedade, havendo elles desaparecido de todo, em uma época como a nossa, em que nem mesmo o proprio profissional da guerra, o soldado, encontra mais estímulos para a lucta.

Toda a Historia, diz o autor, é uma successão de luctas e todos os problemas da humanidade não têm sido senão theses de discussão e motivos de batalhas; mas a lucta é uma forma da actividade animal, não é nem o objectivo, nem o motor da natureza; e um dos problemas que o espirito scientifico de nossa éra submete á civilização é o de saber se as condições da vida humana não chegaram ao estado em que a lucta physica entre as collectividades, classes ou nações, tem que deixar de ser tida por um meio anormal da actividade, passando a ser vista como uma explosão dos preconceitos e das paixões, como um crime con-

tra a adaptação natural dos instinctos, das necessidades e dos interesses ao meio physico da Terra.

Este problema submete á intelligencia da nossa época uma reforma dos costumes politicos, reforma que não pretende outra coisa senão o estabelecimento da ordem na Terra e em cada uma de suas divisões, sobre a base do desenvolvimento espontaneo, sem os abalos da guerra e da revolução, que valem, na vida collectiva, o mesmo que os choques traumaticos, na estrutura e na vida individual.

A lucta do homem contra o homem não é uma imposição de nossos instinctos, nem de nossas necessidades. Nossos antepassados não conheceram, no começo da existencia da especie, nem o homicidio individual, nem os processos de concorrência pela eliminação collectiva. Não se encontram vestigios do crime de sangue e da guerra entre os homens anteriores á época neolitica, nem entre os primatas, nem ainda entre muitas das especies animaes. A destruição do semelhante, pelo crime e pela guerra, surgiu em periodo posterior á transição da animalidade para a humanidade; e só se póde explicar pela força da paixão e da cobiça sobre a ignorancia, nos litigios da emulação, nos conflictos da rivalidade e nas luctas da concorrência. Nas relações ordinarias das sociedades organizadas, a moral e o direito, com o poderoso auxilio das crenças religiosas, supprimiram, não só a pratica do homicidio, como o duello e as guerras privadas, de fórmula que a lucta physica, em suas duas fórmulas existentes, a guerra e a revolução, em suas varias modalidades, resulta sómente de causas politicas.

Porque se cogita da guerra, porque em cada paiz ha ainda classes e partidos em attitudes de aggressão, em ameaça de lucta armada?

Porque a politica, na vida nacional e na mundial, é uma fórmula atrazada da actividade humana, está alguns seculos áquem da civilização. Se se observa a geographia, vê-se a

Terra dividida entre povos em diversos grãos de cultura, mas todos conhecidos, todos expostos ás influencias que tendem a entrelaçar raças e sociedades e a assimilar interesses e costumes; examinando-se o quadro comparativo das estatisticas da população e dos meios de subsistencia, verifica-se que a producção do globo, contra as previsões de Malthus, de seus discipulos e dos fanaticos seleccionistas, é mais que sufficiente para alimentar os mil e setecentos milhões de habitantes da Terra e que o planeta possui vastas regiões inexploradas, bastantes para sustentar a vida e a multiplicação da especie; voltando os olhos para os progressos da sciencia applicada e das industrias, surpreendem-nos os mecanismos e inventos que permittem elevar a extraordinarias proporções o supprimento de meios de vida e de conforto; encarando-se os vehiculos de transporte e de locomoção, destaca-se a facilidade com que, de cada ponto do globo, se podem espalhar para todas as direcções, até aos antipodas, mercadorias de todas as especies. O homem contemporaneo não precisa combater para nutrir-se, nem para conquistar o bem-estar.

Não ha que discutir a questão das necessidades intellectuaes, pelas quaes ninguem lucha physicamente. Tomado isoladamente, o homem é, em toda a parte, um inimigo da guerra. Esteja onde estiver o torrão da terra natal ou da residencia, o sentimento, a razão e o interesse clamam unanimemente pela ordem. Seja qual fôr sua industria, para onde quer que se dirija sua ambição, sua sorte, como a sorte dos seus, está mais ligada á permanencia da paz, á estabilidade das relações entre os povos — que mantêm, no mundo inteiro, o equilibrio do credito, a circulação commercial, o intercurso economico, que permite e facilita os calculos de probabilidades no exito do trabalho — do que ás vantagens negativas e ás glorias fallazes das victorias militares. Para o homem contemporaneo, a imagem da

patria reside na idéa da sociedade que ampara e protege, ao abrigo da lei e dos costumes, a sorte da familia e o futuro da prole. Como sociedade permanente das familias, a Patria tem que lhe garantir, acima de tudo, a segurança da ordem e do progresso sobre a qual repousa o grande problema moral e economico do typo mais civilizado e mais culto da especie: o problema do futuro dos filhos. Como realidade pratica, como norma efficiente e geral da acção pessoal — e isso apenas nos limites da sociedade culta — não é audacia dizer que só a nossa idade chegou a conhecer o altruismo; mas esta fórma da alienação do individuo, em prol do semelhante, tem por eixo a dedicação á familia. Criada, embora, em phase adiantada do progresso, depois da agremiação das primeiras hordas, e dos primeiros *clans*, a familia é a sociedade por excellencia.

E' muito duvidoso que a concepção doutrinaria de uma hierarchia do sentimento altruista, na escala descendente da humanidade para a patria e da patria para a familia, seja um legitimo ideal e venha algum dia a formar um sentimento verdadeiro da alma humana.

A vida social repousa sobre o altruismo, mas o altruismo tem por forma primaria o amor á familia. A solidariedade collectiva, que excitou o patriotismo, não tinha fundamento na abnegação, mas na necessidade gregaria da segurança material: precedendo á familia, precedeu aos estímulos affectivos, aos moveis desinteressados ao instincto de sacrificio e de esforço por outrem. A illusão — se illusão existiu — da supremacia de um amor patriótico sobre o amor familiar nutrida pelo interesse egoista da defeza pessoal, passou a ser, depois, um instrumento politico. A subordinação da dedicação á familia, a dedicação á patria, e, depois, á humanidade contraria á natureza, sophisma e meio de oppressão da politica, é a razão secreta dos scepticos con-

tra os progressos do altruismo. O sentimento não se cria por theoria; desenvolve-se e cresce como o organismo.

O trabalho, a lucta pela familia é a regra da generalidade dos homens; o trabalho e a lucta pela patria, a excepção de uma parte das populações; o trabalho e a lucta pela humanidade, um caso raro.

Se os interesses geraes importam para todos, é que elles encerram o outro interesse, o da sociedade fundada pela natureza sobre o amor e a hereditariedade. A patria inimiga da familia, que ameaça a sua segurança e a esperança do seu bem-estar, representa, aos olhos de homens normaes, uma imagem revoltante e odiosa. A patria guerreira, a patria que assenta os lemmas de seu ideal e as regras de sua politica sobre a necessidade da lucta e sobre o exito das armas, levanta, aos olhos de seus filhos, a respeito da sorte da prole, um problema que elles não podem resolver com as previsões e os calculos de sua razão; não pôde ser a sociedade de seu coração e de sua intelligencia.

A patria é, em sua ultima essencia, o lar da prole. O lar, os penates do homem moderno, estão ligados á immortalidade que elle tem na Terra, na perpetuidade da familia.

Ha ainda, é certo, homens para quem, aliás, o duello e as represalias materiaes a affrontas ao brio não passam de lamentaveis comedias sanguinolentas, que nos falam da honra e do brio da patria, como se a honra e o brio da patria estivessem fóra de seus deveres de probidade e de civilização, com a gravidade dramatica de cavalleiros medievos. Não, essa honra litteraria do patriotismo foi a honra dos senhores, foi o brio feroz do feudalismo, foi a imagem do orgulho do dominador e da avidéz do dono da terra e do servo. A verdadeira honra nacional, a honra inalienavel e imprescriptivel, não se repara com a vida ou com a morte, reside em dever mais alto que o de jogar a existencia na partida aleatoria das armas; é a honra que repousa

sobre a missão de trabalho e a consciencia da responsabilidade, perante o futuro, pelo deposito de bem, de prosperidade e de civilização que devemos transmittir a nossos filhos.

Para responder aos politicos que prégam a necessidade da paz armada e da guerra em nome dos interesses economicos, o individuo não tem mais do que olhar para a vasta extensão do globo e escolher o canto da terra onde a fortuna e a prosperidade lhe são promettidas, sem as dôres e os riscos da guerra; para responder aos que appellam para o patriotismo, em nome da supremacia nacional e da ambição de hegemonia, basta-lhe voltar os olhos para a Suissa, para a Belgica, para a Hollanda, para a Suecia, para a Noruega, para a Dinamarca, para o Brasil, para outros paizes novos, onde a conquista do bem-estar e a alegria serena da vida são frutos de uma prosperidade feita sem os resaibos da inveja e do odio.

Neste capitulo Alberto Torres com admiravel exactidão previu os acontecimentos mundiaes, que deram logar a conflagração européa, devido ao imperialismo allemão e dizia que estava nas mãos da Inglaterra, dos Estados-Unidos, da França e da propria Allemanha, serem, naquelle momento, arbitros dos destinos do mundo, sob pena de responderem perante a posteridade por uma crise universal e tremenda, feita de toda a sorte de rivalidades politicas, de conflictos de raças, de classes, de nacionalidades, de interesses sociaes e economicos, de supremacia e submissão de povos.

Nunca a sociedade precisou tanto de governos fortes como agora; mas esta força deve ser apoiada por uma alta autoridade racional e scientifica, e reclama imperiosamente a criação de um centro mundial permanente, limitado mas supremo, de fiscalização, de vigilancia, de conselho, de solução e de direcção. Mas para o estabelecimento deste poder é preciso que se estabeleça a paz.

3.º — A IDÉA DA PAZ E SUA EVOLUÇÃO

Da idéa da paz e da sua evolução, Alberto Torres, em um quadro realmente suggestivo, faz a historia através de todas as épocas, inclusive aquellas que pelos seus acontecimentos parecem ser a mais legitima consagração do principio da lucta, e para todos os povos, sem exclusão dos que apparecem mais animados de espirito guerreiro e conquistador.

Os egypcios — o povo da civilização hellenica, mais fiel ás tradições — tinham uma natureza essencialmente pacifica, e todos os outros povos da antiguidade eram animados de nobres sentimentos de hospitalidade e de paz, innatos na sua consciencia e consagrados em suas leis primitivas.

Affirmou-se que a Grecia não teve o sentimento da egualdade, nem conheceu a noção da paz internacional. Nada mais falso. O coração grego era sensivel ás affeições humanas e as theorias humanitarias dos escriptores, dos pensadores e dos philosophos gregos são documentos magnificos do genio pacifico daquelle povo glorioso. Platão, Aristoteles, Euripedes, concebiam o homem nascido para a sociedade, e a humanidade destinada a formar um imperio unico, regido sobre as bases da justiça e da egualdade; toda a obra de Aristophanes é um hymno á paz; e, ainda Epicuro, que sonhára a paz da alma, a paz do espirito, não comprehendia que se a alcançasse, senão mediante a paz material, a paz com os outros homens. Se, não obstante tudo isto, os gregos não praticaram estes sentimentos e estas idéas, a razão estava no facto essencial que, applical-os seria, por aquelles tempos, acto de fraqueza e de renuncia politica.

E, assim, tambem, para Roma, que, para toda a parte onde estendeu seu imperio, levou diante de si a luz do Direito e a força das suas potentes instituições administrativas, publicas e privadas, a guerra foi uma necessidade da evolução e do progresso. Foi, porém, uma guerra destinada

a fundar a paz, se por paz se deve entender o estabelecimento de um governo baseado sobre os principios do Direito, da Ordem, da Justiça, qual o que Roma impunha ás provincias conquistadas.

A Idade Média foi toda dominada pelas guerras; e os principes e reis d'aquella época eram homens ávidos e violentos, arrastando as ambições a luctas dynasticas tremendas. Penetrando, porem, o espirito intimo daquelles tempos, vê-se, que, se a guerra era uma fatalidade, as consciencias e os interesses protestavam em alta voz. Se os pensadores justificam a guerra, confessam-se constrangidos pelo presente, para servir a causa do futuro; e o futuro é, para elles, a humanidade organizada sob um só senhor, reparador de todas as injustiças e chefe temporal e espiritual de todo o genero humano. Em *De Monarchia*, Dante resume todas estas tendencias pacificas num verdadeiro esboço de construcção sociologica e synthese da evolução humana e das suas leis. Para que a humanidade, segundo Dante, obtenha a liberdade e a justiça, é mister que alcance o fim supremo da sabedoria, como o homem tem necessidade do repouso e da tranquillidade, para conquistar a sabedoria, assim a humanidade tem necessidade da paz. A *monarchia universal*, para a qual elle predestina a humanidade, será o instrumento da paz, da justiça, da liberdade. *De Monarchia* synthetiza o espirito politico de toda a Idade Média.

Os homens da Renascença são partidarios declarados da paz, á qual chegam, é certo através de uma moral mystica, como a da Utopia de Thomaz Moore, mas de cujos beneficios todos sentem a utilidade e imaginam o esplendor, por esses tempos de injustiça e de odio. O seculo XVII tem em Grotius, Puffendorf, Leibnitz, os criadores de uma doutrina profundamente humana, com grande influencia na politica do seu tempo, e o seculo XVIII, em Kant, o pensador de espirito gigantesco que abraça todos os ramos do conhe-

cimento, estuda as instituições e os costumes com a sagacidade do psychologo e do philosopho, que reconhece a guerra como incompativel com a organização do trabalho, fonte unica de grandeza e de felicidade entre os povos, em Bentham, a alma cosmopolita, o legislador do mundo, que, pela primeira vez, propõe a redução das forças militares e a formação de um tribunal destinado á solução dos conflictos militares. Na aurora do seculo XIX a palavra da paz parte de Santa Helena, pelo orgão do ultimo dos Cesares, que, autor de uma obra de glorificação da guerra, proclamava o ideal de um imperio universal, reino da paz e da justiça. Do que foram os progressos da idéa da paz, durante o decurso daquelle seculo, se pôde resumir, com os seguintes dados, sobre os julgamentos arbitraes: de 1820 a 1840, houve 8 decisões arbitraes; de 1840 a 1860, 30; de 1860 a 1880, 44; 80, de 1880 a 1900; 120, de 1903 a 1911.

Com o exemplo da historia, Alberto Torres é levado, pois, a reconhecer como a guerra não seja senão o resultado da organização dos povos. Notae, observa elle, os costumes pacificos de alguns povos perdidos em ilhas longinquas e entre os lagos e desertos. Esses povos levam uma vida patriarchal, sob fórma communitaria, com habitos notaveis de trabalho e de associação. E' nas sociedades organizadas e civilizadas que prevalece o sentimento de lucta, não innato na natureza humana, resultante das relações sociaes, não de necessidades individuaes. As tyrannias e as revoluções são resultados de rivalidades e de ambições politicas: os despotas de instincto e temperamento são raros, e as revoluções populares acontecimentos excepçionaes. A historia das revoluções e das conspirações não é senão uma explosão de ambições politicas, de assaltos ao poder, de represalias de partidos. A vida real e pratica dos individuos e das familias, é absolutamente estranha a estas luctas; os proprios interesses das classes não entram em

conflicto senão sob o estímulo da ambição e da força política, pois que a ambição de supremacia, mais que a avidez e a cobiça material, está no fundo das violências dos indivíduos e das collectividades.

4.º — A IDÉA DA PAZ

Tendo formado o conceito exacto da guerra, producto da intelligencia humana, mais do que do instincto, applica-se Alberto Torres a firmar o conceito da paz, em torno do qual, como de todas as aspirações, reina uma grande confusão. A idéa da paz é um ideal, e tanto basta para prevenir contra ella todos os que se têm por espiritos practicos: é uma aspiração que se confunde com a *fraternidade humana*, de *bem estar geral* — e eis que a apedrejam com os qualificativos de illusão e de utopia. E' uma falsa noção dada a idéa da paz, partindo de um conceito errado do proprio *ideal*. O ideal, para a opinião vulgar, é tido por synonymo de sonho, de visão, de fantasia. Salvo o ideal religioso, quasi geralmente admittido, — o que se apresenta ás imaginações, sob fórma de ideal, é feito para enfraquecer as intelligencias e tolher as vontades. O *ideal*, não é, entretanto, o opposto de *realidade*, mas, uma fórma de *idéa*. A idéa representa uma criação existente no espirito; o ideal não é senão a representação futura, e, portanto, uma idéa em aspiração, ou a aspiração de uma idéa. As nossas intelligencias são repletas de idéas, os nossos corações cheios de aspirações, e não ha espirito que não seja guiado, para o futuro, por uma aspiração ideal. A nossa existencia não é senão um continuo caminhar do *real* para o *ideal*, entendido como *idéa futura*, em virtude da qual o individuo pensante se sente ligado ao individuo activo.

O conceito da paz participa, assim, desta noção positiva

do ideal, que une as gerações presentes ás do futuro; e, como noção positiva, não demanda soluções theoreticas. A paz, pelo estado de ordem material que se propõe a criar, é uma aspiração fundada sobre os proprios interesses humanos, da sociedade e dos governos, cessando por isto de ser uma utopia. Como idéa social, pois, não é verdade que pertença ao numero de phenomenos incompreensiveis ao nosso raciocinio, nem que seja insolvel: problemas praticos, as questões sociaes baseam-se sobre dados concretos e positivos, que permitem induções essencialmente praticas. Que a paz seja, pois, a primeira condição para resolução dos maiores problemas humanos, é uma das questões que Alberto Torres examina com maior enthusiasmo. A guerra não produziu nenhuma civilização. O trabalho é o grande heróe do problema da vida, e o trabalho só é possível no reino da paz. As suas victorias são feitas com os esforços magnificos de energia, conseguidas sem armas e sem derramamento de sangue. O trabalho é o symbolo majestoso da grandeza da nossa especie, e só a elle deve a humanidade o saber e a arte, a belleza e o conforto, a justiça e o amor, todos os frutos do progresso e todas as alegrias da vida.

A volta ao trabalho e á terra, segundo o velho preconceito dos physiocratas, é o artigo primeiro do programma que, para Alberto Torres, se impõe aos povos da terra.

Vem aqui a proposito a transcripção de um trecho de um artigo admiravel, digno de anthologia, publicado n' "A Noite", por Alberto Torres: — "A guerra caminha; a destruição — civilizada, legalmente regulada — de bens, de industrias, de riquezas, de monumentos, de obras d'arte e de vida, progride; o assassinio em massa, consagrado pelos costumes, animado pelos doutores, legitimado pelas universidades, continúa a ceifar vidas, como as cegadeiras

cortam messes, nos campos de cultura. Os cadaveres entulham fossos, empilham-se em baluartes, diante das trincheiras. São milhões de existencias, a flor das vidas de uma época, toda a mocidade em pleno surto de vigor, — no maximo da sua energia productora e criadora. Uma camada inteira de homens decepada; uma syncope aberta, nas gerações e nas stirpes. Braços e trabalhos, corações e intelligencias, arte, estudo, iniciativa, amor, saber, ninguem sabe quantas verdades em germen, nesses cerebros novos, abertos aos tentamens sadios do esforço, para tantas emprezas de *coragem moral e de coragem physica*, reclamadas em nosso tempo, quantas nobres aspirações, quantos sonhos bons de criação, quantas obras, quantos bens, quantos poemas, quantas invenções, quanta alegria, quanta bondade... para os de hoje e para os de amanhã, perdidos em covas que encerram cadaveres anonymos”.

5.º — A LUCTA E A VIDA

A terceira parte tem por titulo: *A lucta e a vida*. Neste capitulo volta Alberto Torres a affirmar que a guerra não é o movel da vida, nem tampouco uma lei da natureza, pois esta não pôde ter por ideal o destruir-se a si mesma, não tendo a actividade dos seres senão um movel energico, poderoso e tenaz: o desenvolvimento e a reproducção da existencia. A lucta é apenas, no mundo organico, um agente secundario de selecção, de que o desejo de viver é o principal motor, e o esforço para a vida o principal instrumento.

Apoiado com os dados fornecidos pela biologia, chega á conclusão de que, sendo a lucta um desperdicio de energia, é, por isso mesmo, uma fórmula de actividade que põe em risco todas as acquisições da existencia, e consequentemente, é tambem um facto contra a propria natureza.

A realidade, diz Alberto Torres, é que o espectáculo da vida natural não é um espectáculo de lucta, mas um espectáculo de esforço para viver, na qual a força e o poder de uns submettem e sacrificam todos que lhes são inferiores.

E acrescenta: "Entre as operações da vida, operações de formação, como assimilação e reproducção; operações de transformação e diferenciação como a divisão de trabalho, nunca a lucta apparece como um facto inseparavel da existencia, necessariamente ligado ao seu nascimento, ás suas mudanças cyclicas, á estrutura de seus componentes e aos seus meios de desintegração e de morte. A lucta não é uma coisa essencial á vida; ella é um accidente de seus desenvolvimentos e de sua historia; não resulta de factos ordinarios, normaes, espontaneos, naturaes, equilibrados, de formação e de organização de seres, mas surge como uma especie de correctivo á anormalidade, um meio de eliminação das demasias da vida, uma reacção da natureza contra os excessos e as disposições da assimilação e da reproducção: uma especie de revolução dos impulsos naturaes, em summa, excitadas pela fome e pela miseria. Não ha lei mais geral em biologia do que a da economia da substancia e da economia da energia; a lucta exige uma despeza excessiva de energia; é uma fórma de actividade em que a natureza arrisca todas as acquisições da vida; é assim um facto contra a natureza".

Entre os animaes inferiores é um elemento secundario; nos meios animaes superiores é excepcional revolucionario.

O homem moderno não precisa desse meio revolucionario para aperfeiçoar sua propria natureza e instituições. Tendo adquirido um verdadeiro conhecimento de seu organismo, de seu espirito e de suas relações com o meio elle póde substituir o inconsciente instrumento selecto da animalidade pelo instrumento da experiencia e da razão.

Só assim as selecções serão verdadeiramente naturaes e evolutivas. Os mais aptos predominarão em consequencia de sua superioridade, sem oppressão e sem astucia.

No quarto capitulo prova, com dados scientificos, que a idéa da guerra é um habito banal do nosso espirito e que o homem não tem, absolutamente, o instincto bellicoso. Conclue que as guerras civis e as revoluções provaveis do nosso tempo originam-se meramente dos interesses e dos problemas sociaes, nada havendo nellas de instinctivo, de emocional, ou de aggressivo, no sentido de uma tendencia natural para a *lucta physica*.

Estudando a influencia da selecção na guerra, diz que a historia prova que a "*volonté de puissance*", foi sempre mais activa e mais energica nas competições entre os povos mais fortes e, por isso mesmo concorrentes.

A guerra tem destruido precisamente os povos os mais fortes para a guerra: os Assyrios, os Hichthos, os Persas, os Phenicios, os Macedonios, os Schythas, os Wandalos, os Mongóes, os Arabes.

As selecções collectivas operadas pela guerra, são selecções retroactivas, as selecções individuaes feitas no regimen militar e nos campos de batalha são justamente o contrario do progresso, para a raça e para a nação. A influencia do militarismo sobre os costumes, os casamentos, a familia, a paternidade, a economia e o trabalho, a perda de força e de sangue, nos tempos de guerra, sobre a élite da mocidade, tudo isto desmente de modo solenne a influencia selectiva da guerra.

Como meio de educação da energia e do caracter, William James já se encarregou de provar que nossa civilização não faltam occasiões de pôr em exercicio nosso coração e nossas forças moraes, no que estas faculdades têm de mais nobre. Em outros officios ha mais desprendimento

pela vida e maior abnegação; na guerra a morte está na loteria; em outros misteres, a morte é muito menos occasional.

6.º A PAZ, O CONHECIMENTO E O PENSAMENTO HUMANO

é o titulo do quinto capitulo. Esta parte do livro tem por fim desfazer a illusão commum dos que consideram a paz como *um ideal*, e, portanto, como alguma coisa que de utopista e de irrealizavel, quando ella é, pelo contrario, uma aspiração moral da humanidade susceptivel de se corporificar e de ter, afinal, a sua realização pratica e positiva — tanto é verdade que os problemas sociaes não são insolueis.

7.º A GUERRA, PHENOMENO ANTES SOCIAL QUE NACIONAL. A PAZ CONSEQUENCIA DA EVOLUÇÃO

Eis o assumpto do capitulo VI, em que Alberto Torres procura, depois de dar a noção complexa e obscura da paz, assignalar a sua noção simplicista e lateral. E' um dos mais profundos capitulos do seu brilhante trabalho, em que se consideram a paz e a guerra como factos internacionaes, acceitando o problema, ora como elle é proposto pelos philosophos, que encaram o conjunto humano como sociedade ideal e limitada a uma unidade theorica, ora como a comprehendem os homens praticos, notadamente os politicos e os juristas, isto é, como um aggregado de paizes, de soberanias e de povos, separados, quasi sempre hostis e independentes.

A nossa época tem numerosos problemas para resolver; os dois principaes são os do trabalho e do capital. Os problemas da producção e do consumo, fonte de muitas crises de trabalho e a grave crise da carestia da vida, existem em toda a parte e são deixados sem solução pelos governos.

Como resolver os numerosos problemas da nossa época? E' em relação a esta questão que a idéa da paz mostra toda a força de sua natureza pratica e de sua oportunidade, toda a importancia de sua necessidade e de seus resultados bemfazejos.

8.º COMO RESOLVER ESSES PROBLEMAS?

E' o titulo do capitulo VII em que estuda a occupação de territorios pertencentes a barbaros e a selvagens; a incorporação destes á sociedade politica; ao caso de povos e de nações em estado de meia civilização; aos territorios e ás riquezas já insufficientes para a massa de população de alguns paizes.

Por entre a vida dos governos, que fazem a politica, a vida complexa dos povos apresenta questões e problemas que exorbitam dos limites territoriaes das soberanias, ou lhes são moral ou intellectualmente superiores ou estranhos. A solução destes problemas Alberto Torres entrega á acção deliberada das intelligencias, e, depois de as discutir brilhantemente, prova que a guarda e a fiscalização dos interesses que ultrapassam as fronteiras nacionaes, superiores aos fins das nacionalidades, exigem orgãos e um centro de acção especiaes — um poder cosmopolita que, tendo por orgãos rudimentares as repartições internacionaes, os tratados de commercio e de arbitramento e outras instituições similares, será o coroamento politico desta grande vitalidade universal, manifestada em todos os factos da vida contemporanea: os phenomenos de associação moral, intellectual e social, de credito e de banco, de intercambio commercial, de transporte, etc.; e de que o automobilismo e a aviação, como instrumentos materiaes mais visiveis, dão a cada momento a imagem mais flagrante e concreta!

Neste capitulo estuda com grande erudição a questão da superioridade de raças. Os seus argumentos neste sentido, teremos occasião de expor ao estudar "O Problema Nacional".

Transcrevemos o seguinte bellissimo hymno ao trabalho, que não traduzimos para não alterar a elegancia do estylo:

— "Le travail, le travail de l'esprit et du bras humain, voilà le véritable héros du grand poème de la vie. La victoire est faite des efforts de l'énergie et de l'endurance, sans armes est sans appui moral. Oublié des poètes, piétiné par les rois, méprisé des dieux et des prêtres, le travail est le symbole majestueux de la grandeur de notre espèce, devant lequel doit se prosterner l'âme humaine. A lui seul, dans cette lutte constante contre la destruction victorieuse et acclamée, l'Humanité doit le savoir et l'art, la beauté et le confort, la justice et l'amour, tous les fruits bienfaisants et créateurs de cette énergie productrice qui est l'âme même de la vie. La guerre, tout au contraire, est le fruit d'ambitions, de passions, de prejugués, que tout l'homme civilisé a appris, depuis longtemps, à dompter et que nu ne montre plus dans les autres manifestations de sa vie, excepté dans la politique. Ce sont les procédés et les mœurs de la politique qui sont incompatibles avec la société; c'est la politique qui trouble l'ordre des sociétés contemporaines".

9.º O PATRIOTISMO. AS CRISES SOCIAES E ECONOMICAS. O CALCULO PESSOAL E O PENSAMENTO ALTRUISTICO

são as materias tratadas em dous capitulos importantissimos. Quanto ao patriotismo, acha Alberto Torres a actual concepção desse sentimento como uma noção archaica e sem realidade objectiva, valendo apenas por méra expressão

sceptica de formalismo, ou talvez mesmo por uma consciente ironia. Protesta contra a "noção archaica do patriotismo" guerreiro e imperialista. Para Alberto Torres, a fórmula nova do patriotismo, "com o interesse energico da realidade, o calor da seiva da circulação pelos canaes da vida ampla e complexa da sociedade sem esforços e principalmente por esse senso de previsão que faz presentir o valor da ordem politica e economica da paz, da prosperidade e da justiça, como garantia á descendencia — é uma força de progresso emquanto que a outra era uma ancora de inercia".

"A' patria dos paes, dos antigos, succedeu, para o homem contemporaneo, a patria dos filhos". "O patriotismo de cada cidadão de uma Patria moderna tem sua expressão substancial mais proxima no amor de cada um por seus filhos e pelos filhos de seus concidadãos.

Para a solução das crises sociaes e economicas o remedio consiste na idéa de substituir a ambição pela vontade de efficiencia e de producção e o desejo de conforto por meio da fortuna, pela certeza do bem estar resultante da segurança individual, e do successo das suas aptidões no esforço desenvolvido sobre o meio".

10.º O PAPEL INTERNACIONAL DA AMERICA E A DOCTRINA DE MONROE

E' o titulo do capitulo X. Começa dizendo que as palavras "doutrina de Monroe" são, como todas as formulas com que se designam systemas politicos, susceptiveis das mais vagas e ambiguas interpretações. As condições politicas do nosso continente e da civilisação mundial são tão diversas da de 1823, que seria absurdo ver-se os povos americanos renovarem a declaração solenne de sua independencia, da inviolabilidade dos seus territorios e da absoluta

egualdade dos direitos das suas soberanias aos direitos das soberanias europeas.

O quadro da politica mundial destacava, na época em que se affirmou a doutrina de Monroe, em primeiro plano, cinco grandes traços da evolução humana: a expansão das idéas da revolução franceza, combatidas pela Santa Alliança; a emancipação das colonias europeas na America; o equilibrio europeu, como formula de compensação das forças entre as nacionalidades formadas no espirito tradicionalista; o inicio da corrente das migrações humanas, pela forma pacifica, para as terras novas da America; o começo do trafico livre das nações commerciaes da Europa com as antigas colonias, até então enfeudadas ao monopólio das metropoles.

Foram estes os factores que, operando sobre o espirito de Canning, de Monroe, de Jefferson, de John Quincy Adams e de Calhoun, suggeriram as solemnes declarações que traduziram, naquella época, o pensamento e a attitude da Inglaterra, em face da recente emancipação dos povos sul-americanos, e dos Estados Unidos, em face desse movimento politico e das pretensões coloniaes da Russia, em territorios confinantes com os seus.

E' preciso ter em vista todos estes elementos para a justa comprehensão dos principios formulados pelo Presidente Monroe.

Já muitos annos antes, comprehendendo a singular situação criada por sua alliança com a França, na guerra da Independencia, e a semelhança de suas instituições com as doutrinas da revolução franceza, os estadistas americanos haviam sentido a necessidade de definir a sua attitude, em frente da transformação das idéas e das fórmulas de governo na Europa; e de preparar seu paiz para defender contra a reacção que os partidos absolutistas oppunham ao desenvolvimento do espirito de liberdade e das institui-

ções democraticas. Em face da alliança das monarchias européas contra o surto revolucionario da França e, mais tarde, contra a revolução hespanhola, os homens de Governo americanos precisaram examinar a extensão de seus compromissos com a evolução do pensamento liberal, o alcance possivel de seus actos e os perigos que poderiam ameaçar a, desde logo, prospera Republica, pelo temor de exemplo que offerecia aos partidos avançados e de sua solidariedade com os ensaios de transformação politica. Esta emergencia, inspirando a alguns espiritos mais audazes, o proposito de collocar os Estados-Unidos na linha avançada do progresso liberal, suggeriu, entretanto, a Washington o prudente conselho da sua "Farewell Adress", em que elle, affirmando a absoluta independencia dos Estados Unidos, incitava, entretanto, seus compatriotas a evitar a menor intervenção na politica européa e a repellir qualquer proposta de alliança ou de accôrdo com os paizes do velho continente; conselho que não impediu, mais tarde, outras explosões do liberalismo americano, por occasião da independencia da Grecia e da mallograda tentativa de Kossuth pela emancipação hungara.

Certamente, quando o Presidente Monroe redigiu sua celebre mensagem, este factor de character politico estava em segundo plano; mas, se se attender a que a iniciativa da idéa não partiu dos Estados Unidos, mas da Inglaterra, pois a Canning cabe, propriamente, a gloria de a haver esboçado, e que, justamente, nessa época, a Inglaterra mantinha, contra a Austria, a Russia, a Prussia e a França, a politica de resistencia á intervenção das potencias monarchicas nos paizes revolucionados, para sustentar o principio da legitimidade contra as explosões da opinião liberal, intervenção que então se operava exactamente na Hespanha em favor dos Bourbons, apesar do protesto de Canning, é forçoso reconhecer que a simultanea declaração do minis-

tro inglez em pról da independencia das Republicas sul-americanas de origem hespanhola, reflectia o pensamento da opinião liberal contra a opinião reaccionaria. E' certo que a Inglaterra via, na independencia das Republicas sul-americanas, a abertura de novos *debouchés* para seu commercio maritimo; esta razão, porém, não era a predominante, porque o perigo para a independencia das Republicas sul-americanas não vinha mais, para a politica britanica, da Hespanha, mas da ambição que podia surgir no espirito das grandes potencias, directoras do equilibrio europeu, que intervinham na politica continental da Hespanha. A declaração de Canning sobre a independencia das antigas colonias hespanholas era um complemento da politica que a Inglaterra fazia dentro da Europa; considerando livres as novas nacionalidades, a Inglaterra applicava á sua existencia internacional o mesmo principio de não intervenção, que punha em pratica, com relação á politica interna da velha metropole. Era, no fundo, a idéa de respeito á vontade popular, ao Governo representativo, que ella fizera vingar no tratado concluido em Chaumont em 1814 e de que se tornou campeão, no decurso de formação das novas nacionalidades, depois do Imperio Napoleonico, através das violencias da Santa Alliança na Hespanha, na Italia e na Grecia.

Quanto aos Estados Unidos, se a preocupação politica não acudiu explicitamente á palavra de Monroe, basta lembrar que este estadista pertencia ao partido democratico, representante, durante o longo periodo da formação constitucional, de um programma avançado, que se inspirou nas idéas de Jefferson, adepto caloroso dos principios da revolução franceza, para reconhecer que essa preocupação estava implicita na these do estadista americano.

Os Estados Unidos e a Inglaterra assumiram, então, na politica exterior a posição que os devia erigir, no seculo

XIX, em modelos dos dous typos do Governo representativo: a monarchia constitucional e a republica federativa; e o espirito de liberdade politica tão profundamente impregnava a sua acção internacional que se revela em innumerous documentos diplomaticos dos dous paizes e foi expresso em mais de um tratado.

Assim, a doutrina de Monroe procede, na genealogia das idéas politicas, do mesmo principio da liberdade, que os anglo-saxonios applicavam a suas instituições internas, que a philosophia politica do seculo XVIII definiu, principalmente pelo orgão de Montesquieu, que a revolução franceza formulou em theses legislativas e que os dous paizes de raça anglo-saxonia vieram desenvolvendo e estendendo; um pelo velho continente e outro pela America, nas instituições hoje dominantes.

No ponto de vista commercial, a Inglaterra, dona dos mares, e os Estados Unidos, com a intuição nitida dos immensos elementos de prosperidade industrial de que dispunham, sentiram que a garantia da inviolabilidade territorial americana era a promessa de sua influencia economica sobre o mundo que se descortinava á iniciativa de suas industrias e de seus capitaes. Ainda no terreno do commercio, o instincto do povo britannico lhe ensinava que o poder de sua marinha mercante lhe garantia a preponderancia, no regimen da liberdade commercial: combater o poder colonial estrangeiro importava fortalecer seu prestigio mercantil. Assim, a Inglaterra foi, tambem no começo do seculo XIX, iniciadora dessa nova forma de intercurso commercial que substituiu as emprezas de character mais ou menos official, diminuiu progressivamente o poder das companhias, ligas e associações de navegação e de commercio, decentralizou e individualizou os instrumentos do commercio exterior. A' sua acção se deve o poderoso influxo que animou as iniciativas e transformou em geral

realidade o franco exercicio do intercambio maritimo, que os navegadores das cidades livres do mar do Norte e do Mediterraneo haviam fundado, sob a tolerancia ou com o interessado patronado dos governos. Era o inicio da formação dessa sociedade internacional de commerciantes e industriaes, que eliminou do terreno dos interesses mercantis o espirito de nacionalidade. Nasceram desse phenomeno o cosmopolitismo e o neutralismo, não politicos, mas economicos, do commercio. Os estabelecimentos coloniaes de Hespanha e a eventual occupação de territorios na America eram restricções á sua expansão economica, que os Estados Unidos e a Inglaterra não podiam deixar de temer.

Por outro lado, a colonização assumia, com a independencia americana, um aspecto inteiramente novo.

A idéa de colonização estava, até esse momento, ligada ás idéas de invasão e de occupação territorial. Colonizar significava, na linguagem economico-politica dos povos europeus, povoar por iniciativa das metropoles.

Com a independencia dos Estados Unidos e das Republicas Sul-Americanas, dous factos relevantes se definiam: o desenvolvimento da emigração espontanea e a existencia, no sólo americano, de territorios despovoados mas encravados nos territorios das antigas colonias. Para a politica internacional, renovava-se, em relação a estes territorios, com a franqueza das Republicas nascentes, a cobiça das nações militaristas.

Era uma difficuldade que surgia, para os Estados Unidos, em suas relações com a Russia, com a propria Inglaterra, com a Hespanha, com a França; por vigoroso que fosse seu desenvolvimento, a eventualidade de um impulso de conquista não era hypothese inteiramente prejudicada; ella se apresentava, praticamente, em emergentes conflictos de fronteira, durante a presidencia de Monroe, com a Inglaterra e com a Russia. Aproveitar o momento em

que as grandes potencias européas se debatiam na dupla crise da reconstituição das nacionalidades e da restauração da legitimidade, ao mesmo tempo que novas Republicas surgiam na America, portadoras de um interesse identico, era um passo habil para fundar a base moral de uma politica, que devia defender, por um lado, a integridade nacional e dar o ponto de partida para o desenvolvimento da influencia e, eventualmente, dar expansão do paiz. Por isso, a mensagem do Presidente Monroe, continha duas afirmações distinctas: uma oppunha á intervenção e á conquista o principio da soberania das novas nacionalidades; a outra, mais expressiva em seu alcance, oppunha ao direito de occupação, o principio da integridade, não propriamente dos territorios nacionaes, mas do territorio americano. Para os Americanos contemporaneos de Monroe a America era uma especie de entidade politica que, excluidas as possessões européas já constituidas, continha um certo numero de soberanias e um territorio, defeso á ambição das nações européas.

Não expunha a doutrina de Monroe nem um programma, nem um compromisso defensivo; era, apenas, uma declaração, mas seus termos possuiam elasticidade sufficiente para garantir aos Estados Unidos a influencia moral e a actividade politica necessarias para seu crescimento e para sua influencia.

Em summa, em seu verdadeiro alcance, a doutrina de Monroe não significava senão que o Direito das gentes era lei para as nações da America, como para as da Europa; não havia nenhuma innovação ás regras classicas do Direito Internacional sobre a soberania e a egualdade dos Estados, formuladas por Grotius e por Vattel; não criava sequer uma norma da politica americana: expressa em mensagem, ficou valendo o que valem idéas e principios emittidos por homens de Estado; nunca os Estados Unidos

se julgaram obrigados a invocal-a effectivamente em favor de outras potencias americanas, como tambem nunca entenderam que lhes trouxessem restricções á liberdade da acção, mais extensas que as do Direito Internacional. Vigorou, entretanto, sempre como uma opinião politica do povo americano, de poderosa e salutar efficacia preventiva.

De sua execução e de seus desenvolvimentos, á parte o que interessava directamente aos Estados Unidos, as consequencias que mais se destacam são o corollario que della pretendeu tirar Drago sobre a cobrança a força armada de dividas publicas e ampliação que lhe deu Theodoro Roosevelt, em sua mensagem de 1905.

E' interessante reler o trecho final do topico dessa mensagem, relativo á Doutrina de Monroe:

"Estas considerações me levam a dizer o que deve ser um dos objectos da Doutrina de Monroe. Impõe-se-nos como um dever empregar todo o esforço para dirigir para a paz e para a ordem as republicas irmãs que carecem deste auxilio".

E' inilludível o alcance que estas palavras dão ao papel que os Estados Unidos se propunham. De uma posição simplesmente preventiva, elles passaram a prometter seu apoio pratico, uma especie de cooperação efficiente, para a manutenção da paz e conservação da ordem, na vida das republicas americanas. Este apoio, auxilio, animação, estímulo, ou que outro nome mereça, apresentava duas faces, visivelmente antagonicas, sob a apparente fórmula de uma solidariedade com as aspirações e os interesses dos povos latinos: de um lado, o esforço pela conservação da paz internacional: de outro, todas as duvidas e suspeitas que podem surgir dessa singular policia sobre a ordem politica de outras nacionalidades.

Não é possivel dissimular que a affirmação do Sr. Roosevelt envolvia, em termos impregnados de excellente

intenção e de solidariedade, a mesma pretensão que a diplomacia européa sempre se reservou, de exercer sobre alguns povos independentes um certo numero de poderes, forçosamente arbitrarios; mas, o que resalta, com saliente vigor, é a promessa de uma iniciativa amistosa dos Estados Unidos em beneficio da paz no continente; e esta promessa, os governos americanos têm, incontestavelmente, sabido cumprir.

Se este trecho da mensagem fôr interpretado de accôrdo com o pensamento exarado pelo ex-presidente no topico do mesmo documento sobre a então proxima reunião da Conferencia de Haya, em que o estadista manifestava a esperança de que desse congresso resultasse um progresso notavel na applicação do arbitramento para solução dos conflictos internacionaes, fica patente o pensamento de dirigir a politica do continente para uma éra de paz e de solidariedade.

Esta nova face do desenvolvimento da doutrina conduz a comparar o character da politica americana, que assim ia sendo definida pelos Estados Unidos, com a doutrina do equilibrio europeu. A fórmula de Monroe era, sem duvida, uma consagração espontanea e inatacavel da egualdade das nações americanas; ao principio de uma oligarchia internacional de grandes potencias, compensando-se respectivamente as forças, com menosprezo da dignidade e ameaça á liberdade das pequenas potencias, substituia-se o reconhecimento da plena e incontrastavel autonomia de todas as unidades nacionaes da America. A formula Roosevelt continha, entretanto, expressamente, a declaração de uma hegemonia singular dos Estados Unidos: não é possivel negar, em boa fé, a existencia dessa especie de chefia e super-intendencia politica, envolvida necessariamente nessa affirmação de um dever de auxilio, para encaminhar outras nações para a paz e para a *ordem*, dever que importa a

faculdade de tomar conhecimento das questões e dos interesses exteriores e domesticos.

Assim, em principio, a doutrina de Roosevelt importava um retrocesso no Direito Internacional Americano; e este retrocesso mais se destaca, pondo-se em confronto as palavras do Presidente Roosevelt com o procedimento dos delegados americanos na Conferencia de Haya, claramente infensas, nos trabalhos de organização do Tribunal Internacional de Justiça, ao principio da egualdade juridica dos Estados.

Entretanto, as palavras de Roosevelt e a attitude dos delegados americanos representaram apenas um desvio transitorio da linha geral de politica americana e se recordarmos que os Estados Unidos se achavam naquella occasião no estado de entusiasmo e de exaltação patriótica que, em consequencia da guerra de Cuba, os conduzia a uma certa excitação imperialista, não é de estranhar que discrepassem de sua linha tradicional de respeito á soberania das nações irmãs; e o facto é que a phrase da mensagem e o procedimento dos delegados americanos não alteraram a cordialidade das relações entre as nações da America, nem o respeito reciproco.

Dahi por diante, a posição dos Estados Unidos se destacou, com extraordinario relevo, no quadro da politica internacional. Mantendo-se no terreno dos principios e das doutrinas abstractas, tres acontecimentos recentes assignalam uma nova e mais larga feição da politica americana: o discurso pronunciado em Christiania por Roosevelt sobre a paz universal; as palavras de Philander Knox, secretario de Estado, que, relembrando o caso classico da applicação da arbitragem internacional entre os Estados Unidos e a Inglaterra, na solução da questão das fronteiras, affirmou solemnemente a politica pacifista dos Estados Unidos; e a resolução do Congresso de nomear uma commissão de ho-

mens eminentes para tratar com os Governos soberanos do estabelecimento da paz.

Com esta iniciativa, os Estados Unidos ergueram e dilataram suas idéas de politica internacional até o mais amplo horizonte; a doutrina de Monroe ficou, por assim dizer, absolvida na doutrina da paz.

A "paz universal" é hoje a doutrina politica dos estadistas americanos, o programma official da politica dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos têm innegavelmente o direito de assumir um posto de iniciativa politica sobre a opinião das nações americanas: podem reclamar, sem vexame para nenhuma, uma certa faculdade de representação de suas aspirações e de suas tendencias perante as outras nações do mundo; expor, em summa, theorias e principios que, traduzindo seus sentimentos e seus interesses, se applicam tambem á vida e ao futuro de suas irmãs latinas; a estas compete a liberdade de os approvar, de os seguir, de os tolerar ou de os repellir; mas o que ninguem comprehenderia é que, no momento em que os Estados Unidos lançam afoutamente o surto de sua iniciativa politica até propor ás nações européas o estabelecimento da paz, as nações latinas da America lhe enviassem um applauso ou um agradecimento pelo obsoleto principio, que só tinha interesse e podia ter applicação emquanto perdurava o uso das guerras de conquista.

Acabando de resolver, por intervenção amistosa de tres das suas maiores potencias, um choque imminente entre dous povos irmãos, a America, em pleno estado de paz, sem ameaça de hostilidades, nem perigo de perturbações, com os olhos voltados para o maravilhoso futuro a que está destinada, graças á prodiga riqueza de seus terrenos e á fecunda energia e intelligencia de seus homens, não tem diante de seus passos nada a temer, nada a defender. A

Europa deixou de ser, para ella, o continente das metropoles, para ser a fonte da civilização e da cultura, o berço primitivo de suas raças e actual de muitos de seus habitantes, a collaboradora de seu progresso e de sua riqueza material. Nenhuma sombra de ameaça, nenhuma nesga de rivalidade, nenhum interesse discordante, nenhum sentimento menos cordial explicaria que volvessemos o espirito para os cuidados defensivos que nos mantinham, outrora, na posição de povos novos e fracos em face de potencias fortes e ambiciosas. A situação é justamente a opposta. A Europa olha para nós com a mais viva curiosidade, o cordial interesse, a sincera estima, que inspiram a seriedade e a solidéz de nossos progressos; nós a contemplamos com um carinho mesclado de veneração e com as atenções de quem carece de suas luzes e do apoio de sua civilização e de sua cultura.

A maior parte das nações americanas não têm hoje nenhum motivo, nenhum interesse para serem mais amigas dos Estados Unidos do que dos povos europeus, mais agradecidas a sua amizade e aos seus serviços do que aos de qualquer nação européa. Pela raça, pelos interesses, pela civilização e cultura, pelas frequentes relações economicas e financeiras, olham quasi todas mais assiduamente, com mais intima solidariedade para o velho continente, do que para o Norte da America.

Cumpre, portanto, banir completamente o pensamento de uma solidariedade americana em opposição á Europa, em antagonismo com a sua politica, dissociada de suas aspirações e de seus destinos.

Os factores predominantes na politica internacional, ao tempo da declaração de Monroe, desappareceram ou foram alterados ou substituidos.

As luctas da liberdade politica evoluíram do terreno revolucionario para o processo pacifico das competições par-

tidarias: tal como foi collocado pelos pensadores do seculo XVIII o problema da liberdade politica encontrou a solução, em quasi todos os paizes europeus, ou vai dilatando o leito de suas conquistas; as rivalidades da concorrência, soffrendo o influxo do progresso ou da decadencia material dos povos, deixaram de encontrar os obices dos monopolios e das prohibições; no regimen da liberdade, com a multiplicação dos recursos e instrumentos do commercio, estabeleceram-se por tal forma as correntes do intercambio, que as distincções de nacionalidade se vão apagando na trama da concorrência dos individuos e das associações; o equilibrio europeu se consolidou em duas ligas de aparente paz armada, onde as cataduras de ameaça não dissimulam o sorriso ironico e calmo dos rivaes para a figura grotesca do espantalho militar; a politica colonial está terminando a liquidação do espolio africano; a Asia e o Oriente mediterraneo incorporam-se á civilização occidental, adaptam-se ás suas idéas, nivelam-se ao plano de sua cultura.

Dous phenomenos novos pronunciaram-se, entretanto, na vida dos povos civilizados: alcançada a liberdade politica, conquista e presa da burguezia, surgiu o proletariado, reclamando o direito á vida, á saude e ao bem-estar, interesses mais importantes que o do voto e da egualdade perante a lei, mas recalçados pela massa de privilegios politicos e economicos accumulados durante seculos de despotismo e de preconceitos; abertas á fome e ás aspirações dos desprotegidos as terras novas e seductoras da America começaram a attrahir massas de immigrantes, deslocados pacifica e voluntariamente.

A questão social, definindo as necessidades e aspirações dos proletarios, inconscientemente expressas até ha pouco em vagas fórmulas demagogicas e exploradas pela opinião politica, criou uma nova e mais perigosa perturbação para

as instituições e os costumes dos antigos edificios nacionaes da Europa: a colonização espontanea vai descortinando, pouco a pouco, novas riquezas para os necessitados e sangrando a plethora européa.

Assim, dissipado o aspecto de contraste e de opposição, os dous continentes mais civilizados da Terra se encontram diferenciados pelos caracteres particulares ao seu estado economico, á sua formação, ás tendencias parallelas, mas oppostas, de sua marcha: um em pleno crescimento organico, o outro em periodo de recomposição e de eliminação.

A Europa expelle os residuos da fermentação de longos e dolorosos processos de revolução. Luctas de religião, luctas de raças, luctas de nacionalidades, luctas de classes, luctas populares contra o poder, vão sendo aplacadas, resolvidas; e, sob o influxo de idéas, que são o patrimonio maravilhoso de sua intelligencia, mas encontravam os tropeços de muitos preconceitos, se reedificam as suas sociedades, na dôr e na angustia da agitação e de choques contrarios.

Transportado para o sólo americano, o pensamento europeu aplainou desde logo a superficie do nosso progresso, das escabrosidades da lucta religiosa e da lucta politica; formadas as novas nacionalidades pela emigração, o espirito das raças desapareceu na solidariedade e na concorrencia dos individuos; e, se a agitação social desponta esporadicamente e isoladamente em um ou outro ponto do continente, deve-se attribuir a anomalia á repercussão de idéas de importação, agitadas mais por habito que por convicção, e á infeliz politica que, com o proteccionismo industrial, favoreceu em alguns paizes a concentração excessiva de populações urbanas. Esta difficuldade, porém, é incomprehensivel em regiões onde todas as ambições podem ser satisfeitas, mais que pelo trabalho, pela propriedade.

Por veso hereditario, em alguns povos profundamente radicado no sangue; por irreflectida, machinal adopção de idéas, maximas, prejuizos e theorias de direito e de politica; por acção reflexa das luctas da independencia; em alto gráo, por influencia de interesses politicos, os povos americanos, inconscientes de seu character e de seus destinos, se deixaram arrastar na corrente da imitação das rivalidades, das intrigas e das aggressões que dividem o continente europeu. Dahi, essa atmospherá falsa e viciada de inimizadas, de allianças e opposições, de abusos e de violencias, que, de tempos a tempos, alimentam a ociosidade do patriotismo declamador e a curiosidade dos espectadores das explorações politicas.

Entretanto, a consciencia dos nossos verdadeiros interesses e destinos se vai accentuando firmemente. Tendo solvido os mais temerosos problemas que abalaram a sorte de nossos irmãos de além-mar, os Americanos perceberam que precisam concentrar suas forças e energias para firmar de vez a ordem livre em suas terras e aproveitá-las em beneficio de seus filhos e de grande massa dos "sans travail".

Nossas riquezas, sem exploração, chamam capitaes sem renda; as terras, sem cultura, attraem os braços sem trabalho; campos, florestas e minas abrem a seducção da fortuna ás ambições do capitalismo e ás necessidades da pobreza. Somos o laboratorio e o scenario de uma humanidade, libertada de suas peias, em face de um manancial inexgotavel de riquezas.

Assim, a America surge perante a Europa, não em antagonismo, mas como o fruto de suas idéas e o terreno de solução de suas difficuldades. Ha, portanto, uma politica americana, mas esta expressão "politica" perdeu o sentido classico de competencia entre grupos oppostos, para se nobilitar com o sentido de uma orientação sem luctas, propicia a todas as correntes de opinião.

Esta politica tem por base necessaria a paz. Os Estados Unidos assim o comprehenderam e assumiram a responsabilidade de a propôr ao mundo. Esta iniciativa deu á bella e gigantesca nação a gloria de realizar um imperialismo novo, fundado na conquista da influencia, pela força do valor moral e pela irresistivel fatalidade do bem. Acompanhal-a, prestigial-a, apoiá-la, deixa de ser um acto de subordinação ao paiz forte ou um gesto de desconfiança ás outras nações, para exprimir a reintegração espontanea de nossa marcha, na corrente de nossos destinos; a completa solidarização de nossos interesses com os de todos os governos e de todas as sociedades”.

Alberto Torres tambem publicou no *Jornal do Commercio* longo artigo, a proposito da moção apresentada pela delegação brasileira na Conferencia Internacional Americana, reunida em 1910 em Buenos Ayres, em que estuda qual deve ser o pensamento da moção dos representantes brasileiros escolhidos pelo “raro tino e superior capacidade do Barão do Rio Branco” e, depois de estudar o americanismo, cujas idéas resumimos, diz que “a impressão do Brasil deve ser a de ufania por ver coroada por esse admiravel movimento de genio diplomatico a carreira de seu filho, *que é o maior estadista internacional americano e um dos mais provecos do mundo*”.

Sobre a politica americana, Alberto Torres, depois que publicou o *Problème Mondial*, escreveu numerosos artigos em jornaes.

“A synthese da politica internacional brasileira pôde ser resumida nestes breves termos. No continente americano, a identidade da evolução politica e das instituições sociaes impõe a todos os paizes uma politica de paz. Na prosecução desta politica, os Estados Unidos têm direito, por sua posição internacional, pela iniciativa na realização de idéas liberaes communs e pela prioridade, no serviço

da paz, á direcção do continente; esta aproximação póde ser estendida a outras nações, sem, contudo, formar-se partido, ou alliança internacional, coisa incompativel com a propria idéa da paz. A vizinhança impõe-nos cuidados de cortezia e de prudencia e animo de transacção, nas relações com as nações contiguas; interesses politicos e economicos podem justificar commercio mais intimo, ou mais frequente, com algum paiz.

A aspiração de uma unidade internacional americana é uma das fórmulas absurdas deste preconceito.

A configuração geographica da America, em longa faixa longitudinal, é um imperativo de differenciação, jamais um determinante de unidade”.

O Sr. Lansing, secretario de estado do presidente Wilson, no discurso que pronunciou em 1916 no Congresso Scientifico Pan Americano disse que o “pan-americanismo” deve ser encarado como a “formula politica internacional” das duas Americas, assim como o monroismo é para os Estados Unidos a formula da politica nacional. Sobre este assumpto escreveu Alberto Torres varios artigos combatendo as idéas do Sr. Lansing.

Pois, para Alberto Torres, o pan-americanismo não passa de uma criação imaginaria, do producto da fantasia applicada á politica uma vez que não corresponde a qualquer identidade ou sequer analogia geographica, racional ou social, nem traduz uma união necessaria ou util. Esse sentimento, porém, de uma semelhança de aspirações, era antes uma suggestão litteraria commum no momento da independencia da America colonial, mas agora reflecte “a excessiva dilatação de uma força de expansão attingindo a fórma fluida de um sonho de absorpção continental”.

O pan-americanismo não pode, porém, continuar a ser considerado como um devaneio romantico, desde o momen-

to em que assumiu um caracter pratico. Quanto á politica de Monroe, sempre revestiu tal caracter e, além disso, deriva da tendencia imperialista dos Estados Unidos, como potencia mundial, a importancia de um titulo de dominio sobre a totalidade da America. Os paizes que formam esta parte do mundo, enfeixados pelo pan-americanismo, permanecem deste modo sujeitos á *politica nacional* dos Estados Unidos.

“A tutela permanente sobre as outras republicas, o *controle* dos seus mares e da sua vida economica, a absorção dos seus systemas bancarios e das suas empresas de viação, de commercio e de industria, a instituição da hegemonia norte-americana, como nação capitalista, não podem ser acceitas por nenhuma outra republica desta parte do Globo, estando no interesse e no dever de todas a obrigação de manter com os demais povos do mundo a mais recta e leal posição de reciprocidade economica, defendendo a sua liberdade de intercambio e o governo e direcção da sua economia.

A isto accresce, quanto a todas, mas, particularmente, quanto ao Brasil, que, nações novas, fundadas em condições muito differentes das que presidiram a *afortunada* formação dos Estados Unidos, têm a necessidade imprescindível de concentrar as suas energias, as suas riquezas e os seus valores, na organização e no robustecimento da sua personalidade politica, na organização da sua economia e do seu espirito nacional. Assim, nós, ao contrario de nos deixarmos diluir e dissolver pela expansão das outras nações, e, principalmente, das grandes potencias, carecemos tonificar, vitalizar e intensificar, as nossas forças e as nossas capacidades.

Os Estados Unidos não nos poderá ser, nem modelos, nem socios”.

11.º A ORGANIZAÇÃO DA PAZ

E' o ultimo capitulo. Na impossibilidade da criação do Congresso das Potencias, pende Alberto Torres para a idéa geralmente aceita da organização da Justiça Internacional, oriunda da idéa de arbitragem. "Ce qu'il faut pour assurer la paix, c'est de créer, à coté de la Cour Internationale, un corps de caractère politique, une sorte d'amphictyonie mondiale, composée d'une élite d'hommes politiques, d'un talent souple et d'un vaste savoir, réunissant, tout à la fois, la finesse du diplomate, la largeur et la pénétration de vues de l'homme d'Etat, la science du sociologue, du jurisconsulte et de l'économiste, chargé de surveiller les événements de la politique internationale, pour en prévenir les conflits, en les soumettant à tous les moyens possibles de solution amiable...

La reflexion sur les véritables causes des guerres, sur ces exceptions habituelles au recours de l'arbitrage et sur le système proposé dans les traités d'arbitrage illimité, signés entre les Etats-Unis, l'Angleterre et la France, confirme la nécessité de ce corps, organisation très pratique, développement naturel de la diplomatie, de ces Congrès et de ces Conférences, dont elle herite des moyens et des procédés.

Le Congrès Permanent des Puissances doit être pourvu du pouvoir d'exécuter et de renforcer les jugements de la Cour Internationale de Justice et d'un certain nombre d'attributions délibératives sur ces affaires et ces intérêts caractéristiques de l'évolution contemporaine des sociétés que l'on peut appeler, ayant en vue leur généralité, leur prééminence sur les intérêts des états et leurs étendue par delà des frontières, des questions *supra* nationales.

C'est le premier pas, dans l'organisation politique du

monde, tel que le requièrent les problèmes posés par l'état social du présent.

Il ne faut pourtant pas s'arrêter à la création de ces deux institutions. Ce besoin d'ordre et d'étude, ce désir d'avoir conscience des choses de la vie et de la société, aspiration de tous les nobles esprits, impose la nécessité d'une organisation qui puisse devenir le centre du travail intellectuel de tout le monde, le bureau de revision des recherches personnelles et de comparaison des résultats obtenus dans chaque question et des conclusions partielles à l'effet de leur application. Sans caractère obligatoire ni dogmatique, les travaux de ce corps savant — des dégénérationes et synthèses provisoires, progressives ou définitives — donneraient aux gents d'étude un guide et des points de repaire dans leurs recherches, devenant pour la politique internationale surtout et pour les gouvernements, un admirable corps consultif.

Ces savants, choisis dans tous les pays les hommes de cœur noble et de haut esprit, entourés de toutes les conditions de confort et de sécurité sociale et morale, pourvus de tous les moyens d'étude et de recherche, exerceraient assurément sur la vie des peuples et sur les actes des gouvernements une salubre influence d'apaisement, de raison, d'esprit pratique. Ce serait le progrès naturel, réalisé en des conditions d'efficacité, des Congrès scientifiques contemporains. Ce sont des idées simples, naturellement développées d'institutions déjà existantes et en fonctionnement, dont tout le monde reconnaît les avantages et dont on pourra vérifier les résultats.

La négation de la nécessité et de l'opportunité de ces créations ne serait que l'expression d'une attitude négativiste, sans base dans notre nature et sans fondement dans les intérêts de notre espèce. On discute, maintenant, la rationalité de notre esprit. Mettons de côté le débat philosophique; remplaçons la Raison par la Pensée, dans ce

centre de nos âmes où se fait l'équilibre de nos actes, le coordonnement de nos fonctions, et demandons-nous, de bonne foi et en toute franchise d'esprit, si le gouvernement des nations et du monde, mériterait d'être la seule chose abandonnée par la civilisation aux impulsions, aux appetits et aux calculs individuels?

Ce serait refuser à notre esprit, dans la politique, la capacité dont il fait preuve dans toutes les autres manifestations de la vie".

Tal é o plano do pensador brasileiro. Como escreveu Clovis Bevilacqua: — "E' simples na sua estrutura, e vem acompanhado de uma extensa e substanciosa justificação, na qual se accentuam qualidades superiores de observação e construcção.

Certamente, a simplicidade do plano não importa facilidade na sua execução. Fortes obstaculos erguem-se de varios pontos; mas o esforço é nobre e, incontestavelmente, lança muita luz sobre o assumpto". *Le Problème Mondial* mereceu a mais entusiastica e lisongeira critica, tanto nacional, como estrangeira.

O Jornal do Commercio termina o seu longo artigo de critica dizendo que "a obra notavel do illustre pensador brasileiro é digna do successo mundial a que aspira. Austera, cautelosa, documentada e erudita, entrará naturalmente para o catalogo universal da philosophia pacifista". Ozorio Duque Estrada depois de longa analyse, termina dizendo que: "O livro do Sr. Alberto Torres é um trabalho magistral e fulgurante. Cada phrase do seu texto encerra um pensamento ou um conceito, que estão desafiando a meditação de todos quantos se deixam mover por esses assumptos magnos e vitaes, não só para o Brasil como para todo o conjunto da especie humana.

Trata-se de uma synthese de estudos admiraveis sobre idéas e sobre factos de interesse immediato para a civili-

zação e, sobretudo, para os paizes novos e de formação retardada, como o nosso, destinados a naufragar no meio da tremenda crise social em que muito proximamente se hão de abater, si algo de proficuo não fizerem para a conquista dos seus destinos.

Chamar, pois, para elle a attenção da sociedade brasileira, actualmente mergulhada na mais lastimavel das abstracções, é ao mesmo tempo, um dever de consciencia, de patriotismo e de humanidade”.

José Verissimo, depois de fazer referencias ás nobres preocupações altruisticas, ao generoso e esclarecido ardor pacifista e á alta capacidade para tratar a grande e complexa questão da paz, escreve: — “Livro em que sentimos longo e acurado estudo e demorada meditação, o do Sr. Alberto Torres é o livro de um pensador e de um estadista, cujo pensamento, não obstante o perigo do assumpto tão propicio a divagações sentimentaes ou a amplificações rethoricas, não se perde jamais na pura ideologia”.

A *Revista Italiana di Sociologia*, dedicou longo estudo analytico ao “*Le Problème Mondial*”, e termina dizendo que: — “Não é certamente a primeira vez que o problema das relações internacionaes é estudado, e que uma éra de paz, regida pelas normas da justiça e da egualdade, é preconizada em pról do bem-estar dos povos. Em nenhum estudo, porém, que eu conheça, a questão é considerada com tanta sinceridade de sentimentos, com tanto enthusiasmo e fé. Póde-se, por varias razões, não ser optimista com o autor ácerca dos resultados da funcção a que se crêem destinados os Estados Unidos: e os acontecimentos hodiernos justificam cabalmente esta opposição; não é possivel, porém, deixar de subscrever o conceito, altamente humanitario que é a conclusão de todo o estudo”.

“O Estado de S. Paulo” escreveu: — “Uma das grandes preocupações de Alberto Torres era o problema da paz

universal. A sua contribuição para a solução deste assumpto está consubstanciada em varios opusculos, que tiveram bastante repercussão no exterior. A originalidade e arrojo das suas concepções collocam-n'o ao lado dos grandes espiritos da nossa época e não é raro vermos, nestes dias, repetidos em jornaes e revistas estrangeiras, alguns pensamentos lançados á circulação pelo nosso eminente patricio”.

O Sr. Matheus de Albuquerque dedicou um capitulo do seu livro “*Sensações e reflexões*” ao estudo do “*Le Problème Mondial*”, do qual transveremos alguns trechos: — “Este trabalho, como explica o illustre ensaista, representa uma synthese de estudos sérios e detidos, sobre idéas e sobre factos. E’ uma interpretação do estado actual da evolução humana, que ao autor parece fundada na Historia e na observação do presente e que é de immediato interesse para a civilização, afim de evitar que ella deslize, em face dos tremendos problemas que enfrenta como tantas vezes no passado, para um novo cyclo de regresso ás sugestões da imaginação e do mysticismo, ou ás da violencia, revolucionaria ou despotica.

A este interesse sobreleva o interesse deste trabalho para os paizes novos e as raças e nações retardadas, ou em periodo de formação, como a nossas. Se estas raças e estes povos não atravessarem a crise do nosso tempo no gozo da liberdade e na pratica da liberdade — não só da liberdade politica e juridica, mas da liberdade social e economica — serão vencidos e eliminados injustamente, numa concorrência desigual. A opinião brasileira está distrahida, indifferente, sceptica, desattenta. Para forçal-a ao estudo das idéas como as que se discutem nesse livro, é mister empregar um esforço energico e vigoroso. E desse esforço é que ainda não deram prova os nossos homens de espirito culto e coração bem formado.

Afóra um ou outro artigo de critica mais sisuda, com que a nossa imprensa, visceralmente politica, amiga de picuinhas, condescendente em nos dar, de vez em quando, uma apparencia de vida litteraria, e uma ou outra referencia de noticiario, dessas com que, em geral, se registra o recebimento dos estatutos ou dos boletins das sociedades recreativas ou mutuaras do interior, fez-se em torno do *Le Problème Mondial* um silencio commodo, filho menos do descaso que da ignorancia nacional, e que só poderá surprehender a quem ainda desconheça a nossa falta de curiosidade pelas coisas do pensamento. Num paiz realmente culto, onde o estudo dos altos problemas humanos não interessasse apenas, como aqui, senão quando se reunissem congressos de scepticos rhetoricos alimentados por ceias cosmopolitas e apotheoses á Brilhat-Savarin, effectuadas com a cumplicidade de scenarios empolgantes como a Tijuca e o Corcovado; num paiz onde existisse uma cultura orientada para um destino certo, onde houvesse sequencia nas idéas e nas acções dos homens, onde estas e aquellas fossem mais o resultado seguro de uma tradição continuada do que o producto improvisado de causas eventuaes — o livro de Alberto Torres seria objecto de larga curiosidade intellectual, as suas idéas se tornariam logo conhecidas, espalhadas e discutidas pelos divulgadores officiaes das idéas de todo o mundo, como o Sr. Faguet e, dellas se recolheria carinhosamente a summula necessaria ao patrimonio intellectual de um povo.

Mas Alberto Torres, que é um homem de pensamento, que veio a este mundo, principalmente, para viver no trato das idéas, teve a desventura de nascer no Brasil. Não póde haver tragedia mais dolorosa do que a do homem que aqui vive exclusivamente pelo pensamento, quer este revista uma simples formula d'arte, quer o anime uma especulação superior de ordem politica ou social. E' o tormento inenar-

ravel da adaptação, seculos e seculos de sensibilidade acumulados amanhecendo, num estonteamento, entre os primeiros annos de uma brutalidade infantil. E' a peregrinação silenciosa e tragica de um solitario, que busca, em vão, na turbulencia ambiente, um recanto de pura espiritualidade, o reflorescimento material desse sonoro jardim de Academus, em que o homem, pela força do pensamento, em dialogos mudos com uma natureza amavel, chega a comunicar com a divindade. E' o exilio dentro da patria. Tão grande é o soffrimento deste desgraçado, que elle acaba por se tornar ridiculo...

O generoso autor do *Le Problème Mondial* como alguns outros seres exóticos, tem o heroismo de viver aqui para o culto das idéas. E' um sacrificio que bem pouca gente lhe perdôa, mesmo porque nem todos se apercebem de sua existencia. Por saber que a nossa lingua tem tanto de formosa quanto de ignorada, e como os assumptos de que trata são de interesse universal, elle leva o seu heroismo ao ponto de escrever os seus livros num francez do melhor quilate...

Entretanto, o sr. Alberto Torres é o que se pôde chamar um alto pensador. Será um idealista, um visionario da paz universal, mas esse empenho generoso, ainda que exaggeradamente theorico, pelos destinos da humanidade, só o pôde elevar perante a especie, e em nada prejudica ao escriptor e ao estheta que elle é: o seu livro, do ponto de vista litterario, tem o rythmo das coisas regulares. A belleza e a razão, o senso musical e a profundeza do saber, conjugam se nelle para uma obra de desejada perfeição. E' um erudito forrado de um artista. Dir-se-ia um grego, sempre atilado, na harmonia da expressão artistica, e um romano, vagamente romantico, na força do pensamento amadurecido no culto do direito. Dotado de grande esthesia, as

suas idéas, antes de convencer, encantam. A sua attitude é a de um homem inquieto pela solução dos problemas moraes, politicos e sociaes.

Pacifista, por exemplo, e entendendo que a guerra não é feita pelo instincto, porque a tendencia humana é para a accommodação; que ella “é um phenomeno social e, sobretudo, politico; que é o resultado antes da ambição que da necessidade; que foi criada por força de commando, e pelo primeiro guerreiro”, elle acha que, para a solução do grande problema da paz, os Congressos Permanentes de Jurisconsultos são insufficientes e a elles se deve juntar um corpo de character politico — *une sorte d'amphictyonie mondiale*, composta de uma élite de homens politicos — “chargée de surveiller les événements de la politique internationale, pour en prévenir les conflicts, en les soumettant à tous les moyens possibles de solution amiable”. “Les guerres sont, par dessus tout, des faits politique et sociaux, provenant de causes profondes, presque toujours lointaines, parfois inaperçus, dont les motifs occasionels ne sont que des prétextes ou des éclats explosifs. Les questions juridiques, les conflicts justiciables, ne donnent que bien rarement occasion à des hostilités”.

Seria para louvar, e assim me exprimo como simples leitor curioso, que os criticos e os internacionalistas brasileiros discutissem as idéas do sr. Alberto Torres, dando-lhes a maior divulgação possivel. Em qualquer paiz culto, um livro como *Le Problème Mondial* se constituiria objecto de uma vasta repercussão. Aqui é recebido com um silencio que não só nos envergonha, por evidenciar a nossa incapacidade para tudo que não é immediato ou regional, como nos entristece, por attestar, mais uma vez, a impossibilidade da existencia, por emquanto, de homens superiores no Brasil”.

Alberto Torres recebeu numerosas cartas de escriptores européus e americanos, applaudindo as idéas de "*Le Problème Mondial*".

L. Olphe Galliard depois de publicar uma apreciação critica escrevia: J'ai également lu avec un vif intérêt votre livre, et je me suis reporté un compte rendu qui en a été donné dans la *Science Sociale*. Votre étude a été certainement très appréciée pour les lecteurs de la *Science Sociale*. Comme vous le constater, l'idéal pacifiste est dans nos aspirations comme dans les vôtres, et c'est l'observation des faits économiques des sociétés modernes qui sert de base aux unes comme aux autres".

O philosopho e escriptor Jules de Gaultier diz em carta: "Votre livre, je tiens à vous le répéter, m'a fort intéressé et j'en relirais plus à loisir certains développements. Mais je ne crois à l'influence du raisonnement sur la vie.

Les hommes sont aussi sourds que les éléments. Les forces sociales obéissent à des fatalités contre lesquelles nous sommes aussi desarmés que contre des tremblements de terre ou des éruptions volcaniques — ou même plus desarmés, — car il nous est plus difficile encore d'en connaître les lois. Je pense qu'en cette matière les esprits les plus pénétrants ne peuvent aspirer qu'à la gloire de Cassandre".

Lammarsch, professor de direito internacional na Universidade de Vienna, escreve:

"Avec les plus vif intérêt je viens de lire votre livre sur le problème mondial. Surtout votre théorie sur les origines de l'esprit guerrier me paraissent de la plus grande valeur et originalité. J'espère que votre patrie vous enverra à la troisième conférence de la Paix pour développer devant cet areopage, devant le parlement du monde votre idée si belle de l'amphyctionie mondiale (pg. 210), pour com-

pleter l'ouvre commencé pour votre patrie par mr. de Rio Branco". Une chose qui m'a *interessé tout* particulièrement est le fait mentionné par vous á pg. 52, que votre compatriote Mr. Sá Vianna a présenté au Congrès Scientifique Latino-Americain un project d'une sanction aux violations des traités d'arbitrage".

CAPITULO V

ALBERTO TORRES POETA

Alberto Torres, era poeta inspirado e sociologo eminente; era um chronista de jornal e era um philosopho profundo; era um jurista atilado e era um estadista de des-cortinio. Foi um orador de propaganda com todos os éstros de paixão e enthusiasmo; na cathedra de juiz foi um modelo de calma e imparcialidade.

João Ribeiro, na critica á 1.^a edição deste ensaio, acha um dos mais interessantes o capitulo sobre Alberto Torres poeta. "Poucos sabiam, e ainda hoje ignoram quasi todos, que o grande philosopho politico, era tambem poeta.

A eloquencia tumultuaria e inexgotavel que era um dos seus encantos de orador e de "causeur", recusava-se á serena crystallização da poesia. Comtudo, ha belleza em seus versos, sempre inspirados nas idéas mais alevantadas e mais puras".

Eis alguns versos de autoria de Alberto Torres:

A ULTIMA BENÇÃO

A plumbea cabelleira arremessada aos ventos,
Rasgando o inquieto oceano em dous tapetes brancos,
Corta o immenso vapor, em largos movimentos,
O marulhento mar que geme nos seus flancos.

Subito, um grande abalo, um tremor, uns arrancos,
Abrem de popa a prôa os fortes vigamentos;
Rebenta a agua raivosa entre os quartos estancos,
Despedaça o navio em multiplos fragmentos.

"E' o naufragio! E' a morte!" exclamam vozes loucas,
Transidas de terror; e centenas de boccas,
N'este grito a miseria e a colera condensam.

"E' o Céu! a Redempção!" diz uma voz serena;
Da crista de uma vaga um sacerdote acena
Sobre o tragico oceano uma ultima benção.

Sobre verde collina, uma casinha branca
Pousa, como uma pomba entre festões de rosa;
Ao lado uma cachoeira as aguas murmurosas
Vae rolando, entre os musgos e os lyrios da barranca.

No céu de eterno azul, o sol de eterno brilho
Entorna sobre a casa o diluvio da luz:
Serpeando a montanha um sinuoso trilho
Para o ninho de calma, entre sebes conduz...

De um bosque bem cerrado á sombra hospitaleira,
Os passaros cantando as festas da alegria,
Dão-me os bons dias quando eu saio á luz primeira,
E me dizem adeus ao som da Ave-Maria.

Eis o sonho, o ideal, eis a ambição modesta,
Que, para o fim da vida, a minh'alma illumina.
Mas como sonho que é, e o ultimo que resta,
Tombará, sobre mim, pobre sonho em ruina...

O seguinte soneto foi feito em homenagem ao seu pae,
o Senador Martins Torres.

ORAÇÃO

Ao meu pae

Alma autora da minha, alma formosa,
Que hoje resides na morada eterna,
Ergue, para mim tua palavra terna;
Ora, ora por mim, alma piedosa!

Pede a Deus, que o futuro nos governa,
— Senhor dos sóes, dono da luz gloriosa,
Que, para mim voltando a mão bondosa,
Dê-me a lição da sua voz superna!

Pede a Deus, que o seu raio de bondade,
Como um pharol postado em pleno oceano,
Guie os que aqui deixaste, na orphandade,

Dê-lhes calma na dôr, força na liça,
Que é do divino Ser ao ser humano,
Melhor que caridade, dar Justiça!

PETROPOLIS

Vagueio sem destino... os olhos preguiçosos,
Ora aqui; ora ali, pousando: sobre as flôres,
Sobre as casas, o matto e os trilhos sinuosos
Que vêm sulcando á tarde exhaustos lenhadores...

Pára no alto de um morro; entre os flocos nervosos,
Sobre a paysagem morta, os ultimos fulgores
O Sol do estio lança, em raios vaporosos
Como sonhos de Luz sobre o somno das Cores...

A meus pés, a cidadè: as largas avenidas,
Os jardins, e, por entre as arvores, a gente,
Da qual a briza tráz as vozes, confundidas

A' do rio que corre entre as pedras gemente...
E eu lanço, então, sobre elle estas rimas... perdidas
Flôres que irão boiar, morrer sobre a corrente.

SONETO

Que importa a morte, se na escura trama
Desta negra floresta, povoada
De feras e de sombra a crença inflamma,
Na alma do poeta, a luz de uma alvorada.

A vida é um vasto e formidável drama,
 Onde do Amor e do Odio, encarniçada,
 A batalha prosegue, illuminada
 Pelos clarões da Morte ou pela Fama.

Vae não vacilles, coração guerreiro,
 Caminha a luz dos astros do roteiro
 Que o destino marcou ao teu viver;

Segue como se fôras inda um pagem,
 Seguindo ancioso a lyrica viagem,
 Da esperança, a viagem do Dever.

CANTICO AO GENIO DOS MEUS LARES

Che quanto piache ad mondo é breve sogno.
 (I Petrarca — Sónetti i canzoni in
 vita de Madona Laura)

Viver... sonho talvez ou, porventura
 Termo de uma outra vida em chão remoto,
 Antes, a terra; após, o inferno ignoto;
 E um minuto, do berço á sepultura.

Ossos e carnes que o calor conforta,
 Reduz-se a isto, acaso, uma existencia?
 O olhar, o amor, o sentimento — a essencia
 Que nos conduz, morta a materia, é morta?

Do torvo mar, da petala magoada,
 Da selva em brazas, do vulcão que inflamma,
 Sobe — fumo, vapor, perfume ou chamma, —
 A impolluivel essencia etherizada.

Leão, gigante, heróe, eis-te hoje inerme;
 Virtude, luz e força do Universo,
 Tombaste; e pelo chão ficas disperso
 Pó e esqueleto, podridão e verme?

Não pode ser, não é; teu genio d'aço,
 Com azas de condor, rebelde e forte,
 Que a vida não quebrou, não quebra a morte;
 Teu tumulo, alma livre, é todo o espaço.

Cada estrella do azul onde pousares,
Ave de luz, aguia entre sóes pairando,
Albornoz no ceruleo vagando
— Oh! nume bemfazejo dos meus Lares,

Ha de ser como um throno, alto, celeste,
Onde, entre aureolas fulgidas sentado,
Descansarás do bem que aqui fizestes,
Do mal que te fizeram, descansado.

(1906)

HYMNO AO SOMNO

Dorme, dorme ainda mais, corpo exausto de vida,
Da pena de viver mortificado e lasso;
O somno é uma promessa, a imagem resumida
Desse eterno dormir da noite sem descanso...

Pelas sombras da noite as nuvens tormentosas
Desenham pelo azul vagas formas de estatuas;
Cantam hymnos de gloria aves mysteriosas,
Cortam rapido o ceu astros de luzes fatuas...

Dorme, dorme ainda mais, o somno é mais que um gozo,
Que descansa a materia e ala a Imaginação;
Dormir é duplicar a vida no repouso,
Tendo o corpo na Terra e a alma na amplidão.

Emquanto o corpo dorme, a alma do homem solta
As azas ideaes para a região dos sonhos,
Anda em constellações e paramos risonhos,
Revivendo illusões da idade que não volta...

Dorme e sonha: viver é talvez o reverso,
E' talvez a ficção da infinita verdade:
No silencio do somno, escuta-se o Universo
E na treva da noite olha-se a Immensidade.

A luz do Sol é como esplendida cortina
Que n'um circulo estreito a vastidão encerra;
Ella fecha o horizonte e o espaço que illumina.
Prendendo o olhar no chão e o espirito na terra;

Emquanto á noite, a gente através das estrellas.
 Ou debaixo da luz tranquilla do luar
 Pode ver cada vez mais estrellas... e vel-as
 — Astros em multidão — astros multiplicar...

Dorme e sonha: dormindo, incorporas-te á terra,
 Sonhando, entra em teu ser o filtro do mysterio,
 Treva e mysterio... a força ascensional que leva
 O insaciado Ideal, discrente deste espherio,

A buscar muito além do azul dos céus que vemos,
 Acima da legião dos Sóes que nos offuscam,
 A Esperança, o Porvir, a illusão que entrevemos,
 ... Mas, que em vão pela Terra os nossos passos buscam.

(Petropolis, 1906)

Transcrevemos os tres ultimos quartetos dos bellos versos dedicados á sua digna esposa, que tão bem soube comprehender aquelle grande espirito e que deve partilhar da justa gloria que aureola o nome de Alberto Torres, pois foi a sua dedicada companheira e a sua intelligente collaboradora.

Pour chanter l'expression de ton visage et du
 Charme de tout ton être, et de sainte et de fée,
 Ou la forme gracieuse et fière de Psyché
 Semble mouler l'émanation de la Vertu;

Je ferais une fête à la fois plus grandiose
 Et plus modeste; et réveillant ma chaste muse,
 Qui retient dans mon cœur la source d'Aréthuse,
 Le vieux soleil couchant de ma gloire morose,

La douce inspiration de mes jeunes poèmes —
 J'essaierais de dire, en de vers magnifiques,
 L'hymne de ta beauté et de ton âme épiques...
 Et je ne saurais dire que ces trois mots: Je t'aime.

CAPITULO VI

MAXIMAS E PENSAMENTOS

Eis alguns pensamentos e maximas ineditas de Alberto Torres:

Para as naturezas delicadas e honestas a vida é uma perpetua e progressiva subordinação á dôr.

* * *

A quintessencia da delicadeza da alma humana consiste em soffrer sem communicar a dôr.

* * *

Mal de muitos consolo é: proverbio do egoismo e da maldade. O homem boaz multiplica o seu soffrimento pelos soffrimentos alheios.

* * *

Acceitar a má sorte, sem remedio, com serenidade e coragem é coisa tão superior ás forças humanas que só se pode explicar pela existencia de uma confiança latente, uma como sub-consciencia, que anima e sustenta, sem se fazer sentir, com todo o poder e todas as energias da immortalidade, espalhada nas cellulas do corpo,

* * *

Os homens felizes são incapazes de fazer justiça, porque não têm a noção do phenomeno mais commum da vida que é a dôr.

* * *

Todos os homens erram, nenhum deixa de ceder á fraqueza: o essencial é que no conjunto da vida, a somma dos moveis da conducta seja sincera, justa e leal.

* * *

Juiz! Haverá mais estulta vaidade do que a de se dizer alguém juiz? Se a justiça é essa arte mesquinha e cruel de garantir aos grandes o direito de comerem os pequenos, como dizia o P. Vieira, todo o mundo é juiz; mas, a verdadeira justiça, profunda e subtil, que consiste em deslindar, na trama emmaranhada dos interesses e das paixões, o fio de ouro imperceptivel e puro da verdade intima e essencial dos moveis humanos, qual o coração forte e o olhar penetrante, certo de o alcançar?

* * *

Começa-se a morrer quando se deixa de ter aspirações.

* * *

Uma condição indispensavel na felicidade da vida é conformar a conducta com os sentimentos intimos. A hypocrisia, as conveniencias e convenções que levam á tortura desses sentimentos e desviam a marcha do homem dos seus impulsos, são, além de verdadeiros crimes moraes, perturbações do destino pessoal e, com esta, da ordem na sociedade. Está talvez nessa harmonia, entre o sentimento e o proceder a solução do problema da ordem moral e social porque cada individuo, tendo a sua natureza distincta, como

o seu physico, e procedendo de accordo com ella, occupará o seu justo e proprio logar na sociedade: d'onde o equilibrio.

* * *

A ambição, não a ambição frivola dos povos, nem a ganancia dos especuladores, mas a ambição sincera, espontanea e nobre, exerce nos destinos do homem a funcção de uma bussola. Deve ser moderada e contida, jamais contrariada. O individuo que a perde ou a renuncia, é um ser inutil, senão pernicioso.

* * *

A prova que o homem tem sempre o olhar dirigido para o futuro está em que elle tem mais amor aos filhos do que aos paes.

* * *

Os philosophos que, sentindo a necessidade de substituir na alma do Homem a Fé, por outro sentimento mais natural, de elevação moral e esthetica procuram-n'o na Razão e na Humanidade, commettem um erro de psychologia desconhecendo a força energica e imperiosa que conduz os passos da nossa especie para uma idéa do Porvir, que a todos os olhos apresenta a miragem da Perfeição e da Felicidade. A Razão, força directriz do pensamento, é impotente para satisfazer as aspirações moraes. A Humanidade por isso mesmo que recorda uma realidade cujas imperfeições, são conhecidas no Passado e no Presente, é incapaz de preencher no espirito a lacuna dessa concepção monumental de Deus — Principio, Modelo e, sobretudo, Fim da existencia.

* * *

A sociedade contemporanea manifesta symptomas de profunda anarchia e radical desmoralização; essa anarchia e

essa desmoralização resultam das *idéas dominantes*: ao materialismo, ao positivismo, á sciencia emancipada, ao orgulho da razão humana — deve ser attribuida a culpa dessa ruina e dessa corrupção. E' mister abandonar os caminhos abertos, voltar á fé, ao espiritalismo, á Igreja, para restabelecer a ordem, para regenerar a vida... Ao christianismo, credo das nações cultas e das nações fortes, cumpre restabelecer esta obra de reconstituição moral.

* * *

Um povo, como um homem, bate-se por sua honra, não faz consistir a sua honra em bater-se.

* * *

No Brasil, a cultura intellectual consiste toda em saber dizer em linguagem ornada — e quanto mais arrebicada e pretenciosa, melhor, as idéas de todo o mundo — e quanto mais vulgares, tambem melhor: mais certo é o accordo e ruidoso o applauso.

* * *

Falae em realizar alguma coisa, construir, organizar, desenvolver, executar... Não tereis éco!

Falae em moralizar, regenerar, punir, disciplinar, educar; eis que nos cerca de chofre um milhão de adeptos.

Todos gostam de ser criticos, juizes e educadores... dos outros.

* * *

Em nossa vida de hoje, toda a Historia está no jornal da vespera, e o Mundo inteiro... na Avenida. E esta é a visão dos "estadistas".

* * *

Traços da nossa anarchia: os alferes commandam o exercito e os reporteres derigem a imprensa.

* * *

O mal está “no homem”, clamem os scepticos. Simplesmente, “o homem” é o aristocrata europeu, bandido feudal, até quasi o seculo XVIII, e é Luiz Gama — um preto, que tinha o character e seria capaz de ter a energia de Washington. Não teve o “meio, nem os meios: eis tudo!

* * *

A sociedade é o molde do homem; a Nação, a sociedade politica. Ha sociedades produzidas por lentos processos evolutivos, assim como ha sociedades transplantadas. A França, a Suissa, a Inglaterra, a Allemanha, no primeiro grupo; os Estados Unidos, a Argentina, o Chile, no segundo. O Brasil, com tres seculos — si tanto — de real povoamento, não podia constituir-se por tradição; gente mudada para um terreno exotico, menos podia ser um paiz de transplantação.

Não nos falta patriotismo, não nos falta moralidade, não nos falta intelligencia, não nos falta energia. Nós possuímos tudo isso, em gráo superior talvez, ao de outros povos. Falta-nos o “meio”, falta-nos a sociedade, falta-nos a Nação — coisas que não consistem nem da massa da gente sobre o territorio, nem no conjunto das relações adventicias da vida commum, nem na unidade da lingua e da religião — mas num certo “serum” economico e moral, que contêm a essencia de tudo isso e de muita coisa mais.

Eis o que é mister organisar; eis o que nos cumpre “constituir”: com a politica, com a administração, com a educação, com a agricultura, com a viação, com a imprensa, com a tribuna, com a justiça, com a defesa militar, com o commercio, com a industria, com o trabalho...; com amor, com Moral, com energia, com Ideal: — com a fôrma propria á nossa sociedade; com as leis proprias á

nossa terra e gente... com os homens aptos a essa obra, com os homens dignos dessa obra!

* * *

Na organização de uma chapa de deputados, ouvi um dia uma influencia politica, decidindo entre dois candidatos: entra este porque ainda não comeu. E ahi está no que se reduz a vida quando não a conduz um ideal: ter comido, estar comendo ou vir a comer.

* * *

Os povos têm sido moldados á imagem e semelhança de seus chefes, de seus padres e de seus sabios.

E' erro imputar aos povos, na critica dos acontecimentos sociaes, a responsabilidade dos desvios da evolução e esperar delles a iniciativa de reformas e movimentos reparadores. O corpo alimenta; não inspira, nem dirige o cerebro.

CAPITULO VII

DISCURSO NO INSTITUTO HISTORICO

Em 1911 Alberto Torres toma posse no Instituto Historico do cargo de socio honorario, pronunciando monumental discurso. Como disse o então orador do Instituto, o illustre Conde de Affonso Celso, “é monumental pelas grandiosas proporções, harmonia das linhas architectonicas, magnificencia do conjunto, elevada significação”. Seu discurso causou a maior impressão. Escreveu o illustre historiador Rocha Pombo, que “não houve quem não visse naquelle notavel trabalho, postos, com uma nitidez admiravel, os factos da evolução social da especie, e os problemas que, decorrentes dessa evolução, mais directamente nos interessam a nós brasileiros. Não houve quem não visse com certo espanto — como se todos ficassem attonitos ante uma revelação de semelhante natureza — o apparecimento, subito e imprevisto, dessa nova figura já na culminancia do nosso mundo pensante, e tomando logo o seu papel, solemne e impressivo nos gestos magistraes, annunciando coisas que têm que vir, clamando ansioso, como um Baptista que viesse do deserto”.

Alberto Torres deu ao seu discurso uma denominação que o resume: um vôo de aeroplano sobre a historia universal. E este vôo tinha um fim nobilissimo, pois o seu discurso foi uma brilhante apologia da paz universal. Faz o estudo do pacifismo através dos tempos. A historia passa em todos os tempos, em todas as philosophias, em todas as religiões, cantando a paz e amaldiçoando a guerra. Estuda todas as grandes questões internacionaes. Examina o problema das raças. Termina o seu notavel discurso com conclusões da mais profunda belleza moral, da mais rigorosa verdade historica e sociologica.

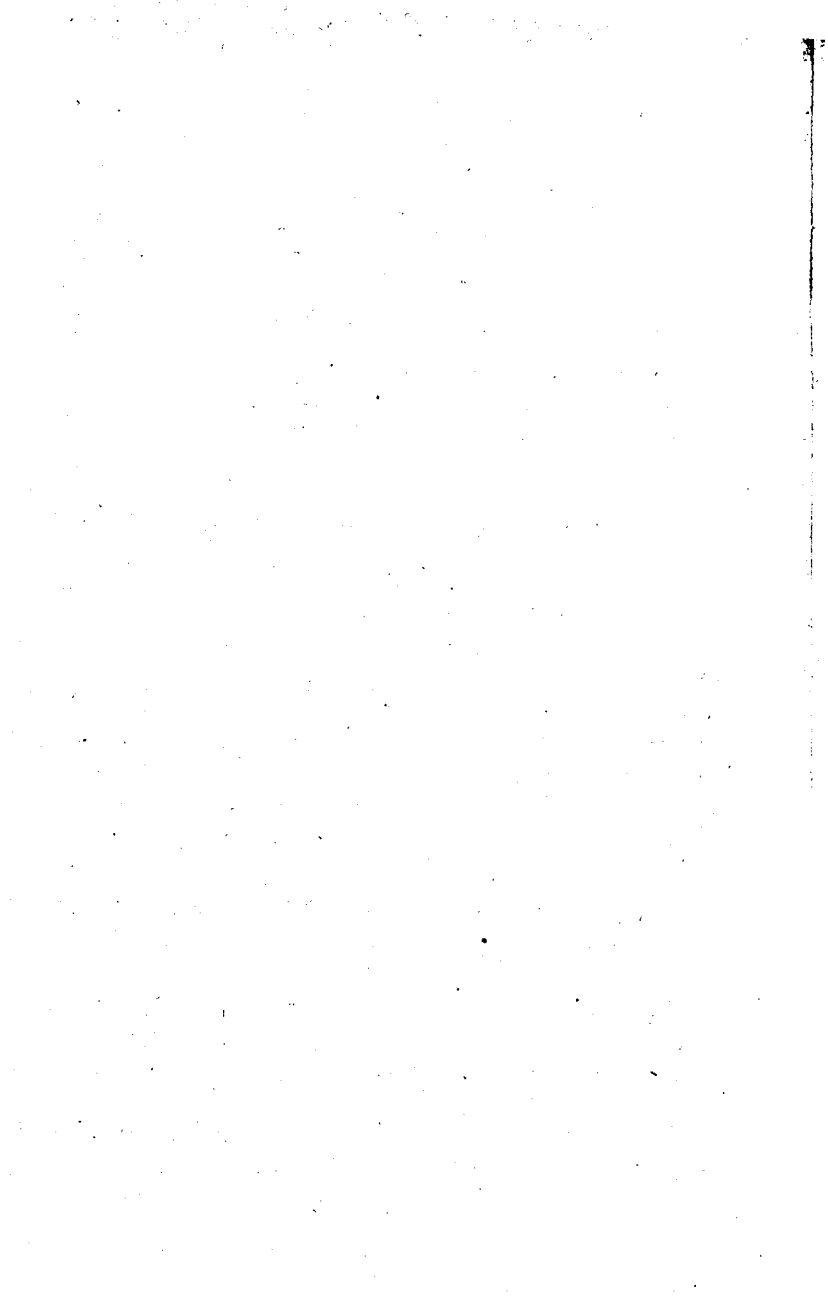
Todos os estudos pacifistas de Alberto Torres são bascados nos mais rigorosos dados historicos, sociologicos e philosophicos, e como elle escreveu no "Estado de S. Paulo", "nada tem commum, nem com os sonhos sentimentaes e romanticos, nem com as aspirações doutrinarias, dos philosophos e politicos de pendor philantropico, transportando, já, pelo contrario, o ideal da paz para o terreno das realidades sociaes, economicas e politicas. Em "*Le Problème Mondial*", onde, posto á margem o criterio habitual de contemplação dos phenomenos da paz e da guerra que com plana na extincção da guerra todo o problema da ordem internacional — procurei alcançar e abranger as correntes profundas e fontes originarias dos conflictos e luctas mundiaes, e perceber, seguindo o curso dessas correntes até nossos dias, e sua projecção para o Futuro. E de quanto acertei neste trabalho de caracterização da phase contemporanea da politica humana, offereço, aos que não se dispensam o testemunho do facto consummado para julgar da exactidão das previsões politicas, uma especie de confirmação que realiza o bizarro de um "corpo de delicto" "ante facto" — nas paginas do primeiro capitulo deste ultimo livro". Com effeito no primeiro capitulo do

“Le Problème Mondial”, são previstos com exactidão *todos os acontecimentos mundiaes*.

Teve a previsão da conflagração européa, quando escreveu:

“Il n’y a qu’une seule, d’entre les grandes puissances dont l’avenir “semble” dépendre du sort des armes: l’Allemagne. Placée, avec les E’tats Unis, à la première ligne de l’avancement et de la croissance, l’Allemagne, exubérante d’énergie, surchauffée de force, d’ambition et de pouvoir, n’a pas encore trouvé la base économique, financière et territoriale de son expansion; et elle possède, dans son patriotisme, dans son esprit de nationalité et de discipline, dans son armée et dans sa flotte, des instruments imposants d’activité... Ce serait puéril que de tergiverser avec des choses qui sont la suite d’une longue élaboration historique. La phase militaire de la civilisation doit éclore en une crise impérialiste de l’Allemagne. Affaire de crise d’âge, et de ce pays et du monde. Mais cette fatalité peut trouver son correctif dans l’esprit de transaction des autres puissances; et c’est cela que les peuples intéressés à établir la paix doivent avoir en vue..... Si cet accord ne réussit pas, l’Allemagne, l’Angleterre, les E’tats-Unis et la France — les vrais arbitres, à ce moment, des destinées du monde — auront á répondre devant l’avenir, d’une crise mondiale, faite de l’enchevêtrement et de l’excitation de toutes sortes de rivalités politiques, de conflits, de actes, de classes, de nationalités, d’intérêts sociaux et économiques, de suprématie et de soumission de peuples” (1).

(1) *Le Problème Mondial*, pag. 18-20.



CAPITULO VIII

PROJECTO DE UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Logo após ter sido empossado de socio do Instituto Historico, Alberto Torres, apresentou, em Agosto de 1911, uma proposta para que o Instituto convidasse as principaes associações scientificas e litterarias, como a Academia de Letras, a Academia de Medicina, Instituto dos advogados, Club de Engenharia, Centro Positivista, Sociedade de Geographia, as Congregações das Faculdades e Academias de ensino superior e dos Institutos officiaes de ensino secundario, a Sociedade de Agricultura, a Sociedade dos Homens de Letras, o Centro de Imprensa "para lhes submeter o projecto de fundação de uma associação, destinada a fazer o estudo dos problemas geraes e permanentes da nação e da sociedade brasileira. A projectada associação será denominada Universidade Brasileira, compor-se-á de tantas secções quantos os ramos em que podem ser divididas as sciencias e artes e terá varias categorias de socios.

A Associação manterá permanentemente, nesta Capital, uma repartição incumbida de estudar os problemas, fazer as publicações e promover a execução das soluções ado-

ptadas. Esta repartição denominar-se-á "Centro de Estudos dos Problemas Brasileiros".

O objectivo da associação será procurar assentar, no estudo pratico da nossa terra e do nosso povo, as idéas fundamentaes da politica nacional, dar aos problemas Moraes e materiaes da nossa patria soluções scientificamente assentadas, capazes de reunir os espiritos em torno de um programma conciliador de todas as doutrinas e opiniões sobre as bases amplas da liberdade e da ordem.

Reunir os elementos intellectuaes do paiz, submeter á sua critica e apreciação as questões vitaes da nossa nacionalidade, indicar as soluções naturaes de nossos problemas geraes, procurando imprimir continuidade aos movimentos da opinião e dos órgãos politicos, orientar a marcha do progresso brasileiro e a solução dos incidentes que abalam a sociedade — eis os meios habituaes de acção da Universidade.

A projectada instituição terá, em summa, por missão fazer intervir efficazmente a intellectualidade brasileira na direcção da nossa vida social e politica".

O projecto de Alberto Torres, cuja justificação não é necessaria fazer, que viria dar uma direcção politica ao nosso paiz e congregar os esforços de todas as pessoas competentes para influir na nossa direcção politica e social, não pôde infelizmente converter-se em realidade, por ter a commissão encarregada de dar parecer opinado que a proposta contrariava os Estatutos.

Então Alberto Torres, resolveu apprehender sózinho essa missão; examinou todos os males de que nos queixamos e todos os nossos grandes problemas sociaes, politicos e economicos e indicou os remedios e as soluções dentro das nossas proprias possibilidades, ao contrario do que até agora têm feito nossos politicos e intellectuaes que levam a nos impôr as instituições e os exemplos dos outros paizes,

sem indagarem si se adaptam ás nossas condições, ao nosso meio e ao nosso character. A sua obra é essencialmente nacionalista, pois foi construida na preocupação permanente e exclusiva das realidades brasileiras.

Vicente Licinio Cardoso, em penetrante ensaio, mostra que Alberto foi um marco isolado entre os homens do seu tempo.

A obra de Alberto Torres marca desafogadamente, na esphera de nossos escriptos sociologicos e politicos, o preambulo de uma era nova. Com ella escreveu o seu autor, marco isolado entre os homens de seu tempo, o prefacio, magnificamente brasileiro, de uma obra politica opulenta que haverá de ser plasmada pela nossa nacionalidade, tanto menos tardiamente quanto mais rapida fôr a eclosão da consciencia de seus proprios destinos. Isso explica, de chofre, a repercussão relativamente energica dos escriptos de Alberto Torres entre os homens da geração que succedeu á sua, nulla que fôra praticamente a actuação de todos elles sobre a mentalidade das elites de seu tempo. Sente-se, em summa, esperançadamente, que a sua obra vae viver com o sopro animador dos homens vindouros, já que o autor, no isolamento esplendido — se não fôra criminoso — em que viveu, respirou fóra do ambiente de sua época, com o anhelar o titulo insigne de pensador politico republicano, procurando, com a cultura sadia de seu espirito, criar a consciencia politica da nacionalidade em formação embryonaria.

O que mais avulta de doloroso no seu caso, não é tão sómente a constatação do silencio reticente com que a sua geração alijou, sem cerimonia, o seu espirito do commando de realizações necessarias e opportunas. E' antes a documentação do proprio autor, comprehendendo que a altura do vôo a que o levára a sua consciencia de politico constructor exigia remissão, que ficasse solta, sem appli-

cabilidade pratica, a energia magnifica de seu espirito. Acreditaram-no um visionario, utopista ingenuo a projectar no espaço uma architectura imponente. E, ao contrario, elle sabia que pensava em problemas e realidades que deveriam ser inadiaveis, comprehendendo, todavia, a fragilidade do ser humano desamparado quando "á mercê de todos os ventos que varrem as sociedades" estereis, incultas, desertas em summa da vida politica sufficientemente organizada. Elle lembrou por isso, dentro da tragedia interior amarissima de seu espirito, o viandante preso aos destinos do simum violento que percebesse, envolvido como grão de areia do deserto circumdante, a nenhuma esperança de salvação que poderia sombrear o horizonte varrido de aridez.

A VIOLENCIA DA REACÇÃO DE ALBERTO TORRES

Penso, no entanto, poder explicar a violencia da reacção esplendida de Alberto Torres "pensando o Brasil", formidavelmente como fez, em consequencia de haver na Europa, de longe portanto, no confronto com outros povos, visto e percebido o que de perto não lhe houvesse trazido o estimulo maximo ao seu espirito. Tanto assim, que os seus dois primeiros livros, logo que aposentado como ministro do Supremo, onde deixára memoria vasta de sua cultura juridica, versam sobre a transcendencia do problema da paz mundial, these que desenvolveu, sem romantismo ou metaphysica, com tal rigor de crenças que nella singularizou inilludivelmente o idealismo brasileiro, dentro do ambiente de concordia americana, mas gizando-o, com robustez de tal porte que nella caracterizou a positividade de sua cultura philosophica. Alberto Torres não acreditava apenas numa era possivel de arbitramentos impedindo hecatombes guerreiras: elle antecipava o futuro, legislando de facto para uma Sociedade de Nações, tal a convicção

serena de suas crenças. Escrevendo em francez, cuidava não perder tempo. A guerra trouxe-lhe, depois, desillusões amarissimas, e a morte, prematura, não permittiu que assistisse á bonança relativa das esferas internacionaes, realzada que foi então, dentro das possibilidades do presente, a Assembléa dos Povos cuja estructura, embora imperfeita, representa a maior efficiencia das forças moraes congregadas a serviço da humanidade.

Mas voltando ao Brasil, entretido embora ainda que esteve até 1913 no trato daquelles phenomenos sociaes internacionaes, soffreu então a reacção maxima de seu espirito ao auscultar nitidamente as realidades brasileiras. Procurou, embalde, comparsas para a empreitada, como demonstra o seu gesto tentando formar a "Universidade Brasileira" onde fossem estudados e pensados os problemas nacionaes. Desamparado, extremou então na reacção, comprehendendo que a audacia de seu espirito em querer forjar a consciencia politica da nacionalidade incipiente, exigia o imposto arduo de trabalhar sózinho, consciente, demais, que haveria de semear idéas cujos frutos não seriam jámais vistos pelo humanismo de sua cultura, toda tecida esta de uma philosophia sadia no procurar alimento nos factos e na propria vida do organismo ethnico-social e politico brasileiro.

O HUMANISMO BRASILEIRO

Ruy Barbosa, no alheimento consuetudinario da cultura da experiencia, em que andou a sua intelligencia vigorosamente agil e formidavelmente expedita, Nabuco na opulencia com que acreditou poder ser a historia do Brasil uma defesa de partidos politicos, Tobias Barreto e Sylvio Romero, demolidores notaveis de preconceitos e de rotinas retrógradas, Rio Branco no immediatismo admiravel com que delimitou as nossas fronteiras corrigindo erros e pro-

telações do Imperio, Benjamin Constant por haver sido a personificação das virtudes da Republica, são talvez, por serem diversificadamente representativas, as figuras que melhor documentam, por contraste, a novidade, dentro do Brasil, do *Humanismo brasileiro* de Alberto Torres.

De seu tempo, Euclides e Farias Brito, apenas, podem ser invocados como nacionalizadores conscientes do mesmo vulto.

Euclides descobriu de facto a Terra, as terras interiores e as gentes dellas, os curibocas, os sertanejos e os caúcheiros, os sertões adustos do Nordeste e aquella Amazonia perigosissima e estuante, "a ultima pagina a escrever do "Genesis", "a terra infante, a terra em ser, a terra que está ainda crescendo".

Farias Brito, por seu turno, tecendo com as suas maguas de philosopho sem discipulos um manto diaphano de dignidades espirituaes, ensaiou falar como brasileiro, sem bastardias desasseadas, das harmonias interiores esplendidas da consciencia, e das bellezas sadias que podem em prestar ao homem os attributos das proprias divindades.

"E por isso mesmo, porque viveram no mesmo tempo sem nenhuma osmose mental, aquelles tres marcos da independencia de nossa cultura denunciam que trouxeram todos a seiva da mesma fonte — a *força da terra*, a energia criadora e inconsciente ainda da raça em formação chaotica, a força renovadora emergente da terra immensa que não formou ainda a consciencia de sua propria nacionalidade" (V. L. Cardoso — "*Figuras e Conceitos*").

A CONSCIENCIA POLITICA DA REPUBLICA

Alberto Torres, por sua escripta, fracassado que ficou qualquer desejo seu de realização social pragmatica, representa a consciencia politica da Republica, a *summula*

das aspirações mais egregias no anhelar destinos grandiloquos á vida da nacionalidade brasileira dentro da communhão dos povos, parcellas da humanidade.

Lembrando José Bonifacio no vigor, algumas vezes ingenuo, de suas crenças em relação ao nosso homem e á nossa terra, recordando Tavares Bastos na mesma envergadura cultural que o permittia observar — sem romanatismos flacidos ou metaphysica inopportuna os nossos problemas mais graves (abolição, instrucção das massas, cultura das élites, constituição de partidos, condicionamentos ethnicos-sociaes, órgãos politicos, etc., etc.), Alberto Torres conseguia em verdade legar ao Brasil o arcabouço de um programma politico nacionalizador por excellencia, comprehendido que fôra por seu autor não só o *Estado* moderno no maximo de suas funcções politicas, como o *individuo-cidadão* na complexidade ultima de materia prima unica para o desenvolvimento dos órgãos culturaes economicos, sociaes e politicos, através dos quaes se affirma a nacionalidade de um povo.

Mas como sabia ser o Brasil o unico grande paiz soberano de clima tropical”, e como suppoz que se estivesse elle cansado do repertorio abusivo de theorias exoticas importadas ou de utopias retrogradas bebidas em fontes, de ideaes indigestos ao nosso paladar de mestiços, — percebendo, demais, ser aqui o Estado “um factor de dissolução” e o paiz um “laboratorio vivissimo de experimentação ethnica”, comprehendeu Alberto Torres que “só um humanismo brasileiro vigorosamente sadio”, como expressão de uma philosophia da vida e dos factos poderia permittir a eclosão de uma politica constructora, organicamente brasileira, com a qual, despertando pela economia as energias nacionaes, fosse formada a consciencia da propria nacionalidade.

Agitando a reforma de alguns pontos da Constituição, o quadriennio passado, no silencio das referencias á obra de Alberto Torres, deu prova exuberante da insufficiencia de sua cultura politica. Os revolucionarios, por seu turno, pilhados varias vezes em flagrante sem nenhum plano constructor politico, endossaram a escassez da assimilação dos ensinamentos daquelle pensador politico. Tudo indica em summa, que o decennio agora transcorrido de sua morte foi de todo esteril.

E a "Universidade Brasileira", usina mental onde pudessem ser pensados e postos em equação os problemas magnos da nacionalidade, continua, apesar da fertilidade das reformas, a ser, em sua inexistencia, o expoente maximo da bastardia espiritual da cultura de nossas elites" (1).

(1) O Jornal, de 29-3-927.

CAPITULO IX

O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO

O resultado dos seus estudos, das suas observações da nossa terra e da nossa gente são estes dois monumentaes trabalhos: *O Problema Nacional Brasileiro* e a *Organização Nacional*, que são, no dizer de Gilberto Amado, “cathecismos politicos onde se contêm tudo que é de util como comprehensão do nosso passado e como perspectiva para o futuro”.

Em face dos nossos erros, deparando os antilogismos com que o capricho dos homens perturba a normalidade de nossa evolução, contemplando a lucta desordenada do homem, ávido de abrir seu caminho na vida, contra a natureza que ora lhe oppunha sua rudeza selvagem como obstaculo, ora, generosa e maternal, lhe criava facilidades com sua riqueza e opulencia, Alberto Torres não fulminou o homem com o anathema de sua pequenez nem exaltou a natureza com a affirmação delirante de sua pujança, como tão commummente procede o pessimismo nacional. Humano e bom, raciocinador e philosopho, comprehendeu que essa dualidade de aspectos não pertencia sómente á nossa historia mas se enquadrava nas leis que regem a vida dos

homens e das coisas; procurou harmonizal-as, aproximando-as, comparando-as, concluindo e aconselhando.

O livro *O Problema Nacional Brasileiro*, que não omitta nada que se refira ás grandes necessidades da nossa patria é, por essa razão, um livro que anima, que fortalece, que engrandece nossas energias e disciplina nosso desejo de progredir.

O mestre não foi um revoltado, não foi um demagogo, nem um demolidor.

Neste seculo de arrojos temerarios, de impetos desmarcados de ousadia, de ambições, de egoismo intransigentes e de ansiedades precipitadas, as transformações ou reformar pregam-se como devendo ser feitas violentamente, aos arrancos do momento, sem consideração pelas exigencias imprescriptiveis da Historia, que é o *rhythm*o, da evolução. A sêde das reformas e das reivindicações dissemina-se evangelizada pela rhetorica fagulhante da demagogia. Só esta linguagem convence as multidões frementes de impaciencia, cansadas de expectativas seculares e sedentas do "estado futuro" com que ao seu egoismo acenam as philosophias da miseria.

Não foi esse o tom de Alberto Torres: não foi esse o fim de sua obra, quer a que elle escreveu para o mundo, quer a que se destina ao Brasil, porque elle foi, sobretudo e principalmente, um convencido da grandeza da consciencia humana que ha de trazer os povos ao caminho do Direito e da Paz, com a força incoercivel dos factos consumados.

* * *

Por ter esta inspiração profunda e superior, por ser feita de calma, reflexão e argucia, por falar serenamente, sem o dispendio ornamental das grandes sonoridades phraseologicas e sem a encenação das imagens de rhetorica, o

pensamento de Alberto Torres não desceu até ao povo, ficando restricto, até recentemente, a um limitado escol mental, que por ser limitado, o ama dobradamente e com dobrado fervor o annuncia e nelle crê.

Ha na sua obra relativamente pequena pela quantidade mas vastissima pela substancia e pela qualidade, ensinamentos que merecem ser meditados e praticados por todos quantos têm deveres como brasileiros e sentimentos dignos de nossa patria.

Aposentado como ministro do Supremo Tribunal, poz-se Alberto Torres a meditar a sua obra, ou melhor a começar a sua realização, obedecendo, como elle proprio diz, ao "commando do patriotismo", contra o qual "não ha resistencia possivel, quando nos aponta o cumprimento de um dever, inscripto na alma, como voto de apostolado, desde a idade primaveril em que, lançando-nos á vida, abrimos á fecundação das idéas a flôr do nosso espirito".

Isso se lê na introdução do seu livro *O Problema Nacional Brasileiro* (VIII). E só essa introdução, cheia toda de uma grande sinceridade, basta para enlevar o mais indifferente espirito. Esta sinceridade é o caracter dominante em toda a sua obra, desde quando o autor denuncia e combate o "espirito romantico e contemplativo" brasileiro, tão inutil no nosso esforço de construcção social e politica até aos actos mal inspirados, pela imitação sem adaptação, dos nossos governos.

Ninguém pense, todavia, que em qualquer dos livros de Alberto Torres, vá encontrar explosões demagogicas, analyses ou criticas pessoases, arroubos de acrimonia contra homens ou factos. Não. O eminente analysta conserva um tom admiravelmente sereno, pairando no terreno da critica justa e esclarecida, desta critica que raciocina sem virulencia e fala com dignidade.

Tem-se censurado muito a maneira por que tem sido escripta a Historia do Brasil, reduzida, na maioria dos casos, a uma exposição chronologica de factos, nomes e datas, sem o minimo senso critico, sem a minima intuição philosophica. Agora, porém, com a obra de Alberto Torres, a critica de nossa historia está feita; a intelligencia dos nossos factos e destinos está orientada, e de modo magistral, pelo menos na parte que abrange nossa vida de povo independente.

Para testemunhar como a intellectualidade moça recebeu os ensaios de Alberto Torres, é significativa a confissão do saudoso publicista José Eutropio, que foi um dos mais brilhantes jornalistas mineiros.

“Data de 1909 a minha admiração pelo luminoso espirito de Alberto Torres. Admirei-o, desde então, com o fervor natural de moço, porém, mais do que isso pela força incoercível que sua obra, sem par no nosso meio, tem, de conquistar toda alma verdadeiramente brasileira e patriótica e de convencer definitivamente.

Eu já lera Sylvio Romero, que combateu com denodo os erros do Brasil. Mas Sylvio tinha os olhos fitos demais nos homens e pouco attentava no aspecto sociologico e historico dos factos. Ouvi e li Ruy Barbosa, mas observei que o jurista primava sobre o philosopho, ou antes, anniquilava-o na convicção de que “a revisão” era o unico remedio aos males do momento.

Foi mais ou menos um anno depois disso que li *O Problema Nacional Brasileiro* do nosso Mestre querido.

Então, declarou-se de vez, para mim, grande numero de duvidas e comprehendí que não bastava conhecer os erros dos homens, nem os males das leis para firmar uma opinião sobre essa intermina successão de tropeços, illogismos de acção, falhas da vida nacional, tanto me impressiona-

ram. Alli estava, naquelle livro de ouro puro, a luz que dum criterio de jurista, de philosopho, de historiador, de sociologo e politico jorrava sobre a obscuridade da materia.

Desde então li e meditei a obra de Alberto Torres. O entusiasmo que me despertou no coração a excepcionalidade daquelle combatente que usava armas novas, entre nós, crescia á medida que eu via, vestidas na armadura de um estylo claro, forte, de periodos substanciaes e sonoros, idéas que eu entrevira vagamente nas minhas idéas e analyses superficiaes, conquistou-me definitivamente as suas opiniões e avisos. Sem o tom acrimonioso de Sylvio Romero ou Tobias Barreto, tom que já se generalizou toda a vez que se trate de criticar nossas coisas e nossos homens, sem *poses* estudadas, como as que se notam nos nossos doutrinadores politicos, Alberto Torres falava-me e convencencia-me com a força suave dos grandes inspirados.

Até então, por exemplo, eu me affizera a este pessimismo, — só justificavel pela superficialidade das razões em que assenta, — que faz dizer mal de tudo e de todos no Brasil, que só inspira anathemas para nossos erros, que afinal de contas têm sua causa em um complexo de circumstancias historicas remotas. Esse pessimismo é agora um habito entre nós, e constitue o defeito que o Mestre tão bem definiu, quando fala da "psychologia dos romances mundanos onde se julgam povos pelos escandalos da rua, e as pessoas pela moral da ponta da lingua: o unico juiz expedito, talvez, no mundo inteiro".

São as generalizações precipitadas tão communs nos dias vigentes, que dum facto isolado ou regional concluem para a totalidade; que pelos crimes de um politico ou de um governo responsabilizam um povo todo; dahi vem o pessimismo de que eu tambem já me deixei possuir e do qual estas paginas luminosas me curaram. O pessimismo

é uma attitude facil e commoda do espirito. Para tel-a nenhum esforço se exige. E' mais facil repetir o que a voz commum diz do que formar consciencia, pessoal dos factos.

No jury dos nossos erros e defeitos nacionaes muitos são os promotores que accusam e poucos os advogados e juizes que defendam e absolvam. Por isso é que correm hoje mundo e se repetem de bocca em bocca inverdades sobre nossa gente do sertão, tida como frouxa, molle, inutil, incapaz de reagir, quando as luctas formidaveis que contra a natureza ella sustenta são o melhor testemunho de sua rijeza, de sua força, intelligencia e aproveitabilidade. E' o julgamento *boulevardier* leviano e commodo. E assim muitos outros erros disseminados pela negligencia do pensamento pessimista.

E é contra isso tudo, contra essa systematização da futilidade que Alberto Torres reage, appellando para a consciencia de nossos destinos e de nossa dignidade, tocando a rebate para a lucta do bem, disciplinada, contra nossos erros e em favor de nossas qualidades. E é porque eu senti orgulho de ser brasileiro ao ler a obra do Mestre, que me curei desse pessimismo inutil e dispersivo”.

Referindo-se ao “Problema Nacional Brasileiro” e á “Organização Nacional”, diz Alberto Torres que estes trabalhos são “resultados de estudos detidos e de observações assentadas, em uma já longa carreira politica. São trabalhos de reflexão e de experiencia, sobre elementos positivos da Historia e da vida social, em que dados scientificos e factos eram elaborados para as conclusões com o rigor empregado nas pesquisas da sciencia... Tenho me esforçado por conduzir os meus trabalhos de forma a que suas illações e inferencias se possam dizer conclusões immediatamente assentadas sobre os dados concretos, ou processos rigorosamente logicos, sobre series successivas dessas conclusões: analyses e syntheses positivas, em sum-

ma. Disto resulta que não só o conjunto destes trabalhos forma um todo harmonico de pensamento, senão que, também, cada uma de suas partes, como cada conceito e cada palavra, têm uma força e uma expressão nitida e inconfundiveis... Analyses dos varios dados da nossa vida economica, social e mental, e syntheses da combinação desses dados no conjunto da actividade nacional, — as minhas conclusões formam um systema de indicações e um programma. Eis porque não posso deixar de reivindicar para ellas o character de uma synthese organica e de um programma pratico, que, nesta hora gravissima da Historia Humana e da evolução da nossa Patria, poderá, porventura, ser rejeitada pelos que, para isso, tiverem boas razões, mas que se não justificaria vêr dilacerado e dissolvido na tibieza das energias fraccionaes, ou das energias vãs”.

“Verdades tiradas do concreto e do vivo as que aqui se encontram são superiores a divergencias de escola, de orientação e de systema: são factos; e, como factos, impõem consequencias que é força aceitar”. O nosso paiz precisa formar um espirito e uma directriz pratica, que o conduza a organizar e a pôr em movimento as suas proprias forças. Tal é a base das conclusões dos estudos de Alberto Torres.

“As idéas em que baseam os estudos sociaes e politicos até hoje feitos sobre a nossa vida, partem de postulados e dados, analyticos e syntheticos, inferidos da vida e da evolução de povos de existencia multisecular, e de seu progressivo desenvolvimento em regiões densamente povoadas, sob acção dos factores ordinarios da formação e desenvolvimento das velhas sociedades e civilizações. Estas idéas não têm applicação á interpretação dos phenomenos dos paizes, como o nosso, criados por descobrimento, com sociedades formadas por colonização, — nem á solução de seus problemas”.

1.º — A SITUAÇÃO DO BRASIL

No Problema Nacional Brasileiro, diz a verdade sobre a nossa situação, mas “synthese do estudo sincero das nossas coisas, estas verdades devem servir de base a toda a acção patriótica, fundada na unica fórmula legitima do optimismo: o optimismo formado na confiança e na esperança, que começa por apurar a verdade, para cumprir o dever de agir, não se contentando com se forrar, alimentando e propagando illusões, da obrigação de advertir, de emendar, de melhorar”.

Prova que o Brasil tem os interesses organicos da sua sociedade e os da sua economia effectivamente atacados pela sua anarchia social, politica e pelas imprudentes e criminosas aventuras financeiras que se estão praticando na America do Sul. “Com uma civilização de cidades ostentosas e de roupagens, de idéas decoradas, de encadernação e de formas, não possuímos nem economia, nem opinião, nem consciencia dos nossos interesses praticos, nem juizo proprio sobre as coisas mais simples da vida social”. Nas finanças, na administração, na justiça, na ordem politica, na moralidade administrativa, na instrução, o declinio é manifesto. Na cultura, a decadencia da sociedade nacional é evidente. Nunca chegamos a possuir cultura propria, nem mesmo uma cultura geral. As duas primeiras gerações que se seguiram á Independencia eram, entretanto, formadas de espiritos a que o conjunto e equilibrio do preparo davam certa solidez e firmeza. Mais variada, e muito mais vasta, a nossa illustração é, hoje vaga, fluida, sem assento, não a dominando nenhum interesse por habilitar os espiritos a formar juizos e a inspirar actos. No nivel geral da sociedade, e com respeito ás formas superiores do espirito, o diletantismo, a superficialidade, a dialectica, o floreio da linguagem, o gosto por phrases ornamentaes, por

conceitos consagrados pela notoriedade ou pelo unico prestigio de autoridade, substituiu a ambição de formar a consciencia mental para dirigir a conducta. O applauso e a approvação, as satisfações da vaidade e do amor propria, fazem toda a ambição dos espiritos: attingir a verdade, ser capaz de uma solução, formar a mente e o character para resolver e para agir, são coisas alheias a nossos estímulos.

Nosso paiz está hoje transformado em vasto scenario onde se agita um povo que não sabe caminhar, conduzidos uns pela moda, outros pela ambição de effeitos litterarios, jornalisticos e de tribuna; pela da popularidade, terceiros; pela auto-admiração e cultura de estereis virtudes passivas e severas intransigencias pessoas, alguns mais. Preparando-se aquelles para o céu, estes para a gloria, outros para o applauso, para a admiração, ou para a sympathia, renunciaram todos á aspiração da efficiencia, pela utilidade das idéas e dos actos.

Não temos opinião e não temos direcção mental.

A vida publica não é senão uma chronica de anedotas pessoas e de audacias, escandalos e immoralidades, verdadeiros e falsos. Entre nós o merito não tem estímulo, o trabalho não tem valor, a producção não tem preço, as fortunas não têm garantias, o povo não tem opinião, o cidadão não tem voto, os espiritos não têm idéas e as vontades não sabem mover-se.

Na economia toda a nossa apparente vitalidade consta, de extremo a extremo do paiz, de extracção de productos e de limitado esforço de exploração extensiva, em que a nossa terra vae cedendo tudo quanto possui em riqueza natural, ao alcance da mão ou de rudimentarissimos processos de trabalho, com vertiginosa desvalorização, ainda não attingida — a não ser no valle da Mesopotamia — em regiões já exploradas ha muitas dezenas de seculos. Nesta terra, assim saqueada, o commercio, o trabalho estrangeiro

e o credito de usura que possuímos, drenam, em capital, para o estrangeiro, quasi todo o producto dessa inconsciente e brutal destruição, dando-nos, em troca, generos e objectos que, muitissimo longe de representar o preço da ruina de que resultam, não deixam, entre nós, em obras e bens voluptuarios, senão fracção minima do seu valor. O augmento das nossas exportações e importações não traduz senão a expressão da troca dos productos e dos proprios elementos e forças productivas das nossas terras virgens, por coisas futeis, solicitadas pela nossa vaidade ou que se fazem necessarias justamente por causa da nossa incuria. Vivemos ainda economicamente na situação de colonia, com a differença apenas que, em vez de uma só metropole, trabalhamos para muitas.

Os trabalhos de Alberto Torres contêm a melhor das lições de optimismo, conduzido, depois de consignar e de provar a verdade, a estas outras conclusões animadoras: que este nosso estado não resulta nem de uma inferioridade ethnica, nem de uma degeneração, da nossa gente; e, apontando, não só as nossas crises, como as razões da apparente superioridade de outros povos, propõe, depois do estudo critico, os meios de estabelecer a nossa marcha evolutiva.

2.º — NOSSO PROBLEMA CAPITAL

Alberto Torres acha que o nosso problema capital é o da construcção da nossa sociedade, construcção, que tem sido perturbado pelo Estado, ou, antes, pela desorientação dos nossos politicos. "O nosso problema vital é o problema da nossa organização; e a primeira coragem de que nos cumpre dar provas, é a da longa, mascula e paciente tenacidade, necessaria para emprehender e sustentar, com vigor e intelligencia, o esforço multiplo e vagaroso da construcção da nossa sociedade. E' uma obra de archi-

itectura politica, mas de uma architectura destinada a edificar um colossal e singular edificio, que deve viver, mover-se, crescer e progredir — a que incumbe á nossa geração.

O Estado é, no Brasil, um factor de dissolução. A influencia deleteria dos interesses anti-sociaes, criados e alimentados em torno do poder publico, desde os municipios até á União, sobre a vida brasileira, é um facto cujo alcance não foi ainda attingido pelos observadores das nossas coisas publicas. Este regimen deve ser substituido por outro, capaz de levar a termo o encargo da geração presente para com o futuro do Brasil. E o povo brasileiro — é a minha inteira e viva convicção — é capaz deste esforço”.

O problema capital da politica brasileira, é o da criação dos órgãos de deliberação, de solução, de acção. Nós somos uma sociedade inerte, uma população tresmalhada — por falta de poder cohesivo, de capacidade synergica. O Brasil tem de realizar uma revolução organizadora, no seu interesse e no da civilização. E’ capaz disso. Simplesmente, esta reacção demanda tres coisas: uma organização politica e administrativa adequada, que não consista em planos aereos, mas tome os nossos problemas ao vivo, no estado em que se acham, para os solver praticamente; uma direcção capaz, cercada de todos os homens de intelligencia, de character e de honestidade, que ha no paiz, com o espirito limpido de qualquer preocupação e influencias estranhas aos interesses nacionaes; e a permanencia desta direcção, por espaço de 10 annos. Porque, como não cessava de dizer Alberto Torres, a nossa patria carece de grandes obras e serviços de politica economica e social, dependentes de vigorosa acção administrativa, novos em nosso paiz, como novos no mundo, porque nós enfrentamos problemas virgens de estudo e de experiencia.

Precisamos criar a nossa politica, que deve ser uma po-

litica de coordenação, de construcção, da consolidação da nossa nacionalidade. Para conceber a nossa politica, é mister formar uma *consciencia nacional* como fundamento da *autonomia de um povo*. “Edificar sobre a nossa autonomia economica, alimentada pela iniciativa, pela energia e pela tenacidade, que já provamos possuir; e sobre a mais severa exacção nas nossas finanças, — um *pensamento nacional* a respeito das coisas da vida humana, e um juizo nosso, sobre os nossos problemas e os nossos destinos: aqui está o guia do nosso esforço patriotico. E esta obra não é uma obra de educação: é uma obra de direcção politica.

Nenhum povo tem a educação necessaria para dirigir os seus interesses geraes. Os paizes novos carecem de constituir artificialmente a *nacionalidade*. As nações modernas são obras d'arte politicas.

Como escreveu Alberto Torres, no ultimo artigo publicado no “Imparcial”, em Dezembro de 1916: — “Nunca houve, nem haverá jamais possibilidade de haver collectividade politica que não tenha por ambiente de existencia uma solidariedade organica, individualisante da sua terra e do seu povo. Este “vehiculo” de cohesão é a “nacionalidade”. E’ o “clima” de uma região social autonoma. Só os assaltos e as migrações anarchicas dos descobrimentos poderiam estabelecer velhas populações sobre terras novas, sem a criação destes “vehiculos” de união entre as gentes e com a terra. Quando os colonizadores foram povos dotados das condições e dos privilegios da força e da prosperidade, elles os improvizaram por acção politica. Um povo fraco como Portugal, logo abatido pelo poder colonial de grandes imperios, não podia realizar essa obra. O Brasil ficou sendo um simples territorio e uma simples população, formando uma especie de sociedade *sui generis*, que não é uma nacionalidade.

E' isto que importa criar, é isto que importa *constituir*, como as constituições de todos os povos conscientes constituíram, com a fusão do Direito e dos factos, a vida das *sociedades nacionaes*. O meu nacionalismo, que se concretiza no projecto de reforma constitucional annexo á *Organização Nacional*, não significa senão a consignação da carencia desta base á estrutura da nossa homogeneidade; não encerra nenhuma exaltação aos sentimentos e paixões ethnicos e locais que dividem os povos de tendencia emotiva".

"Um paiz desorganizado até ás bases da vida e da sociedade, uma nação onde mais de dous terços da população não conta, sobre seu territorio, com condições sobre que possa assentar nem vida civilizada, nem vida barbara, nem vida selvagem, uma sociedade soberana que não aufere, em seu regimen de trocas, *renda nacional*, que não tem *dividendo social*, que não accumula riquezas, que não tem circulação interna, um Estado que os homens publicos mais eminentes decretam carecer de administração e de moralidade, precisa de uma grande e complexa reforma que se estenda a todos os objectos da sua terra e da sua sociedade, do seu organismo material e da sua vida espiritual.

A *nacionalidade* é a propria vida do povo, base da *vida* do individuo, da familia, das classes e das gerações, *medium* da tranquillidade, da confiança e da coragem, no presente e para o futuro. No Brasil, destruidos os rudimentos de organização que já tivemos, lançados em mão terreno, nada ficou de definitivo, e a fachada da nossa civilização occulta a realidade de uma completa desordem".

Precisamos formar a nossa nacionalidade e para isto é necessario termos um governo forte e consciente do seu destino. Porque "os povos têm sido moldados á imagem e semelhança de seus chefes, de seus padres e de seus sabios". E' erro imputar aos povos, na critica dos acontecimentos

sociaes, a responsabilidade dos desvios da evolução e esperar delles a iniciativa de reformas e movimentos reparadores. O corpo alimenta; não inspira nem dirige o cerebro. Só ha um factor, uma força, um instrumento, um órgão, uma vontade, uma intelligencia, com a funcção de promover a acção nacional, de *manter* a vida do *paiz*, no que o interessa em conjunto e permanentemente: é o aparelho politico-administrativo, com seus varios órgãos. A nação a quem falta este órgão está condemnada a dissolver-se, a desagregar-se, a ser conquistada, se o movimento é propicio ao surto de outro povo mais forte, mais bem governado.

Ao nosso paiz tem faltado organização e educação economica, capital, credito, organização do trabalho, politica adaptada ás condições do meio e á indole do paiz: um paiz desgovernado em summa”.

“A nossa patria carece de grandes obras e serviços de politica economica e social, dependentes de vigorosa acção administrativa, novos em nosso paiz, como novos no mundo, porque nós enfrentamos problemas virgens de estudo e de experiencia: eis o que eu vivo a bradar, com toda a força dos meus pulmões”.

A situação actual do Brasil, diz Alberto Torres, é uma injustiça a seu povo e uma calumnia a seu espirito e a seu character; o povo brasileiro está sendo victima de resultados de causas artificiaes, politicas e administrativas; não têm o governo que merece; não conhece a realidade de sua vida publica; não sabe a historia exacta dos actos e responsabilidades de seus homens; vive embalado em um delirio de rethorica, de litteratice, agitado entre os manejos e chicanas, das ovações, com que, todos os dias, se celebra, a apotheose dos seus deuses de nomeada”.

Vivemos, até aqui, de ensaios e reformas; cada idéa nova pousa sobre ruinas; cada transformação planta as aspira-

ções de um systema sobre a agreste verdade de fórmulas sociaes ainda grosseiras. Dahi o desanimo e a descrença do povo. Não fosse a ingenita honestidade deste povo e sua clarissima intelligencia, seu bom senso e seu extraordinario espirito de ordem, e este paiz não contaria mais um só collector probo na mais remota e inculta villa do sertão, e viveria, como terra de barbaros, dilacerado em guerras e pilhado em saques permanentes. Uma constituição e umas centenas de leis, empalhadas em volumes, não fazem um Direito; quanto mais, a vida de uma nação!

O governo do Brasil é a desordem legalizada. A bonhomia do nosso povo mantêm, em sua vida espontanea, um estado de tranquillidade inerte, a que a simples aproximação da politica, dos politicantes, da administração e dos funcionarios, traz em fracções e em contrafracções de legalidade, de ordem, de assistencia e de administração, perturbações e abalos; e isso, por um preço carissimo. Não ha nenhuma instituição publica que funcione no Brasil, com regularidade e seriedade, relativamente plausiveis, nem mesmo — coisa singular — o proprio fisco!

A sociedade brasileira é uma coisa; a sua vida politica, outra, — inteiramente differente. E a vida publica funciona mal, pessimamente proclamam-n'o todos. E' mister por consequencia, reformal-a tambem.

A nossa organização politica e administrativa é extremamente cara; está onerada com uma despeza morta, de pessoal inactivo, inutil, incompetente e inidoneo — na maior parte garantidos com privilegios legais, baseados na Constituição — que é preciso supprimir, para aliviar os cofres publicos e para que se possa occorrer a despezas uteis; tem gastos de luxo, de fausto, inspirados numa ridicula politica de engrandecimento, muito superiores aos recursos do paiz; o nivel do pessoal baixou em todas as espheras do poder publico, ao minimo de capacidade e de

idoneidade moral, que era licito tolerar, não ha nenhum serviço publico que se effectue, no paiz em condições de accetavel regularidade.

Qualquer espirito sensato e mediocrementemente instruido, sabe hoje que a politica e a administração são funcções sociaes estreitamente ligadas á sociedade que regem, á sua terra, á sua gente, ás condições particulares, á sua existencia, aos seus interesses e necessidades.

A separação da politica e da vida social attingiu, em nossa Patria, o maximo da distancia. A' força de alheação de realidade a politica chegou ao cumulo do absurdo, constituindo, em meio da nossa nacionalidade nova, onde todos os elementos se propunham a impulsionar e fomentar um surto social robusto e progressivo, uma classe artificial, verdadeira superfetação, ingenua e francamente estranha a todos os interesses, onde, quasi sempre com a maior boa fé, o brilho das formulas e o calor das imagens não passam de pretextos para as luctas da conquista e da conservação das posições.

A politica é, de alto a baixo, um mecanismo alheio á sociedade, perturbador da sua ordem, contrario a seu progresso; governos, partidos e politicos, succedem-se e alternam-se, levantando e combatendo desordens, criando e destruindo coisas inuteis e embaraçosas. Os governantes chegaram á situação de perder de vista os factos e os homens, envolvidos entre agitações e enredos pessoases.

E é este estado de coisas que todos têm por manifestação normal da nossa vitalidade, em torno do qual se debatem as opiniões, formam-se os partidos, elegem legisladores e chefes de Estado, surgem e desaparecem as personalidades, agita-se a oratoria, fervilham doestos e calumnias, rebentam revoluções e violencias de toda a especie, explodem crises de sangue e de escandalo; e, nesta agitação, que não representa aqui como em outros paizes, outra coisa

senão a estagnação de um povo descuidado de si mesmo, perdido na contemplação de miragens theoreticas, paralyzado, por falta de consciencia e de direcção, toda a actividade publica se reflecte num eterno debate entre dous coros, onde as pessoas se alternam, fazendo uns o papel de tyrannos e de bandidos, outros o de juizes punidores, cantando estes hymnos de louvor aos vencedores, clamando, aquelles, as mais tremendas e cruas objurgatorias.

E' certo que este spectaculo é universal. O divorcio da sociedade e da politica é o facto mais saliente do estado actual da civilização.

Não é caso para que nos vexemos dos nossos erros; outros, mais fortes e mais cultos, mostram, agora mesmo, provas eguaes de despreparo politico; mas, se o mal não é só nosso, o perigo dessas situações não é o mesmo para todos; e, pois que, nas liquidações das luctas politicas, a força impõe sua logica, através dos erros dos que governam, ha povos mais expostos que outros aos riscos da crise commum. Nós estamos, pela vastidão do nosso territorio, pela escassez da nossa população, e porque somos uma das nações que menos cuidaram da organização da vida pratica, da educação do instincto de conservação, da lucta pela força e pela riqueza, comprehendidos neste numero.

Os manifestos e mensagens presidenciaes, os programmas dos partidos, os discursos parlamentares, todos os actos dos nossos politicos e estadistas são documentos, ás vezes copiosamente eruditos, sempre sincera e ardentemente patrioticos, dessa estranha falta de adaptação do saber e do patriotismo ás peculiaridades da terra e do povo brasileiro.

Os problemas que elles agitam são problemas de completa e neutra generalidade. As eternas questões de administração e de finanças, de moeda, de emissão, de despesas e de impostos, de obras publicas e de viação, de assistencia e de ensino, de regimen fiscal e de policia, de Direito Pu-

blico e de Direito Privado, que se debatem na França, na Belgica, na Grecia, na Hespanha e na Turquia, repetem-se, succedem-se, apparecem e desaparecem, no "tapete da discussão", faustosamente solvidas hoje, combatidas amanhã, ora em nome da escola *a*, ora em nome da philosophia *b*, obedecendo ás sympathias doutrinarias do ministro que está no poder, á pressão de tal ou qual incidente, reflectindo, muitas vezes, o ardor de uma ambição reformadora, traduzindo, quasi sempre, a influencia das ultimas idéas em voga num paiz europeu — com a mesma feição com que se apresentam na França, na Belgica, na Grecia ou na Turquia. Vamos assim, criando serviços, fazendo obras publicas, abrindo e desenvolvendo estradas de ferro, organizando repartições e escolas, exactamente como fazem os legisladores daquelles povos.

Para os problemas da economia rural, adoptamos os mesmos institutos, escolas, campos de demonstração, syndicatos e exposições que encontramos em outros paizes. Porque temos um vasto territorio, vamos estendendo linhas de estradas de ferro. Os portos são melhorados, dotados de cás e de armazens. Possuimos institutos de ensino superior e escolas primarias. Temos, emfim, todos os apparelhos e processos de governo, incolores, neutros, vagos, inadequados, que se encontram por toda a parte; mas, por entre esta organização complicada, e, por vezes, luxuosissima, a vida do homem, a sua alimentação, os interesses da economia social, a distribuição da riqueza, a circulação commercial e monetaria, a educação physica, moral e civica, debatem-se de encontro aos mesmos obstaculos das mais atrasadas sociedades e vão encontrando maiores tropeços, nas proprias construcções desta apparente civilização.

Ao lado de um certo, embora desorientado, cuidado por melhoramentos materiaes, não aprendemos a arte, primordial e muito mais difficil, de civilizar e cultivar o homem.

Os melhoramentos materiaes não são, para um paiz, se não a ossatura, a que só um povo solido, instruido e energico, dá musculos, nervos e sangue. Não é nas escolas e nas academias que se crêa este povo: é na educação pelos costumes, pela politica, pela circulação de idéas praticas, pela legislação economica e fiscal, pelo estímulo ao trabalho, pela segurança da remuneração, pela supressão dos incentivos á ociosidade e ao ganho facil e illegitimo de empregos e de fortunas. A formação de uma sociedade e a selecção do seu character resultam do criterio, nella dominante, sobre o valor do homem; dos modelos que ella apresenta de prestigio, de estima, de respeito. A vida de um povo é funcção da enxada do trabalhador, ou do bilhete de loteria. Nas sociedades contemporaneas, e em nossa terra, hoje, mais, talvez, do que nem outras, as carreiras do azar e os favores do azar estendem-se e ramificam-se por todos os lados.

A sorte das nações modernas depende da direcção que tomarem no sentido do trabalho ou no sentido da especulação, da escolha entre a producção e as industrias improdctivas, do relativo nivelamento social pela maxima distribuição das riquezas, ou da divisão da sociedade em classes afortunadas e classes proletarias; da plena expansão dos valores, pela liberdade, commercial, ou do regimen de restricções e de entraves, de monopolios e de privilegios...

Quem quer que estude conscienciosamente a nossa historia economica será forçosamente levado a concluir que a vitalidade da nação brasileira representa o producto de tres fórmas de industrias: a exploração colonial, extensiva, das riquezas do sólo; o desenvolvimento do commercio; e, recentemente, um certo surto industrial, criado e animado por meio de tarifas proteccionistas, factor insignificante nas trocas do commercio internacional, pouco mais pesa nas do commercio interno.

Ora, se o trabalho, grosseiro e perdulario, do senhor de vastas terras, tem sido um saque brutal ás nossas riquezas, o commercio que elle provocou, installou e animou, foi, e será, o mais efficaz auxiliar, do exgoto, da exportação, do exodo, de seus frutos. As colonias têm sempre um commercio de character *sui generis* e as producções exóticas são exploradas por intermediarios, ávidos de lucros largos e faceis.

Dos tempos coloniaes até hoje, a direcção e a organização da nossa vida economica têm obedecido ao unico intuito de canalizar os productos para as mãos do commercio, de facilitar e robustecer o commercio, de abrir meios novos de expansão e de influencia commercial, no interior. Habitados a encarar, com o virtuoso simplicismo que é um dos attestados da nossa probidade, cada ramo de economia isoladamente, nós nos desvanecemos com o desenvolvimento commercial que possuímos, sem percebermos que esse desenvolvimento representa realmente o trabalho da conquista, da sucção, da drenagem, das nossas riquezas, — desordenadas e precipitadamente arrancadas á terra — para as nossas metropoles economicas.

Portos, cidades, estradas de ferro, rios navegaveis, são sempre instrumentos de transito, nem sempre instrumentos de troca. As permutas entre sociedades que fazem commercio compensam-se e liquidam-se por lentas e amplas operações, durante longos periodos, de gerações para gerações. Ora, na vida de um paiz vasto como o Brasil, não ha quem, sahindo do Rio de Janeiro para qualquer direcção, não encontre vastas regiões exgotadas, immensos thesouros saqueados; poucos depararão com alguma coisa que represente, para esse enorme capital extorquido á terra, alguma compensação remuneradora, qualquer reparação real á productividade ou ao valor do sólo.

O selvagem, surprehendido pela astucia de navegadores,

troca as pedras preciosas, o ouro, as especiarias, por es-
pelhos, objectos brilhantes e ornatos ostentosos. Nós outros,
sem recebermos, de mão a mão, dos que exploram com-
mercialmente as nossas riquezas, os palácetes das nossas
avenidas, as carruagens, os automoveis, as joias, as letras
faceis e brilhantes, os vestuários, as modas, que simulam
o nosso "progresso" e, enquanto esse progresso nos em-
bala com seus perfumes e com o espectáculo de suas gran-
dezas e suas luzes de rampa theatral, não vemos que o
Brasil real, o Brasil das mattas virgens e das minas, com
as alluviões e os sedimentos de milhares de seculos de tra-
balho do tempo e da natureza, vae sendo desnudado, mi-
nado, raspado, pulverizado, reseccado: o ouro puro segue
para outras bandas, ficando-nos, em troca, as lantejoulas
das nossas cidades e os arrebiques dos nossos palacios e
das nossas avenidas!

Em nossa éra os povos, rapidamente civilizados, são, ne-
cessariamente, um tanto megalomaniacos. Ha sociedades
parvenues como os individuos, nações *rastaquoères* com os
rastaquoères que "flanam" nos *boulevards* parisienses".

"Entre nós não existe, nem *sociedade*, nem *nação*. E isto
resulta de alguns factos organicos fundamentaes: o Brasil
não tem *povo*; o Brasil não organizou ainda a economia
elementar, necessaria para *nutrir* e para *manter a vida in-
terna*, da sua população; o Brasil não criou as culturas
essenciaes á existenciá, com a segurança, generalidade e
estabilidade sufficientes para a vida da sua população. Ex-
tinctos os elementos psychicos de incorporação do indivi-
duo á sociedade, existentes na Europa, — nós não criamos
ainda os nossos — dissipamos pelo contrario, os poucos
que esboçaram; d'onde, falta completa de educação popular
e social. As nossas industrias de exportação têm ainda uma
organização de productos exóticos e coloniaes; nós não
temos e não podemos ter *capital* nem *credito*, enquanto

os não fundarmos sobre o *valor das nossas riquezas* e sobre as *condições moraes, economicas e juridicas da solvabilidade*; e, por ultimo, não temos *intercambio* economico, nem *dividendo nacional*, porque o producto da extracção e exploração das nossas terras e do nosso trabalho reverte todo para o estrangeiro.

Não ha vida social nem nacional possivel, nestas condições. São requisitos e interesses primarios, fundamentaes, elementares — esses, que se traduzem em necessidades a satisfazer e problemas a *resolver*.

Quem ha de acudir a essas necessidades e resolver taes problemas?

Não podem ser nem as *religiões*, nem as *associações privadas*, nem os *syndicatos estrangeiros*. Tem de ser por lei da necessidade — o Estado. A nossa Constituição precisa ser a lei basica da nossa organização politica e administrativa que solva essas necessidades. Mas a Constituição presupõe duas coisas mais: a politica da sua adaptação e dos seus desenvolvimentos; e o pessoal proprio para impulsionar e executar essa politica...

E aqui está a obra constitucional que cumpre á nossa geração realizar, para provar — não já que comprehendeu o presidencialismo e o parlamentarismo — mas os *methodos e criterios* que habilitaram os homens publicos que dirigem os povos cultos a dar a cada terra as instituições de que ella precisa.

E — para o Brasil que, em materia de actividade politica tem ficado justamente pelo defeito opposto á versatilidade e ás precipitações das outras republicas sul-americanas, — que se tem assinalado, ao contrario destas, pelo facto singular de não haver até hoje realizado, por movimento espontaneo da opinião, nenhuma das suas grandes reformas — esta será, de facto, a primeira Constituição.

3.º — O PROBLEMA DAS NOSSAS RAÇAS

Alberto Torres, no capitulo: "Em pról das nossas raças", prova que este nosso estado endemico, que a nossa dissolução social não resulta nem da inferioridade ethnica, nem de uma degenerescencia do nosso poso. Destróe a opinião, acceita e propagada pelos nossos directores mentaes, da inferioridade das nossas raças, hoje felizmente destruida depois dos trabalhos de Alberto Torres — que prestou este grande serviço á consciencia moral da nossa Patria.

Nenhum fundamento scientifico tem certas theorias, que andaram marcando alguns grupos ethnicos de superiores qualidades. Em sentido absoluto, como doutrinou Augusto Comte, é falso existirem raças *superiores e inferiores* pois ha sómente raças *adiantadas e trazadas*. No primeiro Congresso universal de raças, esse principio ficou estabelecido, e Spiller sustentou com applausos geraes, que *os diversos povos importantes do mundo são essencialmente, eguaes em intelligencia e moralidade*; e, ainda, que, *em respeito a aptidões moraes e intellectuaes devemos falar de civilização onde agora é costume falar de raças*.

A hierarchia das raças, nas diversas épocas, é um simples phenomeno de evolução social, não é um factor anatomico, nem physiologico.

A raça superior é no dizer dos imperialistas, uma só a dos brancos puros do Norte da Europa, os descendentes dos aryas. Mas a propalada superioridade aryana ruiu por terra, com a demonstração irrefragavel de que as fontes de nossa civilização brotaram de cerebros de homens do Mediterraneo. O aryano ou indo-europeu só é superior nos seus meios nativos e nos climas eguaes; transportados para os climas tropicaes degeneram e declinam. A adaptação physica e social são o modelar ethnico do homem. O teutão localizado no Brasil prospera ou declina em funcção do

meio physico ou da vida social, nas mesmas condições que o branco de origem meridional, o preto e o indio.

O meio physico e, principalmente, o meio social e economico, é que inferiorizam ou superiorizam os typos ethnicos. E' o meio brasileiro, physico, social, que diminue, na generalidade dos nossos patricios, a capacidade para a lucta economica, em confronto com o homem das terras frias, o saxão, o germano, o slavo. Estes vêm tambem a sua progenie decair, entre nós, pela mesma razão.

O brasileiro e o colono europeu, aqui localizado, vivem num meio a que não estão perfeitamente adaptados, nem no ponto de vista biologico, nem no ponto de vista economico, nem no ponto de vista social.

Provindos de regiões temperadas ou frias, onde se cultivam a vinha, o trigo, o centeio e a aveia, e deslocando-se bruscamente, sem um estagio intermedio de adaptação, para os nossos climas tropicaes e sub-equatoriaes, onde o trigo não medra, nem a vinha, oliveira, centeio, esses emigrantes lusos, italianos, germanos, slavos dos nossos dias, sofrem, como o luso da primitiva colonização, forçosamente, um duplo desequilibrio physiologico, pela differença do clima, e o desequilibrio economico, pela impossibilidade de continuar aqui na pratica das culturas tradicionaes dos seus climas de origem. Eis, segundo Alberto Torres, a razão da nossa aparente fraqueza ou decadencia.

Esta observação penetrante e sagaz o leva a concluir que, numa politica, que entenda garantir, de um modo permanente, a integridade, a independencia e a personalidade do nosso povo, em face dos grandes povos conquistadores actuaes, um dos pontos principaes ha de ser o da adaptação do homem brasileiro e do homem europeu, aqui immigrado, á nossa terra e ao nosso meio. E' o que elle chama o problema da cultura e da educação do homem. Com esta cultura e esta educação não teremos que temer as raças

fortes do norte. Essa convicção é que lhe fortalece a crença nas possibilidades do nosso povo, na capacidade e no futuro da nossa raça.

“As grandes causas da nossa fraqueza physica são principalmente de tres naturezas: *cosmico-sociaes decorrentes da falta de estudo do clima e das condições da vida sã, em nossos meios, geralmente, humidos e quentes, e de suas successivas transformações meteoricas e climatericas; escassez e impropriedade dos alimentos; e causas economicas, sociaes e pedagogicas, relativas á prosperidade e á educação do povo*”.

Só temos motivos para confiar na energia e na capacidade das nossas raças, pois somos um dos povos mais sensatos e intelligentes do mundo, affirma convictamente Alberto Torres. “Sensível, generoso, nobre, hospitaleiro, probo, trabalhador, o homem genuinamente brasileiro, fiel ao nosso espirito e sentimento tradicional, que não deturpou o character na confusão cosmopolita das grandes cidades, mostra, logo á primeira vista, no sorriso aberto e na palavra mansa e serena, onde a ociosidade a que foi habituado põe uns laivos de desanimo — a intelligencia viva e aguda, um raro senso de realidade, em engenho curioso e habil”.

Nenhum brasileiro, que tenha uma vez viajado, deixou de sentir-se alegre ao confrontar o espirito e o character do nosso homem do povo com o do homem de outros paizes.

E é este o povo que aqui vive, tranquillo, com a innocente tranquillidade dos seres que a lucta pela vida não armou nem amendrontou, e que, quando, ao contacto da civilização, nas grandes cidades, veste as roupas que a moda lhe traz de Paris e recebe as idéas correntes nos jornaes, transforma o desanimo em descrença da raça e da patria, e adopta por credo de acção a forma negativa da virtude e do patriotismo que consiste em exaggerar e proclamar os

nossos defeitos, os nossos vícios, a nossa corrupção, a nossa ignorancia.

A idéa vulgar de que o brasileiro é, de natureza, preguiçoso, pertence ao numero dos prejuizos que a observação superficial da nossa indole e dos nossos costumes inspirou ao nosso scepticismo de adopção. O brasileiro é trabalhador e activo como os mais operosos povos do mundo. O trabalho é, no Brasil, em todas as profissões, mais demorado e mais intenso do que na Europa. Quem observou a nossa vida domestica, no tempo em que os costumes nacionaes não tinham tomado a fórma cosmopolita de hoje, viu a existencia occupada, a labutação constante da nossa "dona de casa", de homens e mulheres, senhores e famulos, no meio familiar; quem assistiu ao labor assiduo e, por vezes, penoso, de fazendeiros, feitores e aggregados nos tempos em que o nosso trabalho agricola tinha alguma organização, ainda que atrazada; quem conheceu e conhece a actividade dos nossos profissionaes das classes liberaes: medicos, advogados, magistrados, engenheiros, funcionarios, supportando, com modestia e resignação, encargos e sacrificios extraordinarios, mesquinamente remunerados quasi sempre; quem recordar os habitos e a disciplina do nosso antigo commercio — não pôde ter duvidas sobre a capacidade de trabalho e o amor ao trabalho do nosso homem.

O facto positivo, demonstrado pela observação do estado actual da nossa sociedade, não é o da propensão para a indolencia, mas o de um desequilibrio geral, na educação dos individuos, nas modalidades da sociedade e nas condições da adaptação: falta de preparo do homem, para o trabalho proprio e conveniente; instrucção exclusivamente especulativa e litteraria, com a feição superficial do exercicio dialectico, byzantina preocupação de regularidade grammatical e purismo classico; arrebicado atavio da fór-

ma; desorganização do trabalho, destruindo o regimen das grandes propriedades, ou mantendo-o, nas regiões mais prosperas, com o typo menos favoravel ao estimulo, sendo a "fazenda" uma "feitoria" de proprietario, frequentemente ausente, sem amor ao solo nem zelo por sua conservação; esquecimento, emfim, das regras e dos costumes empiricos que formavam o saber technico do lavrador europeu, abandonados uns por improprios ao meio, outros desprezados, por inefficazes, em face das alterações phisicas da terra.

Dahi, o estado psychico que a observação ligeira attribue á indolencia; estado de incapacidade pratica e de torpor cerebral, que inhabilita os individuos para a percepção das coisas, dos factos e das idéas, deshabitua-os da observação, da experiencia e do raciocinio; estado moral, devido ao conflicto do explorador da terra com os mysterios e surpresas de uma natureza desconhecida e com os obstaculos de uma economia social, em parte anarchizada e, em grande parte, contraria aos interesses da produção. A ociosidade dos brasileiros resulta destas causas.

Não temos senão motivos para confiar na energia e na capacidade das nossas raças.

"Ao factor moral da confiança cumpre juntar, comtudo, outros mais importantes, que devem visar a solução dos nossos mais serios problemas: *consolidação do character do povo, pela educação; a defesa de sua economia phisica, pela alimentação e pela hygiene pessoal, domestica e publica; a defesa da sua economia social, pela politica economica.*

"Brasileiros, o nosso affecto deve abranger, numa geral e completa cordialidade os descendentes dos portuguezes, dos negros, dos indios, dos italianos, dos hespanhoes, dos slavos, de allemães, de todos os outros povos, que formam a nossa nação. O que é necessario é que a nação tenha

energia assimiladora, para que se não dissolva nem se perturbe a sua evolução. E para que assim seja, basta que se ache regularmente organizada, e se compenetre do seu proprio valor.

Sob este ultimo ponto de vista, escreveu Clovis Bevilacqua: "Os livros do Dr. Alberto Torres são altamente preciosos, por isso que demonstram a importancia capital da organização politica, e combatem, victoriosamente, os preconceitos de nossa degeneração ethnica, que andam repetindo, frivolamente, os que não encaram o problema de frente, nos seus elementos reaes, e na sua feição propria".

Alberto Torres combate o preconceito contra o negro, preconceito de "feição literaria e convencional", mas que "por falta de consciencia e coragem civica da nossa gente, impede a completa exteriorisação concreta de que sentimos intima e sinceramente". Pois "social e economicamente, a escravidão deu-nos, por longos annos, todo o esforço e toda a ordem, que então possuímos e fundou toda a produção material que temos. "Toda a operosidade deste paiz, tudo quanto nelle se edificou como fonte de riqueza e de trabalho, o pouco que já possuímos em *estabilidade social e dynamismo organico progressivo*, assenta sobre a labuta do preto e sobre o esforço do senhor".

Ninguem pôde negar o papel predominante do negro em nossa formação material e mental. Desde os primeiros tempos coloniaes foi o preto que arrancou dos cannaviaes e dos veeiros as riquezas do Brasil. O negro é capaz de atingir ao mais alto gráo de cultura. No nosso mundo politico, scientifico, litterario figuram, dignamente, muitos homens de côr, não inferiores aos brancos.

Combate o cruzamento de raças e a proposito escreve: "Era, até bem pouco, corrente a idéa de que devíamos promover o cruzamento dos brasileiros com individuos de raças européas, dada "a priori", por superiores para se

ir, assim, regenerando o sangue e os caracteres physicos, moraes e sociaes das raças que formam a população brasileira.

Este preconceito foi justamente deduzido da noção propagada pelos empiricos da zootechnia, que haviam generalizado precipitadamente observações feitas durante curtos periodos e mediante processos artificiaes de criação, dando por verificados progressos biologicos alcançados á custa de meios não proporcionados ao valor permanente dos productos obtidos e ao dos recursos naturaes e economicos despendidos em empresas pastoris verdadeiramente luxuosas.

E' um preconceito verdadeiramente infundado. Frutos de adaptação e da evolução, as raças não podem progredir senão por força da nutrição, da cultura e da selecção; e ainda que seja admissivel suppor que se refutem os fortes argumentos com que quasi todos os heredologistas combatem o cruzamento, a que attribuem o effeito de produzir estirpe de organismos em permanente conflicto, nada permaneceria que justificasse a supposição de que elle possa produzir uma modificação qualquer para melhor.

Sem que a opinião dos heredologistas envolva por necessidade a condemnação do character individual dos mestiços, conclusão tambem precipitada dos advogados das raças do norte da Europa, não ha negar que a nossa experiencia, como a de outros povos, demonstra um enfraquecimento positivo no poder genetico dos mestiços, o que é, pelo menos, indicio de uma debilitação physica na sub-raça produzida pelo cruzamento.

Isto posto, applicando a theoria ao caso do homem brasileiro, o que nos cumpre é banir radicalmente essa idéa de cruzamento, esforçando-nos, pelo contrario, por conservar, em sua maior pureza, cada um dos typos ethnicos que formam a actual população nacional. Não ha raça boa, nem raça má, em absoluto. O estado e as qualidades das raças

resultam das condições do meio e dos factores occasionaes que determinam os destinos humanos. Todas as raças têm provado que são capazes de attingir em nosso meio o mais alto grau de civilização e de perfeição physica e moral; e, se ha um facto evidente, no curso da nossa historia, é que todos os nossos defeitos provêm da organização da sociedade, que nunca se formou, porque tendo-nos faltado o processo evolutivo que elaborou o typo social e o caracter individual de todos os povos regularmente constituídos, não recebemos até hoje um regimen propicio ao desenvolvimento desta agglomeração de gentes novas sobre um meio novo.

O caso do Brasil é um caso unico em toda a historia humana e em toda a carta do globo: é o caso de um paiz improvisado, sem os requisitos constitucionaes da sociedade e da nacionalidade. Essa obra, que se não effectuou nem podia ter-se effectuado espontaneamente, é uma obra a realizar-se por acção politica qual a que realizaram em poucas dezenas de annos, o Japão, que precisou arrancar as proprias raizes do seu caracter tradicional para occidentalizar-se, a Nova Zelandia, a Australia do Sul, o Canadá — para só citar casos evidentes de formação e de transformação radical de nações. No que toca ás raças e á sociedade, o que nos cumpre fazer é, ao passo que formos combatendo o cruzamento, melhorar as condições naturaes da vida (produção, alimentação, trabalho, hygiene, conforto e medicina) e desenvolver os meios e processos de progresso social e mental, pela educação, pela assistencia social e pelo desenvolvimento da opinião e do espirito publico — tudo isso levado a effeito com o mais intenso sentimento de solidariedade e de affeição, entre os membros de todas as raças.

Fica, assim, por esta fórma excluida a idéa da necessidade da colonização, para o fim de aperfeiçoamento das

raças — sendo evidente, por outro lado, para quem quer que estude seriamente os problemas do equilibrio e da distribuição dos povos, em funcção do territorio e do estado social e economico das populações, que promover actualmente para o Brasil correntes de colonização estrangeira é um crime que só pôde revelar ou inconsciencia da realidade ou proposito deliberado de uma acção politica contraria aos interesses nacionaes e infensa aos interesses humanos.

As regiões habitadas do nosso paiz exhibem o “corpo de delicto” de vastos tratos de terra onde a destruição das condições naturaes de habitabilidade e de productividade estão profundamente compromettidas por falta de estudo e de solução aos muitos problemas surgidos com a substituição do mundo biologico primitivo pela colonização das populações chamadas “civilizadas”.

Aqui, como em todos os territorios colonizados após descobrimentos, os “civilizados” destruíram riquezas e elementos de vida, de valor incalculavel; mas os caracteres tropicaes e sub-tropicaes, das nossas terras, alimentando-nos no espirito, com mais brilhantes miragens, a illusão da luxuriante uberdade do nosso solo, tornaram mais intensos, mais rapidos e mais desastrosos, os effeitos da devastação. As zonas ainda virgens só poderão ser colonizadas, aggravando-se geralmente a crise e a ruina da natureza. O desenvolvimento da colonização traduzir-se-ia hoje, assim, pela aggravação das crises da terra e pela irremediavel condemnação da população nacional, nas regiões já exploradas do paiz, como pelo sacrificio das regiões novas á cubiça de colonizadores ardentes de ambição e á leviandade de irreflectidas emprezas de fraccionismo politico e economico.

De causa natural e de causa social, as difficuldades com que luctamos não podem ser solvidas, particularmente, por

individuos isolados, nem pela somma dos esforços da totalidade dos individuos que habitem e que vierem habitar o nosso territorio.

A menos que não abduquemos do caracter e da autonomia nacional, até subrogarmos a empresas estrangeiras “ou a algum outro poder”, a solução destes problemas praticos e temporaes da nossa vida e da nossa terra — cumprenos solver, governamental e immediatamente, as crises que nos assoberbam, antes de abriremos espaço a novas camadas de população.

Estas difficuldades — já hoje velhas, — porque, nos proprios tempos paradisiacos em que nossos avós colhiam os frutos do “humus” primitivo da terra, já era insufficiente a nossa produção alimentar — attingem proporções gravissimas, de que não se tem aqui consciencia exacta, pela resignação com que este povo se vae deixando barbarisar e extinguir-se pelo ruido que se faz com a fallacia das nossas riquezas e com as mentiras da politica. Mas a solução dos problemas da produção nacional não admite delongas”.

Alberto Torres termina o estudo sobre as raças do Brasil, com uma advertencia e uma exhortação aos brasileiros.

“Entre as leviandades que um scepticismo de infantil imitação e uma especie de inconsciencia nacional pôz em circulação e alimenta na vida mental brasileira, uma das mais nocivas e deprimentes é o habito de menoscabar do nosso sangue, de depreciar a nossa idoneidade physica e moral, de nos dar por um povo degenerado, corrompido, em franco estado de abatimento corporeo e mental. Não ha nada mais falso: o Brasil soffre todas as crises de uma sociedade nova, formada por um povo estranho, em territorio diverso do de sua origem, que até hoje não fundou

as bases da sua adaptação á terra e não organizou a sua vida: eis a causa do seu actual estado, agravados por um accumulo de crises, nossas e alheias. Não o podia fazer, antes de surgir a consciencia do problema nacional e da sua orientação. Se ha signaes de algum enfraquecimento na principal raça colonizadora, a portugueza, e nas outras que contribuem em menor escala, para a formação da nacionalidade; se a raça preta e os indigenas civilizados parecem, tambem, depauperados — resulta isto, quanto aos brancos, em pequena parte, do processo de acclimação, naturalmente deprimente emquanto faltam elementos accessorios de accommodação mesologica, de hygiene e de alimentação, e, para estes, como para os outros, da quasi completa ausencia desses meios de conservação e de progresso, para o individuo e para a estirpe.

A quasi totalidade do nosso povo não possui ainda habitação conveniente, mal se precata das intemperies, pouco conhece dos habitos e dos instrumentos favoraveis á saude, não tem educação de especie alguma; e a pouco instrução que recebe é antes de ordem a lhe perturbar o espirito na solução dos problemas praticos e a desviar-o dos cuidados reaes e dos pensamentos positivos da existencia, que de lhe abrir os olhos e lhe mostrar o caminho, para a conquista do vigor do corpo e da mente.

A alimentação é escassa, no Brasil, para a grande maioria do povo; insufficiente e má, para quasi toda a gente, nos proprios grandes centros, entre as classes medias; mesquinha e grosseira, para os homens do povo; impropria e carissima, para os abastados”.

“A capacidade e o valor abstracto de um povo, como os de um individuo não se aquilatam em absoluto, pelo que pode realizar, mas pelo confronto do que realizou com os obstaculos e as possibilidades encontradas”.

A verdade deste conceito é patente a todos aquelles que conhecem a nossa historia. Não é uma raça inferior e decadente o povo que expulsou os hollandezes, que em arrojadas explorações pelo sertão triplicou a área do tratado de Tordezilhas, que conta a epopéa dos bandeirantes, da republica dos Palmares e da revolução republicana de 1817, que tem sempre luctado pela liberdade e por todas as idéas generosas, que fez a independencia, a maioridade, a abolição e a republica, que quasi sem auxilio estrangeiro até os fins do seculo XIX desbravou as nossas terras. Todo o nosso progresso foi exclusivamente devido á iniciativa dos proprios brasileiros. A historia patria demonstra que dispomos de recursos infinitos, de notavel vitalidade, de enorme faculdade de recuperação. A historia do Brasil é modesta, mas honesta dizia D. Pedro II.

4.º — O PROBLEMA ECONOMICO

“O Brasil, diz Alberto Torres, ou será o paiz da reorganização do homem pelo trabalho, ou representará, na historia da civilização, um roubo das gerações contemporaneas ao progresso humano”. O grande problema brasileiro é o economico, em toda a sua complexidade, é o problema da formação, organização e conservação da nossa riqueza, pois “o Brasil é, ainda, e apesar da acção dos seus governos, um repositório e uma reserva de riquezas. Povo forte é povo rico são expressões equivalentes. A politica de um povo moderno, para a paz ou para a guerra, consiste na arte de conservar, de obter e de augmentar riquezas. Tal é a politica offensiva dos outros povos, tal precisa ser a nossa politica defensiva”.

“Obter, conservar e augmentar riquezas, é, comtudo, um vago objectivo que não prescinde de explicação. A Terra tem sido presa de um unico movel de obtenção de riquezas:

a ambição individual. Cada individuo e cada geração de-lapidam, em proveito proprio, fontes preciosas de immensos valores.

O homem tem sido um destruidor implacavel e voraz das riquezas da Terra. Toda a vida historica da humanidade tem sido uma vida de devastação e de exgotamento do solo, de incendio de thesouros e de florestas, de saque de minerios ao seio da terra, de esterelização da sua superficie. A exploração colonial dos povos sul-americanos foi um assalto ás suas riquezas; toda a sua historia economica é o prolongamento desse assalto, sem precauções conservadoras, sem correctivos reparadores, sem piedade para com o futuro, sem attenção para os direitos dos posteros. Já os povos previdentes, como os inglezes, na India, os canadenses, os americanos, começam a fazer a policia de seus bens naturaes e reconstruil-os. No Brasil seria de elementar prudencia que os poderes publicos procurassem sustar a devastação das mattas; que procurassem manter as populações nas regiões já exploradas, desenvolvendo novas culturas, por processos intensivos; que estimulassem o gosto pelo amanho da terra e pela producção; que habituassem á vida do campo; que fiscalizassem e corrigissem as alterações do clima, os accidentes meteoricos, o resecamento de certas terras, o alagamento de outras, o abandono, em summa, de quasi todas onde a arvore do café pereceu por velhice; que, antes de tudo, promovessem a utilização destas ultimas, recolonizando-as com elementos estrangeiros e nacionaes.

5.º — O NACIONALISMO

Alberto Torres acha que "o Brasil apresenta-se ao mundo como o melhor terreno, talvez, para solução de mais de um dos seus problemas. Nisto estará a sua gloria, ou disto

virá sua ruina. Se as soluções se forem operando com a consolidação da nossa independencia social e economica, a nossa soberania politica será laureada com uma das mais brilhantes posições na politica mundial; se se operarem pelo assalto de capitaes, pela occupação e conquista da producção e do commercio, seremos uma colonia tropical de companhias e syndicatos estrangeiros. Para manter independente a nação, é imprescindivel preservar os órgãos vitaes da nacionalidade: suas fontes principaes de riqueza, suas industrias de primeira necessidade e de utilidade immediata, seus instrumentos e agentes de vitalidade e circulação economica; a viação e o commercio interno; a mais ampla liberdade de industria e de commercio. Nenhum monopolio, nenhum privilegio; a mais plena garantia e protecção ao trabalho livre, á iniciativa individual, á pequena producção, á distribuição das riquezas...

“A historia, deploravel, da nossa vida politica, com a falta de ordem legal, e, por vezes, da propria ordem material, os nossos eternos “deficits”, ameaçadores e sem promessa de correctivo, a violação das leis e da Constituição, notorios abusos administrativos, só ignorados, parece, pelo governo, tudo isso seria bastante que a alma nacional, o sentimento patriotico deste povo, reclamassem, num só brado, energica e prompta reacção, — para que o governo deliberasse enfrentar as nossas difficuldades e as ameaças accumuladas sobre o nosso futuro; para que os nossos braços se erguessem, emfim, num só movimento — prompto, energico, seguro — a deter o paiz, despenhado por este declive de ruina e de dissolução.

Mas os factos a que me venho referindo, estes, são de ordem a não admittir discussão, delongas, tergiversações. Isso que ahí está passando não pode ser consummado. Uma nação pôde ser livre, ainda que barbara, sem segurança e sem garantias juridicas; não pode ser livre, sem o do-

minio de suas fontes de riqueza, de seus meios de nutrição, das obras vivas da sua industria e do seu commercio.

Não é uma reacção nativista, que se nos está impondo: é um simples acto instinctivo de conservação, um vulgar movimento de defesa: a méra demonstração da nossa consciencia, sobre a realidade. As melhores organizações militares nada valem, na defesa de paizes occupados pelas "armées financières des états..."

Alberto Torres termina o estudo do "Problema Nacional Brasileiro" provando que "a formação *artificial* das nacionalidades, tal como a nossa, impõe, como necessidade imperativa, a formação, por convicção nacional, da consciencia nacional; a criação e o desenvolvimento *pas en haut*, — da intelligencia para os habitos, do raciocinio para os reflexos — do instincto de conservação e de progresso nacional".

Mas justamente, "os homens que fundaram a nação brasileira não tinham o espirito dirigido para esta especie de observações. Com a cultura geral portugueza e a escassa cultura franceza, quasi exclusivamente juridica, não contavam siquer com os imperfeitos instrumentos da sciencia dos physiocratas e dos economistas, para receberem as primeiras luzes da vida social e economica. José Bonifacio seria, talvez, capaz, com sua educação scientifica e seu genio, de deparar com a porta de entrada para o labyrintho da sciencia real da nossa vida, mas José Bonifacio foi o caracter forte e a intelligencia séria que, depois de ter realizado a independencia politica, teve de ser repellido, por indigesto, pelo estomago da mediana que a fruiu...

Uma vez fundada, a Nação Brasileira não sentiu o sofrimento do estado colonial effectivo, como sociedade e como economia. O povo — que age, nestas causas, por sensibilidade — nunca mais teve, tambem, quem o advertisse. O povo não percebia, entretanto, a sua gradual eli-

minação, só porque não soffria. A perda incessante e paulatina da saúde não se revela senão a olhos prevenidos; e a ingenua alma brasileira tinha, sobre a imperecível grandeza da sua terra e do seu futuro, a illusão do seu céu azul e do seu bello sol de ouro puro.

Hoje, a realidade se lhe mostra, não só uma cópia de documentos que nos põem surpresos da nossa propria inadvertencia, mas com um factio *que representa, na historia das tentativas coloniaes, o caso mais arrojado de expansão economica*. Não ha, na chronica das conquistas lentas das semi-soberanias barbaras e das nações emasculados, nada que se aproxime, que pudesse mesmo conjecturar a surpresa que nos assalta”.

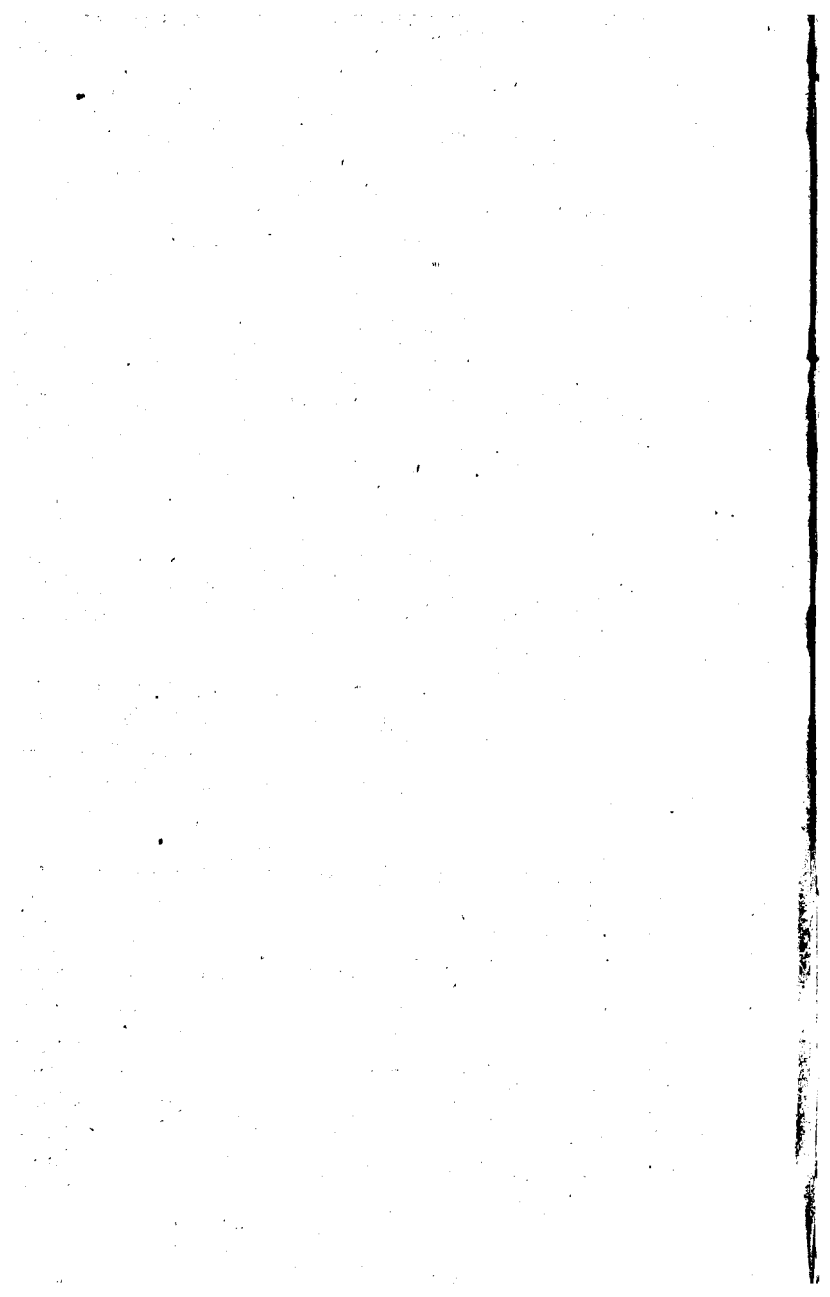
No seu ardente nacionalismo, julga Alberto Torres que devemos oppôr a empresas e syndicatos estrangeiros a recusa liminar do *non possumus*, varrer o territorio da in-tromissão inhospita, e promover a nossa reorganização social e politica, de fórma a preparar o Brasil para ser um cooperador da civilização, em vez de um logradouro internacional de especulação e do capitalismo ocioso...

Queremos para nós, a liberdade e a autonomia racional, que tem toda e qualquer nação soberana; a autonomia e a liberdade de que nos temos mostrado dignos, e de que não usamos, senão para partilhar com o estrangeiro os bens da nossa terra e os affectos dos nossos corações. Contestar-se o direito de rehver a parte desta autonomia que nos está sendo eliminada, equivaleria para os estrangeiros que aqui pretendem ficar, o repudio da sorte dos seus filhos, e, para os que pensam em regressar, a confissão de que não se sentem interessados pela sorte de um povo do qual recebem a hospitalidade talvez mais franca no mundo inteiro.

O nosso nacionalismo não é uma aspiração sentimental, nem um programma doutrinario, que presupponha um co-

lorido mais forte do sentimento ou do conceito patriótico. E' um simples movimento de restauração conservadora e reorganizadora.

E em torno deste objectivo moral e politico, deve concentrar-se, não mais a atenção, nem o espirito, dos que respondem pela sorte do Brasil, mas a sua actividade, para que não esteja longe a alvoradá em que nos sintamos de posse da direcção dos nossos destinos”.



CAPITULO X

A ORGANIZAÇÃO NACIONAL

Estudando as causas da nossa fraqueza ethnica, da nossa dissolução social e politica e da nossa desorganização economica, é que o talento de objectividade e de synthese de que era dotado Alberto Torres, a sua capacidade observadora, a sua visão de sociologo mostram a sua agudeza de vistas, a sua sagacidade, a sua lucida intuição social. Observando a nossa actualidade e vendo sem preconceitos, naturalmente, objectivamente, o que se passava em torno, nas coisas, na terra e no homem — e, recolhendo as suas impressões, as expõe com uma segurança, uma nobreza, uma elevação, uma racionalidade, que o fazem um dos nossos maiores espiritos, e certamente o maior sociologo e pensador do Brasil.

Difficil e penoso é o trabalho de percepção e coordenação nesta ordem de estudos; é muito emmaranhada e complexa a trama dos phenomenos nesse numeroso *consensus*, que é a economia social de uma nacionalidade, ou a vida psychica de uma raça. O observador, para não errar, para não se unilaterizar, é preciso ter um grande espirito de synthese, uma grande serenidade e equilibrio, o olhar multiplo para abranger todas as variedades dos phenomenos sociaes,

Mas Alberto Torres conseguiu vencer todas as difficuldades das investigações sociaes. Na sua obra ha lampejos geniaes. O Problema Nacional Brasileiro, synthese incomparavel do nosso estado social, apparece como introdução a um programma de politica nacional, de organização, de construcção, de consolidação do nosso povo. Depois de pesquisar os nossos problemas e todos os assumptos de vital interesse para a nossa patria, procura solver com os dados concretos da vida os problemas deparados pela pratica. Depois de mostrar o objectivo de uma reconquista da liberdade e da autonomia nacional, que vamos perdendo, e de caracterizar o nosso nacionalismo, não como uma aspiração sentimental, mas como um simples movimento de restauração conservadora e reorganizadora, para que não esteja longe a alvorada em que nos sintamos de posse da direcção dos nossos destinos, chega Alberto Torres á proposta de um programma de organização nacional, que só publicou a primeira parte, com a sub-epigraphe — *A Constituição*, em que termina com um projecto de revisão constitucional.

“A Organização Nacional é um estudo completo sobre a vida social, politica, economica e financeira do Brasil.

Todos os nossos males, todos os nossos problemas são objecto de minucioso estudo, apontando tambem o remedio conveniente a esses males e as soluções adequadas aos nossos problemas. Nesta obra monumental, que é no dizer de illustre publicista “imperecedoura como saber dos phenomenos sociaes e capacidade expositiva”, reflecte-se o patriota, o alto juizo do philosopho, a visão de um estadista, de um erudito, de um sociologo e de um jurista eminente.

Estuda as questões nacionaes que se relacionam com a unidade nacional, o territorio, a nação, economia, finanças, navegação, educação, viação, producção, politica in-

ternacional e politica social e economica, emfim, de todas as fontes d'onde emerge o bem estar, o poder nacional, a riqueza publica e termina formulando um projecto de constituição baseado nas nossas tendencias, nos nossos costumes, na nossa historia e adaptavel á indole do nosso povo. E' sem duvida o mais sério estudo de sociologia brasileira. As 380 paginas doutrinarias são, como escreveu Osorio Duque Estrada, "um vasto e farto manancial de observação e de ensinamentos dignos de serem lidos, meditados e estudados por quantos se interessem pelo futuro desse paiz. Cada capitulo, cada pagina, cada phrase desse verdadeiro tratado de sociologia é, muitas vezes, uma synthese admiravel de principios e conceitos, que desafiam inilludivelmente a atenção e o interesse do leitor, revelando, ao mesmo tempo, os predicados maximos de um pensador e de um philosopho, como até hoje outro maior ainda não appareceu no Brasil. Basta citar para exemplo um trecho da introducção:

"Toda a gente, em nosso paiz, diz, repete e proclama que o estado de nossas coisas é de extrema, de angustiosa crise; grande numero de pessoas — na maior parte das vezes sem noção consciente do que seja uma raça — explica estes factos, imputando-os á nossa incapacidade ingênita, réplica com que, quando não se desforam do concurso pela causa commum, desmoralizam o proprio esforço e abatem a propria energia, ninguem propõe soluções nem indica a direcção a tomar: todos têm capacidade para a critica, para a destruição, para a opposição. Esse estado de coisas é insustentavel.

As obras politicas sérias são forçosamente difficeis, e tanto mais difficeis quanto mais praticas. Nós confundimos, habitualmente, duas coisas que são bem distinctas: a difficuldade dos problemas politicos com a supposta impraticabilidade das soluções. E' muito facil conceber bellas

instituições, mudar de programmas, recebê-los de outros, aprender e aceitar theorias, fazer revoluções, sobrepôr, enfim, á vida de um povo, um mecanismo qualquer, rotulado com o nome de uma theoria ideologica, que passa a ser, para os destinos da sociedade, como a vida da scena e dos bastidores de theatro, para os espectadores e para a vida real dos actores, ou como o tumulto de enfermarias de molestias mentaes para a realidade ordinaria da existencia.

As coisas que occorrem nos theatros e nos hospicios de alienados são *factos*, porém, não são *realidade*. A nossa vida politica é um scenario de factos alheios á realidade social”.

Indicando sempre a therapeutica mais convinavel, desde que põe o dedo numa chaga, deixa-se o illustre publicista influenciar pelas inspirações de um verdadeiro optimismo patriotico e, apoiado nos ensinamentos da historia nacional, confirmadora da nossa capacidade para a lucta dos ideaes e para o esforço de reformar, determina preliminarmente quaes são os nossos *problemas*, offerecendo depois as soluções definitivas que elles requerem, certo de que taes soluções não offerecem grandes difficuldades, porque a energia de que temos dado prova para substituir (independencia, abolição e republica) deve nos valer de novo para organizar, transformando em realidades aquellas reformas apenas superficiaes.

A primeira parte do programma de organização apresentado por Alberto Torres é, muito logica e naturalmente, a reforma do nosso pacto fundamental, que se acha, em varios pontos, em contradicção irreconciliavel com as tradições, os costumes, as tendencias e os ideaes do povo brasileiro.

A *Organização Nacional* está dividida em tres partes:

a 1.^a trata da "*terra e da gente do Brasil*"; a 2.^a do *governo e da politica*; e a 3.^a da *revisão constitucional*.

A politica organica proposta por Alberto Torres, "não pode deixar de encontrar adhesão no criterio de toda a gente que reflete sem ter o cerebro obstruido pelas massas de preconceitos que cada philosophia, cada escola e cada systema da época exalta á altura de sciencia".

1.º — AS NOSSAS CONDIÇÕES SOCIAES

"A nossa situação social chegou a um estado que impõe aos brasileiros o dilemma de um movimento de energia viril, são e reflectido ou da renuncia da nacionalidade e da segurança, para si e para a sua prole".

O nosso povo é capaz desse movimento viril, de que nos fala Alberto Torres, "pois nenhum povo tem melhores estimulos moraes e mais alta capacidade que o nosso. A nossa reacção deve basear-se nestes dados: confiança inteira em nossa indisputavel moralidade, e consciencia da causa real da nossa apathia, que está na ignorancia do nosso meio e de nós mesmos, produzindo, por consequencia logica, a extraordinaria leviandade do nosso espirito".

A presente geração brasileira assiste á gestação da nossa nacionalidade.

Alberto Torres faz uma penetrante e sagaz analyse das nossas condições sociaes. Estabelece que, "no Brasil o grande problema é o da economia total de uma sociedade, cujas bases, instaveis e desorganizadas, não offerecem seguranças nem ao futuro, nem á propria existencia de ninguem, a não ser á custa do Thesouro, ou em pequeno numero de industrias, dependentes das mais violentas e imprevistas crises; é o problema do *povo* em geral; o problema dos productores, que não sabem ainda cultivar a terra, infiel, com suas estações e climas irregulares, ao es-

forço do braço e não encontram nos costumes, nas instituições, nas leis e na propria vida social, senão barreiras ou fintas aos frutos do seu labor; o problema de todo o mundo, vivendo a existencia apathica da gente para quem o dia seguinte não acena com a minima esperança ás mais modestas ambições. E o nosso problema economico é o problema da organização do trabalho, da circulação e do consumo; o capital nos ha de vir com a circulação e pela circulação; e só nos virá proficuo e benefico, do estrangeiro, quando as condições do credito o chamarem, no interesse do mutuante”.

2.º — A POLITICA

As difficuldades da politica são apontadas por Alberto Torres. “Na vida social todos os ramos do espirito e do caracter convergem, na pratica, para uma arte geral: a Politica.

Esta arte é, necessariamente, uma arte difficil, uma das mais profundas, complexas e subtis; e, se outras artes da vida andam ainda tão sujeitas ás audacias da ignorancia e do empirismo — a Politica é, ainda mais que todas as outras, objecto da jactancia critica e da inconsciencia pratica; não ha senhora, estudante ou operario que não tenha opinião sobre os mais graves problemas politicos; não ha cidadão que recuse uma funcção publica, por se julgar incompetente para exercel-a. A opinião publica é, em regra, dirigida, sobre seus amplos e graves problemas por escriptores que jamais se detiveram no trabalho de formar idéas geraes sobre seu conjunto, nem no reunir os dados dos seus problemas.

A politica, systema de conhecimentos vastos e complexos, continúa a ser aos olhos de todos, a mesma arte dos discursos patheticos do “ágora” atheniense, onde a voz dos

anciãos arrastava as multidões ao calor musical das palavras e ao fulgor dos tropos.

Esta arte demanda um forte e profundo preparo — suas soluções não se encontrando, sequer esboçadas, nas folhas dos livros mais sabios. A' applicação directa das lições de philosophos e doutrinadores devem-se os maiores desastres da politica contemporanea. Os homens de governo ganharam em preparo theorico, mas os factos cresceram em variedade e complexidade; e o conflicto entre factos e theorias assumiu proporções gigantescas, porque as doutrinas não tem relação com a natureza dos factos.

3.º — A POLITICA NO BRASIL

Em nosso paiz este desencontro manifesta-se em documentos flagrantés. Somos de um federalismo nominal intransigente, e o nosso *autonomismo partidario* não é senão a machina que elabora a mais anemiante centralização social e economica; o Rio de Janeiro, de *centro de circulação social*, que devera ser, não é senão uma bomba de absorpção de toda a nossa vida economica e mental; assim tambem, duas ou tres capitães de Estados". Ninguem cuida da verdadeira politica, que é a arte de fazer o accordo das leis com a vida da sociedade e que resulta do estudo racional dos dados concretos da terra e da sociedade, observados e verificados pela experiencia. Os appellos philantropicos da politica dirigem-se para o proletariado e para o selvagem. Em meio a estes dous extremos o problema popular profundo, o da sorte da grande massa de nossa gente já incorporada á sociedade, vae desenrolando, em permanente cosmorama cinematographico, o curso de um povo que se dissolve: progredindo em luxo, em ambição facil, em vaidades, em fatuidade, em despreocupação das coisas sérias, nas classes elevadas, — menos cultas e me-

nos civilizadas, em geral, que as das gerações que nos precederam — e ociosa, indolente, dominada pelo vicio, pelo alcool, pelo jogo, exposta a toda a especie de infecções nas classes inferiores. O problema da cultura do individuo e o da construcção estrutural da sociedade continuam a ser assumptos em branco em nossos annaes. No entanto, o homem brasileiro não é mais indolente que qualquer outro; é mesmo, talvez, mais paciente, para a tarefa, que o europeu e o americano; mas, ao passo que o campo, na Europa e nos Estados Unidos, é uma escola de destreza e de gymnastica educativa, do corpo e do espirito, para a faina agricola, onde, de tempos immemoriaes, a pratica da agricultura e os conhecimentos empyricos vem passando de geração para geração, como as sementes passam de colheita em colheita e de mão em mão — a gente da nossa terra ainda está por formar o acervo, não de idéas theoreticas de agricultura, mas dessas tradições elementares que estão para a aptidão do lavrador como o movimento dos dedos para a habilidade da costureira, os costumes para a moral e o *folk-lore* para a alegria e para o lyrismo intimo da vida. Nós não sabemos ainda o que a nossa terra póde produzir e como deve produzir.

Não ha entretanto, em nosso paiz, nenhum melhoramento material que não tenha sido iniciado por brasileiros.

Quasi todas as nossas grandes empresas foram fundadas, mantidas e administradas longo tempo por patricios nossos. O Brasil não tem, entretanto, hoje, empresas e industrias de vulto em mãos de nacionaes. No que respeita á iniciativa, á administração e ao trabalho, o meio social é como um terreno, ou um clima, onde o individuo haure, para as multiplices operações da producção, elementos, auxilios, favores, contribuições, lições, exemplos, estímulos e habitos. A desorganização geral da nossa sociedade responde, assim, á imputação á nossa raça da causa da insufficien-

cia de suas obras; e a desorganização politica explica á farta as lacunas do progresso social e do individual. Num paiz que não sahiu do jugo da metropole senão para ser dirigido por governos que não surgiram da carne e do sangue do povo e não commungam com seu espirito e suas tendencias, fazendo tudo, pelo contrario, para desvirtuar-lhe o character, subordinando-o a idéas e costumes estrangeiros, não é de surprehender que o povo se não tenha formado, — faltando-lhe, como lhe faltou, a escola do determinismo, pelo exercicio da liberdade e da autonomia: do progresso, physiologico e psychico, em summa, da actividade.

Nossa historia registra, entretanto, innumerous casos de iniciativa e de esforço, que se poderiam dizer heroicos. A propria memoria de cada um de meus leitores brasileiros lhe ha de ir apontando os documentos. Os exemplos de capacidade organizadora e administrativa multiplicam-se por todos os lados: na industria privada e no serviço publico, sempre que *o acerto de uma boa escolha* levou o Governo a pôr a mão sobre um homem capaz, favorecendo-o circumstancias propicias á permanencia na posição e boas condições de exito, fundaram-se instituições e estabelecimentos dignos de confronto com os melhores dos mais cultos paizes, e, ás vezes, superiores. Quem quer que tenha exercido função publica em nosso paiz, relembra, com ufanía, o zelo, a intelligencia e a honestidade do nosso functionalista. Todas estas qualidades são, comtudo, impotentes para vencer a força de inercia da desorganização social; e a nossa crise actual não resulta senão da estagnação das nossas energias, alagadas — porque não encontraram seu leito proprio.

As phases de rebaixamento dos costumes publicos, e de anarchia administrativa, resultam da desorganização social e politica: e são symptomas tão positivos de desorienta-

ção, como o proprio hieratismo dos espiritos de indole magistratica — inexperientes, em regra, das coisas do governo, que apreciam, com rigidez cathedratice, ou impellidos por esteril pendor para a polemica.

Percorremos já vida autonoma bastante longa, para comprehender que os *faits divers* da politica: os abusos do governador deste Estado, as violencias daquelle ministro, os escandalos de tal ou qual administração, nem são causas, nem sequer mesmo *factores*, da anarchia, nas coisas publicas — mas consequencias do facto, capital e mais profundo da desorganização. A organização prevenirá tudo isto, ao passo que as reacções criticas e judiciaes, trazendo por programma a *regeneração moral* da vida publica, não têm outro effeito senão criar situações de terror — transformados os “incorruptiveis” da aurora revolucionaria em guilhotinadores do seu meio-dia. O problema da moral publica não chega a ser um problema de aspecto organico; e a moralidade, fruto necessario de toda a obra realmente organizadora, não se realiza jámais ao influxo da “preocupação moralista”.

A Moral é uma *inspiração* e uma *aspiração*: não é o *meio*, nem o *fim*, da *acção*, nem tão pouco uma *solução*. Como *inspiração* — ponto de partida da actividade mental — ella entra na elaboração das idéas, para transformar-se em actos; como ideal, orienta o pensamento, determinando a direcção da acção. E’ a concepção resumida por Augusto Comte, nesta bella sentença: “Agir par affection et penser pour agir...”

Nenhum povo tem melhores estimulos moraes e mais alta capacidade moral que o nosso. Entre poucos, a vida publica terá chegado, entretanto, ao mesmo estado de aparente licença e desmoralização. E’ um desequilibrio funcional do criterio moral — resultado da desagregação social. Nestes casos, as reacções do “moralismo” agem

como irritantes ou como enervantes: provocam situações de terror, ou situações de torpor...

Erros politicos e surpresas internacionaes á parte, o nosso paiz goza da fortuna privilegiada de ter *problemas* sem ter *difficuldades*, possuindo o povo de coração mais brando e de mais sensato espirito, talvez, no mundo inteiro; só o não governa quem o não sabe, ou não o quer, governar; e todos os seus problemas se resumem nesse objectivo: formar, construir e desenvolver a Nação, que é a nossa gente de hoje e a sua prole, a gente das nossas raças e a dos que vierem, cordial e fraternalmente, conviver comnosco: a verdadeira, a unica Patria, para corações sinceros e para espiritos serenos. A desorganização politica destróe uma nação mais do que as guerras.

A energia — de que demos provas, para substituir — nos deve valer, de novo, para organizar. Será preciso, depois, sermos corajosos, conscientes e perseverantes, para assentar, consolidar e desenvolver a organização”.

4.º — NOSSAS DIFFICULDADES HISTORICAS E GEOGRAPHICAS

Alberto Torres mostra as difficuldades da nossa preparação sociologica, por causas geographicas e por causas historicas. “Territorio heterogeneo, de conformação longitudinal, com rios e vias de communicação menos favoraveis, erigido de cadeias de montanhas que o dividem e separam, era mais penoso ligar e abranger, num todo, as diversas zonas, para lhes estudar o character commum e prefixar as condições de unidade e solidariedade. Não era facil assimilar-o, com seus productos exoticos, ás condições normaes do commercio internacional, entremeando os seus interesses nas correntes ordinarias dos negocios. O commercio brasileiro ficou, como todos os que versam sobre

especiarias, sujeito ás oscillações, aos entraves, ás espoliações, que acompanham, em toda a parte, os negocios sobre generos que não são de uso necessario. Os homens publicos estavam, por outro lado, longe de possuir o preparo dos fundadores da republica americana.

Scientistas, litteratos e juristas da escola de Coimbra trouxeram, para o nosso meio, brilhantes ideaes, conceitos theoreticos, formulas juridicas, instituições administrativas, estudadas nos centros europeus. Com tal espolio de doutrinas e de imitações, architectou-se um edificio governamental, feito de materiaes alheios, artificial, burocratico. Os problemas da terra, da sociedade, da producção, da povoação, da viação e da unidade economica e social, ficaram entregues ao acaso; o Estado só os olhava com os olhos do fisco; e os homens publicos — doutos parlamentares e criteriosos administradores — não eram politicos, nem estadistas; bordavam sobre a realidade da nossa vida uma teia de discussões abstractas e rethoricas; degladiavam-se em torno de fórmulas constitucionaes, francezas ou inglezas; tratavam das eleições, discutiam theses juridicas, cuidavam do exercito, da armada, da *instrucção*, das repartições, das secretarias, das finanças, das relações exteriores, imitando ou transplantando instituições e principios europeus. Sob a impetuosidade do primeiro monarcha e o academicismo do segundo, o mecanismo governamental trabalhou sempre, desorientado e sem guia, estranho ás necessidades intimas, essenciaes, do nosso meio physico e social.

A Republica desenvolveu consideravelmente a curiosidade intellectual, nas letras, nas sciencias, na politica.

Conservando a maioria na representação nacional, viram-se os juristas cercados de outras aptidões e capacidades. Moços, ardentes, ambiciosos, os politicos do novo regimen lançaram-se á pesquisa de novos assumptos, novos problemas, novas conquistas a explorar; nos annaes do Con-

gresso, na imprensa, em periodicos e livros, multiplicam-se os estudos e investigações, de incontestavel merito e marcada originalidade muitos, — mas estes trabalhos mostravam, em regra, a tara da nossa tendencia e a lacuna do nosso preparo: eram theoricos, analyticos, limitados a uma especialidade, a um ramo de conhecimentos, alheios aos problemas concretos e opportunos. O regimen não trouxe comsigo os estadistas que o haviam de construir. Os estudos ganharam em variedade, mas perderam, em dispersão e indefinido, alguma precisão que os antigos tinham.

E' certo que os manifestos e mensagens presidenciaes summariam, com mais ou menos amplitude, notas sobre os departamentos dos serviços publicos, faces diversas dos problemas nacionaes, e que suggerem alvitres e soluções sobre variados assumptos; por amplos que sejam, têm, comtudo, todos elles, um character, minucioso e pormenorizado, de catalogos de suggestões e propostas, para applicações parciaes, sem espirito de conjunto, sem vista geral e coordenada de nossa physionomia social, politica e economica, de seus problemas, de suas soluções. São programmas de gestão transitoria, para os quatro annos do periodo; faltam-lhes a envergadura e a luz, com que costumam verdadeiros estadistas concentrar, em traços fortes e nitidos, o systema da politica pratica, o estudo positivo da physiologia de um paiz, para lhes indicar o movimento e a direcção. Estes programmas quadriennaes, esboçados no curto periodo de cada governo, são esquecidos, para se dar começo a novos ensaios e tentativas, na seguinte presidencia. A historia da politica republicana, em seu conjunto e em seus varios interesses, é uma jornada de marchas e contra-marchas, de experiencias e retrocessos...

Somos um paiz sem direcção politica e sem orientação social e economica. Este é o espirito que cumpre criar. O patriotismo sem bussola, a sciencia sem synthese, as letras

sem ideal, a economia sem solidariedade, as finanças sem continuidade, a educação sem systema, o trabalho e a produção sem harmonia e sem apoio, actuam como elementos contrarios e desconnexos, destróem-se reciprocamente, e os egoismos e interesses illegitimos florescem, sobre a ruina da vida commum.

O Brasil é, entretanto, um dos paizes que apresentam mais solidos elementos de prosperidade e mostram condições para um mais nobre e brilhante destino.

A zona intertropical é o berço do animal humano; foi em climas medios, ou calidos, que fixou o typo mais perfeito do reino animal; ahi floresceram as primeiras e mais luxuosas civilizações; para ahi convergem, naturalmente, as aspirações e os desejos dos homens de todas as regiões! Só o exgotamento do sólo, a proliferação das populações, as incursões barbaras e as guerras, conseguiram arremessar grandes massas de população para zonas frias. E' natural que o homem tente voltar para seu berço, sempre que ahi encontre terras fertes e climas propicios á vida. Estudar o Brasil, eis o que devera ser o lemma do patriotismo e do zelo pela sorte da nossa terra.

O destino de um paiz é função de sua historia e de sua geographia. O Brasil não tem historia, que tal nome não merece a série chronologica dos fastos das colonias dispersas e a successão meramente politica, de episodios militares e governamentaes: sua historia ethnica, economica e social, só começará a formar-se quando mais estreita solidariedade entre os habitantes das varias zonas lhe der a consciencia de uma unidade moral, vinculo intimo e profundo, que a unidade politica está longe de realizar.

E' em sua geographia e no quadro da sociedade contemporanea que está a base do conhecimento de sua sorte.

Estudar a geographia de um paiz, não em seu aspecto descriptivo, mas em sua natureza dinamica e funccional,

procurando apprehender o character das diversas zonas geographicas e mineralogicas, a sua fauna, a sua flora, a sua estructura geographica, os seus vasos hydrographicos, para conhecer os elementos e aptidões de sua exploração e cultura, e ao mesmo tempo as condições necessarias ao espirito de unidade social e economica e á solidariedade entre os interesses e tendencias divergentes, eis o ponto de partida de toda a politica sensata e pratica. Tal foi a obra dos estadistas americanos da phase constitucional, que tiveram de vencer, aliás, uma gravissima difficuldade: a tendencia separatista das antigas colonias.

Sem este estudo, a marcha de um paiz fica, como a vida dos homens sem objectivo e sem methodo, sujeita ás oscillações, aos desvios, aos azares, que accidentes, erros de apreciação, interesses occasionaes ou parciaes, vão produzindo”.

5.º — NOSSOS COSTUMES POLITICOS

Alberto Torres estuda os nossos costumes politicos. Declara que no ponto de vista moral, um paiz de constituição democratica, cujo processo eleitoral é ficticio ou fraudulento, repousa sobre uma mentira flagrante. Tal democracia não se distingue, politicamente, de qualquer autocracia ou oligarchia, senão pela irresponsabilidade dos que exercem a dictadura. “A pureza do regimen eleitoral resulta da existencia de regimen de opinião. Como expressão da vontade collectiva, a eleição presuppõe uma mentalidade collectiva. As eleições mais puras, que não exprimam resultados de luctas entre opiniões, não tem por effeito senão firmar o poderio dos individuos que se investem das delegações publicas, por uma das fórmias mais antipathicas e grosseiras da força bruta: a das maiorias inconscientes.

Maiorias que não sabem ao que vêm, ao entrar no recinto das assembléas, representam, no regimen das demo-

cracias, o mesmo papel de qualquer dos generaes barbaros do baixo imperio romano, elevado ao throno dos Cesares pela força impulsiva e brutal das legiões.

O regimen de opinião depende de um certo grau de cultura e de um grau maior de civismo. Possuimos illustração em escala mais elevada do que civilização. Ao passo que o nosso povo conta uma immensa massa de analfabetos e, sem incluir os indigenas, de individuos ainda em estado, material e moral, de selvageria, o numero de intellectuaes é avultado e notavel a elevação do seu preparo. Mas, no intellectualismo, a fórma erudita e ornamental predomina sobre a fórma intensa e raciocinante. Saber muito e dizer bem é o ideal cultivado pela maioria dos que estudam; poucos se preocupam com formar uma philosophia pratica e ter opinião sobre os problemas; quasi todos affectam, sobre as coisas da politica e da vida publica, a indifferença característica das culturas da decadencia... Os intellectuaes brasileiros consideram o preparo que possuem um meio de exito pessoal, sem o ligar a nenhum dever, a nenhuma responsabilidade de acção e direcção social.

A opinião dos povos modernos, onde a producção intellectual é escassa, é feita pelo jornalismo; mas o jornal não é órgão de direcção, senão instrumento de impressões e de conselhos rapidos, variaveis, naturalmente superficiaes e versateis”.

6.º — O CULTO DA COMPETENCIA

Com evidente razão diz Alberto Torres que um paiz precisa desenvolver suas forças intellectuaes com o mesmo esmero com que deve desenvolver suas forças economicas; da intensidade e influencia das faculdades mentaes de um povo, cultivadas racionalmente, e exercidas com liberdade e civismo, depende a efficiencia de tudo o mais. Vae longe

o tempo em que teve credito o preconceito demagogico de que não ha homens necessarios...

Da selecção da sociedade dos governantes, como da maior ou menor intensidade e liberdade de acção deste centro, depende, em alta escala, o gráo de aperfeiçoamento e de producção da intelligencia nacional.

E' um facto, uma fatalidade, talvez, da nossa época, e dos paizes nòvos sobretudo, contra a qual não ha que protestar. Se os governantes abrem as portas de seus gabinetes e dão accesso ás capacidades, o paiz ganha em riqueza intellectual; se apertam o circulo, por estreiteza de vistas ou por intolerancia, as forças dispersam-se, anniquilam-se, e não só o proprio governo torna-se um instrumento de incapazes, como as boas intelligencias perdem uma força pratica de arrimo e de animação. E' um grave problema este, tão importante como os mais importantes da economia material, que pede a attenção dos responsaveis pelo nosso futuro: um governo que se preoccupar com a economia dos dinheiros publicos, deve preoccupar-se com a utilização dos valores intellectuaes do paiz.

O processo de escolha do pessoal que nos dirige é o mais vicioso possivel; e chega a surprehender como dessas singulares oligarchias, dominadas pelo criterio dos mais dispersivos caprichos e preferencias pessoaes, resulta subirem ás posições alguns homens de valor. Mas o numero destes poderia ser muito maior, se houvesse mais esforço por prestigiar os capazes e mais amor á liberdade de pensar e á iniciativa intellectual.

Um governo republicano, sinceramente desejoso de fundar a nossa democracia sobre a opinião esclarecida, deveria começar por elevar ás posições publicas, e animar para o trabalho, os homens que pensam, que crêm na efficacia das idéas e têm a coragem serena e firme de suas opiniões.

Só da acção de taes individualidades póde surgir uma verdadeira democracia”.

Em geral, os brasileiros vêm os homens e não as idéas que elles representam. “Todas as crises de nossa vida politica resultam da concorrência entre grupos, em cujo seio se encontram as opiniões mais disparatadas e que não apresentam, para justificar suas batalhas, nenhuma razão decente de divergencia...

Somos um paiz de intelligencia superior; temos, no Congresso, um grupo de homens que se assignalam por notavel poder de cerebração e variado saber; mas em contraste com isto, a marcha do nosso evoluir, em lugar de seguir a orientação superior e segura que devia resultar dessa riqueza de espirito, vive na dependencia dos accidentes que, de tempos a tempos, nos fazem perguntar a nós mesmos se habitamos um territorio policiado.

E' que a realidade da vida politica não depende nem de grandes idéas, nem de bellos discursos, nem mesmo, exclusivamente, de leis perfectas, mas dos methodos e processos ordinarios da politica e da administração. As grandes peças oratorias ficam nos annaes, as leis circulam nas collecções, e a vida real do governo vae obedecendo ao impulso dos pequenos moveis dos actos diarios, dos gestos, das palavras, das intenções, que cada depositario do poder vae pondo em acção, em cada minuto, em cada ponto do paiz...

Um grande escriptor portuguez (1) perguntava um dia qual a influencia de Machado de Assis no governo e na politica do Brasil. Todos sabem que era completamente nulla. Quem privou, entretanto, com aquelle espirito, privilegiadamente arguto e subtil, não têm duvida de que, dadas certas emergencias, seu conselho suggeriria certa-

(1) Eça de Queiroz.

mente aos homens de governo soluções para as mais intrincadas crises politicas. Ninguem o ouvia, os politicos não o julgavam habil, senão para engendrar o entrecho de romances e polir o estylo; na realidade elle era uma finissima natureza de diplomata e possuia a mais lucida visão das coisas publicas.

Se as fórmãs da nossa organização politica possuissem elasticidade bastante para permittir que collaborassem nos corpos legislativos certas personalidades eminentes, das varias correntes da opinião, sem prisões partidarias: os chefes dos varios credos religiosos, representantes de diversas escolas philosophicas, politicas, sociaes e economicas, figuras eminentes das differentes classes e profissões — não ha duvida que esses homens trariam para as resoluções do governo uma aragem de serenidade, de razão e de justiça, que acalmaria o travor das paixões e compensaria o pendor tendioso dos partidarios. Os governos democraticos devem formar a sociedade governamental. O nivel da sociedade de que se cercam dá a nota do valor moral e da elevação de vistas dos governantes.

7.º — NOSSO REGIMEN DE TRABALHO E AS NOSSAS CONDIÇÕES SOCIAES

Alberto Torres diz qual foi o nosso regimen de trabalho e quaes as nossas condições sociaes, desde a independencia até nossos dias.

“Portugal, enviando para suas colonias os elementos irrequietos do povo sem cultura e sem piedade, assentou as raizes da nossa historia economica sobre a cobiça da riqueza facil, na mineração e na devastação das mattas, com a submissão do indigena e a escravização do africano. Estes habitos perduram enquanto permanecem as condições sociaes que os alimentam.

Quando a independencia se fez, as classes intellectuaes do paiz, balançadas entre as tradições politicas da metropole e o scepticismo frivolo, que foi a interpretação dada pela alta sociedade do tempo á revolução mental do seculo XVIII, estavam longe de possuir o capital solido e consciante de ideaes, de aspirações e de intuitos, necessarios para exercer, sobre essa sociedade de bandeirantes, de grandes proprietarios, de colonos ávidos, a acção rectificadora de uma disciplina moral de altos sentimentos e severos designios.

E foi sobre estes materiaes que se edificou e consolidou a ordem do Imperio, essa ordem paradisiaca, tão saudosa para alguns, em que a nossa terra viveu a paz material das feitorias, sob uma casta de colonos que arrancavam, á custa do sangue e da fibra muscular do negro a riqueza luxuriante das florestas, para deixar depois, secca e exhausta de humus, a crôsta da terra exposta á praga do sapê, enquanto, na Côrte e em poucas capitaes, uma multidão de doutores e bachareis, representava, com tiradas de rethorica e erudição, phrases sentimentaes e recitativos, a burla do "Paris na America".

Como população, entre a classe senhoril e os escravos, além de limitado numero de habitantes das cidades, entregues, com pachorra, a meia duzia de negocios e industrias, primitivos e rotineiros, havia a immensa massa dos "agregados", familias de individuos ociosos, analphabetos, mal nutridos, morando nos "sítios" desprezados das fazendas, que só appareciam nos "jongos" dos dias de festa, e de cujos serviços só havia noticias nas aneddotas picantes da domesticidade dos fazendeiros.

Nesta sociedade sem povo, onde as classes se defrontavam quasi com o rigor das castas da India, enquanto os donos da terra extrahiam inconscientemente a seiva do

sólo, os legisladores enchiam os annaes do Parlamento desses interminaveis discursos, tão usados nas épocas de decadencia, onde, a proposito do facto impressionista do dia, se accumulam innumerous argumentos e copioass citações de autores estrangeiros, sem que se chegasse jámais a conhecer nossos problemas positivos e permanentes, e a attingir os phenomenos reaes da vida nacional e suas causas intimas e profundas. Não era de surprehender que o nosso caminhar fosse sendo conduzido por força de impulsão, ou por fatalidade de dissolução, entre movimentos desorientados.

A abolição e a Republica, aspirações moraes do liberalismo, que as propagára romanticamente, fizeram-se um dia, de improviso, trazida uma a termo por um movimento de interesse dynastico, a outra consummada pela revolta das forças militares — sem *successão* de antecedentes evolutivos, e sem estações de sazramento e maturidade, que lhes preparassem o exito, traçassem o caminho e antecipassem as idéas e elementos de substituição, mas como uma quéda de frutos crestados, ainda verdes, ao calor do sol, e presos ao galho da arvore, até que uma rajada os lança por terra...

Assim, quando se decretou a abolição, todo o problema do trabalho surgiu aos olhos de politicos e estadistas, com os dois aspectos mais curtos e immediatos: o da indemnização aos lavradores, e o da necessidade de “braços” para as fazendas. O interesse permanente da producção, confiada, até esse dia ao systema grosseiro dos latifundios, e a sorte dos ex-escravos e sua educação para o trabalho livre, foram desprezados; continuou-se a pensar em importar colonos, para o trabalho assalariado; mas os “colonos” ou se installam, provisoriamente — ás vezes, até por estações de colheita — para reemigrar com capitaes, ou, quando não se fixam, nas cidades, em negocios e in-

dustrias de pura transformação, entregam-se á indolencia, nos centros ruraes, passando, com os antigos aggregados e ex-escravos, a formar a ambigua e miseravel sociedade que se avista hoje, em muitas legiões do paiz, á margem das estradas, ás portas das vendas, e nos campos, quasi faminta, estúpida, sem estimulos, entregue ao alcool e ao furto!

No Imperio como na Republica, o povo brasileiro continuou a ser essa mistura, incongruenta e sem alma: um grupo numeroso de intellectuaes, uma exorbitante massa de diplomados, pequena camada de industriaes e de commerciantes, nas cidades e, pelo extenso territorio, donos de fazendas, explorando as terras, umas em exuberancia de frutificação, outras quasi resequidas, com o braço imperito do colono; e, por toda a parte, multidões de individuos, sem profissão, sem alimento, vivendo quasi ao ar livre, em muitos lugares realmente nomades, analphabetos, sem noticias da vida a uma legua de distancia, sem consciencia do dia seguinte... A democracia que fundamos apoia-se sobre a mesma sociedade hierarchizada, onde, desde os politicos militantes e todos os que o Thesouro sustenta, as classes se succedem: intellectuaes, diplomados, militares, burguezia industrial e commercial, grandes proprietarios — conduzindo ao sabor de interesses passageiros e de bellas phrases toda uma população de *fellahs*, que mal se alimenta, não trabalha e não sabe ler”.

A nossa vida collectiva é um amontoado de orientações e vontades anarchizadas.

Cumprê educar o patriotismo, que “é a funcção dos directores da opinião, mas educal-o austera e positivamente, sobre a base da realidade das nossas coisas, para que dahi possa surgir a consciencia da nossa verdadeira posição no mundo, e de nossos destinos. Ao patriotismo sentimental, que suggere e propaga illusões; que se irrita e abespinha

com questiunculas internacionaes; que se expande em flores de rethorica, sobre nossas grandezas; que acredita na efficacia de uma propaganda artificial de nossas riquezas, á moda de bufarinheiros, emquanto a vida nacional soffre crises economicas, e vamos edificando uma civilização de palacios, ao lado de regiões desertas, esterilizadas e entregues a pantanos; que não vê a deterioração do capital territorial do paiz, obra de uma audaz exploração intensiva com exgoto da terra; que vae deixando arruinar-se uma das nossas melhores industrias — a da borracha — entregue á devastação inconsciente dos seringueiros, emquanto a Inglaterra funda na India, sobre bases industriaes intelligentes, uma temerosa cultura concorrente; que só cogita de importar colonos estrangeiros, emquanto a maioria dos brasileiros definha na indolencia, por falta de terras; que tem encravado em nosso territorio nucleos coloniaes, onde se perpetuam linguas e costumes alheios e onde governos estrangeiros já subsidiam escolas, projectam subsidiar outras, e começam a exercer uma especie de fiscalização politica á semelhança da acção consular, nas escolas do Oriente — a este patriotismo cumpre substituir um patriotismo calmo, sensato, que sem se inquietar com “as mofinas”, que nossos emulos espalham na imprensa européa, se occupe, antes de pedir mais homens e mais dinheiro ao velho continente, de valorizar os homens e as riquezas que possuímos”.

8.º — O HOMEM E A TERRA

Nós somos uma nação e não um territorio a explorar. Nós temos direito e deveres a zelar, e não podemos nos limitar a activar o progresso material do paiz, preferindo os estrangeiros quando toda a nossa riqueza provêm do trabalho nacional. Os brasileiros são robustos. A apathia de

alguns depende apenas da educação. A historia demonstra que não ha climas, nem raças inferiores. Todos os climas são adaptaveis; todas as raças educaveis e aperfeiçoaveis.

Declara que é uma falsa concepção a que faz depender o desenvolvimento das novas nacionalidades da introdução de homens das raças brancas, e attribue a decadencia dos descendentes dos primitivos habitantes, indigenas ou estrangeiros, a um phenomeno de degeneração ethnica. Contradictoria, esta observação parcial, feita nas colonias officiaes onde os novos immigrants são privilegiadamente acolhidos e localizados, deixou de vêr na prosperidade destes immigrants o arremesso, natural em novos exploradores estimulados pela esperança e pela ambição e favorecidos pelo governo. Os que se espalham por todo o territorio obedecem, tambem, ao impulso inicial desse espirito de corajosa aventura que é o grande propulsor da iniciativa.

Quanto a estes, e até quanto aos primeiros, porque ha colonias que foram desastrosas e a experiencia de outras não é ainda de todo concludente, a causa real da decadencia dos herdeiros, como a da decadencia dos descendentes dos primitivos povoadores, está na facilidade da vida, no desconhecimento das condições de adaptação cosmica e consequente falta dos factores de organização e desenvolvimento progressivo da sociedade, na ausencia de igual apoio governamental e, principalmente, os vicios da educação, que, de meio de aprendizagem de virilidade e de energia, que devera ser, fez-se aula atrophiante de memorização e pedantismo. As novas gerações nacionaes esquecem as lições de apprehendimento e de trabalho para aprender flôres de rethorica e ambicionar as doçuras do parisitismo". Repelle com energia aos que cogitam da idéa de substituir as nossas raças. "Ha muito quem cogite entre nós da idéa de substituir as nossas raças; e no espirito de mais de

um brasileiro illustre o sonho de uma futura nacionalidade, formada de individuos de puro typo europeu, é alentado com carinho.

Esta illusão deve desvanecer-se. Elementos componentes de nosso povo tornam impossivel, desde hoje, o pensamento de realizar semelhante fantazia. Tental-a, seria, quanto ao futuro, gravissimo erro politico.

Indigenas, africanos e seus descendentes formaram em nosso territorio, typos definitivos, admiravelmente apropriados ás suas condições physicas, que só poderão, por isso, progredir e aperfeiçoar-se. E' lei, quasi intuitiva, da evolução, que os typos originarios e os adaptados tendem a progredir; e se se não tem entre nós verificado este phenomeno, é que deixamos em abandono a sorte de indios e de negros, em vida selvagem ou miseravel, sem progresso possivel.

As raças são productos dos meios physicos; é o meio que lhes determina os caracteres. "Não é a raça que produz o estado social, mas o estado social que produz a raça", diz E. Demoullins. Seria simples pretensão de vaidosa nobreza ethnica affirmar que o brasileiro negro ou indio é inferior ao branco. Mais de uma memoria illustre protesta contra a setença de incapacidade dos nossos negros; e, entre os nossos politicos e escriptores eminentes, seria facil apontar dezenas de figuras em que a mescla de sangue africano ou indiô se denunciava nos traços physionomicos...

O phenomeno, habitualmente attribuido á degeneração do typo brasileiro, da superioridade dos novos colonos sobre os antigos habitantes do paiz, quanto a energia e ao tino pratico, resulta de vicios da educação que nos é dada nas escolas e no trato dos costumes sociaes.

O brasileiro não encontra, em nosso meio, desde os primeiros dias da infancia, a escola da virilidade, de autonomia

e de iniciativa, que o devia preparar para o trabalho; não recebe a lição de laboriosidade e de resistencia; não adquire a consciencia de que é um productor, um agente dynamico da vida social. Nas classes inferiores, o pae, escravo, ex-aggregado de fazenda, ou assalariado, não tendo criado amor á sua industria, habitua os filhos á pratica rotineira dos actos mecanicos de nossas culturas extensivas, quando as não abandona á calaçaria, pelas estradas e ás portas da venda. Nas classes médias e elevadas, os incapazes conservam a industria ou a propriedade paterna, assistindo, inconscientes, á desvalorização das terras e á ruina das fortunas. Os que mostram, na infancia e no curso secundario, um pouco de memoria e alguma sagacidade, seguem para os cursos superiores, onde ganham, com o direito de pretender empregos publicos e cargos de eleição, um desprezo nauseoso pelo trabalho industrial e agricola.

Estes, como a maior parte dos que, nas escolas primarias, foram iniciados nos encantos da vida urbana, lançam-se para as cidades, onde se opprimem e se atropelam, numa desanimada concorrência por magros proventos profissionais, ou abarrotam os corredores das secretarias e repartições, supplicando miseraveis empregos.

Ha um duplo dever a cumprir, para com a nossa população actual: um dever de educação e um dever de assistencia economica e social...

E' conhecida a acção regeneradora das cooperativas e mutualidades agricolas, em varias regiões da Europa. Populações decadentes, individuos degenerados e corruptos, reergueram-se, moralizaram-se, deram-se ao trabalho, e prosperaram, graças a essas associações, destinadas á compra e venda de terras e instrumentos de lavoura, cedidos a individuos sem capital. O que os mutualistas têm feito na Europa, o governo pode e deve fazer aqui.

E este o ponto em que cumpre reprimir o exaggero individualista do "laissez faire, laissez aller, laisser passer".

Tenhamos em mente que as nações não se formam espontaneamente em nossa época: são construídas por seus dirigentes; são obras d'arte politicas. E' este, aliás, o criterio que vamos seguindo, mas justamente com rumo oposto ao que convem.

O Brasil tem de ser uma republica social, por força de seu destino, e da fatalidade de seu surto na era da questão social; e tem de ser, intuitivamente, uma republica agricola... Em phrase lapidar, que devia servir de orientação aos nossos governantes, diz Alberto Torres que: — "Todo o problema da vitalidade de uma nação depende, entretanto, do esforço por criar e cultivar o homem são e o homem util.

A base da prosperidade de um paiz novo está neste principio, que pode ser considerado a primeira lei organica das sociedades contemporaneas: assegurar a todos os homens a posse dos elementos necessarios á vida sã, do corpo e do espirito, segundo a direcção de suas capacidades.

Por sua extensão, seus climas variados e suas differentes zonas de cultura, o Brasil dir-se-ia feito para reunir e abrigar alguns povos de origens e raças differentes. Nenhum outro paiz pôde, talvez, em eguaes condições, realizar o typo de sociedade politica cosmopolita, que é o fim natural das nações novas...

A terra nos pôde supprir tudo de que carecemos para viver. Com a criação das industrias agricolas communs, capazes de producção para o commercio, e com a localização do maior numero possivel de brasileiros em situação de poderem obter da terra, como se dá nos paizes mais civilizados, tudo de que pôde carecer uma familia, solve-riamos dois problemas: o de supprir, nas cidades, as po-

pulações occupadas com outras industrias, dos generos indispensaveis á vida ordinaria, e o de criar conforto e prosperidade, para grande numero de patricios nossos.

Localizar em boas terras familias brasileiras é o dever elementar de assistencia, imposto á sociedade pelo interesse de uma geração que se vae perdendo, na ociosidade ou no paritismo...”

Alberto Torres, em synthese admiravel indica um programma de educação nacional. “Demos terra a todos os homens válidos; instrucção primaria, a todos os que podem vêr e ouvir; instrucção secundaria e superior, a todos os que são capazes, não a dando a nenhum que o não seja; educação social e profissional, tambem a todos: e não temamos o futuro. O Brasil é um paiz destinado a ser o esboço da humanidade futura”.

Infelizmente o programma preconizado por Alberto Torres nunca foi praticado. Devido a isto, o Brasil é um paiz que nunca foi organizado e está cada vez mais menos organizado. “Sua ordem apparente e sua legalidade artificial correspondem, na realidade, a uma perda constante de forças vivas: o *povo* — longe de se haver constituido, social e economicamente; — e a *riqueza*, extrahida, explorada e exportada, em sua quasi totalidade, sem compensação.

9.º — AS ILLUSÕES DA POLITICA A RESPEITO DA ECONOMIA NACIONAL.

Alberto Torres destróe varias illusões da nossa politica, entre as quaes se salienta a crença de que o Brasil possui immensas riquezas e que tem prosperado e progredido muito nos ultimos annos.

As nossas decantadas riquezas inexploradas e, portanto, inuteis, só servem para nos illudirmos sobre a nossa situação economica, convencidos que somos um paiz riquissimo,

que pôde com coragem sacar sobre o futuro, quando a verdade é que somos um dos povos mais pobres do mundo, sendo na observação justissima do Barão d'Anthouard, a immensa extensão do nosso territorio e a diversidade das nossas riquezas exploraveis, causa da nossa debilidade economica, em lugar de ser um factor de prosperidade, pois são fantastiscas as sommas que o Brasil tem de empregar para valorizar essas riquezas que, para serem *mises en valeur*, além de um capital inatingivel, precisam de braços, que por muitos annos a immigração não pôde fornecer, e de meios faceis e baratos de transporte, que tampouco as distancias colossaes e as condições das nossas estradas de ferro, de construcção carissima, podem facilitar.

Tiremos esse privilegiado pedaço de terra roxa de S. Paulo, que produz o café, genero de consumo limitado, a tal ponto que uma grande safra, em lugar de ser recebida com entusiasmo alviçareiro, como augmento de riqueza, causa o terror no fazendeiro, pois produz uma crise no preço do producto e tiremos o Rio Grande do Sul, o resto desta extensão enorme de territorio só em futuro remoto pôde ser convenientemente explorado, de modo a constituir uma base solida de riqueza economica. Mesmo a crença na prosperidade de S. Paulo é uma illusão, em que respeita o café. "As regiões, diz Alberto Torres, exuberantemente productivas, deste Estado, estão reproduzindo em maior escala, a mesma historia da imprevidente exploração da terra pela monocultura do café, de que o valle do Parahyba, a matta mineira, o proprio norte de S. Paulo, são, como esqueletos de um corpo corroido, os estereis despojos. Nas proprias regiões paulistas, mais ferteis para a cultura do café, municipios, prosperos ha vinte ou trinta annos, estão já decadentes. S. Paulo se encontrará dentro de algumas dezenas de annos, em estado tão grave como o das antigas regiões productoras de café, mesmo mais

grave, por escassez de mananciaes, que suas geadas não supprem. Quasi todos os estados do Brasil estão, de facto, decadentes, emigrando do interior para as capitaes, ou para o Rio, os poucos elementos de poder financeiro com que contavam, cahindo successivamente as industrias em mãos estrangeiras, anniquilando-se e extinguindo-se, a população nacional, na vadiagem, no banditismo e na miseria. E por estas vastas regiões seccas do norte vagueia uma população vagabunda, que conserva, comtudo, ainda muito do vigor dos nossos primitivos colonizadores. A sorte dessas populações demanda um interesse immediato e zeloso.

Um paiz vastissimo em territorio e despovoado, carecendo dos primeiros elementos de nutrição popular, que tem condições para produzir, não póde imputar esta falta, depois de quasi um seculo de vida independente, senão á inconsciencia da politica nacional.

“Se fosse mister apresentar provas cabaes da nossa desorganização, bastaria encarar os seguintes factos, documentos da nossa penuria, em coisas essenciaes á vida de uma nação, possuidora, como a nossa, de vasto territorio: o Brasil é um paiz que não produz o sufficiente para a alimentação de seu povo, sendo a alimentação popular escassa, má e cara; grande massa do povo brasileiro consta de bandos, miseraveis e nomades, em processo quasi de eliminação, e de proletarios irregulares, sem preparo para o trabalho; a educação é quasi nulla, na maioria dos estados, mal orientada em todo o paiz; não temos estatistica, e tanto basta para nos collocar em nivel inferior, na escala da civilização; nossa cultura superior, notavel no numero dos estudiosos e na vastidão da erudição de alguns, está longe de corresponder ao estado de cultura dominante nos paizes adiantados, onde se encontra um escól de homens dotados do conjunto de conhecimentos, e com a educa-

ção das faculdades praticas e racionaes, necessarios á direcção da opinião e á solução dos problemas geraes.

Um paiz a que faltam taes requisitos não é uma nação, e não é mesmo uma soberania, senão no rotulo juridico. Nós carecemos de organização, e precisamos nos organizar, não como instituição juridica, segundo os moldes de outros, mas como nacionalidade, como corpo social e economico, não devendo copiar nem criar instituições, mas fazel-as surgir dos proprios materiaes do paiz: traduzir em leis suas tendencias, dando correctivo a seus defeitos e desvios de evolução”.

Podemos dizer, como um escriptor contemporaneo, que o mal que soffremos é termos nascido pobres e vivido até hoje na falsa convicção de possuirmos enormes riquezas sem fim.

Foram os americanos muito mais felizes do que nós.

Occupam um pedaço do planeta muito propicio ao desenvolvimento de uma grande civilização.

Melhor clima, terras muito mais planas e cortadas de rios mais navegaveis, mais faceis, portanto, ao trabalho agricola e ao transporte das utilidades produzidas, sub-sólo regiamente dotado dos dois maiores elementos da riqueza contemporanea — o carvão e o ferro.

“Toda a immensa area do nosso territorio, diz Alberto Torres, nas “Fontes de vida no Brasil”, — dividida em vastas regiões já desbravadas pela acção exploradora e colonizadora dos invasores, e outras amplas regiões, em poder de selvagens — ainda virgens, felizmente, do “machado da civilização” — tem as primeiras divididas — afóra a parte composta de campos, de pobre fertilidade, em geral — em zonas desbastadas, entregues á exploração extensiva, zonas desbastadas, já abandonadas, e esparsas manchas florestaes, aqui e acolá, nas regiões, principalmente, em que a expansão economica menos se dilatou”.

“Entre nós, a politica de expansão economica, com o systema de cultura extensiva, de mineração, de monocultura, de latifundios, de conquistas dos sertões: com o desbravamento e a estrada de ferro; aggravou-se singularmente, por effeito da nossa adoração quasi edylica pelo estrangeiro.

Prova Alberto Torres que o Brasil não tem trabalhadores ruraes, “porque as classes superiores, por seu egoismo, nunca tiveram interesse pelo seu patricio proletario, preferindo exploral-o a educal-o, e abandonal-o, por fim, em sacrificio á machina dextra do trabalhador europeu. Mas — cumpre bem accentuar — este egoismo é mais impatavel aos dirigentes, aos legisladores, aos governos, porque o problema da organização do trabalho não poderia jámais ser solvido por iniciativa espontanea dos particulares; e os governos nunca fizeram outra coisa senão solvel-o contra o homem brasileiro, e contra a economia nacional, quando importou escravos e quando importou colonos”.

Delineava o mestre a nossa politica economica, nos seguintes termos: “Nosso paiz tem de ser, em primeiro lugar, um paiz agricola. Fôra ridiculo contestar-lhe este destino, diante do seu vasto territorio. Deve manter, depois o cultivo dos productos necessarios á vida e dos que empregam materia prima nacional. E’ isto que nos impõe a área do nosso territorio a falta de hulha, industrialmente exploravel, e o isolamento geographico de quasi todo o paiz.

O equivoco dos que pensam de outra fórmula só pôde resultar do prejuizo de que a producção deve constar dos generos communs na Europa, e da idéa, arraigada no espirito de muitos, da necessidade das grandes propriedades, de extensa exploração intensiva. O Brasil, exactamente porque é um paiz tropical e equatorial, pobre em muitas regiões, e onde a terra e o clima carecem, quasi geralmente,

de elementos necessários ás culturas européas, deve ser um paiz agrícola, não no sentido *yankee*, de paiz de vastas propriedades e fazendas modelos, mas no de nação de pequenos proprietarios remediados, vivendo da infinidade de productos da nossa terra, de excellentes valor nutritivo para seu clima, sendo reservadas as regiões temperadas para algumas culturas européas e confiado o supprimento de outros productos, absolutamente inaclimaveis, assim como o dos productos industriaes que não tem aqui materia prima, ás trocas com o estrangeiro”.

Recente estatística official, fornecida pelo Departamento Nacional do Trabalho em relação as nossas actividades industriaes, confirmam as previsões do mestre.

Para uma população de 41 milhões de habitantes, o numero de operarios é de 790.000, representando uma percentagem de 1,92. Demonstra a pouca expressão do Brasil como potencia industrial.

Por isso, “o descaso do nosso patriotismo, criando e desenvolvendo industrias improprias do nosso meio e do nosso estado de adiantamento economico, resultou por todos os lados, em gravames para o paiz, em sua economia interna e no commercio para o exterior”.

Temos até agora vivido na maior imprevidencia, praticando criminosa e inconscientemente o que o pensador fluminense chamou numa dessas frases que ficam, *o lenocinio do nosso sólo*.

10.º — A FUNÇÃO DO ESTADO

Alberto Torres indica qual deve ser a função do Estado moderno. “As nações modernas, feitas sobre terrenos heterogeneos, com raças distinctas, são obras d’arte politicas, que demandam décadas de trabalho consciente e de calma elaboração; este trabalho exige um programma,

um plano, uma acção continua e perseverante; se ellas possuem capacidade para o conceber; e energia para o realizar, vencem e perduram; se não possuem, dissolvem-se, ou desfallecem, numa precoce cachexia. Não ha relação politica, juridica, economica, moral, a que o Estado não leve o apoio de sua força collectiva, para manter a homogeneidade social, ou para animar e favorecer a iniciativa o esforço, a cultura, a instrucção, o progresso individual. E' fóra de duvida que a marcha e a sorte das sociedades resultam dos actos, do temperamento e do caracter dos dirigentes. Sendo as nações modernas obras d'arte politicas, o Brasil precisa dessa arte para realizar o destino que suas probabilidades promettem. Para isso necessita manter e integrar a unidade politica e nacional, defender o espirito caracteristicamente brasileiro que já existe, desenvolver as fontes de producção, educar as massas, adaptar as leis constitucionaes ás necessidades ambientes.

11.º — ALCANCE E EXTENSÃO DOS PODERES DE GOVERNO

A grande questão pratica da politica contemporanea é o de saber o alcance e extensão dos poderes de governo, sobre a sociedade e sobre os individuos. "A acção governamental não oscilla mais, nas sociedades contemporaneas, entre os termos oppostos do individualismo e do socialismo; um e outro extremos são falsos, perante os novos deveres dos dirigentes para com os destinos dos povos, condemnados á anarchia, á revolução, ao despotismo, a um quasi certo retrocesso, se os governos não assumirem a direcção de todos os movimentos da *sociedade*. Se tal organização se está impondo aos outros paizes, ella apresenta-se, para o Brasil, como questão de vida ou de morte, no interesse da terra e no interesse da nação,

A arte de governar tem de abandonar forçosamente o criterio politico, em suas classificações, para adoptar o criterio social e economico. Por isso, fundar a politica sobre a capacidade dos governantes, é, em summa, todo o ideal da moral politica.

Os governos devem encarar directamente a terra e o homem como objecto e agentes da vida e da prosperidade, emancipando o criterio governamental da obsecção das abstracções e collectividades que se levantam entre os actos do governante e seu verdadeiro escopo. Cumpre ter em vista que, se as instituições politicas precisaram ser sempre subordinadas ás condições peculiares á terra, ao povo e á sociedade, a natureza especial destes elementos, no Brasil, ainda maior cuidado e attenção impõe ao estudo de seus caracteres. Nosso paiz, por sua situação geographica, pela natureza de sua terra, por seu clima e população, por todo o conjunto de seus caracteres physicos e sociaes, tem uma situação singular, em todo o Globo. Não ha outro paiz soberano que lhe seja comparavel. Não é verdadeira nacionalidade um paiz que não tem a sua politica, e não ha verdadeira politica que não resulte do estudo racional dos dados concretos da terra e da sociedade, observados e verificados pela experiencia”.

A maxima de Alberto Torres, no Brasil desorganizado e tumultuario, prestes a ser desnacionalizado, é: *Governar é coordenar.*

“Coordenar, por acção consciente, os movimentos da sociedade, é o grande encargo da politica; eis porque não será jamais ocioso repetir: um paiz não é realmente uma nação se não tem uma politica, *a sua politica*: a politica de sua terra, de sua raça ou de suas raças, de sua indole, de seus destinos; esta politica, superior ás politicas doutrina-rias, e sempre falazes, dos partidos, — é instinctiva, tra-dicional, nos velhos paizes”.

12.º — RESUMO DO PROGRAMMA NACIONALISTA

Na *Organização Nacional* indica qual deve ser a nossa orientação nacionalista. “O Brasil carece precaver-se, em primeiro lugar, de continuar a ser colonia do capital e do trabalho estrangeiro; defender-se, depois, do exaggerado desenvolvimento do commercio estrangeiro no paiz, principalmente no que toca á gestão de suas riquezas e de suas relações economicas, á vida e ás necessidades ordinarias da população. A exploração economica de um territorio convêm mais, frequentes vezes, ás nações fortes, do que a occupação politica. A exploração não é impedida pela paz, e pôde pelo contrario achar em seu regimen, melhores bases de apoio e desenvolvimento. Ainda nesta hypothese, temos o maximo interesse em promover a organização do paiz”.

Em 27 de Outubro de 1912, Alberto Torres publicou no “Jornal do Commercio” um artigo intitulado “Pela terra dos paes e pela terra dos filhos”, resumindo suas idéas nacionalistas, posteriormente desenvolvidas no “*Problema Nacional*” e na “*Organização Nacional*”, e vem a pelo transcrever aqui os “itens”, em que resumiu as suas conclusões.

I. O Brasil, por sua situação geographica, tem uma constituição physica sem igual em qualquer *civilização* moderna ou contemporanea. Seu desenvolvimento e sua exploração, por colonizadores incultos, sem modelo a seguir, foram dirigidos, quanto aos problemas materiaes elementares (agriculturas e industrias do sólo), por preconceitos empiricos, quasi totalmente inspirados em noções de rotina, mercê da cobiça voraz e imprevidente de seus exploradores. Seu desenvolvimento material, inicialmente errado, não soffreu até hoje correctivo. As tentativas de correctivo que se estão fazendo, fundadas em applicações elevadas das

sciencias aos phenomenos naturaes, estão eivadas do erro de pretender realizar coisas superiores e sanar males superficiaes, com abandono das realidades profundas e essenciaes da nossa economia.

II. A evolução social e economica do Brasil foi desviada pela vinda e instauração da dynastia de Bragança em nosso territorio, que, em troca de certas vantagens incontestaveis, no tocante á ordem e á cultura superior, nos fez perder muito em espontaneidade, iniciativa, energia natural. Essas perdas não se compensam com estados de ordem, frutos antes da inercia do que da harmonia no movimento.

Se a ordem politica foi conquistada á custa da perda de energia, a cultura superior dos dirigentes, academica, classica, juridica e litteraria, criou, sobre o nosso meio physico desconhecido, uma vida mental estrangeira. Os estudos dos nossos homens eminentes, os debates dos parlamentos, as nossas leis, os nossos livros litterarios, poderiam ser trabalhos, leis e debates de Portugal, da Belgica e da Grecia...

D. Pedro II, ideal de um monarcha inglez no seculo XIX, aggravou, com sua tendencia academica, sua cultura variada, sem synthese, sem plano e sem orientação, seu espirito esmiuçador, a alheiação em que a intelligencia e o Governo do Brasil se mantiveram das necessidades politicas da vida social.

III. A formação da propriedade no Brasil, pelos moldes coloniaes, e a do commercio, nos grandes centros, pelos das feitorias metropolitanas (portuguezas, em começo, inglezas, francezas, americanas e allemãs, successivamente), produziram, por um lado, uma grande nação de reduzida aristocracia territorial e urbana e sem povo, como valor economico e como factor consciente da civilização; e, por outro, um apparelho permanente e poderosissimo de sucção e de

drenagem de riquezas para o estrangeiro. Com o cansaço das terras, sem correctivo e sem estudo dos meios de melhorar as suas condições de fertilidade, aqui mais difficéis, por falta das neves, dos gelos e das quedas periodicas das folhas, a productividade das propriedades ia decahindo; com a drenagem do capital, as riquezas iam escasseando; consequencia: ruina de cada geração de proprietarios substituida por outras, necessariamente arruinadas, ao lado de um povo sempre miseravel e inculto.

IV. Na lucta economica entre a producção nacional e o commercio estrangeiro, sendo este o mais forte, multiplicaram-se seus meios de pressão; e todos os intermediarios, incluindo os nacionaes, tendem inconscientemente a associar seus interesses aos dos estrangeiros, contra a producção brasileira. Phenomeno fatal da economia, que o patriotismo por si só não vence, salvo quando organizado numa politica nacional. Nem os governantes, nem os intellectuaes, nem os partidos, nem os doutores, nem os industriaes, nem os agricultores, têm, no Brasil, consciencia desse interesse collectivo, conservador da riqueza nacional, transmittido, de geração em geração, como uma especie de instincto de conservação social. Esta consciencia não existe, com forma definida, no espirito dos outros povos, mas resulta, por assim dizer, subconscientemente, de suas tradições, do acôrdo entre os habitos dos homens, os costumes sociaes e o meio physico, de forma que cada qual defende o seu patricio, defendendo-se a si proprio e todos defendem-se collectivamente. Nos paizes novos, sem tradições, *com vastas regiões de interesses differentes*, e onde o homem não se preparou para a intelligente adaptação ao meio, que a cultura theorica dos livros europeus não póde dar (e esta forma todo o preparo dos nossos intellectuaes) *esta consciencia de interesses communs tem que ser criada intellectualmente e mantida por acção politica. E' o que está*

fazendo os Estados Unidos, entre as suas raças; é o que fizeram, entre os seus primitivos Estados. E' preciso criar o interesse dos brasileiros pelo Brasil e do Brasil pelos brasileiros.

V. A substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, seguido da colonização, feita com o objectivo quasi exclusivo de dar trabalhadores aos fazendeiros, deixou entregue ao abandono e condemnados á ociosidade e á extincção, os pretos, augmentando a massa desclassificada dos antigos "aggregados" de fazenda e estabeleceu a corrente de colonização por trabalhadores, que vêm, em sua maioria, com o fito de ganhar para regressar á patria, formam em grande parte, massas fluctuantes, e os que ficam, contribuindo, por suas relações de coração, para avolumar a drenagem commercial, continuam a formar, com os antigos colonos, gerações de trabalhadores, estimulados pela ambição de colonos em terras novas e com os habitos de trabalho que trazem, para deixar depois, se enriquecem, filhos que vão ser bachareis, doutores ou ociosos elegantes e, se empobrecem, vagabundos a juntar aos filhos dos negros e dos ex-aggregados.

Faltam-nos inteiramente instrumentos de educação, de orientação dos espiritos, de formação da opinião para manter o espirito de resistencia nacional e criar o esforço organizador e progressivo. A vantagem apparente da colonização, entre nós, escassamente localizada nos nucleos officiaes, e, no que tem de espontanea, agglomerada nos centros populosos ou escalada, em pequenos negocios, pelas estradas e villas do interior, está longe de compensar os prejuizos que nos dá.

Este problema da colonização é, aliás, muito mais complexo do que parece aos nossos estadistas. Já eu, ha tempo, tinha sido inclinado a duvidar da real vantagem da colonização, como meio de augmentar a população do

paiz, quando vi minhas primeiras observações confirmadas por estudos norte-americanos, dos quaes resulta que a população dos Estados Unidos augmentou, depois das correntes immigratorias, em razão inferior á do seu augmento, antes das immigrações. Não penso, por isso, que se possa ou se deva repellir as correntes immigratorias espontaneas; penso, porém, que é imprescindivel criar o systema de instrumentos e de agentes conservadores da população e da riqueza, a começar — o que é o problema da crise actual pela defesa dos 20.000.000 de habitantes do paiz.

Acceitando literalmente, em lugar disso, theses de uma sciencia suspeita de parcialidade politica, — hoje, felizmente, destruida pelas melhores autoridades — vivemos a clamar por novos immigrantes e a calumniar a nossa raça. Não ha raças superiores nem inferiores; a desigualdade das raças é funcção dos meios; e, onde prosperam raças estranhas, melhor devem prosperar as indigenas e as acclimadas, se não lhes faltam meios de lutar e de adquirir cultura.

VI. Os povos de capital e de excesso de população têm a sua politica de expansão colonial preparada para a exploração de colonias e de nacionalidades desorganizadas, avançam por todos os meios e todos os dias, enfraquecendo as populações e arrebatando as riquezas, emquanto os habitantes dessas nacionalidades auxiliam-n'os na obra de sua propria ruina, com suas agitações estereis e sua incuria administrativa, prestando-se a seus calculos.

VII. A humanidade está entrando, neste começo de seculo, em uma lucha intensa, que se ha de resolver, ou pela victoria da civilização pacifica, ou pela victoria do imperialismo conquistador. Graças ás forças accumuladas, o elemento activo, na concorrência dos interesses internacionaes, são os agentes financeiros, apoiados pela politica e

pelo militarismo, elemento artificial, intermediario entre capitalistas e os que precisam de capitaes, entre paizes de dinheiro e povos novos, que exploram os negocios, fazendo pesar o encargo immenso de suas especulações sobre os povos mais fracos.

O Brasil está entrando, em cheio, no torvelinho da politica internacional e dos negocios; mas, se toda a sua economia é organicamente fraca, elle está entrando, com a imprevidencia de quem se entrega, de quem se lança de braços abertos aos perigos que o cercam, solicitando presurosamente e acceitando descuidado, capitaes e immigrants.

Quando um povo está em condições normaes de vida e de economia, o uso prudente do credito, se elle o tem, fundado em bases economicas reaes e no prestigio de sua solvabilidade, é um conselho de criterio; quando não tem ordem politica e não dispõe de organização, economica, não pode contar com credito e os capitaes que o procuram são capitaes de exploração colonial, que não deixam no paiz obras e estradas de ferro, senão em troco de todos os frutos da exploração e deixando crestado o sólo e abertas em cavernas o sub-sólo.

VIII. A estas reflexões respondem-me que a situação do paiz é prospera, que suas exportações augmentam, que ha vastas regiões florescentes. Seria realmente assombroso que a exploração deste immenso territorio não fosse dando frutos e ostentando, aqui, alli e acolá, o surto de bellas cidades, garridos nucleos de população. Na realidade, esta apparente prosperidade representa, não augmento de riquezas, mas audaz avanço na dissipação das riquezas naturaes, sem proveito real para a geração presente. O povo brasileiro é geralmente pobre. São poucas as nossas grandes fortunas, a mediania e o bem estar são escassos. Se

fizéssemos o calculo comparativo da riqueza nacional, nesta geração e nas duas que a precederam, calculo que não é impossivel pelo methodo da avaliação das successões, ao augmento certo, mas inferior ao natural, da riqueza nacional, corresponderia uma forte verba de exportação de capitaes, uma verba consideravel de desvalorização da propriedade e outra, esta assombrosa, de inutil e precipitado esbanjamento de riquezas espontaneas da natureza.

Nos Estados Unidos, no Canadá e em outros paizes, já se começa a prevenir e evitar a incuria dessa destruição irreflectida das riquezas naturaes, que occasiona, além dos prejuizos directos, graves perturbações do clima e de outros agentes de producção. Nós, em lugar de regenerar e evitar a incuria dessa destruição, fazemos presente de nossas riquezas aos primeiros solicitantes, chegados ás nossas plagas.

IX. Nossos governos e nossos politicos são os agentes principaes da nossa real decadencia. O systema da nossa selecção social e politica, dirigido ou inspirado pelo Governo, está organizado no sentido de operar a hierarchia das camadas sociaes sobre a base do favoritismo, da ociosidade ambiciosa de fortunas rapidas, da audacia, da falta de escrupulo, na escolha dos meios de enriquecer; não ha estimulo para o trabalho, para o merito, para o esforço paciente. A selecção e a educação da sociedade brasileira se está fazendo no sentido inverso dos valores uteis, bons, energicos.

X. As instituições subordinaram os interesses nacionaes aos caprichos e paixões dos grupos locaes. Entende-se por federação, não a união de *Estados* autonomos sob um poder soberano, mas a união de soberanias de campanario, em torno de uma delegação geral dos impulsos e prevenções dos vinte partidos estadoaes”.

.....

13.º — POLITICA ECONOMICA

Na base da nossa organização está a politica economica. E' o proprio fundamento da vida social, politica e moral de um povo. Sem valor economico, o homem não póde ter personalidade. E' sob este aspecto que se mostra a maior fraqueza da sociedade nacional. O brasileiro não tem vida economica e não recebeu educação para o trabalho e para a administração. Um paiz pode viver e prosperar, sem exportação; não tem vida regular e solida se não produz o necessario para alimentar, e alimentar bem, sua população, dar-lhe bem estar e supprir-lhe meios de trabalho. Ora, o povo brasileiro não se alimenta; a parte média da população alimenta-se mal; os proprios abastados não encontram no paiz muita coisa que entra na alimentação dos civilizados, ou só as encontra de origem estrangeira e a preços carissimos. Precisamos encarar e resolver, austeramente e praticamente, este problema elementar; fazer o povo produzir seu alimento, fazel-o consumir alimento são e forte. A produção dos generos de alimentação essenciaes á vida e á fabricação de tudo quanto interessar immediatamente á existencia, á saúde e ao conforto; a circulação e o supprimento ao consumo destes generos e dos importados que tiverem equal interesse, e em geral, a produção nacional que empregar materia prima nossa, devem ser objecto de uma politica de apoio, destinada a exonerar-lhes o commercio de encargos excessivos, a libertal-os de monopolios, açambarcamentos e intermediarios inuteis, pondo tanto quanto possivel, o productor em relação directa com o consumidor. Instituições de mutualidade entre productores, associados a mutualidades de credito; armazens geraes e entrepostos de exportação e de consumo, matadouros, feiras, mercados e depositos, nos centros populosos, combinados com as cooperativas; publicação fre-

quente de cotações de preços correntes; um regimen de fiscalização e de policia economica, destinado a facilitar os negocios entre os productores e consumidores; remodelação dos impostos, de forma a tornal-os favoraveis e este regimen; tudo em summa, quanto possa concorrer para garantir ao productur a maior quota possivel dos lucros das vendas, e ao consumidor, aquisição a justo preço dos generos de que precisa; um serviço permanente de concessão de terras a nacionaes e a estrangeiros já estabelecidos no paiz, com instrumentos de trabalho, sementes, plantas, aves, animaes de tracção e meios de subsistencia por algum tempo, são medidas que devem formar o esqueleto desta politica vital para a nossa nacionalidade”.

14.º — NECESSIDADE DA REVISÃO CONSTITUCIONAL

“A revisão da Constituição da Republica é a pedra angular desta politica. A Constituição vigente não é uma lei nossa e para nós; carta de principios exóticos, só tem servido para alhear os espiritos da idéa de que a lei não é uma fórmula, nem um aparelho de compressão, imposto ao paiz, para moldar-lhe os movimentos, mas o espelho, a traducção, a propria enervação, de seu organismo: lei funcional e bussola de sua actividade, para lhe servir de guia e coordenar-lhe os interesses.

A actual organização politica torna improfiquo qualquer esforço para criarmos a unidade politica que nos falta, para termos um governo forte e emprehendedor de que necessitamos. A constituição de 24 de Fevereiro torna impossivel qualquer esforço nesse sentido.

A constituição de um paiz é a sua lei organica, o que significa que deve ser o conjunto das normas, resultantes de sua propria natureza, destinadas a reger seu funcionamento, espontaneamente, como se exteriorizassem as pro-

prias manifestações da maneira de ser e de viver, do organismo politico.

E' por isto que se chama "constituição". A nossa lei fundamental não é uma "constituição"; é um estatuto doutrinario, composto de transplantações juridicas alheias. Seu grande modelo foi a Constituição dos Estados Unidos.

Como obra de esthetica e de ideal politico, é talvez, o mais notavel documento da cultura juridica contemporanea; nenhuma levou tão longe e empenhou de proclamar as mais avançadas conquistas da liberdade humana e da democracia. Desde que se sae, entretanto, do terreno puramente abstracto e da contemplação da forma, começam a surgir as lacunas, as imperfeições e incoherencias do systema. Faltou ao legislador criterio pratico, que devia assentar sobre o terreno da observação e da experiencia. As sociedades só prosperam quando têm a seu serviço instituições adequadas e como o nosso regimen politico não corresponde ás nossas realidades sociaes, Alberto Torres propoz um projecto de constituição, baseado na experiencia e observação dos nossos costumes e tendencias.



CAPITULO XI

PROJECTO ALBERTO TORRES

A primeira parte do programma de organização nacional apresentado por Alberto Torres é muito logicamente a revisão da constituição, que se acha em contradicção com os nossos costumes, tradições e tendencias. “A nossa Constituição é uma collectanea de normas espurias, onde se encontram idéas antagonicas, com relação aos pontos vitaes mais importantes; não tem existencia real, na vida do paiz; em materia de regimen representativo, retrocedemos para muito aquem da apparencia de representação, dos tempos da monarchia; o nosso federalismo é justamente o opposto de federação, não tendo fundado a *autonomia dos representantes*, dos poderes estadoaes e municipaes senão para os oppôr á *autonomia* dos povos, nos municipios e nos Estados, e á vida nacional, na politica do paiz. A Constituinte teve espirito de reforma e espirito juridico: não teve espirito politico. Collecção de preceitos sem assentos na vida real, a Constituição não recebeu o influxo de um pensamento politico dominante, que dêsse ás instituições o fluido inspirador e a idéa motora de um objectivo superior e pratico, nem methodos e criterios de orien-

tação que enfeixassem seu conjunto num corpo homogêneo e animado”.

Alberto Torres declara que desde 31 de Dezembro de 1900 ao passar o governo do Estado do Rio a Quintino Bocayuva, desiludido pelos factos, a sua confiança no nosso regimen politico ficara abalada; e, quando no decurso de alguns annos de magistratura veio a fazer trato mais intimo com a Constituição da Republica, fixou-se em seu espirito a convicção da sua absoluta impraticabilidade. “Fruto de uma revolta sem cultivo prévio na opinião, e sem preparo organizador — surgida inesperadamente, das trevas da conspiração politica, para a realidade, por força de um trabalho subterraneo, favorecido por alguns accidentes da politica: a abolição dos escravos e a molestia do monarcha, principalmente, renunciando este ultimo, a aproximação do terceiro reinado, antipathica, em geral, ao sentimento popular — *a lei maxima da Republica não é senão uma roupagem de emprestimo, vestindo instituições prematuras*”.

E’ impossivel estudar na estreiteza deste trabalho a ampla justificação sociologica, juridica e economica que Alberto Torres faz do seu projecto de constituição. Partindo do principio de que “as nações formadas, nas zonas tropicaes, são typos *unicos* e *novos*, para tudo quanto respeita á organização politica e ás leis, e, dentre todas o Brasil por caracteres particularissimos, Alberto Torres não vae buscar as inspirações para formular o seu projecto de revisão nas theorias e codigos estrangeiros; porque “pela nossa formação, pelos nossos antecedentes historicos não nos é possivel assimilar as leis de povos differentes do nosso em tudo”.

Como bem observou Oliveira Vianna, seu projecto está baseado na investigação dos *nossos* problemas, na *analyse concreta* da *nossa* raça, do *nosso* povo, do *nosso* homem,

da *nossa* terra e da *nossa* situação real no concerto da civilização.

Pela excellencia dos seus processos positivos de critica e synthese social, Alberto Torres chega á formula de um vasto programma da politica genuinamente brasileira. Esta politica é a politica da realidade, a politica objectiva, a dos dados da observação e da experiencia. Como notou Oliveira Vianna, pode-se dizer de uma maneira geral que o valor da reforma de Alberto Torres "está em que ella não é feita, nem por um jurista apenas, menos ainda por um ideologo ou um rethorico; mas por um sociologo dos mais seguros e conscientes, apparelhado de esplendidos criterios de analyse juridica e social, e dispondo, sobretudo, de um bom senso, quero dizer, de um senso das realidades humanas e sociaes, como poucos em *nossa* terra se podem gabar de possuir. Numa formula synthetica, penso condensar assim o pensamento de Alberto Torres: o povo brasileiro, por motivos peculiares á sua formação e evolução, não tem, como, aliás, não têm muitos outros povos, capacidade de direcção politica; ora, o Brasil precisa realizar desde já, por uma série de razões poderosas e urgentes, uma alta politica de character profundamente organico e nacional; esta politica só póde ser feita por iniciativa do Estado; mas, este, pela maneira por que está organizado na constituição vigente, não póde efficazmente realizal-a; logo, tudo depende de uma reforma constitucional que organize o Estado num sentido que o capacite para este fim superior e necessario".

1 — A ORIENTAÇÃO A SEGUIR

Para facilitar a investigação dos problemas sociaes dependentes da reorganização politica do paiz, Alcides Gentil aconselhou tomar-se como ponto de referencia o programma de idéas de Alberto Torres, pois nos annaes da *nossa*

cultura é o unico programma de conjunto e offerece os dois elementos essenciaes dum programma politico: encara os nossos problemas a luz dos factos da politica mundial e aproveita os progressos realizados pelos regimens anteriores.

Nos seus principios geraes e dadas as naturaes restricções, advindas pelos acontecimentos sociaes do após guerra, — porque a verdade é que nós temos problemas nossos e problemas que são nossos porque são universaes — o projecto de reforma constitucional de Alberto Torres deve ser adoptado. As idéas do seu projecto são destinadas a corrigir as falhas do regimen democratico e a indicar os meios de o adaptar, bem como o regimen federativo, á nossa terra e ao nosso povo.

O Governo Federal recobra e mantém a supremacia que lhe cabe, como orgão soberano da nação; as formas da representação e o processo das eleições preparam um sistema de escolha proprio a assegurar a intervenção dos mais capazes na direcção da vida publica; a Constituição adquire, enfim, o character de uma lei pratica e harmonica onde os fins, os destinos e as modalidades da nação encontram seus instrumentos naturaes de actividade.

Não é um texto frio de meras formulas juridicas de maior ou menor realidade, oriundo no todo ou em parte de suggestões estrangeiras, mas sim um documento vivo e consciente de principios e factos relativos á estrutura do Estado, adaptado ás possibilidades nacionaes.

Apesar de elaborada em 1914, está de accordo com a excepcional delicadeza do momento presente.

O mundo moderno encontra-se numa agudissima phase de transição em que domina a mais desconcertante incerteza. São os principios fundamentaes da civilização e de toda sociedade organizada que hoje se encontram ameaçados.

2 — A CONCEPÇÃO FEDERAL DE ALBERTO TORRES

A concepção federal de Alberto Torres abrange cinco pontos principaes: o Executivo em face do regimen presidencial e federativo; a composição do poder Executivo; a composição do poder Legislativo; a criação do Poder Coordenador; a intervenção nos Estados; a unidade da magistratura e o modo de interpretação das leis.

Torres diz que a denominação da Republica Brasileira deve ser alterada. O nome Republica dos Estados Unidos do Brasil fortalece a opinião, dominante na politica, de que os Estados são dotados de uma autonomia que assume de facto as proporções da soberania. E' preferivel o nome *Republica Federativa do Brasil*, devendo os actuaes Estados passarem a chamar-se *provincias autonomas*. Saliava entre os signaes expressivos da seccura, de espirito e de coração, da Constituinte da Republica — assembléa de ideias de empréstimos e de problemas de importação — nenhum é, talvez, tão vehemente, como a frieza, a nudez, a rigidez material do preambulo com que se abre a Constituição. Não ha uma palavra salutar e benevola que traduzisse a eterna função, humana e generosa, do Estado, filha de sua fonte e origem no amor paterno e no sentimento domestico. O espirito doutoral da Constituição Republicana não soube significar o ideal, as aspirações, o voto moral do nosso regimen, senão em termos de formulario.

Mas a palavra está escripta em todas as Constituições. Na America ella lá se lê — eloquente de calor, de vida e de sentimento, quando declara que o Estado tem por fim fazer a "prosperidade" e a "felicidade" (welfare) do povo.

3 — O SYSTEMA FEDERATIVO E O PARLAMENTARISMO

Alberto Torres não é contrario ao systema federativo e nem se alista entre os partidarios do parlamentarismo. Pois a “descentralização e o governo presidencial são fórmãs que convem a indole da nação e ao temperamento politico do nosso povo. A carta geographica do Brasil é um imperativo de autonomia provincial. O parlamentarismo é a antithese da organização e do governo consciente e forte; é o regimen da dispersão, da vacilação, da crise permanente. Ora, se ha uma verdade a se impor a quantos cuidam dos problemas politicos contemporaneos é a de que a phase que atravessamos exige a investidura, nas funções do governo, de capacidades muito conscientes, muito seguras, muito livres e muito fortes. No Brasil o parlamentarismo, longe de produzir a realidade de sua essencia, foi um regimen de dictadura moderada e fraca nas mãos de um monarcha de espirito abstracto e vontade indecisa. Este paiz novo, que reclamava a direcção de uma possante cabeça organizadora, atravessou o periodo mais calmo de sua existencia sob o governo de um chefe, com as virtudes de S. Luiz e a intelligencia de Luiz XIV, talvez, mas que nos deu tudo quanto quizeram, menos um regimen parlamentar. Floresceram nessa forma de governo, com intenso viço, suas feições apparentes e superficiaes: abuso da discussão e excesso de exhibição oratoria; fervilhar de intrigas e manejos de politiquice, no empenho de conquistar o unico arbitro das posições: o Imperador”. No Parlamento do Imperio se representava o mesmo scenario copiado do parlamento britannico. Mas atrás do palco estava o povo brasileiro, pobre, analphabeto, vincado pelo estigma da escravidão, sem escolas. E Alberto Torres egualmente condemnava o Estado que temos tido; o Estado inerte da

monarchia e o Estado agitado de nossa Republica. Na sua opinião, a restauração do regimen parlamentar seria a maior demonstração de incapacidade politica que poderiamos dar.

Um paiz em penuria de organização, carecendo criar as forças coordenadoras das diversidades de suas regiões e das differenças ethnicas e sociaes da população, da disparidade e conflicto dos interesses; com uma Historia Constitucional em que se não encontra o mais leve indicio de consciencia politica; e, quanto a sua constituição physica e social, sem objectivo, sem orientação e sem programma; lançado — por entre as divergencias romanticas de seus sonhadores e as imitações liberaes de seus estudiosos, suas eternas e nunca esgotadas luctas da liberdade, de segurança e de ordem e suas preocupações de doutrina e de principios theoreticos na voragem das luctas, intensas e complicadissimas, da sociedade contemporanea, estaria irremediavelmente perdido, se confiasse a sua sorte ao regimen da franqueza e da dispersão, da palavra e da oratoria, de desorientação e da inercia: os maiores defeitos justamente, da nossa geração. O Brasil carece de um governo consciente e forte, seguro de seus fins, dono de sua vontade. Este governo só o regimen presidencial lhe póde dar, é a conclusão de Alberto Torres.

A fallencia do parlamentarismo obrigou a Italia a appellar para Mussolini, a Hespanha para Primo de Rivera e Portugal para Carmona. A Allemanha, apesar de ter a dirigir-lhe os destinos a figura veneranda e gloriosa de Hindenburgo, atravessa hoje o periodo mais confuso e atribulado de sua existencia politica. E os Estados Unidos, sob o regimen presidencial, conseguem vencer a crise politica com a derrota de Hoover e a victoria de Roosevelt, que ao saber da sua eleição para o mais alto cargo do

maior paiz do mundo, declarou que considerava a sua victoria como uma expressão do pensamento liberal.

A estrutura do federalismo soffreu modificações essenciaes nas novas constituições, como mostra Mirkine Guetzévitch, no seu conhecido livro sobre "As novas tendencias do Direito Constitucional".

Este appello ao parlamentarismo e ao unitarismo exprimem apenas, de facto, a velha tendencia do espirito humano para oscillar entre formas e moldes conhecidos de pensar e de agir. Solver e resolver repugna á maioria dos espiritos. Se todos tivessem uma justa noção dos problemas praticos, comprehenderiam que mudar e substituir regimens politicos raro importa dar-lhes solução. Reformar é mais facil que corrigir, aperfeiçoar e completar; dispensa o estudo; a formula está feita, basta adoptal-a.

A descentralização e o governo presidencial são formas que convêm á indole da nação e ao temperamento politico do nosso povo. Se o regimen não foi executado, o ensaio de realização por que passou serviu para mostrar seus lados fracos, suas lacunas, suas imperfeições, na adaptação das instituições ás condições praticas do paiz. Tres grandes defeitos destacam-se desde logo: organizada em sentido favoravel ao desenvolvimento da autonomia, a federação aggravou o mal organico de nacionalidade brasileira: a falta de solidariedade economica e social, necessaria á homogeneidade nacional — base da união politica; extremo enfraquecimento do governo nacional, quasi annullado como poder politico; insufficiencia de seus aparelhos, para realizar o principio da "soberania abstracta da lei", na vida de um povo, habituado, de longa data, ao regimen da autoridade. O poder desmembrou-se entre a União, os Estados e os municipios, em lugar de se federar; todos estes órgãos perderam em força, para a recta administração da causa publica, o que ganharam em força para o arbitrio.

Fez raizes, na opinião publica, a idéa de que um Poder Executivo federal e poderes estadoaes fortes, são da indole do regimen; mas a força que se lhes attribuiu não foi a força governamental, senão uma força discricionaria, para o abuso e para a malversão. Idéas disparatadas, como a da multiplicidade da magistratura e da legislação processual, inteiramente desnecessarias aos fins praticos da federação limitada de que carecíamos, vieram corroborar a opinião — que o nome de “estados”, dado ás antigas provincias e a subserviente imitação do regimen norte americano, haviam prestigiado — de que a nossa federação é identica á dos Estados Unidos: ineptia constitucional que nenhum factor historico, nem social, apoiava, e que, no terreno politico, levou á extincção de toda a superintendencia federal sobre os interesses collectivos e permanentes da Nação”.

4 — O NOSSO PRESIDENCIALISMO

O ponto nevalgico da nossa estrutura constitucional é o principio da collocação do chefe do executivo federal no centro do systema politico do regimen. Da comprehensão do presidencialismo, da noção exacta do papel do presidente num regimen caracterizado pela separação dos poderes, da distincção muito rigorosa entre o papel coordenador do presidente e a idéa grosseira de que elle enfeixa e concentra nas mãos todos os poderes politicos, depende a deducção de uma theoria exacta do regimen, que sirva de base á boa pratica constitucional.

A partir de certo momento da nossa historia republicana, que podemos fixar na presidencia Campos Salles, começou a manifestar-se uma tendencia a fazer absorver pelo presidente da Republica os poderes constitucionaes conferidos ao poder legislativo. Contra essa perversão do presidencialismo, que tendia a levar-nos a um regimen despotico,

no qual todo o poder ficava nas mãos do presidente e da oligarchia que o cercava, é dever procurar meios de evitar na nova carta politica. E' necessario impedir que se reproduza esse falso presidencialismo, que destróe as engrenagens da administração, dispensa a collaboração dos outros poderes do Estado e da opinião publica, estabelece o regimen bysantino do silencio e do mysterio, onde apenas subsiste uma vontade: a do arbitrio do presidente da Republica.

O nosso mal é o mesmo existente nas republicas sul americanas, tão bem estudado pelo escriptor inglez Cecil Jane no seu livro: *Liberdade e despotismo na America Hespanhola*. Vivemos em lucta entre o *idealismo libertario* e o *caudilhismo despotico*; divergencia entre a *liberdade* e a *efficiencia* (autoridade). E a grande difficuldade é conciliar harmoniosamente a liberdade com a efficiencia do governo.

E' o que procura fazer Alberto Torres tornando o executivo forte e criando o Poder Coordenador.

Salienta que o fim do governo é um fim humano e pratico.

"O parlamentarismo e o presidencialismo, como todas as theorias que nos absorvem os espiritos, são theses e preocupações muito interessantes e curiosas para o parasitismo intellectual das cidades, que confunde a politica com a metaphysica e com a litteratura, e, que por não ter capacidade para divagar sobre metaphysica, nem para conceber obras d'arte litterarias, discreteia transcendentalmente sobre a politica e borda periodos sobre assumptos sociaes. Mas, as primeiras letras da politica, o alfabeto das suas preocupações e dos seus cuidados, estão todos nesta idéa simples e muito terra a terra: fazer a felicidade moral e material dos povos".

O Presidente da Republica terá um mandato de oito annos. O suffragio não será directo, isto é, democraticamente popular, porém feito pelas elites compostas dos senadores e deputados, federaes e provinciaes, presidentes de provincias; membros do Conselho Nacional, do Supremo Tribunal de Justiça, magistrados e membros do Ministerio Publico, directores do Tribunal de Contas; professores dos institutos superiores e secundarios do ensino; os membros das corporações e associações de fins scientificos, artisticos, profissionaes, sociaes, moraes ou syndicaes, e outros, apurando o Conselho Nacional as eleições.

Não ha duvida que o periodo de quatro annos é curto para um presidente que tem um programma a realizar.

Ultimamente se propôz o alvitre de passar o presidente a ser eleito pelo Congresso; o processo seria mais rapido e evitaria as desastrosas consequencias das nossas campanhas politica e pessoaes. Torres queria que a escolha fosse feita por um eleitorado seleccionado, representando as diversas correntes de opiniões.

5 — O PODER LEGISLATIVO

O Poder Legislativo em vez de reveladouro da vontade de chefes de partido, adquirirá moldes de aparelhos originario e orientador do paiz. O Senado compôr-se-á de tres grupos de representantes: cinco senadores eleitos por todo o paiz; 21 pelas provincias e Districto Federal, 27 pelos grupos diversos de eleitores, estabelecida uma representação completa da dynamica politica.

O sacerdocio catholico dará tres representantes; o apotolado positivista 1; sacerdotes de quaesquer credos religiosos 1; associações de caridade, mutuas e de fins moraes 2; academias, associações scientificas, litterarias, artisticas, profissionaes e professores de ensino primario, 3; magis-

trados e advogados, 2; medicos, pharmaceuticos e dentistas, 2; engenheiros e industriaes, 2; lavradores que cultivarem productos de exportação, 5; lavradores e productores em geral, de generos de consumo do paiz, 6; operarios urbanos, 1; operarios agricolas, 3; banqueiros, commerciantes e corretores, 2; funcionarios civis e militares da União, provincias e municipios, 2; jornalistas e redactores de outros orgãos de publicidade, 1.

O processo da eleição deste grupo de senadores seria regulado por lei especial. Salientava Alberto Torres que a representação das classes e das provincias não significa que estes senadores se devam considerar advogados exclusivos dos interesses dos grupos de eleitores e das provincias que representarem, senão seus orgãos, no conjunto e na continuidade da vida nacional.

A Camara dos Deputados será composta de 125 membros eleitos por suffragio directo, sendo a metade deste numero eleito por districtos federaes; um quarto por estados; e outro quarto, por todo o paiz, funcionando o Congresso durante seis mezes improrogaveis, só percebendo o subsidio nos dias que comparecerem ás sessões.

6 — O SYNDICALISMO

O momento brasileiro tem comportado a suggestão de varias formulas para resolver os problemas politicos. Não ha, talvez, exemplo de confusão mais completa nas idéas.

O appello mais generalizado é o da syndicalisação das classes para effeitos politicos. As experiencias de organização institucional tem demonstrado a inefficiencia desses methodos na formação das representações politicas. O Estado corporativo na Italia é excepção florescente graças a origem do movimento, mas não se justifica um regimen que obriga a todos a se submeterem sem condições á

disciplina e rigidez de um partido, arvorado em tutor da nação.

Com evidente razão diz o professor Annibal Freire que que erram em sociologia os que acreditam ou fingem acreditar que o syndicalismo para produzir efeitos definitivos, deva constituir a base da organização politica. O syndicalismo, o cooperativismo e o corporativismo são formas de democracia social, inspiradas pela necessidade de regularização juridica do trabalho e pela carencia de melhor distribuição das riquezas.

Nada impede a sua projecção politica. O código eleitoral brasileiro em vigor equipara para fins eleitoraes as associações de classe legalmente constituídas aos partidos politicos regularmente organizados. Frank salientou que o syndicalismo faz o povo trabalhador passar de fins puramente economicos a fins politicos e eticos — religiosos. Não é outra a conclusão de um dos autores que mais tem aprofundado o assumpto, o professor Duprat, da Universidade de Genebra: "O syndicalismo tende a realização da democracia integral pela coordenação dos syndicatos, federações e confederações com eliminação dos conflictos de interesses particulares em proveito de uma noção de mais a mais nitida do interesse publico. "Cooperativisme et syndicalisme, 1931".

Recordemos, porém, que existe um verdadeiro abysmo entre o typo de democracia criado pela Revolução Franzeza e aquelle que a pouco e pouco vae resultando, não só das novas concepções sobre a vida e a personalidade humana, como ainda da actual estrutura economica dos povos. Urge aperfeiçoar nesse sentido a organização do Estado, para o que se torna indispensavel alargar o ambito da classê média, incorporando nella os proletarios. Fugamos, pois, por igual da escravatura do communismo e da canga aviltante da plutocracia.

7 — A REPRESENTAÇÃO DE CLASSES

A idéa da representação de classes não é nova. Desde 1884, na Belgica, Prins propugnava a divisão da Belgica em collegios eleitoraes, pelos quaes fossem eleitos representantes das varias profissões em que se divide a actividade do paiz.

Leon Duguit no seu classico "*Traité du Droit Constitutionnel*" aconselha: "Se se tem em mira o ideal que seja capaz de realizar a representação politica completa, se se quer assegurar no Parlamento a representação de todos os elementos da vida nacional, dever-se-á collocar, ao lado da Assembléa eleita pelos diversos partidos, uma Assembléa eleita pelos grupos profissionaes".

Renovada successivamente e com maior intensidade depois da guerra, a representação que o professor Speyer chama representação dos interesses não logrou senão uma applicação fragmentaria, no novo regimen allemão e logo abandonada pelas difficuldades e incertezas que sua execução apresentou.

É um facto significativo, assegura o Sr. Raul Fernandes, que nos paizes onde as novas Constituições se fizeram sob o controle preponderante dos partidos da esquerda, essa innovação foi repellida.

O notavel pensador Gilberto Amado affirma que a representação de classes ou professional é ainda uma idéa, uma idéa em marcha porque o phenomeno syndical é irremovivel da vida contemporanea, mas por emquanto não passa de uma idéa. Se fosse possivel a sua realização verdadeira, sem sacrificio da liberdade, teriamos um grande elemento a utilizar em beneficio da unidade nacional.

Por sua vez affirma o illustrado Sr. José Augusto: "Para fins informativos e consultivos é util que se instituem con-

selhos technicos ou economicos; penso mesmo que devemos pleiteal-os e admittil-os.

Com a funcção deliberativa, porém, será erro imperdoavel pretender integral-os no direito publico brasileiro, que se deve orientar em um sentido cada vez mais accentuadamente democratico, unico em harmonia com as nossas aspirações de progresso e de liberdade”.

Barthelemy salientou que falta aos technicos o senso da oportunidade e na acção politica a propria capacidade de realizção.

Alberto Torres, porém, procurou conciliar o criterio politico com o profissional, pois ao lado de representantes de classes estariam 21 senadores eleitos pelos Estados ou provincias e cinco eleitos por toda a nação. Ainda procurou fazer que a representação das diversas profissões fosse proporcional á importancia dellas.

Procurou criar um orgão politico que sahisse das linhas vivas das profissões, dos elementos intellectuaes e moraes, dos organismos economicos e sociaes, dos nucleos ricos de energias — toda a nação, emfim, surprehendida na mecanica da sua actividade criadora. A idéa é excellente, o problema consiste em fazer votar todos os cidadãos, não como moradores de tal ou qual zona, mas como pertencente a tal, ou qual classe social. Os eleitores não votariam em collegios eleitoraes de districto, mas sim em collegios eleitoraes professionaes.

A nossa representação parlamentar soffria do vicio commum a todas as nações de formação communitaria, aggravado por defeitos que nos são proprios: não era uma representação de forças vivas, por isso mesmo que não era uma representação genuina; não viamos lá senão um numero insignificante de agricultores, de industriaes, de commerciantes, de homens da terra e do trabalho; pelo

contrario, predominavam, numa maioria esmagadora, os funcionarios publicos, as profissões liberaes (advogados, medicos, jornalistas), os militares, elementos na sua maior parte constitutivos ou representativos de facções politicas instaveis organizadas, não em volta de idéas, mas em volta de homens. O esquema da nossa representação parlamentar sobrepunha-se perfeitamente ao esquema do parlamento francez, traçado por Demoullins, no seu livro: "A quoi tient la superiorité des anglo-saxons". As instituições republicanas, não tendo modificado sensivelmente os nossos habitos politicos, em nada alteraram (excepção feita da Camara Alta) a estrutura do corpo legislativo. A selecção dos "ministeriaveis", parlamentares ou não, que já no antigo regimen se não fazia segundo o rigoroso principio da competencia (procuravam-se, de preferéncia, as qualidades brilhantes, a cultura superficial, as aptidões oratorias, os "tenores" da tribuna), passou a ser feito segundo outro criterio, que são bons quando não são exclusivos — o criterio da genuidade historica, da confiança pessoal do chefe, dos interesses regionaes, necessidade de attender as grandes bancadas — com prejuizo da capacidade provada, da especialização profissional e da experiencia dos negocios publicos.

Justificando o seu projecto diz Alberto Torres, que "a composição da Camara e do Senado tende a dar a mais completa realidade possivel á representação das opiniões e dos interesses. Illusorio, como seria, em nosso tempo, retroceder á forma do governo de partido, impõe-se organizar a representação de modo a que o Poder Legislativo se possa considerar o expoente da mentalidade do paiz, onde todos os órgãos do espirito e da actividade nacional tenham voto para apurarem, com detido exame das opiniões e dos interesses e á luz da orientação social que a Constituição de-

termina, o modo de solver as aspirações e necessidades do presente, mantendo e promovendo o desenvolvimento dos factores geraes e permanentes da evolução do paiz.”

8 — O PODER COORDENADOR

Justificando a criação deste novo poder, diz Alberto Torres que é instituição nova no Direito Publico, não é porém, um invento de imaginação como tantos outros. Se se lhe perscrutar a natureza intima, chegar-se-á a conclusão de que é o órgão necessariamente integrante, nos paizes da nossa índole, do regimen presidencial federativo. Na sua opinião, a criação do Poder Coordenador tende a ligar solidariamente as instituições do paiz e a estabelecer a continuidade na prosecução dos ideaes nacionaes, a “realizar”, em summa a soberania da lei, a democracia, a republica, a autonomia e a federação — com um órgão, cuja funcção será concatenar todos os apparatus do systema politico, como mandatario de toda a Nação, da Nação de hoje, como da Nação de amanhã — perante seus delegados. Não é uma criação arbitraria: é o complemento do regimen democratico e federativo, suggerido pela observação da nossa vida e pela experiencia das nossas instituições”.

E’ esta a sua composição: no centro — um Conselho Nacional de vinte membros no maximo; em cada provincia um procurador da União; em cada municipio um delegado; um representante e um preposto da União em cada districto e quarteirão.

O Conselho Nacional é vitalicio. Como diz Oliveira Vianna este novo poder é a grande originalidade do projecto. Poder essencialmente politico, elle age em todas as espheras de actividade da Nação, do Estado e do Municipio, feito em cada uma dellas o seu supremo regulador politico, juridico, e eleitoral. Dada a desmedida amplitude e com-

plexidade da sua competencia, encontram-se nelle, além das suas attribuições peculiares: a) as attribuições politicas do antigo Conselho de Estado; b) as attribuições consultivas do antigo Conselho de Estado; c) certas attribuições dos actuaes poderes legislativo e judiciario. Como salienta ainda Oliveira Vianna este novo poder tem duas funcções culminantes: Um de supremo inspirador e orientador politico; outra é a de corrigir o nosso espirito de facção; as competições do personalismo e do politiquismo. E isto:

a) porque lhe cabe, por meio dos seus diversos orgãos, o reconhecimento dos poderes dos representantes do povo; b) porque lhe cabe autorizar o Presidente da Republica a intervir nos casos do art. 6.º; c) porque, enfim, lhe cabe a solução dos conflictos dos poderes da União entre si; os conflictos suscitados entre os poderes da União e dos Estados; e os conflictos dos poderes dos Estados entre si ou entre os poderes dos Estados e os dos Municipios. Este poder, na pratica terá possibilidade de dar o resultado que o seu criador presumia?

E' duvidoso, responde Oliveira Vianna: "Este poder exige para a sua perfeita efficiencia, nos seus numerosos representantes, desde os vinte membros do Conselho Federal, installado no centro, aos vinte representantes estaduaes, aos milhares de representantes municipaes e districtaes uma mentalidade civica, uma consciencia politica, um sentimento dos interesses publicos, em summa, uma unidade de idéas e de sentimentos que seria impossivel no Brasil talvez ainda por muitas dezenas de annos". Problema de Politica Objectiva, pagina 28.

Porfirio Soares Neto, nos seus magnificos — *Ensaio de Politica Nacional*, reconhecendo que Torres criando o poder coordenador revelou de uma maneira pouco vulgar toda a largueza e virilidade o seu espirito, reconhece tambem que, para um conselho nestas condições, far-se-ão

mistér homens excepcionaes que, embora existentes no Brasil, só poderão ser achados por acaso”.

Alberto Torres ideava criar um centro de energias para dar uniformidade e continuidade aos interesses nacionaes. A necessidade de manter a continuidade administrativa e politica, tão necessarias aos regimens democraticos, torne talvez util a criação deste poder, modificado em sua estrutura e composição, feito um coordenador politico, em vez de politico juridico, pois veria exercer no Brasil o papel “de um verdadeiro Conselho de Estado á moderna, accrescido de funcções e com uma missão mais larga”. Seria um elemento de plasticidade, equilibrando os outros poderes, submettendo-os a uma especie de moderação consultiva e taxativa, centralizando os órgãos de vida no paiz, revivescencia do Poder Moderador.

9 — INTERVENÇÃO NOS ESTADOS

Para Alberto Torres, o art. 6.º da Constituição Republicana é uma das grandes molas da politica e da vida institucional do paiz. Sua interpretação, dada com a tendencia estadoalista e o criterio da exegese juridica dominantes no espirito dos homens publicos, é causa de consolidação deste estado de coisas que fez dos nossos estados os vinte eixos da politica do paiz, assim desmembrada em outras tantas tendencias, oppostas e em conflicto.

No terreno dos factos, a pratica do regimen inverteu a hierarchia das instituições: a hegemonia pertence aos Estados e não a União. O pensamento do art. 6 tem sido entendido com exaggerada restricção. A União tem funcções *permanentes e continuas*, no territorio dos Estados e sobre seus poderes constitucionaes communs. Além dos 4 casos já previstos, o governo federal poderá intervir em negocios peculiares as provincias para tornar effectivas as ga-

rantias constitucionaes á liberdade, á segurança e á prosperidade, assegurar aos cidadãos bem estar, prosperidade, educação e direito do trabalho; para harmonizar as leis dos Estados com a Constituição e leis federaes; para garantir a liberdade commercial, apoiar a producção e assegurar aos consumidores a acquisição de todo quanto interessar á vida, á educação e á propriedade, por seu justo preço; para facilitar a todos os brasileiros capazes os meios da instrucção; para tornar effectiva a educação moral, social, civica e economica das populações, a instrucção primaria e a agricola; para autorizar os Estados e os municipios a contrahirem emprestimos internos e externos, verificar a sua necessidade e fiscalizar a sua applicação; para assegurar e proteger a autonomia effectiva das populações e os interesses permanentes e futuros do povo; a legitimidade e regular representação popular nas eleições; moderação, justiça e criterio, na decretação e arrecadação dos impostos; para verificar a constitucionalidade dos impostos criados, bem como o emprego legal e recta applicação dos dinheiros publicos, contra o abusivo exercicio dos poderes locaes, por parte de suas autoridades, etc.

Parece, á primeira vista, que o art. 6 proposto importa num grande cerceamento á autonomia dos Estados e municipios. "De facto, não ha nelle restricção á esphera da competencia que deve caber, num regimen de ampla descentralização, aos poderes locaes. Muitos desses casos não vão além da acção ordinaria dos poderes da União, ou dos decorrentes de seu papel como orgão dos interesses da Nação e do Povo. São poderes já expressos ou implicitos, nas proprias disposições da Constituição vigente, e só porque a tendencia do nosso espirito nos conduz habitualmente a estreitar o alcance do pensamento constitucional, é que convém discriminá-los por esta forma que exclue todas as

duvidas, consignando-os como casos de intervenção. O Congresso e o Governo têm aliás, reconhecido este alcance dos poderes federaes todas as vezes que, sem limitar a liberdade de acção dos representantes politicos dos poderes locais, tem conferido á União, nos Estados e municipios, serviços e encargos de natureza local, como com relação a obras publicas, ao ensino primario, á colonização, á educação dos indios. As outras disposições não limitam, tambem, a autonomia das provincias e dos municipios; consolidam pelo contrario, a autonomia, radicando-a no povo. Assim como, no governo nacional "*a soberania reside no povo*, a autonomia reside tambem sobre a area das circumscripções locais, no povo, e não em seus delegados, como faz suppôr a fórma com que manifestamos nosso zelo pelos poderes locais. Criar na Constituição, e manter effectivamente órgãos e meios proprios a tornar effectivo o regimen representativo, nas provincias e municipios, fiscalizando as eleições; e a garantir a recta administração da causa publica, em beneficio e no interesse do povo, não é limitar a autonomia dos poderes locais, mas regulal-a, para que se realize praticamente. A autonomia, não sendo, em si mesma, nem o fundo, nem o objectivo terminal das instituições no que toca aos governos locais, senão simples meio de melhor servir aos interesses mais proximos e frequentes das populações, não deve ser entendida como limite ao poder geral, nem como essencia d'aquellas instituições. Sua essencia é o serviço do povo; seu unico limite a recta realização deste serviço. Condicional-a para que atinja este fim, não é limital-a; é dar-lhe realidade. A autonomia local não isola nem differencia provincias e municipios, como a soberana faz entre as nações.

A idéa dominante no contexto do art. 6 é que a intervenção que cogita, não pressupõe, senão por excepção, actos energicos de commando, imperativos, e não se destina a

fazer uma impossivel demarcação entre a area da soberania e da autonomia — entre a acção ordinaria dos poderes federaes e sua acção extraordinaria — mas a indicar os fins que autorizem a intervenção da União, seja por força de suas faculdades normaes, seja para acudir interesses excepçionaes.

10 — A QUESTÃO SOCIAL E A DEMOCRACIA

Pela sua importancia é digna de destaque a clausula que permite a intervenção da União para assegurar aos cidadãos o bem estar, prosperidade e educação, direito ao trabalho e a seus instrumentos, bem como a justa remuneração de seus frutos. E' a affirmação da missão social do Estado.

Ouçamos as suas palavras, em carta a um "leader" operario: "Sem ser egualitario, sou profundamente democratico no sentido de desconhecer desigualdades sociaes, politicas e juridicas e intransigentemente adepto do regimen representativo, de forma a não admittir nenhuma organização politica que não tenha origem na representação do pensamento e dos órgãos do governo; e não é na posição social que reconheço o facto de desigualdade, irreductivel nas relações das pessoas, como até nas proprias coisas.

Na minha concepção do problema social, comprehendendo a questão do "proletariado urbano", objecto habitual, nos systemas philosophicos e politicos, da cogitação da forma peculiar que ella apresenta nas relações do operariado das cidades, especialmente fabril, com o capital, — alcança muito além disso, todos os problemas que interessam á formação, o desenvolvimento, a fusão, o progresso e o entrelaçamento das diversas classes e cooperações sociaes, de fórma a envolver seus varios interesses moraes e materiaes no todo harmonico da sociedade nacional e a irmanal-

os na vida mundial, fazendo de todos os órgãos e instrumentos da conservação e do aperfeiçoamento da especie humana e da terra.

“Entram no numero das idéas, com que penso tornar realizavel o objectivo de reivindicar a posição social dos homens de trabalho, seus direitos e aspirações, medidas tendentes a organizar e regular, em todas as classes sociaes, o dever de trabalho e o direito ao trabalho; o reconhecimento legal do direito, para todos os cidadãos laboriosos, a um certo minimo de elementos praticos relativos a vida, á saude, ao conforto e á educação, taes como a habitação, a terra de cultura, para os homens de campo, a luz, o ar, a hygiene, a alimentação sã e bastante, e as condições de educação e cultura, assegurados por meios ao alcance dos recursos dos menos favorecidos; a limitação das horas de trabalho, em todos os serviços; obrigatoriedade das férias annuaes; a representação especial ao Poder Legislativo”.

Para Alberto Torres, “o problema social não é um problema de classes, e o ponto de vista do interesse de classe é um dos agentes perturbadores de suas soluções, causa de seus conflictos e de suas crises. A organização actual da sociedade mantém um estado permanente de instabilidade, para todos os interesses e todos os individuos; e o problema social, em sua verdadeira e profunda feição, não exprime outra coisa que a investigação dos meios de estabelecer a sociedade sobre bases que garantam a todos os individuos uma intensa segurança economica, que não só os liberte da possibilidade e do temor da miseria, senão lhes assegure tambem meios de bem estar, de educação e de cultura em todas as situações da fortuna. O problema do “proletario” é apenas uma face do problema social, geral e permanente. As medidas directas de protecção ao operario, justas, emquanto destinadas a defendel-o de abusos da exploração industrial e a assegurar-lhe condições

ordinarias de saude e de bem estar, transformam-se, quando exaggeradas e isoladas de qualquer systema amplo de politica social, em causas de desequilibrio.

No Brasil, o excesso de pessoal nos estabelecimentos officiaes e o proteccionismo, avolumaram, muito além do necessario, as populações operarias urbanas. As obras voluptuarias das cidades trouxeram ainda maior seducção para os trabalhos urbanos; e a protecção legal e amparo moral effectivo ao reclamo destes operarios produziram os seguintes resultados: criar uma aristocracia proletaria official, privilegiada sobre todos os outros operarios e sobre outras classes não menos laboriosas; e favorecer o trabalho, nas cidades, contra o trabalho, no campo.

“Para a nossa civilização, sob um regimen politico democratico que se propõe a realizar o governo do *povo pelo povo*, o dever elementar do Estado é formar o *povo*, começando por ser o governo do *povo para o povo*...

A democracia social, succedendo a democracia politica, substitue-se o encargo falaz de formar e apoiar o cidadão” — typo classico do titular dos direitos politicos — pelo encargo de formar e apoiar o “Homem”, o “individuo”, o *socius* da nação contemporanea.

Alberto Torres, apesar de ter sido um republicano da propaganda e um espirito profundamente liberal, não era um admirador entusiasta da democracia pura. Para elle as democracias são regimens instaveis, impressionaveis e voluveis. Formados por eleição, os governos democraticos tendem a reproduzir os impulsos, as inspirações, as preferencias, as sympathias e o preconceito do momento. O suffragio universal é, apenas, meio de revelação das aspirações do povo; não é meio de direcção. Por isto, no seu projecto, o presidente, os senadores e os membros do Conselho Nacional não são eleitos por suffragio universal, e sim por um eleitorado especial, procurando assim conci-

liar o regimen representativo com os interesses permanentes e continuos da sociedade, fazendo selecção das capacidades. O Governo só póde ser funcção de capazes, e a capacidade governamental é uma das mais raras.

“O “governo do povo pelo povo” é uma ficção, que é tempo de substituir pelo “governo do povo para o povo”. Expressa, no primeiro membro da locução: “governo do povo”, a idéa da origem e da fonte do mandato governamental, grava-se com a segunda: “para o povo”, o imperativo do dever publico, eliminando-se, com a supressão da segunda clausula do lemma: “pelo povo”, a noção, incorrecta e obsoleta, de um mandato directo, ou de uma acção directa do povo, na gestão dos negocios, de que o “referendum” é a mais infeliz das fórmulas...

Se ha uma verdade solidamente conquistada pela nossa intelligencia é a da incapacidade das massas para o governo; e um dos mais graves phenomenos das sociedades contemporaneas é o da insufficiencia dos seus governos.

Em nenhum paiz, o mandato politico está, actualmente, em mãos dos mais capazes. A educação intellectual não favorece, por outro lado, o desenvolvimento das faculdades de vasta percepção e remota e indirecta previsão, que são a luz cerebral do politico. Entre nós, onde os estudos são especiaes, technicos e profissionaes, e os espiritos se habituaram mais a reproduzir e adoptar idéas que apprehendel-as e induzil-as dos dados da realidade, esta falha é ainda mais sensivel. Não ha, em toda a nossa Historia Constitucional, um só documento em que se vislumbre o reflexo de um raio de luz sobre o conjunto social do paiz e a perspectiva de seu futuro.

No nosso meio politico, que já tem uma longa historia, não se encontra um só documento de percepção synthetica do problema nacional, politico-social ou economico; e os governos se succedem, os ministros substituem-se, e os po-

liticos se degladiam, sem que, no mesmo periodo presidencial republicano, ou, no mesmo gabinete, durante o Imperio, seja possivel vislumbrar o fóco de um designio geral e o fio de uma directriz pratica, conduzindo a politica. Fóra das theorias, tudo quanto, em nosso paiz, se tem por vida do pensamento e da opinião, é um estado de aérea divagação, erudita e brilhante, em que as idéas se diluem, dilatam-se e evolum-se, como para fugir, cada vez mais longe, á vida real, numa gazeificação de tropos e palavras sonoras — pulverizadas em phrases as generalidades mais vagas de todas as escolas — sem que as intelligencias tomem pé no trabalho de abstrahir, de analysar, de synthetizar e de applicar. Entre o conservantismo a Thiers, adheso á ordem e aos mais altos fins objectivos da politica, e prompto a sacrificar o amor proprio das posições coherentes, até á acceitação de todas as fórmulas, para manter a continuidade do que tem por bases capitaes da sociedade, e as concepções e vôos philosophicos, dos que planejam e concebem systemas — nós iniciamos o conservantismo das fórmulas e das apparencias: combinando esta superstição — submissa, como nas religiões orientaes, á exegese e ao commentario dos textos — com esteril polemica, a meúdo, a proposito dos factos da vida concreta do paiz, eternos debates byzantinos...

Os homens que organizaram a federação americana deixaram registrados nos documentos dos tempos provas inconcussas de um seguro conhecimento da natureza, da indole e dos destinos de sua Patria: esses documentos estão repletos de previsões, realmente geniaes. Washington — figura que os psychologos do futuro hão de estudar, como typo representativo do conjunto dessas faculdades mentaes de percepção collectiva e futura, que a sciencia ainda não classificou, a intuição não explica, e são o arsenal da arte politica — deixou, em suas affirmações sobre o futuro do

seu paiz, verdadeiros rasgos de synthese e de previsão pratica.

Nós não tivemos o nosso Washington, o nosso Cavour, o nosso Bismarck. Fizemos a Independencia, e vamos fazendo a nossa vida, com vestes emprestadas, costumes politicos alheios e textos de livros que decoramos. A nossa falta de senso e de preparo politico á facil de demonstrar, por meios de simples applicação, para qualquer pessoa: estudar os trabalhos dos homens publicos, de outros tempos e de hoje, e deste estudo resultará, logo, que nenhum delles se occupou dos problemas da *nossa* nacionalidade, da *nossa* sociedade, da *nossa* gente e da *nossa* terra; consultar dous dos nossos politicos — tomados ao acaso — sobre os problemas capitaes do paiz; e não se encontrará uma idéa commum, entre os dous, com visos de coisa capaz de servir de criterio á direcção da nossa vida pratica. Fóra dos chavões politicos e juridicos da liberdade, do direito, da administração, da finança e dos principios de Economia Politica, rural e de agronomia, colhidos nos livros europeus, não se encontra um indicio de que os nossos estadistas tenham estudado os problemas dos nossos climas e da nossa natureza, das nossas raças e da nossa indole: os phenomenos das nossas relações physicas e sociaes. As classes superiores da sociedade são tão alheias ás idéas e realidades da politica, que suas impressões sobre as coisas publicas não passam de sensação de prazer, ou de desprazer, por actos ou palavras, agradaveis ou não á sensibilidade, consoantes ou não a prejuizos e conceitos superficiaes, tomados em seu valor vulgar — “in a popular sense”, como dizem os inglezes.

O estadista, *avis rara* na Historia, não é ave da nossa fauna. Formar e escolher governantes é, entretanto, o grande problema das sociedades modernas. Não ha systema capaz de supprir a necessidade desta selecção. Seria im-

prudente adoptar qualquer dos systemas theoreticos até hoje suggeridos, perturbando a marcha evolutiva das instituições. As soluções politicas — cumpre que se o não esqueça — não se inventam”.

Num conceito profundo e admiravel diz Alberto Torres: — *Formar o Homem nacional é o primeiro dever do Estado moderno.* A’ formula de Herbert Spencer: “o individuo contra o Estado”, succedeu a formula do Sr. Woodrow Wilson: “o Estado pelo individuo”; mas, a esta formula, cumpre que succeda uma outra, ainda mais justa: “o estado pelo individuo, pela terra e pela sociedade, no presente e no futuro”, e a verdade que a ultima consagra, é, apenas esta: a cultura do individuo e da sociedade não é outra coisa senão a ampliação, na democracia, da cultura, que o Estado sempre fez, de um grupo de individuos. Substituida a nobreza, pela egualdade legal, e extinctos os privilegios, a missão da cultura e de civilização não é mais do que a organização legal do mesmo instincto que conduziu os homens fortes do passado a reunir-se e a fruir a associação por elles formada, explorando as multidões — não associadas, mas submettidas. Mais um documento da natureza evolutiva das instituições: fundado em proveito de alguns, o Estado se foi desenvolvendo e ampliando; e até hoje, por todo o planeta, elle é, ainda, em grande parte, fonte de vida e de prosperidade para uma camada, mais ou menos vasta, da sociedade: todos os que vivem do erario publico, todos os que têm negocios com os poderes politicos, e, principalmente, todos os que fruem riquezas, propriedades, profissões, vantagens, resultantes das instituições, das forças e dos criterios do passado, criados pelo Estado. Em nosso paiz, o Estado é ainda órgão e patrono de uma minoria, entregue o povo aos azares das forças impulsivas de um passado que não cogitou dos destinos do homem brasileiro, e de um presente que o não conhece,

nem mesmo como unidade de recenseamento e como alumno de escola publica.

Entre a insensatez das utopias collectivistas ou a idéa commodista de que o individuo se deve confiar á tutela e direcção do Estado, e o radicalismo individualista, fica justamente a posição do Estado, perante as novas fórmulas de concorrência, que é de amparar os individuos, e, principalmente, os que não possuem elementos proprios de lucta e de trabalho, contra a pressão da enormidade de privilegios com que o passado e os criterios e estalões contemporaneos de selecção cumularam a sorte de grupos limitados e favorecem certas situações pessoas: a fortuna, abusos de propriedade, excessos em seu uso e gozo, a educação, o nome e relações de familia, o nepotismo, solidariedades sociaes de varias origens e naturezas. Ao Estado cumpre egualar as possibilidades e os meios de trabalho e de prosperidade. Só depois desta obra de regeneração de instituições, costumes, tradições e tendencias, contrarios ao desenvolvimento espontaneo de todas as capacidades pessoas e favoraveis á formação de relações deseguaes, se poderá decidir se o *individualismo* exprime um ideal, nas relações do homem com a sociedade. Assume proporções de escandalo, por exemplo, o ardor com que os nossos governos se têm empenhado por estabelecer e installar colonos estrangeiros, dando-lhes propriedades e instrumentos de trabalho, ao passo que abandonam á ociosidade não poucos milhões de nossos compatricios. O pedaço de terra cultivavel, a casa, os principais instrumentos de trabalho, alguns animaes de criação, a escola, lições praticas de agricultura, podem e devem constituir um direito do cidadão brasileiro: a arca dos bens da personalidade, para a viagem da vida. Num paiz vasto, a maioria das populações deve ser de agricultores. Se nosso povo, como aliás o de quasi todos os paizes, evita, actualmente, o campo, e procura as cidades, e se a

causa deste exodo se manifesta, entre nós, como uma verdadeira repugnancia pelo trabalho rural, é que as condições economicas e sociaes da vida agricola repellem os habitantes, sem educação apropriada para amal-a e para exercel-a, em meio e terras não estudados. E os governos não fazem, com sua politica de melhoramentos urbanos, de desenvolvimento da viação ferrea e de apoio directo ao commercio, senão desviar as populações do campo”.

11 — PODER JUDICIARIO

Alberto Torres aconselha a unidade de Justiça e do direito processual, extinguindo a anomalia da constituição, absolutamente desnecessaria ao typo mais radical de federação.

Levi Carneiro (Federalismo e Judiciarismo) acha que “o judiciarismo é a restricção necessaria do federalismo, o seu freio, a sua garantia. Os federalistas exaggerados, os que ameaçam a unidade nacional, não somos nós os que queremos conjugar os dois elementos. A unidade nacional pode ficar compromettida pelo excesso de federalismo, ou por igual, pelo excesso de centralisação”. E mais adiante: E’ assim que o Judiciario e especialmente o Supremo Tribunal, opera como verdadeiro compensador, mantendo do equilibrio entre a União Federal e os Estados”. E cita Dicey: Federalismo é synonymo da predominancia do Judiciario na Constituição. E’ a lição de Willoughby: O mais poderoso dos freios no preservar, não só as relações regulares entre o poder federal e os poderes dos Estados, mais ainda entre os proprios ramos de poder federal, tem consistido indubitavelmente na Côte Suprema. Ella tem sido a roda mestra (the balance whell) no mecanismo da Republica. A constituição no exercicio da sua supremacia a respeito de todos esses poderes, a todos lhes impoz limites

e o instrumento para dar realidade a esta limitação tem sido a Côrte Suprema, como interprete do direito constitucional". Ou como dizia Campos Salles: "De poder subordinado qual era, transforma-se em poder soberano, apto, na elevada esphera de sua autoridade, para interpôr a benéfica influencia de seu criterio decisivo, afim de manter o equilibrio, a regularidade e a propria independencia dos outros poderes, assegurando ao mesmo tempo o livre exercicio dos direitos do cidadão".

E' de vantagem a unificação da magistratura, e, quando não seja possível a unificação, a União deve declaradamente na futura constituição estender ás magistraturas estaduais a vitaliciedade, a inamovibilidade, a insuspensabilidade administrativa e a irreductibilidade dos seus vencimentos.

12 — INTERPRETAÇÃO DAS LEIS

O interprete insufla á lei o espirito do seu tempo, ensina Alberto Torres. A lei, escreve, deve ter uma expressão representativa, como representativa é a expressão dos delegados que a elaboram; e esta expressão resulta de preferencia do estudo dos interesses, das necessidades, das razões praticas de conveniencia social e bem publico que a inspiraram e da determinação do seu fim; a finalidade da lei, sendo a sua força, é a contra prova do seu pensamento. Certamente o jürista e mais que este o juiz, não pode contrariar as prescripções expressas da lei; deve porém, receber as regras decretadas como marcos espalhados em torno de vasto terreno, cheio de factos a regular, carecedores de outras regras e não muralhas insuperaveis, estreitando a zona dos principios juridicos. O que a lei contem e preceitua deve ser applicado, mas o que ella contem e preceitua expressamente encerra tambem esse poder de elasticidade pratica, de "productividade" na expressão de Ihering,

que dilata e multiplica seus effeitos e suas consequencias a todos os casos caracterisados pela necessidade que a dictava, attingiveis pelo fim que determina.

As regras de interpretação, constantes do projecto, mostram o elemento vital da lei, sua força e sua energia e applicadas, a nossa Constituição deixará de ser “uma collecção de textos, mortos como specimens de herbanario, sobre os quaes exercemos uma dialectica de associações verbaes e de raciocinios doutrinarios”.

Diz o mestre egregio:

“Na interpretação da Constituição e das leis devem os Juizes, legisladores e todos aquelles a quem competir a sua applicação ter em vista os seguintes principios de preferencia a outras regras juridicas de interpretação:

I — A Constituição é uma lei politica, de fins praticos, fundada em objectos sociaes concretos, e destinada principalmente a manter ligados, harmonica e organicamente, os interesses geraes e permanentes do paiz.

II — A base de sua interpretação é o fim pratico e social que seu conjunto e seus principios se destinam a realizar.

III — Nem o sentido literal do texto, nem a fonte, origem, escola, ou tradição doutrinaria que estiver ligado, servirá de argumento a qualquer interpretação contraria a seu destino pratico e seu fim social.

IV — Por elemento historico a interpretação deve entender-se, não sómente, nem principalmente, os debates, pareceres, discursos legislativos e mais actos preparatorios da elaboração da lei, mas sobretudo a razão de legislar e os interesses, relações e factos, inspiradores dos principios legislativos e seus fins permanentes e geraes.

V — Sendo o objecto da Constituição e das leis promover os fins da sociedade e da vida individual, seus prin-

cipios devem ser entendidos no sentido mais favoravel a taes fins: ao desenvolvimento e progresso da sociedade e do interesse e prosperidade dos individuos;

VI — O elemento pratico da interpretação deve ser entendido com relação ao bem estar geral e permanente da sociedade e do individuo, ao desenvolvimento e successão progressiva dos factos e phenomenos sociaes e juridicos, e jamais aos accidentes, factos isolados e interesses parciaes e momentaneos”.

13 — SOLUÇÃO DOS NOSSOS PROBLEMAS

Temos crises provisoria a vencer, e crises permanentes, que cumpre começar a corrigir. As provisórias entravam-se com as permanentes. Não podemos solver as difficuldades financeiras sem solver os problemas da producção, anniquilada pelas vicissitudes da natureza, da falta de trabalho, da perturbação das relações economicas e commerciaes e do systema fiscal e tributario. Se as condições vigentes — condições administrativas, economicas intellectuaes e outras são desfavoraveis ao advento do homem nacional, *que é o primeiro dever do Estado moderno*, cumpre á arte politica modificá-los e para este fim Alberto Torres propõe as seguintes soluções:

Na ordem tellurica — Defeza do solo e conservação das fontes ainda virgens de riquezas naturaes, acautelando-se a propria sorte das gerações vindouras neste paiz, onde o nomadismo dos indios e o espirito colonial de aventura e ganancia estabeleceram a devastação das mattas e das minas em systema. As nossas florestas estão sendo devastadas, o que tem alterado profundamente o nosso regimen de aguas e as condições atmosphericas. O Brasil vem sendo desde os tempos coloniaes saqueado nas suas melhores riquezas. O nosso problema maximo é o problema hygrono-

mico, o problema da terra. Nossa politica precisa ser orientada no sentido da conservação das riquezas e da valorisação da terra. Ao Conselho Nacional e demais órgãos do Poder Coordenador competeria promover a defesa do solo e das riquezas naturaes do paiz, propondo as medidas necessarias para preservar as fontes de riqueza ainda virgens e para assegurar a conveniente exploração, conservação e reparação das que estiverem em exploração.

Na ordem juridica — Promulgação de um codigo de segurança e defesa nacional; restricções ao direito de propriedade quanto aos bens de raiz, não podendo possuil-os quem não tiver no Brasil domicilio ou residencia. E' criado o "mandato de garantia", destinado a fazer consagrar, respeitar, manter ou restaurar preventivamente os direitos individuaes ou collectivos, publicos ou privados lesados por acto do poder publico ou de particulares, para os quaes não haja outro recurso especial.

Na ordem financeira — Revisão do systema tributario, nomeadamente das tarifas proteccionistas, criando-se impostos progressivos sobre a renda, addicionaes aos impostos fixos que devem incidir sobre rendimentos de bens e capitaes improductivos. O imposto de exportação passa para a União, a quem compete tambem decretar impostos sobre as operações de cambio, que não se destinarem a liquidação de contas commerciaes. O imposto de consumo passa para os Estados, que terão tambem o imposto territorial.

Na ordem economica — Resistencia ao influxo absorvente do capital estrangeiro, que em feitorias coloniaes transforma paizes livres. Vivemos economicamente ainda na situação de colonia, com a differença apenas de que em vez de uma só metropole trabalhamos hoje para muitas. Ficam vedados todos os estabelecimentos que tiverem character de feitorias coloniaes. O Brasil carece de precaver-se de continuar a ser colonia do capital e do trabalho

estrangeiro, devendo ser nacionaes a navegação de cabotagem, as estradas de ferro e todas as que explorarem negocios ou industrias de interesse vital para a Nação. Na penetrante analyse feita pelo Sr. Tristão de Athayde sobre a obra do "nosso maior pensador social" declara o eminente escriptor que "considera-se hoje Alberto Torres como um grande pensador politico, cujas directivas devem mesmo servir de base para reconstrucção politica de nossa patria em seguida ao terremoto revolucionario. E no entanto silencia-se ou quasi, sobre a sua obra economica". Discordando do philosopho e do pensador politico "cujas verdades diz que devem ser cuidadosamente seleccionadas do erro", o grande leader catholico declara que Alberto Torres deve ser considerado como um grande economista. "Tudo o que Alberto Torres aconselhou em relação á nossa politica economica está perfeitamente de accordo com os principios doutrinarios mais puros da economia integral christã e tudo se enquadra admiravelmente dentro das necessidades fundamentaes da formação da nacionalidade brasileira em bases economicas proprias, de accordo com a indole da raça, com as tradições da nossa historia, com as exigencias de nossa alma e com a justa ambição de criarmos uma personalidade collectiva com traços proprios e independentes". *Politica*, pg. 218.

Na ordem intellectual — Funcionamento gratuito do ensino primario e do ensino profissional, sendo vedado a qualquer das provincias estabelecer instituções de instrucção superior, enquanto não tiver organizada a educação agricola, secundaria e elemental, pratica e experimental, ou admittir nos institutos superiores mais de 10% dos estudantes que cursarem todas as escolas secundarias de agricultura. Criação de um estabelecimento denominado "Instituto de Estudo dos Problemas Nacionaes" para fazer os

estudos dos problemas praticos de terra e da nacionalidade brasileira, de seus habitantes e da sua sociedade.

Na ordem religiosa — Assumpto inseparavel de qualquer regimen politico, a questão religiosa não foi esquecida por Alberto Torres, que infelizmente não pôde libertar-se do espirito agnostico que dominou na 1.^a Republica. E' favoravel ao regimen de separação. Em seu projecto, todas as crenças gosam a mais ampla liberdade de culto e terão representantes no Senado. Os sacerdotes catholicos elegerão tres senadores e terão participação em certos actos publicos, quando o ministerio de seus sacerdotes corresponder a um reclamo da consciencia dos crentes e participação do julgamento das violações do Codigo de Segurança e Defesa Social (Codigo Penal). O Estado entreterá com os representantes dos diversos cultos e igrejas as relações necessarias á manutenção da harmonia entre o poder publico e as opiniões e interesses religiosos, e a cooperação de todos os credos no serviço publico da nação. Supprime a disposição vigente que prohibe alistar-se eleitores os religiosos de ordens monasticas, e justifica, declarando que "nenhum motivo ha para distinguir entre o compromisso de consciencia que por ventura restrinja a liberdade de acção publica aos religiosos, e identicos compromissos de membros de outras associações, como os proprios partidos politicos, por exemplo, em que cada individuo renuncia sua liberdade nas mãos de seus chefes e directores, bem como de classes e industrias, habitualmente coagidos por pressão de seus interesses profissionaes".

Por ahi se vê que o laicismo de Alberto Torres é o que assegura a liberdade espiritual dos crentes e incredulos, respeitando as crenças do povo. E' o laicismo como é entendido nos Estados Unidos, assegurando a todas as crenças mutuo respeito e completa liberdade e que Ruy Barbosa denominava "associação do ensino religioso á escola leiga".

Penso assim que Alberto Torres não se opporia ás justas aspirações da nossa consciencia catholica quando pleitea o ensino *religioso facultativo* nas escolas publicas e a assistencia religiosa *facultativa* ao Exercito e a Marinha. E assim affirmo pelos actos que praticou como governante.

Quando Presidente do Estado do Rio, subvencionou com a quantia de 20:000\$000 o collegio dos salesianos, em Santa Rosa, subvenção que foi supprimida pelo seu successor. Querendo elevar o nivel moral e intellectual da bancada federal, quiz eleger deputado um representante do clero catholico e assim em Dezembro de 1899 foi pessoalmente á residencia do Monsenhor João Aureliano Corrêa dos Santos, então vigario de Nitheroy, para convidal-o a aceitar a indicação do seu nome para deputado federal, e tendo acceito, foi eleito e honrou o mandato.

E finalmente são de Alberto Torres os seguintes conceitos: "A sociedade contemporanea manifesta symptomas de profunda anarchia e radical desmoralização; essa anarchia e essa desmoralização, resultam das *idéas dominantes*: ao materialismo, ao positivismo, a sciencia emancipada, ao orgulho da razão humana, deve ser attribuida a culpa dessa ruina e dessa corrupção. E' mister abandonar os caminhos abertos, voltar a fé, ao espiritualismo, á Igreja, para restabelecer a ordem, para regenerar a vida" (Pan Americanismo e liberdade de consciencia na "A Noite" de 11-3-916).

14 — O PROJECTO DE CONSTITUIÇÃO E' OBRA CONSERVADORA E LIBERAL

Alberto Torres dizia que a obra architectada em seu projecto de reforma constitucional era obra conservadora pela orientação organica, pela estabilidade e pela energia legal conferida á autoridade, e obra liberal pelas garantias practicas effectivamente dadas não só ás liberdades primarias

do individuo — as liberdades individuaes propriamente ditas — como ás liberdades sociaes, sujeitas á concorrência, e dependentes de meios, opportunidades e possibilidades.

Formulando o seu projecto de revisão, Alberto Torres declára que o regimen actual é impraticavel, o paiz segue o caminho da dissolução e é de urgente necessidade a revisão proposta. Pela nossa formação especial, pelos nossos antecedentes historicos não nos é possivel assimilar as leis de povos differentes do nosso em tudo. Por isto seu projecto é de “uma constituição objectiva, baseado nas coisas, na gente, na vida do Brasil, resultando da observação dos nossos costumes, dos factos da nossa Historia Constitucional, falando aos nossos interesses e ás nossas necessidades, ligado ao solo como á alma do povo, sem illusões, sem preconceitos, sem ficções, encarando as realidades taes como são, sem as turvar com sombras scepticas, mas, sem as tingir, tambem, com as côres convencionaes da theoria: vendo o homem, o homem e a terra como a terra é, através da verdade e não através de Adam Smith ou de Augusto Comte, o Brasileiro e não o *individuo* de factura idealista. A palavra “constituição” envolvendo a idéa de que esta lei é a expressão da vida nacional, tem o valor do seu *sentido physiologico*. As idéas do projecto são destinadas a corrigir os defeitos do regimen democratico e a indicar os meios de os adaptar, bem como o regimen federativo, á nossa terra e ao nosso povo. O Governo Federal recobra e mantêm a supremacia que lhe cabe, como orgão soberano da Nação; as formas da representação e o processo das eleições preparam um systema de escolha, proprio a assegurar a intervenção dos mais capazes, na direcção da vida publica; a Constituição adquire, emfim, o character de uma lei pratica e harmonica, onde os fins, os destinos e as modalidades da nação encontram seus instrumentos naturaes de

actividade. A criação do Poder Coordenador corôa, por fim, estas disposições — tendentes, todas, a fortalecer a acção governamental, a ligar solidariamente as instituições do paiz e a estabelecer a continuidade na prosecução dos ideaes nacionaes, a “realizar”, em summa, a soberania da lei, a democracia, a republica, a autonomia e a federação — com um órgão, cuja função será concatenar todos os apparatus do systema politico, como mandatario de toda a Nação — da Nação de hoje, como da Nação de amanhã — perante seus delegados.

Em Outubro de 1916, publicou Alberto Torres, n' *O Imparcial*, um artigo intitulado “*Um retrocesso*”, no qual, mais uma vez, mostrou a necessidade da revisão. “O problema constitucional do Brasil é um problema integral. Nós somos uma terra e uma população em anarchia, com fórmulas exteriores e apparencias de civilização. Toda obra sensata, racional, pratica, tem de partir da observação e da verificação dos factos e das condições da nossa sociedade. Para a terra — que se resecca e se esteriliza, para a gente, analphabeta — sem propriedade, neste vasto territorio, e sem habitos, costumes e meios de vida policiada e civilizada, para a Nação — cujas instituições sociaes oscillam sobre as proprias bases e cujas instituições politicas — como o voto, a representação, o municipio e o Estado, têm existencia meramente constitucional, nas cabeças dos politicos; — paiz a que faltam instrumentos primordiaes de esclarecimento á acção politica e administrativa, como a estatistica, — de segurança nacional, como a defesa, — de segurança pessoal, como a policia e a justiça, — e de educação, como a escola, — só ha um meio honesto de encarar o problema constitucional, que é consideral-o como base inicial e quadro geral do problema mais justo da organização; e só ha um plano de construcção do regimen: entrar os apparatus e órgãos superiores da Nação num

complexo de instrumentos e de meios de acção capaz de associar os interesses de todo o paiz, dos Estados e dos municipios em uma perfeita solidariedade organica de funcções.

Não ha um só interesse nacional soluvel sem a cooperação harmonica da União, dos actuaes Estados e dos municipios. Para solver o problema do clima, para reflorestar o sólo, para tolher a devastação das mattas, para organizar a instrucção, para criar e desenvolver um systema de educação emancipado dos riscos dos privilegios de facto que se tentam desenvolver para monopolizar tendenciosamente a alta mentalidade do paiz; para organizar a defesa; para emancipar a Nação do feudalismo argentario estrangeiro, que se estende dos bancos de cambio e das casas exportadoras e importadoras ás vendas das esquinas e encruzilhadas, — para extinguir endemias e epidemias, é forçoso, é imprescindivel correlacionar os poderes publicos e suas funcções numa vasta e intima homogeneidade de acção — sob pena de ser preciso criar para quasi todos estes mistéres serviços e repartições mais caros que o orçamento federal actual...

Tal, a obra architectada em meu projecto de revisão constitucional: — obra conservadora, pela orientação organica, pela estabilidade e pela energia legal conferida á autoridade, — e obra liberal, pelas garantias praticas effectivamente dadas, não só ás liberdades primarias do individuo — as liberdades individuaes propriamente ditas — como as liberdades sociaes, sujeitas á concorrência, e dependentes de meios, oportunidades e possibilidades.

Vêr moldes conservadores e espirito conservador em reforma politicas, porque se detêm timidias diante das fórmas convencionaes vigentes, flagrantemente contrarias á realidade, é simples revestimento verbal a um estado per-

manente da anarchia, equivale apenas "a se payer de mots"... para evitar difficuldades".

Alberto Torres tinha inteira confiança que o seu projecto será victorioso no dia em que a Nação o comprehender. Póde-se discordar de algumas das suas idéas; mas raros serão os que não o applaudirem, nas suas innovações capitaes e na sua nobre iniciativa e não concordar com a extraordinaria parte critica da sua obra, estupenda de justeza e de verdade.

Para que se accete o seu programma basta apenas um pouco de observação e de bom senso e que queiram estudar a nossa realidade objectiva, a nossa realidade experimental e concreta, a nossa terra e a nossa gente.

Nas linhas geraes da obra de Alberto Torres, como escreveu o notavel publicista Snr. Celso Vieira, "encontraremos todas as grandes aspirações revisionistas formuladas em paginas de observação e doutrinas como não existem outras em nossa litteratura politica e social. Reimprime-lhes os conceitos a propaganda nos jornaes; resoa-lhe os clangores a tribuna legislativa. Em cada nacionalista de gabinete ha sempre uma tintura prima dos livros de Alberto Torres, dynamisada homeopathicamente para curar os nossos males, e pouco antes de morrer dizia a um amigo, com tristeza, o polygrapho incomparavel na sua especialidade.

— "São caçadores de pedras preciosas esses figurões que por ahi topamos. Vejo o melhor de algumas paginas, onde logrei articular os meus pensamentos, incrustado em folhetos, editoriaes, discursos... Mas ninguem cita o meu nome".

A melancolia do publicista espoliado não reconhecera nesses plagios, talvez inconscientes, um facto de saturação intellectual. Que o fluxo revisionista e nacionalista se propague, se avolume á custa do seu renome, porque todos

sabemos donde a corrente desce, fertilizando as margens, ou donde sopra o vento benigno, trazendo o pollen...

A obra de Alberto Torres foi tamanha que ella se projecta desde logo no futuro, como sobre um reino intangivel, por onde me parece avultar a ascender a gloria do escriptor com a propria mentalidade nacional..."

A revisão constitucional proposta, sendo a obra reorganizadora reclamada pelo paiz, é a obra de correcção e de reparação, que incumbe a uma época. Cada anno que passa accumula maiores difficuldades e crises sobre a nossa anormal existencia. O que uma geração, o que uma camada de dirigentes, deixa de fazer, vale pelo anniquilamento de uma raça, pela morte de uma Nação, por perdas irreparaveis de energias e de progresso.

CAPITULO XII

AS FONTES DE VIDA NO BRASIL

“As fontes de vida no Brasil”, o ultimo livro publicado por Alberto Torres, em 1915, visa a solução de um novo problema social e politico brasileiro: a restauração das fontes da vida, da nossa terra e da nossa gente, para extinguir a crise da natureza e a crise do trabalho e mostra aos nossos homens publicos o verdadeiro estado de miseria a que chegou a situação social e economica do nosso paiz. Neste magnifico opusculo são expostos, com clareza admiravel, os magnos factores de que dependem o futuro do nosso paiz.

Revela a realidade pungente de um paiz novo que chegou a esta phase critica da Historia sem haver nada construido e tendo estragado a sua terra e anemiado o vigor comprovado de suas raças. Rebate o velho preconceito que attribue a causas ethnicas o lastimavel atrazo em que nos debatemos, e, baseado em razões de ordem puramente social, conclue pela aptidão das nossas raças, pela sua moralidade e pelo seu valor economico, apenas *anemisadas*, em consequencia das condições particulares da nossa existencia durante seculos quasi exclusivamente applicados á exploração e á expansão colonizadora, sem o longo esta-

belecimento definitivo, que faz gerar nos paizes mais cultos o *medium* cosmico-social da civilização.

Condemna a obra de ruina que, sem nenhuma previsão do futuro, desde os tempos coloniaes, vimos ininterruptamente fazendo em relação ás nossas florestas. Esta obra de destruição é verdadeiramente criminosa si considerarmos, como prova Alberto Torres, que a riqueza e fertilidade das terras do globo não são inexgotaveis. Regiões outrora ferteis e intensamente exploradas estão sepultadas sob o pó dos desertos. O deserto seriamente nos ameaça. Uma enorme porção do paiz, representando muitas vezes a área da França, tem a sua habitabilidade, a sua salubridade, comprometidas por muitas dezenas de annos, até o momento em que se iniciar a politica de restauração das nascentes e das fontes, da regularização das estações e da distribuição de aguas, ou então teremós, dentro em poucos annos, seccas generalizadas como as da India e da China. E' a fome que nos espreita.

"A agua é um dos dous elementos da vida climaterica da Terra, que mais se faz mister conservar nas regiões tropicaes, e, por fortuna, que a pretenciosa incuria da nossa "*civilização*" tem transformado em ruina, o unico sobre o qual tem poder a acção humana.

Ora, o Brasil é um paiz cuja existencia material, como corpo de uma nação e como *habitat* de um povo, está gravemente ameaçado, por falta de aguas. Negal-o, hoje, seria coisa que excederia de todas as raias do senso e da probidade.

Nós temos, por consequinte, em primeiro lugar, um problema hygronomico, que precede todos os *nossos problemas* agronomicos e economicos".

Este problema só pôde encontrar solução com a de outros fundamentaes, como o do reflorestamento, o da restauração das fontes naturaes e o da conservação e distri-

buição das aguas, que são em nosso paiz, problemas urgentes, fundamentaes, extraordinarios, mais importantes que qualquer outro.

Outro problema fundamental é o da alimentação do nosso povo, intimamente ligado ás condições do individuo e da sociedade e, mais ainda, da exploração da terra.

Não resolvemos, ainda, os dous problemas praticos, ligados á alimentação popular: o dos generos proprios para o nosso meio, para a natureza do trabalho e para a vida social, nas diversas classes; e o da sua cultura.

A capacidade do trabalhador nacional, a sua aptidão para o trabalho e o seu amor ao trabalho são outros assumptos tratados magistralmente por Alberto Torres, mostrando, com immensa erudição e bom senso, quanto é condemnavel e improficuo o recurso da colonização estrangeira.

Prova que "a nossa inteira vitalidade economica repousa sobre monopolios, sobre privilegios, sobre azares, sobre valorizações eventuaes, sobre operações aleatorias; sobre favores, sobre especulações: o trabalho, a producção, a valorização da propriedade e do esforço, não são verbas de capital, na escripturação do nosso regimen de troca de valores.

Tudo isto resulta da feição francamente colonial da exploração do paiz caracterizada pela supremacia do commercio estrangeiro sobre o commercio nacional e sobre a producção, pela indefesa subordinação dos productores a exportadores e capitalistas estrangeiros, pela avidez e inconsciencia das derrubadas, pela preferencia, no trabalho, ao colono estrangeiro.

A sociedade é a melhor das escolas, e a experiência a unica verdadeira educadora. A Europa produz trabalhadores por necessidade, por costume e por disciplina; e

nós produzimos ociosos porque, a não ser com o escravo, nunca fundamos no paiz coisa nenhuma propria a criar o interesse pelo trabalho e o amor pelo trabalho, entre os homens do povo. Na producção brasileira, só trabalharam o dono da fazenda e o escravo. Os outros não precisavam trabalhar: alimentavam-se e vestiam-se á custa dos fazendeiros e tinham as festas da Igreja e as da fazenda e o jogo, para a alegria do espirito. Que se fez, durante quasi um seculo de independencia, para transformar em povo esta massa de ociosos? Criaram-se umas poucas de escolas publicas? Mas a lição e a palmatoria do pedagogo nunca formaram trabalhadores. Estabeleceu-se qualquer regimen de colonização nacional? Nem signal disso se encontra em toda a nossa legislação. E, para prevenir o sabio sorriso de ironia que estas perguntas costumam provocar nos labios de adeptos do fetichismo individualista, não é mister lembrar o que se fez entre nós pelo colono estrangeiro, nem tudo quanto se fez e se está fazendo, em toda a parte, em pról da animação e do desenvolvimento do trabalho: basta lembrar que na França, onde a legislação social é uma innovação recente e ainda tibia, o parcelamento das propriedades dos nobres, emigrados depois da Revolução, deu propriedade e facilitou o trabalho a uma grande parte da população rural.

Entre nós, a politica de expansão economica, com o systema de cultura extensiva, de mineração, de monocultura, de latifundios, de conquista dos sertões; com o desbravamento e a estrada de ferro; aggravou-se singularmente, por effeito da nossa adoração quasi idyllica pelo estrangeiro, que, assim como nos prosta, como em face de canones, diante das sentenças e dos juizos de celebridades passageiras, de reporters e de exploradores em excursão, entrega-nos de mãos atadas á argucia, ao tacto, á pericia de financistas e de caixeiros viajantes, e nos submete as in-

telligencias aos intuitos e aos calculos do instincto politico dos outros povos. Nós temos mais que respeito: temos superstição pelo valor do estrangeiro e submissão á sua autoridade; e nisto tem estado o maior obstaculo á formação da consciencia nacional, á educação da nossa iniciativa, á consolidação do nosso senso de responsabilidade — particularmente, da responsabilidade publica e social.

As victimas nacionaes desta politica heteroclitica são tanto mais numerosas, e tanto mais intenso é o seu sacrificio, quanto mais baixa é a camada social.

O Brasil não tem trabalhadores ruraes, porque as classes superiores, por seu egoismo, nunca tiveram interesse pelo seu patricio proletario, preferindo exploral-o a educal-o, e abandonal-o, por fim, em sacrificio á machina dextra do trabalhador europeu. Mas — cumpre bem accentuar — este egoismo é mais imputavel aos dirigentes, aos legisladores, aos governos, porque o problema da organização do trabalho não poderia jamais ser solvido por iniciativa espontanea dos particulares: e os Governos nunca fizeram outra coisa senão solvel-o contra o homem brasileiro, e contra a economia nacional, quando importou escravos e quando importou colonos. Hoje, as crises da natureza confundem-se com as da dissolução social e economica e com as da anarchia politica, e, por fim, com as do intercambio mundial, para se conspirarem contra a Nação, e, dentro desta, contra as classes que supportam, com os encargos do trabalho e do fisco, os percalços da pobreza: o productor e o operario rural, principalmente, entre todos...

O nosso paiz está exigindo, neste instante, um tratamento legislativo e administrativo intensissimo, um esforço multiplice, variado, caloroso, de soccorro social e economico, uma assistencia therapeutica como a das graves crises das molestias agudas, um "estado de sitio" (as idéas boas

tem a magia de regenerar os conceitos os mais odiosos) de policia e de reconstituição economica...

O problema da conveniencia ou da inconveniencia da colonização, reduz-se, para nós, a dados bastante concretos e bastante simples, para poupar esforços cerebraes. A nossa terra está excessivamente desbravada; novos desbravamentos importariam prejuizos incalculaveis para o futuro e aggravação immediata á crise do clima; a vida da grande maioria da nossa população é em extremo precaria, por causas climatericas, por causas economicas e por causas sociaes; os estrangeiros introduzidos no Brasil, justamente porque são mais activos e preparados, aggravariam esta nossa crise cosmica e esta nossa crise socio-economica; os que viessem com fim de estabelecimento e animo de se associarem comnosco, deparariam com as mesmas difficuldades. Só especuladores e aventureiros ganhariam com essa politica de inconsciencia e de destruição. E não é outro, em geral, o effeito da politica do capitalismo e da colonização. "Porém — não é difficil prever — a lavoura carece de braços", replicará, incontinenti, um fazendeiro ou um dos advogados officiosos, cedendo ao habito de attribuir a causas singulares os factos complexos, com que se illude, em regra, a difficuldade dos problemas.

Se a lavoura carece de trabalhadores, não é por falta de gente estabelecida no paiz. Gente preparada para os grosseiros e elementares serviços da roça, abunda por ahi; não ha recanto inculto e arido, fechado no alto de serras descalvadas, ou em longinquas planicies, onde se não encontre sempre um enxame de individuos, em numero muito superior ás necessidades das culturas que se avistam pelos arredores. Toda esta gente conhece, ou póde rapidamente conhecer, os trabalhos usuaes em nossa lavoura, e fazel-os com regular pericia. A colonização jámais correspondeu, entre nós, a necessidade do *trabalho*; correspondeu sempre,

sim, a necessidade da *produção*, ou, mais realmente, á necessidade das colheitas, isto é, á necessidade de dinheiro prompto e de dinheiro facil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. Não correspondem a necessidades do *trabalho*, para a agricultura, porque nunca se fixou e nunca se organizou; menos ainda ás necessidades de trabalho, quanto ao operario, porque este, nacional ou estrangeiro, ou o evita onde elle não dá lucros seductores da “industria colonial do trabalho”, ou procura occupação urbana e no commercio rural, ou abandona-se tambem — em grande escala, em segunda geração, e, frequentemente, em primeira — á calaçaria. No dia em que, por meio de um concerto de medidas proprias a reanimar os bons estímulos e a abater as más seducções, a generalizar as condições de *interesse* pelo trabalho e principalmente as da *efficacia* do trabalho, combatidos energicamente, com medidas de policia, de segurança, de hygiene e de conservação, já incorporadas á legislação de todos os povos, e susceptiveis de desenvolvimentos logicos e necessarios, os maus incentivos e as causas de decadencia — os poderes publicos, desde a União até aos municipios, de accôrdo com os lavradores, abrirem guerra á ociosidade e offerecerem garantias de estabilidade e de prosperidade á gente do campo, affluirá, sem duvida nenhuma, para o trabalho remunerado uma grande parte dessas populações, hoje mantidas á custa do unico esforço preciso para obter um mesquinho alimento, que o alcool e o tabaco completam, *matando a fome* e matando o individuo”.

Alberto Torres conclue, dizendo:

“Actualmente, não póde haver crise de produção entre nós, que imponha a necessidade de colonos. As crises deste momento — resultantes da guerra européa e da consequente perturbação commercial — são de outra ordem.

Como o problema meteorico, o problema do trabalho não é soluvel só por medidas directas. Ha certamente umas tantas providencias que o interessam immediatamente: a criação de nucleos de colonização nacional, vizinhos de todas as regiões onde se careça de trabalho periodico; a regulação das relações entre lavradores e trabalhadores, para garantia reciproca; o combate sem treguas ao alcool, levado até ás mais rigorosas medidas de repressão commercial, etc. Todas essas dependem, porém, na organização e na execução, de uma infinidade de condições.

Não ha nenhum problema social, soluvel isoladamente. Não existe, em nosso paiz, nenhuma organização, capaz de solver os nossos problemas sociaes e economicos. Todos estes convergem, em summa, para uma synthese geral: o problema politico, que se divide por ultimo, em dous outros: o problema das instituições e o problema das pessoas.

Neste momento, a organização politica demanda duas ordens de regimens: um regimen definitivo e um regimen transitorio. O regimen transitorio deve, por sua vez, comprehender, tambem, duas ordens de providencias: providencias de solução ás crises presentes e providencias de adaptação do novo systema politico. E' o que nos cumpre levar a effeito.

Tal é o estado do nosso paiz; tal é o dever que se nos impõe. Devemos enfrontal-o, devemos lutar por elle, confiando na justiça dos nossos contemporaneos, — e se a não tivéssemos — confiando na justiça dos posteros. Morrer na passividade, ou na subserviencia, é o que não póde fazer, nem um individuo, e ainda menos uma Nação!

Eis, por fim, a obra sagrada da nossa geração: restaurar as fontes da vida, no corpo do paiz, e as fontes da vida, no corpo e no espirito de seus habitantes; aquellas pelo clima, e, sobretudo, pela agua; e esta pelo trabalho”.

Em trabalho pouco divulgado, publicado apenas numa revista academica (1), Alberto Torres mostra a precariedade da economia nacional. "O problema da produçãõ alimentar, vegetal ou animal, nos paizes inter-tropicaes, é ainda um problema todo inçado de duvidas, onde maiores são as difficuldades que as soluções. A natureza faustosa dos tropicos, o aspecto, principalmente, da sua intensa vegetação, dá a estas terras a miragem de uma assombrosa fertilidade; e a facilidade da vida primitiva e da existencia nos primeiros tempos de exploração, inspira a illusão da vida facil, com a simples colheita de frutos e raizes, mediante os mais elementares processos de caça e de pesca.

De facto, a vida selvagem, a vida primitiva, a vida despreocupada e inculta do sertanejo e do caboclo, não encontra quasi difficuldades no seio ou na vizinhança das grandes florestas, a margem de rios amplos ou pela extensão das costas. Essas populações são, quasi tanto como a dos autochtones, *populações da vida animal*, para as quaes bastam os recursos superabundantes da natureza. Onde, porém, a cultura já tem modificado o mundo biologico primitivo, derrubadas as mattas, escasseando aves e caças de montaria, diminuindo peixe, — onde as populações se estenderam ás regiões aridas do planalto, eis que apparecem a miseria, a penuria, a fome. E' o estado de uma grande massa de população nacional

"As "zonas tropicaes" do globo, as "zonas florestaes" das "faixas chuvosas" "permanentes e as zonas das monções" são por excellencia, as terras ferazes da "vegetação". A vida floristica expande todas as pujanças de uma seiva inexgotavel, num perpetuo crescimento vegetativo, em que se diria que as trocas permanentes de agua e de sol, de sol

(1) "A Epoca", de Junho de 1919.

e de agua, não permitem a planta deter-se e repousar, para a sua grande obra final... A planta tropical vegeta eternamente. Dahi a robustez e riqueza das florestas. Abaixo da região das grandes chuvas passado o circulo dos aliseos, eis que a natureza muda: mas, como agora, dentro dos tropicos as terras não deixam nunca de se elevar, e de ondular numa serie perpetua de massigos, senão quando se estendem em regiões mais altas em "chapadas" nuas, denudadas pela erusão multi-secular das aguas, as "savanas" da nossa faixa climatica são pobres e terminam sempre em miseraveis regiões de terra ingrata a todas as culturas.

Os nossos "prados" nativos são pobres de "humus", e assim o são por lhe faltarem os requisitos ambientes da fertilidade. Não se conhecem, em nossos climas, "steppes" como as copiosas "steppes" da Russia e da China, como as "savanas" fertilissimas da Norte America ou como os pampas exuberantes da Argentina. Essas regiões — que são, pelo mundo inteiro, as zonas previligeadas do grão, das plantas, ricas de phosphoros e ricas de azoto, que o homem aperfeioou para alimentar-se, têm apenas semelhantes, nas outras regiões planas do Globo que formam nos climas temperados, vastas bacias de facil irrigação: são planicies como as do Nilo, do Tigre e do Euphrates, da Italia, da França, a que se podem ajuntar as mais septentrionaes da Hollanda, da Belgica, da Allemanha, da Inglaterra, graças ao privilegio das estações e algumas da India, graças a abundancia das aguas que descem das suas enormes altitudes, e, principalmente, graças a regularidade das suas "monções".

No Brasil, nas zonas de vegetação florestal, — onde se conservam as florestas, as culturas usuaes de nutrição debatem-se com difficuldades, e vicissitudes, ainda não estudadas: o proprio milho, de origem americana, e o mais

grosseiro dos cereaes, depara, como o feijão, com crises que é mister resolver; onde as florestas são derrubadas, as difficuldades augmentam, ao ponto de desaparecer toda a segurança de colheita; nas outras regiões, estas culturas não podem dispensar, para concederem regulares rendimentos, trabalhos de irrigação até, em muitos casos trabalhos de preparação de nivel, de cultura em terraços.

A producção das especies cultivadas que servem de alimento ao homem não é normal nem é sufficiente, neste immenso paiz de extensas terras. Longe de podermos exportar, longe de termos excessos, a realidade é que a nossa producção — insufficiente para alimentar a parte, relativamente pequena, da população que tem habitos organizados de existencia, não tem, nem sequer para esse seu reduzido commercio, nem flutuação razoaveis de mercadorias, carecendo uns de altas tarifas protectoras para serem consumidas aqui por preços superiores, as que se pagam nas grandes cidades pelo mesmo genero, — considerado de luxo — importado da Italia e sujeitos os outros a flutuações absolutamente incomportaveis no commercio de generos de consumo ordinario.

Destes percalços e destas fraquezas da nossa terra, resulta que a criação é, em geral, pouco desenvolvida, fraca e insufficiente. A industria pastoril não encontra elementos, em nosso paiz para vir a ser uma grande industria de vasta exploração comparavel á argentina e á americana. A fauna brasileira, pobre em especie de mammiferas, assignalou-se sempre pela pequenez de seus typos. "Indigente" é o termo empregado para qualificar-a. Só entre roedores e pachydermes apparecem animaes de estructura um pouco menos commum. Dir-se-ia que a "vida natural" parou em certas formas e em certo goso de desenvolvimento. Dos ruminantes, todas as especies são miudas: não temos nenhum que se aproxime do "bisão" e do "auroch", co-

nhecido ainda o segundo, até os tempos modernos, na Europa, tão commum o primeiro, nos Estados Unidos. Faltando-nos este "índice" de aptidão natural para a criação, não possuímos, como a Argentina, planície como a dos "pampas" e de alluviões graminíferas por excellencia, e fadados para as mais ricas leguminosas, onde com a simples cultura da "alfafa" se improvisassem em tão curto tempo, os extraordinarios campos que hoje sustentam a immensa producção pastoril do paiz. A "latitude", ou, melhor, "a successão das faixas isothermicas, o solo, o relevo, o curso e alternacão dos ventos maritimos, dão ás terras do Brasil formas e feições particulares da natureza, que não se confundem com as de nenhum outro paiz da propria zona intertropical — ainda mal estudadas, em geral, por efeitos culturaes — e em que as combinações dos varios factores climatericos e edaphicos da vida vegetal produzem os mais surprehendentes e perturbadores efeitos, em estado natural, e manifestam, com as alteracões humanas da natureza, grandes desordens, verdadeiras revoluções mesologicas". Não ha mais grave erro do que os que commettem ordinariamente os nossos escriptores de agronomia, quando inferem de certas semelhanças de temperatura e de composicão physica e chimica das terras, a adaptabilidade em nossos terrenos de algumas culturas europeas, como principalmente, o trigo, alguns outros cereaes e a vinha. Uma certa semelhança na qualidade das terras e nas medias annuaes da temperatura são dados muito vagos, muito grosseiros para a apreciacão das capacidades de regiões como "habitas" provaveis de plantas cultivadas — maxime, com objectivo industrial.

Os efeitos combinados da irradiacão solar — calor e luz — das chuvas e do relevo, dão, em todas as terras brasileiras de planalto e nas faixas litoraes que as precedem, accidentadas, tambem, em geral, resultados oppostos as

condições “médias” solicitadas pelas plantas cultivadas, e onde as derrubadas tem desnudado as terras, — das florestas e vegetações primitivas, esses resultados se manifestam com danos immensamente destruidores. As florestas exercem, particularmente entre os tropicos, sobre todas as suas influencias ordinarias, a missão de guarda e protecção de fontes e cursos d’agua; conservam, em suas vizinhanças, um conjunto climatico semelhante ao natural, e tem, além disso, e ainda um beneficio de fontes e cursos d’agua, a grande funcção de reter os ventos, de oppôr á barreira dentada das suas francas a “tiragem” das correntes aereas, tão consideravel nas planicies e terras.

Como resultado commum da combinação dos seus elementos climatericos proprios, dá-se no Brasil, que não ocorre em nenhuma de suas zonas a condição primeira do exito emquanto a estas plantas, que é a “successão de periodos” bem “demarcados e bem definidos”, de temperatura temperada fria e com humidade abundante na terra e no ar, e de periodos de secura e de calor — correspondendo com exactidão ás phases da “germinação” do “crescimento” da “vegetação” da “florescencia”, e, “afinal” da “frutificação” e “granificação”. Uma imagem verbal, colhida, aliás, da lingua popular de um povo que habita terras mais temperadas que as nossas e expostas a estações mais regulares, serve bem para traduzir este desequilibrio entre a terra e a planta cultivada. A molestia do trigo a que nós demos o nome de “ferrugem” chama-se em Portugal — alfora; e este nome designa tambem, a neblina, a cerração, que envolve, em camadas baixas a superficie da terra em certas épocas do anno. O mal e a causa confundidos no mesmo nome.

O calor e a humidade, combinam-se em nosso paiz, em termos inteiramente diversos das condições das regiões temperadas. Collocando-nos na nossa zona do Globo, não ha

comparação possível entre os elementos da vida biológica, na Índia — unico paiz do mundo com que poderíamos ser comparados, e no Brasil. A flora e a fauna, principalmente, da Índia, são assombros da vida, ao lado das nossas, nas proprias regiões mais privilegiadas do nosso territorio.

“A disposição e altitude das cadeias de montanhas, e a violencia dos ventos com a regularidade das suas monções, sem comparação com os nossos aliseos, dão a Índia uma fertilidade e uma exuberancia de vida, onde o tamanho e uma abundancia das especies attingem a proporções gigantescas”. O proprio homem parece ahi ter encontrado elementos espantosos de proliferação.

Nas regiões africanas que nos são comparaveis, a vida natural, tanto animal, como vegetal, desenvolve-se mais do que aqui. Na propria Índia porém, como no Egypto, como na China, a producção relativamente consideravel, das culturas alimenticias, encontra um grande apoio favoravel num factor local que nós não temos, e que, absolutamente, não devemos ambicionar, que é o trabalho penoso e miserabilissimamente remunerado, das suas densas populações indigenas. Sem verdadeiras estações thermicas, expostas ao sol e as chuvas “as nossas terras e a nossa atmospha”, mantém, assim, durante quasi a totalidade do anno, “uma troca permanente de humidade e de calor, que neutraliza durante quasi todo esse tempo tanto as funcções do calor como as da humidade”. Está nisso o grande percalço das nossas terras, para as culturas de trabalho humano; está ahi a gravidade do problema physico da nossa economia”.

CAPITULO XIII

A DEFESA NACIONAL E O SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO

Sob este titulo Alberto Torres publicou um ensaio no "Estado de S. Paulo", em Dezembro de 1915. Preliminarmente desfaz a duvida que exista a menor parecença no seu pacifismo com o "anti-militarismo". Sempre foram de grande estima os sentimentos que elle consagrava ás classes militares do paiz. Como deputado e relator da comissão de orçamentos deu apoio aos creditos pedidos pelo marechal Floriano para reforma do material do exercito e da armada. Pouco tempo depois, quando teve de responder, na Camara dos Deputados, á proposta apresentada por occasião da occupação da ilha da Trindade pelo governo inglez, da suppressão da nossa legação em Londres — a concluir as suas razões — obvias, aliás, — pela rejeição dessa proposta, com estas palavras: "Façamo-nos fortes!"

A sua attitude era a mesma e póde ser resumida em palavras identicas: "Sejamos fortes!" —; mas fortes, principalmente, de força de espirito; fortes, no pensamento que nos deve guiar; fortes de energia moral, na sustentação desse pensamento...

E' um erro imputar ao pacifismo todas as attitudes e

toda a dialectica dos partidarios da guerra. A idéa da guerra apresenta uma multidão de faces e de aspectos. “A idéa da guerra, como meio e instrumento final de sanção á expansão e ao dominio — para as nações imperialistas, oppõe-se á da guerra, como meio de resistencia e de defesa, para as nações fracas. A guerra é, pois, para os fracos, o contrario positivo da guerra, como apparece aos fortes. Dahi resulta que, se aos fortes convêm armar-se, e, ainda mais — prégar, propagar, prestigiar, a utilidade, a necessidade, a fatalidade, da guerra, aos fracos, por outro lado — convindo, sem duvida, tambem armar-se — convêm, não obstante — ainda menos duvidosamente — esforçar-se e pugnar pela paz. A guerra é a “theoria” dos fortes; a paz a “theoria” dos fracos.

1.º — OBJECÇÕES AO SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO

As objecções que Alberto Torres oppunha á decretação do “serviço militar obrigatorio” não se filiavam de forma alguma ás idéas pacifista que sustentava. Depois de mostrar que o nosso exercito está desorganizado, e que em todos os ramos da organização militar, a realidade não nos mostra senão insufficiencia e despreparo, prova que o serviço militar obrigatorio não é a “organização da defesa militar”. Pois tem por fim sómente fornecer o grosso do pessoal activo, da massa, da soldadesca: presuppõe, por isso, a existencia do “exercito”, ou, se não propriamente do exercito, da parte do exercito que deve prover ao commando, á administração, á disciplina, á instrucção, ao exercicio, á prevenção, á preparação, á mobilisação... Este “exercito” não existe. Decretar o serviço militar obrigatorio para educar o character e o espirito nacional, despertar o sentimento de sacrificio e solidariedade, tal foi o thema dos discursos que assistimos: a forja educativa da

caserna, refinando o aço do character brasileiro: eis a insignia da cruzada santa!

Alberto Torres combate esta idéa. "A caserna educa soldados, como soldados, para a faina de soldados; e, educando o soldado, não faz ainda senão viciar o individuo, perverter o homem de familia, deseducar o "socius" da communitate nacional. O character civico, a moralidade, os sentimentos de altruismo e de sympathy, só encontraram na caserna, até hoje, adulteração. O bom soldado leva-os da casa e da praça publica, para o quartel. O quartel, não podendo criar taes qualidades, não chega tambem, por isso a fazer bons soldados, para o nosso tempo: faz pretorianos. Entre Roma e a Allemanha moderna, entre o soldado do Baixo Imperio e o soldado do "Kaiser", decorrem seculos de vida social, de vida civica, de instrucção... e a caserna allemã de hoje, ahi nos está mostrando quanto o "delirio militar" tem forças para turvar as almas!..."

Entre nós, o serviço militar obrigatorio está de antemão condemnado pela anarchia da organização que lhe devera servir de eixo. Como medida de momento é o peor dos alvitres. Não é serviço proprio a ser montado instantaneamente: demanda um recenseamento, organização, quadros, classificações, distribuição. Não conseguirá mais do que aquillo que o voluntariado e a guarda nacional podem oferecer com o simples appello ao patriotismo dos cidadãos. Quanto á acção pedagogica não passa do que sempre foi: uma simples flôr de rethorica.

2.º — A ORGANIZAÇÃO MILITAR QUE NOS CONVEM

Alberto Torres escreve que "está na indole das democracias, a politica internacional da paz; e é de vital interesse para o Brasil, manter a paz com o mundo inteiro, e, mais ainda, com os paizes vizinhos; não temos nenhum motivo, nem ha razão cabivel, para que nos deixemos arrastar á

iniciativa de guerras offensivas; toda a nossa politica militar pôde concentrar-se, assim, numa politica de defesa. Para a defesa territorial, a organização militar natural é o da força territorial”.

A fórmula preferida de defesa, tem sido, nas democracias, a milicia civica: a Suissa e os Estados Unidos.

“Sendo a fórmula propria da organização de defesa, para um paiz que — salvo tresloucado capricho ou inepcia inqualificavel de seus governos — nunca terá de assumir a offensiva, e a forma propria das forças militares, numa democracia, a milicia civica é, por intuição, a forma estrategica necessaria, da nossa organização defensiva”. Com a vastidão do nosso territorio e extensão da nossa costa, não ha organização de exercito permanente que seja capaz de garantir uma defesa efficiente, contra desembarques da parte de exercitos regularmente preparados para a offensiva.

“O thema da nossa defesa — parece evidente — será sempre impedir desembarques e impedir o estabelecimento e o desenvolvimento de occupações. Para isso — após a defesa naval, para a qual não pôde deixar de ser, por sua vez, indicada, uma forma de marinha particular, em que os torpedeiros, no maior numero possivel, os submarinos, os aeroplanos, arma commum ás duas forças, e dois typos de navios, muito pequenos e extremamente rapidos, feitos, os de um, para operar em rios e nos baixios do contorno litoral submarino, e destinados a transportar e manobrar minas, e, os do outro, para atacar embarcações de desembarque (que incumbiria á nossa engenharia naval conceber), deveriam operar todos tendo por base o numero de cruzadores e de transportes, de extrema velocidade, estritamente necessarios aos movimentos dessa frota ligeira, — o melhor systema de defesa térrestre deve ser o da guarda nacional, espalhada por toda a extensão do paiz, com instructores competentes, centros de commando e de

abastecimento de munições, convenientemente distribuidos, e adestrada, sobretudo — para a guerra de “harasement” — pela agilidade, pelo tiro certo, por ataques constantes, de linhas convergentes, sobre os pontos de aggressão.

A organização conveniente deste systema assegurará sempre a defesa immediata de qualquer ponto do paiz, favorecida, protegida e fortalecida pela progressiva concentração das milicias em torno dos pontos atacados, com melhor conhecimento dos terrenos, por parte dos officiaes e dos soldados e com um abastecimento de viveres, quasi natural... Assim como a Suissa impunha, para base de sua defesa, a artilharia de montanha e o bom atirador, o nosso terreno indica-nos — como a nossa base propria — o tiro certo, o soccorro prompto, a concentração facil, o movimento rapido, — a estrategia em summa, da perseguição permanente e incommoda. O que a Suissa fez, da dedicação e instrucção do seu burguez-soldado, nós teremos de fazer, com o pé ligeiro, os membros ageis, a vista aguda, do nosso caboclo. Só a guarda nacional, tendo de permanente apenas o arcabouço effectivo necessario ao commando geral, á inspecção, a algumas administrações, á defesa fixa, etc., póde preencher as condições deste systema. O mais completo exercito permanente, “que estiver em nossos recursos formar”, será improficuo para isso; e as imitações de exercitos estrangeiros, com fardamento copiados, disciplina e instrucção aprendidos em livros europeus, concentrados nas cidades, sem os exercicios e as manobras proprios do nosso terreno, poderão apenas servir para sacrificar alguns milhares de vidas á temeridade e ao heroismo de que são capazes os brasileiros, deixando-se immolar, em luctas sem esperanças e sem fins, em holocausto ás nossas imprevidencias... Para esta dolorosa bravura — a mais injusta das bravuras, porque reduz o sacrificio do homem a um sacrificio a que não sorriem a esperança da victoria e a

conquista de um ideal — não será mister educar a afoiteza e temeridade de um grande numero de brasileiros... Não é esta, porém, a obra de educação que nos cumpre, para com os nossos patricios: mas a da educação physica e da energia moral, que se prepara com a liga de coragem, da consciencia do fim e da fé no exito. E esta não se obtem, apenas, com os ingredientes da educação marcial.

Cada cidadão com a sua carabina e o seu cavallo em casa — o nosso excellente, agil e intrepido cavallo do sertão; com a sua linha de tiro e o seu instructor, na vizinhança; fazendo, aos domingos, exercicios de tiro e de fileira e, de tempos a tempos, os exercicios e manobras mais complicados, applicadas especialmente á natureza da acção defensiva provavel e á dos nossos terrenos; regimentos de artilheria ligeira, largamente disseminados; — eis os mais solidos elementos de defesa que podemos constituir, em termos de impôr respeito ás melhores organizações militares, como o impõe a milicia suissa”.

Merece toda a attenção dos nossos dirigentes este notavel plano de organização da nossa defesa, imposto pela configuração geographica do paiz, pela indole e pelo estado do nosso povo.

Mas, perguntava Alberto Torres, existe um perigo de guerra para o Brasil. “Sim, respondia, por effeito destas causas: um alto grau de imprevisto e de eventual, inseparavel das coisas politicas, no estado contemporaneo das relações internacionaes; a perturbação da politica mundial, com a conflagração européa, que, escapando completamente das correntes logicas de visão dos problemas do planeta, neste momento, apresenta, comtudo, numa de suas feições mais “terra-a-terra” e immediatas, um certo aspecto de logica “impulsiva”, no conflicto dos anglo-saxões e dos germanicos, pela hegemonia imperial, ao lado de uma multidão de incongruencias e disparates; a nossa desorgani-

zação, a nossa desorientação, os nossos abusos de credito e de compromissos financeiros, a incuria da politica nacional — emfim — mantendo no paiz verdadeiras colonias estrangeiras sem incorporação, agglomeradas áparte, umas, outras entremeadas na população indigena, e conservando e alimentando, até hoje, a titulo de promover o nosso “engrandecimento” (!), essa ineptissima politica de seducção, exploração e de attracção de manobreadores de capitaes, que, perpetuando a forma colonial da nossa vida, como terra de extracção de riquezas e de exportação, nos vem impedindo de formar, por outro lado, a economia interna do paiz, expondo-nos, por outro, a todos os riscos em que incorrem as nações desclassificadas nessa zona ambigua de territorios e de povos de exploração a que se não reconhece nem idoneidade nacional nem prestigio politico.

A conflagração européa accrescenta apenas algumas probabilidades mais ás nossas possibilidades ordinarias de conflicto armado, dizia Alberto Torres em 1915.

3.º — AS BASES DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL

O grande patriota termina o seu trabalho declarando que: — “O problema da defesa nacional é muito mais vasto que o da defesa militar. Em verdade, a defesa militar, nem é o principal, nem o primeiro, nem o mais vigoroso, dos meios de defesã, para nações que não estão envolvidas na engrenagem que arrasta as intrigas e fermenta as irritações da politica mundial.

As bases politicas da nossa defesa coincidem com as bases da nossa organização, que podem ser resumidas nestes termos:

I. Regimen constitucional, leis e administrações de espirito pratico, capazes de promover e tornar effectivas as soluções aos problemas da sociedade e da nação brasi-

leira, com os instrumentos precisos á prosperidade, educação e cultura dos brasileiros e mantendo o prestigio, o credito e a honorabilidade do paiz;

II. Instituições de justiça e de policia, que garantam efectivamente a ordem, a liberdade, a segurança e a propriedade;

III. Rigorosa economia, exacta e productiva applicação dos dinheiros publicos, percebidos por meio de regimens tributarios parcimoniosos e equitativos;

IV. Maxima cautela no uso do "credito", exterior, que, uma vez preenchidas as condições precedentes, terá realmente o character de credito;

V. Restricção rigorosa da "actividade economica" de estrangeiros no paiz e da "colonização", aos limites ordinarios dos casos de espontaneidade individual, defendidos os interesses vitaes da sociedade e da economia nacional e as suas fontes de riqueza, e assegurados os direitos dos nacionaes á consecução dos meios, possibilidades e oportunidades de concorrência, apropriados ao desenvolvimento da personalidade individual e á defesa de seus interesses de conservação, de progresso e de efficiencia;

VI. Politica internacional baseada no espirito da mais ampla cordialidade e rectidão, sem nenhuma preocupação de influencia ou hegemonia;

VII. Propaganda pacifista;

VIII. Defesa militar".

Todos estes "itens" estão attendidos no projecto de revisão com que Alberto Torres termina o livro "*A Organização Nacional*". A ordem em que vêm enumerados não significa que o interesse e valor de cada um delles seja sempre graduado de accôrdo com a classificação, ou que algum possa ser dispensado, senão que, no conjunto das probabilidades de exito e de risco, a posição relativa é normalmente indicada.

CAPITULO XIV

ALBERTO TORRES E O MOMENTO BRASILEIRO

A obra politica de Alberto Torres até recentemente foi indifferente ás classes que dirigem e governam o Brasil. No entanto ella encerra altos pensamentos de constructivismo social. E' toda uma pedagogia para formação da nacionalidade. Alberto Torres foi um antecipador. Os seus raciocinios, a sua concepção organizadora da patria vieram com meio seculo talvez de adiantamento. Não temos uma consciencia cultural capaz de apprehender em todas as suas subtilezas, as theorias politicas do pensador fluminense.

Os problemas culminantes do paiz, todos elles, foram attingidos e explicados pelo pensamento de Alberto Torres. Nenhum, porém, teve uma critica e uma exegese mais clárida que o phenomeno da organização nacional. Torres aborda-a com a curiosidade ardente, a paixão e a segurança de um clinico diante de um caso raro.

Para elle a cohesão de uma nacionalidade não reside nas leis organicas que a regem.

A constituição escripta de um paiz representa ás vezes uma ficção theorica. Na realidade, diz o mestre insigne, se alguma coisa ha que mereça o nome de constituição não é

ao conjunto das regras legais e aos planos preconcebidos dos systemas politicos que este nome quadra, mas á espontanea e fluente manifestação da vida publica, que se fórma e caminha com o surgimento e os encontros das idéas, dos interesses e das paixões, na arena onde se apuram as forças dos luctadores politicos.

E' a vida mesma do paiz, todos os seus rythmos vibrantes acima ou abaixo da orbita legal, é o conflicto dos interesses dos individuos, o conflicto dos interesses collectivos, é a eclosão das ambições, que representam os phenomenos authenticos de uma patria, no pensamento de Alberto Torres, e não as fórmulas convencionaes da sociedade e do governo. A Inglaterra, unico paiz que realizou de facto uma existencia constitucional, mostra como esses movimentos espontaneos das opiniões e dos interesses foram inicialmente a base da constituição. Na reflexão do pensador fluminense, todas as nações possuem dois regimens constitucionaes: um ostensivo, o outro verdadeiro, mas subterraneo. Está ahi, dogmatiza elle, o terrivel problema da arte politica: conciliar a realidade com a abstracção, ou aproximar, pelo menos, a verdade das coisas, do nivel ideal da lei. Um regimen puro seria aquelle em que os dois planos se confundissem; assim, o regimen constitucional progride quando o plano inferior se aproxima da concepção legal.

A regra geral, continúa, é que a marcha das nações se opera, através, ou apesar das instituições nominaes, de accordo com as correntes profundas que as impulsionam e dirigem: basta apontar a historia politica de alguns paizes de constituições identicas, como o Brasil, os Estados Unidos, a Argentina e o Mexico, para vêr como povos distinctissimos quanto aos costumes e methodos politicos, podem revestir a mesma fórmula institucional.

Como este phenomeno é universal, havendo attingido a

propria nacionalidade mãe das constituições, a conclusão que se impõe é que, se a arte politica manifesta nisso o seu atrazo, não é della que resultam, em these, os perigos e males que assoberbam os povos. A plasticidade das fórmulas juridicas é, ao contrario, um elemento benefico, quando o espirito politico é plastico e póde adaptar a lei ás fórmulas sociaes. O interprete insufla á lei o espirito de seu tempo. Assim como os velhos juizes e parlamentares inglezes tiraram um mundo de doutrinas da fórmula: *The king can do no wrong*, John Marshall edificou o monumento da ordem e das liberdades americanas sobre os preceitos secos, e aparentemente desconnexos, da Constituição dos Estados Unidos; e os tribunaes contemporaneos da França deduzem soluções para os problemas juridicos da questão social das regras do Código de Napoleão.

Alberto Torres considera ficticio o criterio representativo, porque essa representação é quasi sempre convencional, resulta de uma contrafacção da soberania, é a expressão falsa dos mandatos eleitoraes, quando deveria resultar da harmonia intima entre as forças da opinião e os seus órgãos. Elle é tambem um sceptico na thaumaturgia dos partidos, dentro dos moldes classicos, pois que é facil a constatação da evolução, por que têm passado taes agremiações. O que era rigidez tornou-se plasticidade, o que era inflexibilidade transmutou-se em transigencia. Nos paizes novos, e nós estamos neste caso, Alberto Torres considera injustificavel a existencia de partidos, que adquirem a morphologia de agrupamentos onde se estabelecem apenas solidariedades individuaes. No seu conceito, tambem o criterio eleitoral é um criterio illusorio. Ha confusão, neste assumpto, da moralidade politica com a da realidade representativa. No ponto de vista moral, um paiz de constituição democratica, cujo processo eleitoral é ficticio ou fraudulento, repousa sobre uma mentira flagrante. Tal de-

mocracia não se distingue, politicamente, de qualquer autocracia ou oligarchia, senão pela irresponsabilidade dos que exercem a dictadura, doutrina Alberto Torres.

Neste momento grave para a nossa nacionalidade se deveria estar elaborando o intenso e energico trabalho de organização que a crise aguda de todos os nossos problemas impõe. Não a tendo sabido prevenir, cumpria-nos, agora, corrigir com firmeza, no seu conjunto, o descabro de toda a nossa vida nacional.

Precisamos, porém, evitar que se agrave a anarchia na opinião publica, já tão conturbada pelo delirio de palavras, de formulas, de etiquetas, de rotulos, de doutrinas exoticas, postos diariamente em circulação e evitar as soluções empiricas que andam em voga, como remedio dos nossos males.

Como demonstra Candido Motta Filho, no seu reflectido estudo (1), "todas as épocas tiveram suas crenças e seus mythos". Nós ficamos sem mythos e sem crenças. Tivemos então a grande ansia pela realidade, e, num trabalho de revisão de factos e de homens, fizemos um esforço para procurar alguma coisa.

Nessa consagração de valores surgiu Alberto Torres, que foi coroado como um dos apóstolos do realismo social no Brasil. A sua obra não vale em seus aspectos, em seus detalhes, como vale muito em seu conjunto, pelo processo de exame que usa e pela sobria coragem com que encara o complexo brasileiro. Alberto Torres viu muita coisa. Marcou com admiravel perspicacia os perigos que envolviam a vida do Estado republicano no Brasil. E assim veio a ser um dos guias de uma geração exigente e soffrida por desenganos da incultura democratica". E o illustre

(1) Candido Motta Filho — Alberto Torres e o thema da nossa geração.

escriptor paulista conclue dizendo que a obra de Alberto Torres "foi um grande e nobre appello á intelligencia brasileira, para que não permittisse a continuação desse regimen de ruimentos. Esse Brasil, que se fazia e se desfazia ao mesmo tempo, precisava desaparecer para ser substituido por um Brasil dotado de uma organização nacional, com suas instituições constitucionaes fortalecidas e com uma consciencia larga e definitiva de si mesmo".

E' Tristão de Athayde, com a sua grande autoridade moral e intellectual, que affirma que "nenhum sociologo patrio gosa hoje de maior prestigio do que Alberto Torres. Pode-se mesmo acrescentar que, neste momento em que o Brasil se encontra em plena disponibilidade, á espera dos esculptores que venham modelar a sua materia plastica, para a figura da nacionalidade que vai renascer da confusão do momento politico social que atravessamos, — pode-se dizer que Alberto Torres é de todos os estudiosos de nossos problemas sociaes, o mais meditado, o mais compulsado, o mais inquerido como o solucionador da nossa crise e como esculptor posthumo, se é licito dizer, do nosso futuro" (1).

De facto, augmenta a corrente dos estudiosos da sua obra, toda de pensamento; ás vezes, complexa e rude, mas riquissima de visões geniaes.

Cumpre-nos ensinar ao povo o seu nome, divulgar o seu pensamento, principalmente no espirito da actual geração que assiste a "gestação da nossa nacionalidade", dessa mocidade, que em parte, vive a confinar entre o bolchevismo russo e o fascismo italiano, ambos tão estranhos á nossa mentalidade e ás nossas tradições e sentimentos.

Affirma Celso Vieira que "se a Republica velha foi o cyclo das idéas liberaes de Ruy Barbosa em declinio solar,

(1) Politica, pg. 179.

a Republica nova é o cyclo das idéas sociaes de Alberto Torres em desordenada elaboração" (1).

O grande patriota legou-nos paginas de duração e fulgor excepcionaes, pela profundeza das observações e pela serena e corajosa independencia dos julgamentos. Vogué lembrando-se, talvez, daquellas "Pilulas Morriçon que Carlyle, no *Past and Present*, lamenta não possuir para curar as doenças das nações, fala maravilhado da obra vigorosissima de Lord Macaulay: "Je ne crois pas qu'il y ait un meilleur livre á recommander á ses enfants, dans notre époque de anemie e de tribulation intellectuelles; il faudrait leur faire lire cela comme on fait prendre du fér en pilules".

Ha na obra de Alberto Torres, igualmente, para nossa mocidade, muita coisa capaz de produzir sobre os espiritos, em beneficios da Patria, o effeito transfigurador que nos organismos debeis produz o ferro em pilulas.

O seu verbo nobre e imponente tem a grandeza empolgante dos grandes rios que correm majestosos pelas planicies e rampas e valles, fecundando as terras, refrescando o ar.

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres vem realizando o seu nobre objectivo de fazer alguma coisa pelo Brasil, coordenando e pregando as idéas do seu patrono, ferindo intelligentemente os problemas nacionaes.

Seu programma vae sendo executado com efficiencia. Realisa conferencias de propaganda e diffusão da obra torreana, promove estudos, patrocina publicações, para attingir, desta fórma, a sua finalidade que é dar ao Brasil, um outro rumo — o rumo que elle deve seguir, o rumo que se lhe impõe e do qual, si de facto queremos evoluir,

(1) "Socialização Nacional", no Journ. do Comm. de 19-3-933.

si queremos progredir, avançar, de modo real e positivo e não falso, illusorio, como temos feito, não podemos fugir: esse rumo é o rumo da realidade brasileira, no desejo de dar ao Brasil uma nova consciencia, a consciencia dos problemas brasileiros.

O Brasil tem que resolver os seus problemas de accordo com as suas condições, attendendo ás suas necessidades, ao imperativo categorico dos factores mesologicos. Para isto vive a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Sua actividade é continua.

Na exegese da obra do seu patrono ha as contribuições de Celso Vieira, Carlos Pontes, Alcides Gentil, Paranhos da Silva, Sud Menucci, Mario Casasanta, Belisario Penna, Mendonça Pinto, Carlos Xavier, Fidelis Reis, Raul de Paula, Vieira de Mello, Helio Gomes, Lourival de Almeida e Carlos Rubens.

Com Simões Lopes, José Augusto, Alcides Bezerra, Edgard Teixeira Leite, Lauro Borba, Raphael Xavier, Fernandes Tavora, Alberto Sampaio e outros, a Sociedade tem estudado os problemas do nordeste e promoveu uma reunião para o estudo do phenomeno das seccas e sua possivel solução.

Alberto Sampaio, Humberto de Almeida, Magalhães Corrêa, Paulo Roquette Pinto e Lina Hirsch dedicaram-se ao estudo dos diversos aspectos da protecção á natureza no Brasil.

A necessidade dos lactarios e a hygiene infantil obtiveram a contribuição de Belisario Penna, Savino Gasparini e José Savaresi.

A Sociedade já realisou um curso para professores de Escolas Regionaes e sobre os problemas educacionaes são valiosos os ensaios de Bello Lisbôa, Attilio Vivacqua, Teixeira de Freitas, Everardo Backheuser, Sud Menucci, Fer-

nando Azevedo, Leoni Kassef, Aprigio Gonzaga, Celso Kelly e dos professores estadoaes Lourival Hermogenes da Silva, Mario Gonçalves da Rocha, Maria do Carmo Pinto de Oliveira, Ida Marinho Rego, Isaura Silveira, Mathilde Brasiliense, Anna Silveira Pedreira, Aurora Monteiro da Rocha, Etelvina Cortez Emerenciana e Acirena Braga de Souza.

A Sociedade promoveu commemorações em todo o Brasil do nome de Saturnino de Brito. O grande engenheiro, o grande cidadão que tão assignalados serviços prestou ao Brasil, o mais notavel tecnico da engenharia sanitaria, teve a glorifical-o a palavra de Lourenço Baeta Neves, o mais illustre dos seus discipulos, de Fernando Martins, de Saturnino de Brito Filho, de Armando Godoy, de Carlos Chagas e de Simões Lopes.

Recentemente realisou na Bahia com exito o 1.º Congresso de Ensino Rural. Tem promovido a criação de centenas de clubes agricolas e reduzido as semanas ruralistas.

Procurando irradiar a sua acção de norte a sul do paiz, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres vem patrocinando a criação de nucleos estadoaes. Estes fócios de difusão foram logo surgindo: em Minas Geraes, Espirito Santo, Estado do Rio (Campos), Bahia, Pernambuco, Goyaz e recentemente S. Paulo, o grande Estado de S. Paulo, em que sempre existiu a mais alta consciencia civica, producto da riqueza, da efficiencia collectiva e da cultura das élites em collaboração com as massas populares, que foi sempre uma affirmação de brasilidade intelligente, de vontade constructora, de amor á ordem e á cultura dentro da organização juridica, — já tem tambem o seu nucleo torreano, orientado por Sud Menucci.

Significativa é a seguinte saudação enviada ao Nucleo Mineiro:

“A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, prolongando-se do Rio de Janeiro a Minas Geraes no advento dessa filial, transmite aos seus irmãos de Bello Horizonte a saudação dos que fraternizam, laboram sob o mesmo signo de cultura nacionalista, com a mesma fé inabalavel, pela concordia e pela grandeza do Brasil Unido.

Quando nos reunimos para diffusão dos ensinamentos de Alberto Torres, o espirito constructor dos novos tempos no Brasil, obedecendo ao appello de uma realidade commum, a realidade brasileira, que se ostentava imperiosa, inilludivel, na dupla face da sua obra — de um lado o problema nacional; de outro, a organização nacional. Nunca imaginariamos fazer dessa obra a rigida moldura, onde se enquadrassem as convicções em systema fechado a novas pesquisas ou novos conceitos, mesmo porque, sendo espiritos militantes, somos espiritos independentes, associados em torno de um nome e de um ideal sem prejuizos orthodoxos.

Vimos essencialmente na doutrina de Alberto Torres, como dizem os nossos estatutos, “o melhor programma de conjunto dos problemas nacionaes”, sujeitando-o, porém, “aos factos da experiencia e da observação, isto é ás condições politico-economicas da vida brasileira e á influencia dos methodos mais recommendaveis no seu exame”. Não foi um circulo inviolavel, traçado pelo dogmatismo, o que se gerou da nossa ideação, mas uma escola nacionalista, a escola da vontade energica e do pensamento afinido, na qual os amigos intellectuaes de Alberto Torres examinam, debatem, verificam os principios e as conclusões dos seus estudos para divulgar os que resaltam, como imperativos de brasilidade ou signos orientadores, através da ordem natural e da ordem social tendendo á conservação da terra e á educação do homem.

Já pelo character de synthese dos ensinamentos, já pela

relatividade necessaria das applicações, o systema de Alberto Torres, com o proprio exemplo do seu criticismo, deixa ao senso analytico a maior liberdade e á intelligencia criadora a maior amplitude para lhe desenvolver as idéas, guardadas logicamente as bases em que se ergue e as linhas geraes em que se desenha a construcção monumental. Agora mesmo foi lançada por um dos nossos consocios á idéa do municipalismo como forma de socialização primordial, inexistente ainda na obra torreana, e essa idéa em marcha, correspondendo ao objectivo do mestre, já se reflectiu nos trabalhos pre-constitucionaes e alcançou em Minas Geraes a sua expressão definitiva: "o problema brasileiro é o problema do municipio".

Uma politica realista, conforme a ideava Alberto Torres, não pode chegar a outra conclusão: o municipio é a realidade social por excellencia, a realidade tangivel, concreta, limitada ás percepções immediatas do homem e aos esforços locais do grupo, que só attinge a perfeição historica em limites claros e certos, fixados pela natureza e pela sociedade. Lavoura, industria, commercio, a propriedade urbana, e a propriedade rural, o ensino e a hygiene, o transporte, o consumo, o profissionalismo, o associacionismo, relações, interesses, problemas, aspectos de cada dia e cada vida, tudo se define e evolue no ambito municipal, como no seu elemento. O municipio é a fonte viva e pura da nacionalidade, o seu primeiro nucleo e a sua primeira norma. Em carne e sangue, nas bases physicas e moraes, a nacionalidade é uma organização complexa de municipios, a que o direito superpõe, constitucionalmente, o governo, das provincias autonomas e a soberania da União indissolúvel. Quanto mais se expandirem e se entrelaçarem os institutos municipaes no seio da communhão brasileira, para um estado vibratil de consciencia nacional, tanto mais unida e cohesa veremos a grande patria.

Emfim, urgem combater sob todas as formas o deserto que o materialismo das ambições dilatou, avidamente, no solo e na alma do Brasil. O reflorestamento já principiou em alguns municipios, que plantaram milhares de arvores, estendendo para outras gerações o agasalho das sombras maternas. A ideologia de Alberto Torres é tambem uma fronde, sob a qual se renova e circula a essencia da alma invicta, que nos deu o mais amplo territorio, o mais bello horizonte e a unidade mais forte da America do Sul. Nós deixamos um ramo dessa arvore plantado no coração do Brasil — coração de ferro, como um reducto, para os seus inimigos; coração de ouro, como um sacrario, para a sua crença. Nós deixamos um ramo em flôr, vicejando, no regaço de Minas hospitaleira e semeadora. Converti-o em floresta, semeadores do Brasil novo, pela germinação das idéas de Alberto Torres, pela multiplicação dos nossos ideaes brasileiros — Rio, 22-5-933. — *Celso Vieira, Juarez Tavora, Saturnino de Brito Filho, Belisario Penna, Alcides Bezerra, José Augusto, Araujo Ribeiro, Humberto de Almeida, Armando Magalhães Corrêa, Helio Gomes, Saboia Lima, Heloisa Alberto Torres, Lourival de Almeida, Arthur Peixoto, Joaquim Antunes, Raphael Paixão, Edgard Teixeira Leite, Carlos Rubens, Anna Amelia Carneiro de Mendonça, Carlos Pontes, Alberto Sampaio, Santa Cruz Lima, Virginio Campello, Raul de Paula*".

Mario Casasanta, o notavel educador e publicista, inaugurando o nucleo Mineiro, nas palavras seguintes mostra a perfeita harmonia e afinidade entre a sua mentalidade e a do pensador fluminense:

"Reunimo-nos aqui, á maneira de nossos patricios do Rio de Janeiro, em redor da excelsa figura de Alberto Torres, para, com elle, estudarmos os problemas nacionaes e para, com elle, combatermos o tremendo empirismo politico que tem presidido ás soluções dos problemas nacio-

naes. Ora, entre os milhões de brasileiros que vivem sobre a terra e os milhões de brasileiros que estão debaixo della, desde o primeiro seculo de nossa formação, nenhum, como elle, soube discernir, nessa realidade, aquellas necessidades, exigencias e problemas que precipuamente estão pedindo a nossa attenção, o nosso estímulo, o nosso esforço, para uma solução acertada.

Alberto Torres soube ver e apontar as nossas necessidades como procurou apontar-lhes remedios adequados. E' certo que esses remedios são discutiveis. Não é menos certo, porém, que elle viu as nossas necessidades e que, por isso, as suas lições deviam estar perpetuamente entre as mãos dos que governam, para que os que nos governam não caiam no erro, muito nacional e muito deste momento, de inventar as soluções da moda, pondo-se de lado aquelles problemas e necessidades fundamentaes, sem cuja solução havemos de continuar a ser a nação amorpha, indefinida e em via de desaggregação que vamos sendo.

Escutar a voz de Alberto Torres, neste momento, que deve ser de serio estudo e de grave meditação para todos os brasileiros, em que se vão definir os novos rumos a seguir, é por certo uma boa obra de patriotismo e, sobretudo, obra necessaria, premente, opportuna.

Escutemol-a, com cuidado, e tenhamos sempre presente ao espirito que um dos primeiros admiradores de Alberto Torres foi, em Minas, o grande João Pinheiro e que João Pinheiro sepultou, na sua sepultura, com aquelle estranho arcabouço de homem de ideal, de homem de sonho e de homem de acção, as mais solidas esperanças da Republica".

Numa epoca em que os homens de pensamento, os homens reflectidos, os homens de alta cultura cedem o campo aos homens impetuosos, aos homens instinctivos, aos homens de acção violenta, não deixa de ser estranho que o nome de Alberto Torres domine o pensamento brasileiro.

Com a compacta e espessa onda de analphabetos que aqui parasitam no tronco do paiz, com a cultura ligeira dos nossos centros intellectuaes, com o fetichismo pelas phrases sonoras e vazias que nos empolga, pareciam que estavam mortas ás idéas e as doutrinas do autor da "Organização Nacional". Mas é admiravel a força das idéas. E' assumpto de meditação sobre a transitoriedade dos prestigios ou descreditos intellectuaes. O que resiste as provas do tempo é a força das idéas e o que fica definitivamente é o valor da propria personalidade por si mesma e não aquillo que de bom ou de mau digam as paixões partidarias ou as egrejinhas litterarias.

Hoje levanta-se a aureola de gloria em que devia estar envolta a peregrina personalidade de Alberto Torres e razão tem Humberto de Campos quando diz que a figura do magnifico sociologo e pensador avança da penumbra do Passado para a claridade merediana do Presente, e retoma o seu lugar ao lado dos vivos, apresentando-se, pela vibração do pensamento, mais vivo do que elles.

FIM

SOCIEDADE IMPRESSORA PAULISTA
Rua Scuvero, 22 - São Paulo